

A woman's face is the central focus, rendered in a dark, teal-toned, painterly style. Her hair is long and dark, framing her face. She has a serious, intense expression, looking slightly to the side. The background is dark and textured, with some lighter, brushstroke-like elements. The overall mood is mysterious and dramatic.

JHENIFER BARROCA

A SOMBRA DE UM

passado



JHENIFER BARROCA

A SOMBRA DE UM

passado

Ficha Técnica

Copyright © Jhenifer Barroca

1ª Edição/ 2019

A sombra de um passado

Capa, revisão e diagramação digital: Joe Editorial

Sumário

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

S i n o p s e

Samira foi deixada em um orfanato poucos dias após seu nascimento. A única informação que tinha de seus pais biológicos era um bilhete de sua mãe. Prometeu a si mesma nunca perdoar aqueles que tinham lhe abandonado, mas como qualquer criança, também tinha sonhos e o seu; era ter uma família.

Seu sonho foi realizado. Ela agora tinha um lar e pais maravilhosos que lhe ensinaram muito. Mas nem tudo são flores... Um dia seu pai saiu para trabalhar e nunca mais voltou para casa.

Rodeada de perguntas e incertezas, Samira se vê em meio a mentiras e segredos. Até onde a sombra de seu passado pode afetá-la?

Darius assumiu o lugar de seu pai cedo demais. Viu o pior da humanidade. Nascido e criado na máfia, sabia de suas responsabilidades. Um novo inimigo se erguia para tentar derrubar não só a ele, mas todo o seu império; um legado de gerações.

Seria Darius capaz de deter seu novo inimigo?

Prólogo

Sempre me senti perdida como se não me encaixasse em lugar algum. Tentava não me lembrar do passado ou pensar nos motivos que me trouxeram até aqui; pois minha vida sempre foi uma incógnita. Eu não sabia quem eu era ou de onde vinha. Fui deixada com poucos dias de vida em um orfanato e em algum momento da minha infância me questionei sobre o motivo do abandono. Por qual motivo fui rejeitada? Por que meus pais não me quiseram? Será que foi uma decisão difícil? Essas e muitas outras perguntas rondavam, sem parar, minha cabeça.

Mesmo com tudo isso, eu sempre tive o sonho de ter um lar, uma família. Para falar a verdade, acho que esse era o sonho de todos que lá viviam. Quem não gostaria de receber amor e carinho em um ambiente familiar e acolhedor!?

As visitas no orfanato eram frequentes e todos os casais que por ali passavam, procurando por um novo integrante de sua família, se encantavam comigo. Meu peito inflava de esperança e sempre torcia muito para que minha hora chegasse; mas isso não aconteceu. Não por alguns anos, pelo menos. Todos os visitantes me achavam linda e educada. Prometiam, não em palavras, mas em seus olhares, que voltariam. O problema era que eles nunca voltavam.

Com o passar dos anos essa rotina de rejeição se tornou cada vez mais frequente e por esse motivo parei de me importar e me afastei de todos. Preferia a distância das outras crianças pelo simples fato de me apegar e saber que em algum momento elas iriam embora. No fim eu ficaria sozinha novamente.

Parecia uma roda gigante que girava e não saía do lugar. Era como se algo me prendesse ali, eu só não sabia o quê.

Isso só fez nutrir minha raiva. Raiva daqueles que me abandonaram. Não

sei quem são e não tenho o desejo de descobrir. O pouco que sei sobre eles foi deixado junto a mim no dia que me entregaram nas mãos de quem me criou. Um único e simples bilhete que dizia:

“Eu gostaria que fosse diferente, minha filha. Essa decisão foi a mais difícil que tomei em toda minha vida. Fiz isso pensando em você e no seu futuro. Espero que um dia possa me perdoar.

Te amo para todo o sempre

Sua mãe”

Eu não perdoaria.

Nunca.

Uma época bem difícil assolou os arredores da cidade. Casos de sequestros eram cada vez mais frequentes na região. Uma quadrilha especializada, ao que parece. Escolhiam suas vítimas meticulosamente, sempre mulheres. Meninas sozinhas, a maioria órfã. Lembro bem das regras que nos perseguiam: não podíamos sair e mal íamos à escola, com medo de não voltar. Tudo piorou quando uma das crianças do orfanato desapareceu e foi exatamente nessa época que algo mudou... Algo anormal aconteceu. Não era dia de visita quando um casal apareceu no orfanato. Eles olharam criança por criança, das menores até às maiores como eu. Estava com 13 anos na época. Quando chegou a minha vez, senti uma conexão muito grande. Nós passamos algum tempo juntos e a todo o momento, aquela sensação boa se fez presente. Mas nem tudo acontece do jeito que queremos. A noite chegou e eles se foram.

Naquela noite eu chorei como nunca. Chorei pela certeza de que nunca mais os veria e talvez nunca sentisse aquela sensação outra vez. Aqueles poucos momentos haviam me trazido conforto e a esperança de um novo lar.

Alguns dias depois, quando a tristeza era evidente em cada movimento meu, eles retornaram. Para minha total surpresa e felicidade eles voltaram por mim. Aquele casal lutaria como nenhum outro fez. Eles me queriam!

Kiera e Path me levaram com eles algumas semanas depois. Todo o processo de adoção correu rápido e sem nenhum contratempo. Fomos morar em

algum lugar bem longe dali. Uma casa isolada de todos, longe de tudo. Um lugar perfeito para meu recomeço com minha nova família.

Meus novos pais eram pessoas incríveis. Senti-me amada e acolhida rapidamente, mas não posso negar que eles tinham algo de muito peculiar: seus trabalhos. Meu pai trabalhava fora, algumas vezes demorava dias para voltar...

Nunca me contaram e eu também nunca perguntei o que faziam.

Eu aceitava tudo que eles tinham para me mostrar e ensinar, de bom grado. Meus treinamentos começaram logo que cheguei. Aprendi a me defender, a lutar, a manusear facas e atirar muito bem; não reclamava. Aprendia tudo com total dedicação. Além de tudo isso, Kiera e Path também eram meus professores. Aprendi diversas disciplinas e me apliquei em cada uma delas.

Eles sempre diziam que tudo isso era para o meu bem e que só usaria minhas lições em casos de extrema necessidade.

Era tudo perfeito demais. Parecia que nada seria capaz de abalar aquela minha nova realidade. Enfim, tinha conseguido minha tão sonhada felicidade.

E assim fomos vivendo. Dias após dia. Ano após ano. Tudo na mesma rotina, até aquele dia... O dia em que meu pai saiu para trabalhar e nunca mais voltou.

Capítulo I

SAMIRA

Tenho meu quarto como um esconderijo, um refúgio para meus pensamentos que a cada dia se tornam mais difíceis de silenciar. Já se passaram horas e continuo no mesmo lugar. Estou sentada no beiral da janela olhando o céu e toda sua beleza. Costumava ficar aqui com meu pai, Path. Sentada observando as estrelas e ele ao meu lado contando histórias de quando era criança ou relembrando nossos momentos juntos. Pergunto-me, onde será que ele está? Por que não dá notícias? É horrível essa sensação de estar no escuro e não saber se posso fazer algo para ajudar.

As lembranças de tempos felizes invadem a minha mente, sempre que fico sozinha.

— Samira, chegamos minha criança — Kiera afagava meu braço em um carinho confortante para eu acordar. A viagem foi longa e o cansaço me venceu. Adormeci no banco do carro.

— Humm — resmunguei sonolenta — onde estamos? — esfreguei meus olhos e olhei para seu rosto. Vi o sorriso mais lindo e gentil que já havia presenciado.

— Estamos em casa. Seja bem-vinda ao seu novo lar — foi Path quem respondeu.

Olhei para a casa à minha frente. Dois andares de pura beleza. Era a casa

mais linda que eu já tinha visto (não que eu tenha visto muitas, claro). Um sentimento deixou meu peito apertado e quentinho. Casa. Eu tinha um lar agora. Era azul com detalhes em branco, a casa dos sonhos — isso eu sei porque sempre que via aqueles filmes de famílias felizes as casas eram assim.

Desci do carro olhando ao redor. Estava escuro e apesar da iluminação, não conseguia enxergar com muita perfeição. Talvez porque, naquele dia, não se conseguisse enxergar a lua. As nuvens estavam escuras e parecia que iria cair um temporal.

Senti quando Kiera e Path se colocaram ao meu lado. Sem pensar muito sobre minhas ações, os abracei da melhor forma que pude.

— Obrigada! Obrigada por me darem uma família, agora tenho um lar — disse com a voz embargada pelo choro.

— Não chore, minha criança — disse Kiera — Você nunca mais terá motivos para chorar.

Em resposta os abracei fortemente.

Sim, eu não iria mais chorar. Meu sonho tinha se realizado e agora eu tinha uma família, uma casa com quintal, quem sabe não ganhasse também um cachorrinho? Sempre quis um e sonhar agora era possível.

Lembranças...

Foi a forma que encontrei para me manter conectada ao papai. Pai, lembro que demorei tanto tempo para chamá-lo assim. Até hoje me pergunto o porquê da demora. Talvez fosse medo de me apegar e por algum motivo me abandonarem. Sempre tive essa insegurança, esse medo. Tudo parecia um sonho, perfeito demais. Sempre aproveitei ao máximo tudo que me foi dado e ensinado por eles. Absorvi todo o aprendizado, retribui todo o amor e respeito e só sinto felicidades ao lembrar tudo o que vivemos até aqui. Não posso perder isso e se depender de mim não acontecerá.

Todos os finais de semana Path estava em casa e nesses dias fazia questão de me trazer à praia mais próxima da nossa casa. Era uma paixão. Ele me ensinou a nadar no mesmo fim de semana que cheguei. Hoje com dezesseis anos, sou praticamente um peixe.

— Vamos, Path, quero nadar. Veio aqui para ficar trabalhando nesse notebook ou aproveitar essa praia com a sua família!? — eu sabia que Path tinha suas prioridades e respeitava isso, mas no fundo eu adorava provocar e ele sabia disso.

Ele balançou a cabeça negativamente, mas sempre com um meio sorriso no rosto. Digitou mais algumas coisas e fechou o notebook. Levantou-se e veio em minha direção.

Sim, fim de expediente!

Ponto para mim...

— Então você quer nadar? — ele perguntou se aproximando — Então vamos! — e de surpresa, quando se abaixou, me pegou pelas pernas e me ergueu, jogando-me sobre seus ombros como se fosse um saco de batatas e não pesasse nada. Logo depois saiu em disparada, em direção ao mar.

Eu gritava e me debatia para que me soltasse. Sem sucesso.

Ao fundo escutava a risada de Kiera. Ela me paga!

Não demorou muito e comecei a sentir os primeiros respingos. Mais alguns passos e Path me jogou dentro da água sem preparação nenhuma. Lutei para emergir.

— Não teve graça! — fiz birra enquanto jogava água nele com as mãos.

— Ué? Não era você quem queria nadar? — disse rindo — Vem, vamos mais para o fundo, lá é melhor para você mergulhar.

— Você não vai me afogar, vai? — disse antes de começar a nadar.

— Não me dê ideias, mocinha — ele gritou logo atrás de mim.

Eu sorri.

— Aqui está bom? — perguntei — Path? — Parei de nadar e olhei ao redor. Nem sinal dele. Será que mergulhou?! Virei-me de um lado para o outro. Ele não aparecia. — Path!? — chamei mais uma vez. Nada. Já estava entrando em desespero — Pai! Pai! — eu já gritava me debatendo de um lado para o outro.

— Do que me chamou?!

Dei um grito ao escutar sua voz tão próxima. Eu queria bater nele. Não, eu queria matá-lo por fazer isso comigo!

— Qual o seu problema? — gritei — Isso não teve graça. Não faz mais isso!

— Repete. Do que me chamou? — Perguntou novamente.

Olhei para ele por longos segundos antes de responder — Pai. Eu te chamei de pai.

O filho da mãe sorriu enquanto eu estava borbulhando de raiva. Ele estava brincando com fogo.

— Interessante. Se eu soubesse que mergulhar e ficar um tempinho lá embaixo faria você me chamar de pai, já teria feito há muito tempo — disse olhando diretamente nos meus olhos.

— Isso não foi legal da sua parte — falei.

— Não era para ser legal — disse — essa será sua aula de hoje.

Olhei sem entender. Acho que ele percebeu o meu olhar de interrogação, pois logo emendou...

— Vamos treinar sua respiração. Lembra-se das nossas aulas sobre

respiração e concentração fora da água?

Fiz que sim com a cabeça.

— Ótimo. Vai usá-la agora. Vamos, mergulhe! — mandou.

Eu sabia que agora não era mais meu pai (o Path descontraído). Diante de mim estava o meu professor sério e centrado. Fiz como mandou. Concentrei-me, respirei fundo e mergulhei.

Uma lágrima escorreu pelo meu rosto. Impossível não se lembrar desses momentos e não sentir a sua falta. Já faz três semanas que não temos nenhuma notícia, nem sequer uma pista de onde ele possa estar.

Nunca perguntei sobre o trabalho dos meus pais. Sempre soube que era um limite que eu não poderia ultrapassar, mas agora, com seu sumiço, eu só gostaria de entender o que estava acontecendo.

Papai me ensinou e me preparou para tanta coisa. O que será que nos aguarda agora? Essa espera e sensação de angústia não me deixam em paz.

— Mais rápido Samira! Está parecendo uma velhinha — falou meu pai.

Ele não parava de dizer o quanto eu parecia uma velhinha ou em como ele me passaria muito fácil. Estou correndo na esteira há mais de duas horas em um ritmo incessante. Todo meu corpo dói. Minhas pernas tremem. Eu não aguento mais e ele já percebeu que estou chegando ao limite.

— Pode parar — ele mandou — vamos para a barra.

Quase tropeçando eu saí da esteira e segui para a barra. Já sabia o que tinha de fazer. O problema era: eu iria aguentar?! Assim que alcancei a barra me pendurei para fazer as flexões. Dez flexões e a pausa para meu pai desferir socos no meu abdômen, para fortalecer minha resistência.

— Oito, nove e dez. Pausa. Contraia o abdômen!

Fiz o que mandou.

— Um, dois, três, quatro, cinco. Flexão!

Mais três repetições e acabou. Todos os treinos com ele eram assim. Eu terminava esparramada no chão de tão exausta. Nem água era capaz de engolir, mas não reclamava. Eu gostava porque ele estava ali comigo e isso já valia todo meu esforço.

— Já acabou, carrasco?! — falei rindo.

— Acabou sua velhinha — ele respondeu jogando uma toalha em cima de mim.

Acabei rindo com essa lembrança.

Eu sempre o chamava de carrasco só para provocar, mas no fundo nunca surtiu efeito. Ele gostava. Parecia satisfeito em ter o seu objetivo cumprido. O desejo dele não era me tornar uma máquina, mas sim me dar as armas necessárias para me defender, caso um dia precisasse. Sempre me pergunto se isso tem a ver com o seu trabalho.

Pronto, voltemos ao ponto inicial: seu trabalho.

A única pessoa que pode me dar essa informação é a minha mãe, mas quem diz que ela fala?! Frustrante demais. No fim, só torço para que tudo esteja bem e que em breve possa abraçar e treinar com meu pai novamente.

Esperança... Agarrei-me a ela e não pretendo soltar!

Capítulo 2

SAMIRA

Depois de almoçar com a minha mãe, fui ao escritório do papai e me aconcheguei em sua cadeira. Por ser proibido, tornou-se um dos meus lugares favoritos da casa. Path sempre chamava minha atenção por brincar aqui. Era seu local de trabalho, quando estava em casa. Ficar aqui me trazia lembranças e um pouco de conforto. Eu sentia como se papai fosse entrar a qualquer momento pela porta para me mandar sair.

Por algumas horas refleti sobre o que poderia fazer. Criei inúmeros planos, fugas, estratégias, mas tudo era em vão. Eu não sabia nada, nem mesmo o porquê de tudo isso. Minha mãe não me dava informações. Ela não conversou comigo em nenhum momento sobre o desaparecimento dele.

Sei que ela está sofrendo, tanto quanto eu. O que não consigo entender é: o porquê de me proteger tanto dessas informações? *Eu poderia ajudar, sei que posso.*

Perdida em pensamentos nem percebi quando a porta se abriu e minha mãe entrou.

— Atrapalho? — mamãe perguntou se aproximando.

— Não. Estava só pensando um pouco — respondi.

Ela se sentou na cadeira a minha frente.

— Você está aqui já faz horas, Samira. O que acha de descer para

comermos algo?

— O que acha de me contar o que está acontecendo? — rebati sua pergunta.

Mamãe suspirou longamente. Eu sabia o quanto estava relutante em conversar comigo, mas não poderia desistir.

— Tem coisas que é melhor você não saber — fez uma pausa — por enquanto, pelo menos.

— Eu posso ajudar!!! — falei me levantando e batendo as mãos contra a mesa — Você melhor do que ninguém sabe, mãe. Não aguento mais ficar assim, no escuro. Não é justo! Qual o motivo de tanto aprendizado se não posso fazer nada com isso?!

Ela somente me olhou por alguns segundos. Conseguia ver claramente a batalha travada dentro dela. Isso só me deixava mais curiosa para saber toda a verdade por de trás de tanto mistério.

Depois de um tempo, que mais pareceu uma eternidade ela falou:

— Você nunca se questionou sobre o trabalho do seu pai? — perguntou.

— Sim, às vezes — disse — mas sempre soube que não era algo que ele quisesse compartilhar, por isso nunca perguntei.

— Sua segurança sempre foi a nossa prioridade, filha. Por isso nunca te contamos sobre o nosso trabalho. Não queríamos você envolvida nisso, entende?

— Eu entendo. Mas não acha que nesse momento deveríamos deixar isso só um pouco de lado? Ele precisa de nós! Me conta, por favor. Não precisa ser tudo, só o suficiente para eu entender o que está acontecendo.

— Só o suficiente? — ela perguntou.

— Sim. Eu juro — respondi.

— Seu pai e eu nascemos em um mundo diferente do que vivemos hoje. Um mundo que está em guerra há muito tempo. Nós dois saímos de lá, mas ainda pertencemos ao círculo. Eu trabalho, mas não preciso sair em missões, seu pai faz isso por nós. Ele trabalha para pessoas importantes e perigosas. Path é de confiança e sabe muitas coisas, entre elas muitas informações sigilosas e de grande valor que atraem gente gananciosa e sem escrúpulos, que fariam qualquer coisa para consegui-las.

Eu absorvi cada palavra.

— E são essas pessoas que estão com ele? — perguntei.

— Ao que tudo indica, sim — respondeu.

— Eles podem machucar meu pai? — perguntei.

— Bem provável que já o fizeram e continuarão fazendo até ele falar.

Parei com sua resposta. Como se meu cérebro tivesse entrado em curto. Machucar? Quem seria capaz de machucar alguém igual ao meu pai? Ele é um homem incrível, gentil, carinhoso.

Não posso parar aqui. Preciso de mais. Quero todas as informações.

— Quem são essas pessoas?! Que informações são essas?

— Só o suficiente, lembra!?

Bufei, indignada.

O suficiente. Posso lidar com isso por enquanto.

O silêncio recaiu sobre nós. Lembrei que ela veio me chamar para comer e agora a ideia me cai muito bem. Talvez um tempo leve entre mãe e filha torne esse clima um pouco mais agradável.

— Então... Aquele convite para comer ainda está de pé? — falei.

— Claro — se levantou — vem, vamos — estendeu suas mãos me

chamando.

Dei a volta na mesa e fui em sua direção. Peguei-a de surpresa quando a abracei bem forte.

— Eu te amo, mãe — disse enquanto apertava meus braços ao seu redor.

— Eu também te amo, filha — ela me aninhou em seus braços — amo muito.

Escutei duas batidas na porta do meu quarto antes da voz de mamãe encher o ambiente.

— Filha?

— Oi, mãe.

— Estou indo à cidade. Quer ir comigo? — ela perguntou.

Morávamos em uma propriedade particular um pouco afastada da cidade. Para ter acesso era necessário dirigir alguns minutos, ou se estivesse com disposição, uma boa caminhada.

Path e eu costumávamos percorrer esse caminho correndo sempre que ele estava por aqui. Raramente íamos à cidade. Era mais fácil eu ir sozinha do que com eles.

Sempre que precisamos de algo, pedíamos aos seguranças da propriedade. Estranhei o fato de mamãe querer ir, ainda mais pela hora; já estava tarde.

— Ir à cidade? Já são quase 21h30min. O que precisa de lá? — perguntei curiosa.

— Preciso ir à loja da Mag. Meu notebook deu algum problema e não consigo resolver. Preciso que ela dê uma olhada para mim — respondeu.

Mag trabalha em uma loja de informática, mas atendia meus pais a qualquer hora do dia se fosse necessário. Ela é um gênio. Arruma e constrói coisas que até Deus duvida.

— Quer que eu olhe? Não sei de tudo como a Mag, mas posso ver se consigo ajudar — perguntei solícita.

— Não vai dar jeito. Já tentei de tudo. O melhor é ela resolver de uma vez ou vai ficar tarde demais e preciso de acesso ao notebook o quanto antes — respondeu.

— Sendo assim — dei de ombros — vou com você — me levantei da cama para trocar de roupa.

— Coloca uma roupa decente, vai que encontramos o Jason por lá — minha mãe piscou para mim.

— Mãe!

Jason é irmão da Mag. Sempre que meus pais precisavam ir à cidade ou me mandavam em seu lugar para fazer algo, eu acabava encontrando com ele. A amizade surgiu. Teve uma época que trocamos alguns beijos, mas percebemos que funcionávamos melhor somente como amigos. Minha mãe sabe disso e adora me provocar sempre que pode.

Ela ainda estava rindo, enquanto saía do quarto — ah, filha — ela parou por um momento e se virou para mim — coloca o colar que seu pai e eu demos para você no seu aniversário, lembra?

— O colar de estrela? Algum problema, mãe? — perguntei, pois sabia o que o colar representava.

— Só precaução, filha — respondeu.

— Tudo bem. Vou me trocar e já desço.

Ela saiu encostando a porta e não me demorei. O tempo estava fresco. Coloquei uma calça com sapatilhas e uma camiseta confortável; e não me esqueci do colar. Pronto.

Desci para encontrar Kiera já dentro do carro à minha espera.

— Vamos — falei entrando no carro.

— Sim.

Quinze minutos depois estacionamos o carro em frente à casa de Mag. A essa hora a loja já tinha fechado, então fomos direto para sua casa.

Minha mãe buzinou como sempre. Dois minutos depois ela apareceu.

— Boa noite, Mag — a cumprimentei saindo do carro. Minha mãe saiu logo em seguida.

— Boa noite, meninas. A que devo a honra dessa ilustre visita? — perguntou com ironia.

— Oi, Mag — mamãe disse — desculpa te incomodar a essa hora.

— Incômodo nenhum. Em que posso ajudar?

— Meu notebook está com algum problema. Não tinha visto nada igual, então não soube o que fazer e resolvi trazer para dar uma olhada — mamãe explicou.

— Vem, vamos entrar e olho para você — Mag abriu a porta e nos convidou para entrar.

Dentro de sua casa, Mag foi nos levando até o local que utilizava para mexer em seus equipamentos. Entregamos o notebook a ela.

— Humm...o que temos aqui — Mag disse — também não tinha me deparado com nada parecido, Kiera. Mas não é difícil saber do que se trata. Um vírus foi enviado para o seu notebook para obtenção de dados. Só preciso descobrir quais — completou.

— Como conseguiram fazer isso? Ninguém tem acesso a esse notebook e seu ID muda de hora em hora. O único notebook que poderia....

Mamãe parou de falar por um momento. Frustração enchendo sua feição, senti um calafrio descer a minha coluna, algo estava errado.

— Droga — murmurou — droga, droga, mil vezes droga!

— Calma mãe. O que foi? — perguntei alarmada.

— O único jeito de fazer isso é acessando o notebook do seu pai e na última missão ele o levou — respondeu.

Minhas engrenagens começaram a funcionar. Papai desapareceu e não dava notícias há semanas. Na última conversa com mamãe sobre o assunto, descobri que ele na realidade foi capturado por pessoas que querem extrair algumas informações. Então quem enviou o vírus foram as pessoas que estão com ele. Agora a pergunta que gira na minha cabeça é: por quê?!

Antes que pudesse falar algo, Mag se pronunciou.

— Descobri os dados que eles queriam — ela disse olhando para nós — sua localização, Kiera.

Capítulo 3

SAMIRA

Nossa localização! Eles estão atrás da mamãe também.

— Eu consegui desligar — disse Mag — Há quanto tempo esse vírus apareceu?! — perguntou.

Mamãe respirou profundamente — Não sei dizer, não mexi nele desde ontem à noite. Você acha provável que eles conseguiram a localização? — perguntou mamãe.

— Se esse vírus esteve ativo por mais de quatro horas; sim — Mag respondeu sem hesitar.

Uma troca de olhares entre elas foi o bastante para perceber que Mag sabia mais sobre meus pais e essa situação, do que eu.

— Acho melhor irmos embora. Obrigada pela ajuda, Mag — Kiera disse.

— Tenham cuidado. Você tem ideia de quem possam ser essas pessoas, Kiera?!

— Sim. Infelizmente eu tenho minhas suspeitas.

— Se cuidem. Qualquer coisa que precisar estou às ordens. Aconselho sair da cidade por um tempo, ok!?

— Ok — mamãe respondeu — vamos, Samira — me chamou.

Despedi-me de Mag e segui minha mãe para fora de casa em direção ao carro estacionado logo à nossa frente. Olhei para trás uma última vez e acenei antes de entrar no veículo.

Mamãe colocou o carro em movimento o mais depressa possível. Sei que ela está preocupada.

— Você está bem? — perguntei.

— Estou filha. Vai ficar tudo bem — respondeu virando o rosto rapidamente em minha direção e dando um aperto reconfortante em meu joelho — Vamos passar em casa, pegar algumas coisas e viajaremos para outra cidade. Está na hora de conhecer algumas pessoas...

— Que pessoas?

— Você verá — respondeu.

Detesto quando ela faz isso. Quando me deixa no escuro e curiosa. A curiosidade é a pior parte, devo confessar.

Em alguns segundos de distração senti o carro acelerar bruscamente.

— Droga!!! — minha mãe exclamou.

— O que foi?! — perguntei.

— Estamos sendo seguidas! — disse acelerando ainda mais.

Faltavam alguns metros para chegar à estrada de casa, mas sabia que mamãe não poderia entrar. A única saída daquela estrada é a nossa casa, ou seja, sem saída.

Olhei pelo retrovisor e avistei um carro preto em alta velocidade nos seguindo. A estrada estava parcialmente vazia o que facilitava a nossa fuga. Minha mãe cortava rapidamente pela esquerda e pela direita todos à nossa frente porém a distância do carro preto em nossa traseira não diminuía. De repente sentimos um baque na traseira do carro.

Eles nos atingiram.

Um segundo carro apareceu e foi ele que emparelhou com o nosso. O motorista jogou o carro em nossa direção, a batida fez o carro balançar. Não demorou muito para o que estava batendo atrás de nós se juntar à festa batendo na outra lateral, estávamos prensadas em meio aos dois. Acho que eles perceberam que não ia ser tão fácil assim, pois o motorista apontou a arma em minha direção e, quando achei que ele ia atirar, mamãe freou o carro bruscamente. Nós ficamos para trás e ambos os carros quase colidiram entre si. Mamãe acelerou o carro para uma nova rota, sempre em alta velocidade.

Busquei no porta luvas as armas que sempre estavam lá. Duas pistolas carregadas e munição em uma caixinha ao lado. Confirmei se estavam carregadas e deixei destravadas para facilitar caso fosse necessário usar.

Agora em uma via de mão dupla, seguíamos em alta velocidade. A estrada aqui estava um pouco mais movimentada, o que dificultava um pouco nossa locomoção.

— Samira, escuta — mamãe chamou minha atenção — se eles nos pegarem, não diga em hipótese nenhuma quem você é. Entendeu?!

— Como assim quem eu sou? — perguntei

— Nossa filha. Não diga que é nossa filha!

— Não enten..— ela não me deixou terminar.

— Eles não sabem da sua existência. Pegaram o Path e agora estão atrás de mim. Não quero que usem você contra nós. Eu não suportaria vê-los machucar você. Prometa, filha!

Eu entendi o seu ponto de vista. E ela tem razão. É um pouco óbvio o porquê de estarem atrás dela. Provavelmente papai não quis dar muitas informações e vão usar mamãe como incentivo. Usar-me para isso seria um trunfo para eles.

— Eu prometo mãe. Vamos ficar bem — garanti a ela.

Era meu maior desejo. Queria que tudo isso não passasse de um pesadelo e tudo voltasse a ser como era. Gostaria de acordar e ver meu pai me esperando para tomar o café e depois iríamos treinar como sempre fazíamos. Jogar conversa fora e viajar em família. Esses últimos dez anos foram os melhores da minha vida. Eles foram o quê de melhor aconteceu. Não posso perdê-los. Não assim. Não agora.

— Se eles perguntarem diga que é filha da governanta e se quiserem saber o que estava fazendo no carro, diga que estava na cidade e eu te levaria para casa — ela falou.

— Eles não vão nos pegar, Kiera! — disse para convencer mais a mim mesma do que ela.

Ela só olhou rapidamente para mim antes de voltar sua atenção a nossa frente.

— Se prepara — mamãe gritou — eles estão vindo.

O retrovisor do carro a essa altura já era inexistente. Virei e olhei para trás. Consegui ver os dois carros vindos em nossa direção cortando os outros que estavam à sua frente e ao mesmo tempo desviando dos outros que iam em direção contrária.

Agora já estava segurando com força as pistolas prontas para uso. Estava esperando o momento certo. Apesar de o motorista ter apontado a arma para mim, ele não atirou. Ninguém atirou até agora. O que põe a nossa teoria em evidência. Eles querem a mamãe viva ou já teriam parado esse carro há muito tempo à base de tiros.

Olhei para frente e ao que tudo indicava, um trânsito nos aguardava. A poucos metros de distância já dava para ver tudo parado.

Os carros estavam chegando perto demais.

Uma manobra arriscada nos daria a chance de ao menos tentar escapar. Do outro lado da pista tinha uma saída, um retorno para a pista em que estávamos. Mas para chegarmos até lá, teríamos que atravessar na frente de um

caminhão que estava vindo em nossa direção, seguido de alguns outros carros. Passando na frente deles ganharíamos tempo antes que nos alcançassem.

Mamãe acelerou.

— Pronta?! — mamãe perguntou.

— Pronta!

Respirou fundo e foi.

Ela girou o volante bruscamente para fazer a manobra. Vi o caminhão chegando perto demais.

Preparei-me para o impacto.

Nada.

Nós conseguimos. Passamos e eles ficaram para trás. Era o momento para comemorar. Uma sensação de alívio percorria minha pele. Adrenalina pura.

— Conseguimos!!! — exclamei.

Mas mamãe não diminuiu.

— Ainda não — falou.

Antes que eu pudesse perguntar escutei tiros em nossa direção. É, parece que eles optaram pelo plano B. Vão nos parar a qualquer custo.

Já estava preparada para tirar o cinto de segurança quando minha mãe me impediu. Sem alternativa baixe o vidro e atirei como pude. A posição era péssima e podia levar um tiro no braço a qualquer momento.

O carro ziguezagueava. Estavam tentando atirar nos pneus e isso dificultava a mira.

Em vão.

Escutei um estouro e logo mamãe perdeu o controle do carro. Tentei me segurar da melhor forma que consegui. O carro capotou diversas vezes. Vi tudo girando. Tudo preto. Quando finalmente ele parou, olhei para o lado e vi minha mãe desacordada. Tentei me mover para tocá-la, mas não tive êxito. Minha cabeça latejava e doía demais.

Escutei freadas do lado de fora. Ouvi vozes e passos em nossa direção. Eles tinham pressa.

Tudo foi ficando fora de foco. Uma dor alucinante na minha cabeça.

Alguém agachou ao meu lado e antes de desmaiar, só escutei uma voz me dizer:

— Ora, ora... o que temos aqui?!

Depois disso, escuridão.

Capítulo 4

DARIUS

Em algum lugar...

— Reed, alguma novidade?!

— Estamos quase lá, chefe. Só mais alguns minutos e vamos conseguir a localização.

— Igual conseguiram da última vez? — perguntou Turner com certa ironia.

Estamos à procura de Path há quase três semanas. Apesar disso, temos quase certeza de que ele não esteve todo esse tempo com os inimigos. Assim que perdemos o contato, acionei Reed, nosso melhor hacker, para achar ele e seu parceiro daquela noite. Após alguns dias tínhamos uma localização. Quando chegamos, lá achamos seu parceiro morto e tudo indicava ter sido recente. O local apresentava indícios de luta corporal e troca de tiros. Acreditamos que foi ali, naquele momento, que conseguiram render e levar o Path.

Sabemos que estão com ele, pois temos um agente infiltrado e ele nos passou essa informação. Infelizmente ele ainda é de pouca confiança na quadrilha por ser novato e não conseguiu nos dar uma localização exata, mas nos deu um meio para isso. Descobrimos que eles estão com o notebook de Path, sabendo disso é só deixar Reed trabalhar.

— Deixa-o em paz, Turner — disse me virando para meu fiel amigo — se consegue fazer melhor porque não se senta ali e faz?!

— Não está mais aqui quem falou — colocou as mãos para o céu em sinal de rendição — Já vi que está de mal humor hoje. Isso é falta de mulher, viu — completou rindo.

Idiota.

Estava pronto para responder quando Tyler apareceu em meu campo de visão. Estava falando com alguém ao celular.

Tyler é irmão gêmeo de Turner. Só eu mesmo para conseguir aguentar esses dois. Problema em dose dupla. Meus melhores amigos também e as pessoas em que mais confio.

— De você eu cuido depois — disse para Turner.

— Sai para lá. Eu gosto de mulher, não de macho barbudo — disse rindo.

Idiota duplamente. Não disse!?

— Cala boca, Turner — disse Tyler — agora não é hora para isso! Recebi uma ligação dos seguranças que foram atrás da Kiera. A casa estava vazia. Os seguranças da propriedade informaram que ela saiu para ir até à cidade, mas não tinha retornado. Estou aguardando o retorno da ligação com o paradeiro dela.

— Você acha que eles a encontraram? — perguntei.

— Acho bem provável — Tyler respondeu — Ah, e Darius... ela não estava sozinha.

— Quem estava com ela?

— Só falaram um nome. Samira.

— Você sabe quem é? — Turner perguntou.

— Não faço ideia — respondi.

O celular do Tyler tocou.

“Ok. Entendido. Podem retornar.”

— Encontraram o carro da Kiera capotado no meio da pista. Os policiais no local disseram que aconteceu há pelo menos duas horas e quando chegaram não havia ninguém no veículo — disse Tyler.

— Merda!!!

— Path é muito bem treinado e não tirariam informações dele tão fácil assim. Vão usar Kiera como incentivo. Precisamos encontrá-los — Turner disse.

Tyler concordou.

Essa situação toda já está saindo do controle. Minha vontade é acabar com cada membro dessa quadrilha maldita com minhas próprias mãos. Já causaram danos demais.

— Achei! — Reed gritou.

Turner, Tyler e eu nos aproximamos de onde Reed estava.

— Aqui — apontou para a tela do notebook — tenho a localização exata, mas precisam se apressar, o lugar é um pouco distante daqui — completou Reed.

— Vamos agora! É uma corrida contra o tempo — apontei para Reed — vamos manter contato e me mantenha atualizado de qualquer mudança — virei-me para Turner e Tyler — e vocês chamem o Bruce e Case. Digam a eles para juntarem a equipe o mais depressa possível para partirmos.

— Sim, chefe! — responderam em uníssono e se retiraram do local.

Vamos trazer vocês para casa e vou acabar com a vida de cada um que ousou tocar na minha família.

SAMIRA

Senti minha cabeça latejar e meus braços doerem. Uma dor irradiava por todo meu corpo. Me sentia pesada. Cansada.

Flashes dos acontecimentos passados iluminaram minha mente. A perseguição, a fuga, os tiros, o carro capotando e por fim escuridão.

Onde estou?

Ouvia alguns barulhos e grunhidos um pouco distante. Abri os olhos com dificuldade, me acostumando com a iluminação do ambiente. Tentei me mexer, mas meu corpo pendia no alto, com minhas mãos amarradas acima de minha cabeça e meus pés também amarrados mal tocavam o chão.

Ergui minha cabeça para tentar ver algo ao meu redor. Aparentava ser um galpão. Sentia cheiro de mofo e sangue misturado.

Sangue!

Estava um pouco desorientada e só agora lembrei dos sons mais à frente. Procurei sua origem e quando encontrei, a cena que presenciei fez meu estômago contorcer-se.

Minha mãe estava amarrada assim como eu. Os braços estendidos acima da cabeça e pendurada por correntes, mas ao contrário de mim, seus pés não tocavam o chão. Logo à sua frente, um homem a espancava. Soco atrás de soco. Ele gritava algo que eu não conseguia compreender, sempre olhando para o lado. Segui seu olhar. Tinha um homem totalmente ensanguentado preso a uma cadeira. Não tinha uma parte de seu corpo que não estivesse manchado de sangue.

Meu Deus, era meu pai.

O que fizeram com ele?!

Raiva borbulhava por minhas veias. Eu queria gritar para eles pararem. Não! Eu queria matar cada um deles com as minhas próprias mãos.

Remexi com ódio do jeito que pude e o barulho das correntes chamou a

atenção dos homens que estavam logo à minha frente, inclusive do homem que estava batendo em minha mãe.

Um deles que até então estava observando a cena horrenda de braços cruzados veio em minha direção.

— Vejam só quem acordou — disse.

Conheço essa voz. Eu a escutei antes de desmaiar no acidente de carro.

— A gatinha resolveu nos dar a honra de sua presença nessa reunião tão... — parou por alguns instantes procurando uma palavra — amigável — soltou uma risada.

Eu somente olhei para ele sem esboçar nenhuma reação.

— A gatinha tem nome? — perguntou passando a mão no meu cabelo tirando ele do meu rosto — tão linda. Seria um desperdício estragar essa sua carinha.

Esquivei-me de seu toque. Nojento.

Ele riu.

— A gatinha é arisca.. — passou a mão no meu rosto, desceu pelo pescoço e brincou com o meu colar. Olhou-me dos pés à cabeça — e eu gosto de um bom desafio, sabia!? Por ora vamos primeiro descobrir quem você é — arrancou meu colar — isso fica comigo. Recordação, caso não te veja mais.

Colocou meu colar no bolso da calça e chegou mais perto. Pegou-me de surpresa quando deu um beijo na minha boca. A vontade de vomitar foi grande. Mordi seu lábio com força até sentir o sangue na minha boca.

— Maldita — rugiu.

Acertou-me um tapa forte no rosto. Senti o gosto de sangue mais forte ainda.

— Desçam ela — gritou — vamos acabar com essa brincadeira!

Um dos seus capangas veio em minha direção. Desamarrou meus pés e depois tirou as correntes das minhas mãos, mantendo-me amarrada com cordas. Arrastou-me até estar de frente aos meus pais e me jogou no chão.

Sustentei-me como pude para não cair e bater a cabeça que já estava doendo demais.

Olhei para minha mãe. Seu rosto todo marcado pela agressividade, sangue escorria pela lateral. Meu pai não parecia o mesmo. Estava todo machucado e sangrava muito. Tenho certeza que ele mal conseguia me enxergar.

Eu só esperei o próximo movimento. Dado às circunstâncias, não tinha nada que eu pudesse fazer sem arriscar a vida dos meus pais. E a vida deles era prioridade no momento.

— Bem, vamos começar — o homem que está com o meu colar disse — meu nome é Valentim e eu gostaria de saber o seu, gatinha.

Lembrei do que minha mãe disse. Não havia comentado nada sobre o meu nome.

— Talvez um incentivo te faça falar — falou — Luka — estalou os dedos e apontou para minha mãe.

Luka, o mesmo homem que antes estava batendo nela, foi em sua direção com um aparelho que parecia ser uma arma de choque. Não parecia, era. Ele a atingiu sem cerimônias, vi minha mãe se contorcer e gritar bem na minha frente.

Rangi os dentes. Ódio crescente dentro de mim.

— Vou perguntar mais uma vez. Qual o seu nome? — Valentin perguntou.

— Samira. Meu nome é Samira — respondi.

— E quem é você, Samira?

— Sou filha da governanta que trabalha na casa deles.

Ele me olhou por breves segundos. Decidindo sobre acreditar ou não.

— E o que a filha da governanta estava fazendo no carro com a patroa? — perguntou desconfiado.

— Estava na cidade resolvendo algumas coisas e encontrei com a dona Kiera. Ela estava me dando uma carona — respondi.

Ele não acreditou.

— Sabe o que é engraçado? — ele perguntou — como a filha de uma governanta sabe atirar tão bem.

Valentim me pegou pelos cabelos e ergueu, me arrastando para próximo do que parecia ser um tanque alto em formato cilíndrico.

— Preciso deles vivos — falou apontando para os meus pais — já você... — deixou a frase no ar — e não tenho tempo para perder com joguinhos, então vamos ao que interessa.

Luka fez com que meus pais ficassem virados em nossa direção. Não conseguia decifrar o olhar de mamãe. Eu não sabia o que fazer.

— Vamos ver o quão importante você é para eles — Valentim disse — Marcel, coloca ela lá dentro e põe esse negócio para encher.

Na lateral do tanque tinha uma escada. Marcel, seu outro capanga fez-me subir, enquanto me apontava a arma. Entrei no cilindro e me senti sufocada. Era todo de vidro e eu conseguia ver claramente tudo do lado de fora. Ouvi um click. A porta, a única saída, foi fechada. A água começou a jorrar.

Eu não tinha saída. E agora?!

Capítulo 5

SAMIRA

A água subia.

Tic-tac, o tempo está passando.

Valentim batia no vidro e apontava para mim. Meus pais me olhavam sem demonstrar nenhuma reação e eu fiz o mesmo. Respirei fundo para me concentrar.

A água estava subindo.

Meus treinos de respiração vão me garantir alguns minutos imersa, mas até que ponto meu corpo irá aguentar!?

A água já estava quase me cobrindo quando puxei minha última respiração. Chegou a hora de lutar pela minha vida ou o que ainda sobrava dela.

Olhei uma última vez para meus pais antes de fechar meus olhos e submergir na escuridão que emanava dentro de mim.

DARIUS

O tempo estava correndo e cada segundo era crucial para essa missão ser bem-sucedida. Não sabíamos como Path e Kiera estavam, e se estavam vivos. Era uma missão suicida para eles, arriscaram demais pegando Path para obter informações. Agiram com desespero e agora vão pagar por isso.

Algumas horas se passaram quando chegamos à localização. Estávamos fazendo o reconhecimento do terreno. Um galpão à nossa frente nos dizia para onde tínhamos que seguir. Uma olhada rápida nos mostrou quatro capangas de Valentim à entrada do galpão. Acenei para Bruce que pegou minha mensagem e avançou com cautela pela lateral esquerda junto ao seu grupo em direção ao fundo. Acenei para Case seguir adiante pela direita com a sua equipe em direção à entrada para abater os quatro, enquanto Tyler, Turner eu invadiríamos.

Com todo cuidado para não chamar a atenção, guiamo-nos, pouco a pouco em direção à entrada. Assim que chegamos, Case e seu grupo abateram com facilidade os capangas que ali estavam. Fiz sinal para invadir.

Chegou a hora.

Logo que colocamos os pés no galpão, já fomos recebidos a tiros. Espalhamo-nos e atrás de uma pilastra foi que observei o local. Avistei Path e Kiera. Eles recuavam aos poucos. Aproveitei a oportunidade e chamei Turner e Tyler para avançar comigo.

— Tyler, cuida da Kiera — dei o comando — Turner, cuida do Path. Dou cobertura para vocês. Vão!!!

Avançamos. Rapidamente chegamos perto e meus homens fizeram o que mandei. Kiera resmungava algo para Tyler, não consegui compreender.

— Darius — Tyler gritou.

Recuei de onde estava sem cessar de atirar. Os outros do grupo de Case chegaram para ajudar.

— A garota — ele disse.

Não entendi o que ele quis dizer. Foi quando apontou para algo à minha frente. Um tanque, em formato cilíndrico, cheio de água e com uma mulher dentro. Ela não tinha ar. Estava de olhos abertos batendo com as mãos no vidro.

Droga.

Pensei por alguns instantes e cheguei à conclusão que o único jeito seria

atirar. Se eu trincasse o vidro com os tiros, a pressão exercida pela água ajudaria no restante. Apontei a arma em sua direção e fiz sinal com a mão para se abaixar um pouco. Atirei uma, duas, três vezes até o vidro rachar. A garota ajudou dando chutes e pouco depois o cilindro começou a quebrar. Tudo começou a despedaçar e na primeira oportunidade ela caiu para fora, indo de encontro ao chão. Ela tossiu muito ao tentar se levantar. Com dificuldade se ergueu e veio em nossa direção, com cuidado para não ser atingida pelos tiros.

Parecia um campo de guerra.

Tyler já havia libertado Kiera que, apesar de machucada, parecia bem. Turner libertou Path, que mal conseguia se manter de pé.

A mulher que agora recordei o nome, Samira, chegou perto de Path e ajoelhou ao seu lado.

— Pai, o que fizeram com você?! — ela murmurou.

Pai?

Kiera se juntou a eles. Ela disse algo no ouvido de Samira e a abraçou de lado, como pôde. Deu um beijo na lateral de sua cabeça e outro beijo em Path. Virou-se e veio em minha direção.

— Darius — ela cumprimentou — preciso de uma arma.

Dei a ela uma das armas que estava no coldre. Verificou se estava carregada e preparou-se para atirar, mas antes se virou para mim.

— Ela é minha filha — disse apontando com a cabeça para Samira — se algo acontecer comigo e com o Path, cuide dela com a sua vida. Ela é tudo para nós.

Kiera não tinha idade para ter uma filha daquele tamanho e, se ela tivesse uma, eu saberia. O que me faz questionar: quem era essa garota?! Mas esse não era o momento, então só acenei em concordância.

Nesse momento Bruce e sua equipe adentraram o local pela outra entrada. Creio que a demora se deu por causa de alguns capangas em seu

caminho. Valentim e seus homens viram-se encurralados e os tiros se intensificaram. Não havia para onde correr, nem se esconder.

Minha munição acabou e tive que recarregar. Foi tudo muito rápido. Valentim usou esse momento para avançar em nossa direção. Kiera, em um ato impulsivo, regida pela raiva, avançou em sua direção. Vi acertá-lo de raspão. Infelizmente ela não teve a mesma sorte. Valentim disparou sua arma incessantemente em direção a Kiera, que caiu no chão na mesma hora.

Escutei um grito vindo de trás.

— NÃOOO!!!

Samira saiu correndo em direção a mãe.

— NÃOOO !!! — ela gritava desesperada — eu vou te matar, seu desgraçado!!!

Pegou a arma que estava próxima e atirou em direção a Valentim que era protegido pelos seus capangas. Eles recuaram até chegar à porta e saíram de nossas vistas. Samira continuava a atirar mesmo quando sua munição acabou. Chorava copiosamente.

— O que estão esperando!? — berrei para os meus homens — vão atrás deles. AGORA!!!

Bruce, Case e o que restou de suas equipes acataram minhas ordens e seguiram para fora do galpão.

Fui em direção a Kiera. Samira estava ajoelhada ao seu lado.

— Mãe, fala comigo — ela dizia — por favor, não me deixa.

— Filha — Kiera disse com dificuldade. Sangue saindo de sua boca — sinto muito não conseguir protegê-la.

— Não fala nada. Você vai ficar bem. Vamos tirar você daqui.

Ela disse isso só para convencer a si mesma.

Os ferimentos de Kiera foram graves demais e ela perdeu muito sangue nesse pouco tempo. Os locais atingidos não nos deixam esperança quanto a uma possível recuperação. Esses eram seus últimos minutos de vida.

— Eu te amo — Kiera disse antes de fechar seus olhos e fazer a passagem para o outro lado.

Samira segurava o corpo sem vida de Kiera em seus braços, balançando de um lado para outro em forma de acalento, enquanto dizia repetidas vezes o quanto a amava.

Olhei para Path. Ele também levou tiros. Se quisermos salvar pelo menos ele, temos que sair daqui o quanto antes.

— Turner, leva o Path para o carro. Ele precisa de ajuda — ordenei — Tyler, ajude ele.

Fui em direção a Samira.

— Vem, garota, precisamos sair daqui.

— Não!!! Eu não vou!!! — respondeu, abraçando ainda mais o corpo em seu colo.

— Se você quiser salvar o Path, temos que sair daqui agora, entendeu?!

Vi quando respirou fundo, tentando se acalmar. Abaixou sua cabeça e deu um beijo na testa de Kiera; depois fechou seus olhos.

— Te amo, mãe. Vou fazê-lo pagar por isso. Eu juro!

Levantou-se e seguiu os rapazes, junto ao Path, para fora.

Chegando perto do carro avistei Case e Bruce vindo em minha direção.

— Me atualiza — os fitei com os olhos serrados.

— Sinto muito, chefe — disse Bruce — os capangas do Valentim facilitaram sua fuga, não conseguimos impedir. Quatro deles fugiram de carro, do restante, estão todos mortos.

Inferno!

— Baixas?

— Sete homens nossos abatidos, senhor — dessa vez quem respondeu foi Case.

Apertei minhas mãos em punhos para recobrar a pouca calma que me restava.

— Providenciem a limpeza do local. Quero o corpo de cada um para o devido enterro com suas famílias. O corpo de Kiera também está lá. Arrumem tudo e nos encontramos em breve — finalizei.

— Sim, senhor — disseram em uníssono e saíram para cumprir minhas ordens.

Fui em direção ao carro em que Path estava sendo devidamente acomodado. Samira estava prestes a entrar quando a impedi.

— Você vai comigo — disse a ela.

— De jeito nenhum. Vou para onde meu pai for.

Tentou passar por mim e voltar ao carro. Peguei em seu braço e a puxei para trás. Bati a porta do carro.

— Tyler vai com o Path, Turner fica — ordenei.

Samira se debateu e tentou se soltar do meu aperto.

— Me solta!!!

— Não abuse da pouca paciência que me resta, garota. Path vai para um lugar diferente do nosso, ele precisa de cuidados especiais e você não pode fazer

nada para ajudá-lo — disse ríspido — para de agir como uma criança mimada!!!

— Eu perdi minha mãe e meu pai está quase morrendo — gritou na minha cara — queria que estivesse como?! Me diz!?

— Nervosa assim não vai poder ajudar em nada. Vem comigo e vamos esclarecer algumas coisas. Em breve te levo para ver o seu pai. Confia em mim.

— Eu acabei de te conhecer, nem sei quem você é!

Direcionei-a para o outro carro que nos aguardava. Ela veio sem protestar.

— Sou a pessoa que te salvou. Isso é o suficiente por enquanto. Agora entra no carro e vamos sair daqui — disse abrindo a porta do veículo.

Ela me encarou uma última vez antes de me obedecer. Entrei logo em seguida.

— Vamos para casa, Turner!

Valentim escapou mais uma vez.

Eu vou te pegar Valentim, você e seu chefe vão pagar por tudo que já fizeram. Vou me assegurar de fazer vocês se arrependerem de cruzar o meu caminho.

Capítulo 6

SAMIRA

A viagem foi longa. Perdida em meus pensamentos nem percebi o momento em que chegamos ao nosso destino. No caminho para cá, não troquei uma palavra com nenhum ocupante do carro.

Não queria.

Estava digerindo a morte da minha mãe. Algo surreal demais para o momento. *Foi tudo tão rápido. Como uma vida pode acabar assim de forma tão brutal?! Quem eram aquelas pessoas? Por que isso tudo?*

São tantas perguntas e nenhuma resposta.

Mamãe era uma mulher cheia de vida que cuidou, educou e me deu todo o amor do mundo. *Papai, não sei se viverá.* A última visão que tenho em minha mente é de um homem totalmente debilitado e com diversos ferimentos. Ele estava irreconhecível.

Meus olhos ardem. Recuso-me a chorar. *Não posso chorar. Vou fazer tudo que estiver ao meu alcance para fazer o culpado pagar por isso.*

Saio de meus devaneios quando escuto a porta do carro se abrir. O homem que estava ao meu lado saiu e segurou a porta.

— Chegamos — ele disse.

Contemplei a casa diante de mim. Estava mais para uma mansão. Era

enorme.

Ele me guiou em direção à entrada. Turner, nome que escutei ele mencionar, estava logo atrás de nós.

Assim que passamos pela porta de entrada, fui recepcionada por uma sala ampla em tons de branco e preto. O sofá em L todo branco de frente a uma televisão, uma mesinha de centro e uma lareira acesa e convidativa. Estremeci. Estava com frio. Minha roupa rasgada e suja secou junto ao corpo.

— Turner — o homem chamou — leve a garota para um dos quartos lá em cima. Ela precisa descansar.

— Sim, chefe — respondeu Turner.

— Eu não preciso descansar! Nós precisamos conversar — disse.

— Faremos isso depois que você tomar um banho e descansar — falou e saiu andando em direção a um corredor.

Fiz menção de ir atrás dele, mas uma mão me impediu. *Qual o problema desses homens?!*

— Vamos subir. Você toma um banho, descansa um pouco e depois vocês conversam. O dia não foi bom para nenhum de nós — Turner disse — Kiera era muito estimada por aqui e Path também.

Observei Turner. Moreno, alto e dono de olhos castanhos surpreendentes. Algo nele me transmitia segurança. Eu realmente precisava de um banho. Descansar, deixaria para depois.

— Tudo bem — dei-me por vencida.

Ele esboçou um sorriso.

— Vamos, é por ali — apontou para a escada.

Segui-o até o andar superior. Ele abriu uma porta e deu passagem para que eu entrasse. O quarto era relativamente grande, pintado em cores neutras.

Tudo estava arrumado e limpo.

— Ali é o banheiro — disse apontando para uma porta — tem toalha limpa no armário e sabonete. Não temos nenhum produto feminino, mas isso deve ajudar por enquanto.

— Obrigada — disse a ele.

— Descansa um pouco, tudo bem? Vou te deixar sozinha para se cuidar.

— Ok.

Estava indo em direção ao banheiro quando me dei conta de que não tinha o que usar após o banho. Minhas roupas estavam imprestáveis. Turner estava fechando a porta quando o chamei:

— Ei, Turner — ele se virou — será que teria algo para eu vestir? — disse apontando para minhas vestes.

Ele coçou a cabeça e pensou por alguns instantes.

— Nada feminino — disse com um meio sorriso — mas vou ver o que posso fazer. Já venho — completou antes de sair do quarto e encostar a porta.

Fiquei encostada no batente da porta do banheiro enquanto aguardava. Diversos pensamentos e teorias passando pela minha cabeça. Queria muito conversar com o cara mal-humorado lá embaixo, para poder tirar todas as minhas dúvidas.

Não demorou muito e Turner estava de volta no quarto com algumas roupas em mãos. Uma camisa social azul e uma cueca box.

— Sinto muito, é tudo que temos nesse momento — falou dando de ombros ao me entregar.

Ao encostar suas mãos nas minhas, Turner me olhou nos olhos por alguns segundos e isso me incomodou um pouco. *O que ele estava olhando tanto?*

— Algum problema? — perguntei com o cenho franzido.

— Não, nenhum. Só que esses olhos... — piscou duas vezes e balançou a cabeça em negativa — não é nada. Seus olhos são bonitos.

Acho que corei.

— Ah... Obrigada — respondi — valeu pelas roupas.

— Não há de quê — piscou para mim antes de sair.

Estranho, eu hein...

Entrei no banheiro e fechei a porta atrás de mim. Coloquei as roupas em cima de uma bancada e procurei a toalha que usaria no armário do jeito que ele me indicou. Observei-me no espelho. Eu realmente estava péssima. Foram dias sem dormir direito, preocupada com papai. Depois veio o acidente e os acontecimentos seguintes. Não era para menos, não é!?

Respirei fundo.

Fui em direção ao chuveiro e o liguei no morno, deixei a água deslizar pelas minhas costas por um bom tempo. Ensaboei-me e esfreguei todos os resquícios de sujeira e sangue que estavam em meu corpo. Lavei o cabelo como pude. Certeza que ia ficar um ninho de pássaros. Antes assim do que sujo.

Sequei-me, coloquei a cueca e depois a camisa, sem sutiã mesmo (o meu estava imprestável). Ficou parecendo um vestido bem curto, mas ok. Procurei nas gavetas algo que eu pudesse usar para melhorar a situação da juba. Achei um pente e fiz tudo ao meu alcance para desembaraçar. Perdi uns tufos nessa tarefa. Achei uma escova de dente nova e aproveitei para fazer minha higiene bucal. Limpa e pronta.

Sai do banheiro e olhei para a cama. Descer e conversar ou descansar? A cama parecia muito convidativa e o banho morno trouxe a exaustão. Talvez se eu deitar só um pouquinho... sim, só por alguns minutos. Deitei e senti meu corpo relaxar. Fechei meus olhos e o cansaço me venceu.

Estava em um lugar escuro, não conseguia ver nada ao meu redor. Tentei me mexer e não consegui. Não estava amarrada, mas meu corpo parecia paralisado. Não tinha coordenação do meu próprio eu.

Escutei passos. Foram ficando cada vez mais próximos. Tentei perguntar quem estava ali, mas também não consegui; minha boca sequer mexia.

O que estava acontecendo comigo?

Sem nem ao menos ver ou sentir, alguém me empurrou bruscamente. Caí no chão e bati a cabeça com força.

Ouvi risos.

Senti um aperto no meu tornozelo. Pegaram-me! Fui puxada de forma bruta e arrastada pelo chão. Sentia meu corpo inteiro arder pelo atrito. Desorientada tentava gritar, mas como antes nada saiu de minha boca.

Fui erguida por braços fortes e arremessada. Água me aguardava do outro lado. Afundei. Quanto mais eu lutava, mais eu afundava. Buscava por ar, mas era em vão. Debatia-me para tentar alcançar a superfície. Nada. Água invadia meus pulmões.

Ar. Eu precisava de ar.

Acordei assustada em busca de ar. Coração acelerado e suor escorrendo pelo rosto.

Um pesadelo.

— Foi só um pesadelo — falei comigo mesma.

Levantei-me e fui ao banheiro lavar o rosto. Arrumei a camisa como pude (estava toda amassada) e segui o caminho de volta, até a sala no andar inferior. Estava vazia. Olhei para o corredor em que vi aquele homem sumir e fui a sua direção. Passei pela cozinha, que ficava logo à frente, um pouco mais

adiante avistei uma porta.

Parei e fiz silêncio. Sim, tinha alguém ali dentro.

Não medi minhas ações e entrei sem ao menos bater na porta. Silêncio recaiu sobre a sala.

O homem, que aparentemente não ia muito com a minha cara, estava sentado atrás de uma mesa. Ele me olhou dos pés à cabeça com um semblante nada amigável. Olhei ao redor e vi que ele não estava sozinho. Turner estava sentado em um sofá que ficava na lateral da sala e dois homens sentavam a frente da mesa, cada um em uma poltrona.

— Não sabe bater antes de entrar, garota? — ele perguntou de trás da mesa.

— Pega leve, Darius — Turner interveio por mim.

Ele soltou um riso de escárnio.

Então seu nome era Darius...

— Mal chegou e já tem um protetor? Interessante — ele disse.

— Eu não tenho culpa se você é um grosso! — rebati.

Vi seu rosto se transformar. A raiva evidente em suas feições. Humm, alguém não gosta de ser confrontado. Ele ia dizer algo, mas um dos homens sentados à sua frente disse:

— Já basta! Quem é você? — perguntou.

— Com tantas coisas importantes, esqueci-me de mencionar nossa hóspede — disse Darius com certa ironia — essa é Samira, filha até então inexistente de Kiera e Path. Esses são Vicent meu pai e Joseph...

Antes dele completar escutei Turner dizer:

— Meu pai.

Vicent e Joseph fixaram sua atenção em mim. Ótimo, agora sou o centro das atenções.

Capítulo 7

SAMIRA

Vicent se levantou e veio em minha direção. A pouco menos de um metro ele parou e disse:

— Eu sinto muito pela sua perda, minha criança.

— Obrigada, senhor — respondi com um menear de cabeça.

— Me chame de Vicent.

Acenei com a cabeça.

— Você é bem-vinda nessa casa.

— Não se esqueça de quem é essa casa — disse Darius.

— Exatamente por ser sua é o local ideal para ela estar — rebateu Vicent virando-se em direção ao filho — até porque você não é conhecido por sua benevolência, não é, meu filho!?

— Nem pela minha paciência, meu querido pai.

Que cara insuportável, Deus!

— Não, nem por isso — Vicent respondeu virando-se em minha direção novamente — Não se preocupe você se acostuma com isso — piscou para mim.

Eu definitivamente gostei dele.

— Bem, é hora de irmos.

— Nós ainda temos coisas para tratar — disse Darius ao seu pai.

— Podemos resolver os assuntos pendentes outra hora. Agora converse com a moça e seja gentil, se possível. Eu e Joseph temos alguns problemas para resolver.

Joseph até então quieto em sua poltrona.

— Sim, precisamos resolver algumas coisas — ele disse se levantando — se precisar de algo nos contate.

Dito isso se dirigiu a saída com um único meneio de cabeça em despedida.

— Se meu filho te tratar mal, me avise. Eu venho aqui e dou um jeito nele — Vicent esboçou um sorriso e despediu-se, logo em seguida indo em direção à saída.

Sobramos nós três. Respirei fundo me preparando para isso. Aproximei-me do sofá e me sentei ao lado de Turner. Melhor perto do meu “protetor” do que de cara com a fera.

Ri internamente.

Ele provavelmente me esganaria se o chamasse assim.

— Com medo, garota? — ele disparou.

— Prevenida — rebati.

Turner riu.

— Só não se matem, ok? — Turner disse ainda rindo.

— Vamos ao que interessa — quis encerrar esse clima e chegar ao ponto

principal — tenho tantas perguntas e gostaria de obter respostas.

— Porque não me diz o que sabe e eu te ajudo a entender os fatos — disse Darius.

— Esse é o problema. Eu não sei de quase nada.

— Como assim? — questionou Darius.

— Bem, eu só sei que levaram meu pai para obter informações importantes sobre assuntos relacionados ao seu trabalho. Não sei o que nem o porquê.

— Você sabe ao menos com o que ele trabalhava?

— Não — respondi.

— Deixa ver se eu entendi. Você, a filha do Path, não sabia com o que ele trabalhava... É isso? — disse de modo inquisidor.

— Não, eu não sabia.

— Se a própria Kiera não tivesse dito sobre ser quem você é, eu não acreditaria — disse batendo com os dedos em sua mesa — O que me leva a perguntar mesmo assim: quem é você?

— Samira, tenho 23 anos. Quer meu currículo também!? — arqueei uma de minhas sobrancelhas de modo provocativo.

— Não brinca com fogo, garota. Depois aguarde as consequências...

— Parem vocês dois — interferiu Turner.

— Desculpa. O seu amigo é um tanto — busquei palavras — raivoso...

Só ouvi o baque na mesa. Dei um pulo. A fera está querendo se soltar.

— Tudo bem. Ok ... — me dei por vencida — me desculpem. Nunca tive um convívio com pessoas próximas ou parentes dos meus pais. Fui adotada

quando tinha treze anos. Eu passei muito tempo no orfanato vendo crianças sendo adotadas e eu não. Quando aconteceu, eu só quis viver o meu “felizes para sempre”, entendem?! — suspirei antes de continuar — eles nunca comentaram e em todas as vezes que perguntei, mudavam de assunto. Com o tempo entendi que era um limite e não deveria ultrapassar e, como não queria que nada atrapalhasse nosso relacionamento eu não procurei saber; não até poucas semanas atrás quando ele desapareceu.

Finalizei me sentindo melancólica. Lembrar do passado e do sentimento de felicidade, não me fazia bem hoje. Minha mãe já não estava mais ao meu lado e não tive notícias do estado do meu pai até agora. Ao que parece o meu “felizes para sempre” teve um fim.

— Antes de mais nada, você precisa ter consciência de uma coisa — Darius chamou minha atenção — não somos os vilões dessa história, mas também não somos os mocinhos para o mundo. Nosso mundo é regido por leis e regras e deve-se segui-las sem questionamentos. Aqui ninguém entra ou sai. As pessoas nascem e morrem nesse mundo, entendeu?!

Balancei a cabeça afirmativamente, esperando por mais.

— Você não fazia parte desse mundo, não nasceu nele. Mas, adotada e criada por dois dos nossos se tornou um alvo em potencial, além disso, Kiera me confiou a sua vida. Sendo assim não tenho outra escolha senão mantê-la por perto.

— Quando diz esse mundo, a que se refere exatamente?! — perguntei.

— À máfia. Esse é o nosso mundo, o nosso universo.

Choque.

Meu corpo recebeu a notícia com impacto. Se não estivesse sentada, com certeza cairia. Tentei fazer com que meus pensamentos tomassem o rumo certo e procurei em minha memória algo que fizesse sentido com essa revelação.

A casa afastada e isolada com seguranças. Os ensinamentos. Os treinamentos intensivos. Eles raramente saíam juntos ou iam à cidade. Todas as nossas viagens eram feitas para lugares praticamente desertos.

Máfia.

Meu Deus.

Pensar neles como parte disso não fazia sentido. Essa informação deixou minha cabeça em curto.

Meus pais eram mafiosos!

Não que isso faça diferença. Não, não faz. Eles foram pessoas maravilhosas para mim. Mas essa informação, sem dúvidas me pegou de surpresa, pois nunca imaginei. O pouco que sei sobre máfia, é a vida tumultuada que levam. Eles mexem com diversas coisas ilícitas, vivem cercados de inimigos e de pessoas querendo tomar o lugar do outro pelo poder. Isso me leva a pensar sobre o motivo dos meus pais terem me adotado. Eles fizeram isso só porque queriam uma família? Tinham algum objetivo? O que eu significava para eles?!

Vim atrás de respostas e as ganhei, porém outras tomaram o seu lugar.

Sentia como se o sangue tivesse sido drenado de meu corpo. Sentia-me zozna e perdi momentaneamente a noção do que acontecia ao meu redor. Era possível escutar vozes, mas não consegui distinguir o que se era falado. Saí desse estado somente quando a voz de Turner falou um pouco mais alto do que antes.

— Ei, você está bem? — perguntou ele.

Ainda me recuperava de toda carga despejada sobre mim. Não podia deixar isso me abater. Algo me diz que isso é só o começo, e quanto mais eu souber, melhor. Aproveitei o momento para obter mais resposta.

Balancei minha cabeça para colocar minhas ideias em ordem — Sim, tudo bem — respondi para Turner e voltei minha atenção para o chefe — Quem é você na máfia? — perguntei para Darius.

— Eu sou o Dom. O chefe para ser mais claro — respondeu — Turner e Tyler são meus homens de confiança. Meus conselheiros e subchefes se necessário. Aqui dentro, são as únicas pessoas em quem confio de olhos

fechados.

— Você não é novo para ser o chefe?

Perguntei não por querer afrontá-lo e sim pela sua aparência. Darius não aparenta ser tão velho quanto ao cargo que ocupa. Geralmente esse cargo é ocupado pelo mais velho da família e passa-se adiante quando torna-se incapaz (o que não é o caso do pai dele).

Ele pareceu entender meu questionamento, pois respondeu prontamente.

— Eu assumi antes do previsto. Fui criado para isso e me senti pronto quando o novo inimigo da família se levantou. Meu pai e seu braço direito Joseph, se tornaram alvos premiados e quis poupá-los do trabalho.

— O que não está dando muito certo pelo visto, não é!?

— Problemas como esses são comuns nesse mundo, garota. Acostume-se já que agora faz parte dele. Pessoas morrem todos os dias tanto do lado deles, como do nosso. São homens, mulheres, crianças, sem distinção. Tortura, espancamento, decapitação... Aqui você verá de tudo. O seu mundo de faz de contas acabou. Isso aqui é a realidade. Conviva com isso — disparou sem cerimônias.

Conviver?! Eu não sei ao certo se quero isso. Fui preparada para muitas coisas, mas entrar neste mundo mafioso não era uma delas. Eu ao menos teria escolha?!

Imagens dos últimos acontecimentos passaram como um filme em minha cabeça. A morte de mamãe se repetia a cada piscar de olhos. Minha decisão foi tomada. Eu tinha que entender minha nova realidade e adaptar-me o mais rápido possível. Prometi vingar a morte de minha mãe e vou fazer isso nem que custe a minha própria vida.

— Agora vamos entrar em mais detalhes. Antes disso precisa entender que sua família não é mais só Kiera e Path. Agora sua família somos nós, a Máfia. E aqui a família vem sempre em primeiro lugar. Você terá que confiar, ser leal e nunca mentir para nós. Entende isso? Está pronta para encarar todas as consequências que isso pode trazer?! — Darius perguntou.

— Sim, estou! — respondi segura dessa afirmação.

Minha família é desse mundo e eu estou aqui para vingá-los.

— Você tem alguma pergunta? — perguntou Turner.

— Qual era o trabalho do meu pai?

Turner ficou em silêncio. Aguardei a resposta e ela veio de Darius.

— Seu pai era o executor.

Capítulo 8

SAMIRA

O executor.

Executor.

A palavra ecoava em minha cabeça. Sempre soube que havia algo de diferente com meus pais. Nós éramos reclusos, vivíamos isolados. Os treinamentos eram pesados o ensinamento também. Todas as vezes que íamos fazer alguma atividade que exigia muita atenção de minha parte, era evidente a mudança de comportamento do meu pai. Ele parecia incorporar outra personalidade, era como se outra pessoa tomasse o seu lugar. Tornava-se sério e enérgico. Isso era essencial para que eu mantivesse minha atenção e não falhasse na lição.

Sempre tentei imaginar o que papai fazia quando estava fora de casa, mas nunca me passou pela cabeça algo desse tipo. Não dava para acreditar. Era algo surreal para mim. Ele sempre foi um homem calmo e pacífico.

— Não pode ser — eu disse baixo.

— Não vamos tirar a imagem de bom moço que tem do seu pai, Samira. Ele era o executor e, como o nome já diz por si só, ele executava pessoas para o bem da família — disse Turner.

— Executar pessoas, por quê? — perguntei.

Foi Darius quem respondeu.

— Nosso mundo é da seguinte forma: ou os inimigos morrem, ou nós morremos. Path executava nossos inimigos, pessoas que nos traíam, e aqueles que quebravam as regras. Assim vivemos em equilíbrio e nos mantendo de pé dia após dia.

— E o que Valentim queria com meu pai? — perguntei diretamente a Darius.

Ele me avaliou por algum tempo e eu esperei. Talvez estivesse pensando em quais informações daria ou o que era necessário revelar. Eu não passava de uma estranha, uma intrusa que ninguém sabia sequer da existência.

Por fim ele disse:

— Além de executor, Path também é de nossa confiança. Ele sabia de diversos esquemas e cargas que estavam em transporte. Valentim queria informações sobre isso e a lista de execuções. Seu plano era roubar nossas cargas para causar danos e desfalque. Ele iria usar a lista para trazer mais pessoas para o seu lado. Eles já estavam com a mira marcada, mudar de lado para se ter uma chance de viver não seria uma decisão difícil.

— Mas afinal o que Valentim quer?

— Nos destruir — respondeu Turner.

— Basicamente isso — disse Darius — cada um tem sua motivação. No caso deles é achar que a máfia é ultrapassada e não tem mais porque governar. É uma quadrilha especializada em tráfico humano, sem distinção. Homens, mulheres e crianças estão em sua lista.

Que horror

— Você acha que nunca nos questionamos sobre isso? Sobre a máfia ter se tornado algo antiquado?! — perguntou Darius — eu mesmo já me questionei. Já perdi muito nesse mundo. Mas no fim, somos a balança para o equilíbrio. Cuidamos de mais de 25 cidades aos arredores. Nós mantemos a paz.

— Se a máfia é tão grande e poderosa, por que não mataram Valentim

ainda?

— Simples — disse Turner — Valentim é só um peão.

Um peão?

— Ele é só uma peça a mais no jogo do verdadeiro mandante de tudo. Já matamos vários peões e sempre vem um e toma o seu lugar. Agora estamos agindo com cautela e tentando chegar cada vez mais perto do verdadeiro responsável para acabar de uma vez por todas com isso — completou Darius.

— Eu quero matar o Valentim — disse para Darius.

— Ele terá o seu fim mais do que merecido, posso garantir — respondeu.

E eu vou garantir que seja pelas minhas mãos. Quero ver Valentim implorar por sua vida enquanto a tiro lentamente, fazendo-o sentir, pelo menos, um pouco da dor que me fez passar. Eu o odeio de forma sombria.

— Então se Valentim não é o inimigo... — deixei a pergunta no ar.

— Lorenzo — disse Darius — ele era amigo do meu pai em uma época um pouco distante. Mas ele sempre teve ambições diferentes, nunca seguia as regras e queria tomar o lugar que achava ser seu por direito. Acreditava ser o homem certo para governar — balançou a cabeça e continuou — não se engane pelas poucas palavras que trocou com Vicent, ele também não é conhecido pela sua benevolência. Nunca aceitou traição, nem do seu melhor amigo. Quando Lorenzo desviou uma de suas cargas para uso exclusivo e meu pai foi tirar satisfação, ele mostrou seu verdadeiro lado e se rebelou.

“Depois disso meu pai descobriu diversas armações, desvios e mortes das quais fomos culpados, mas nem conhecimento tínhamos. Foi declarado que Lorenzo deveria ser executado. Ele já conhecendo nosso mundo se preveniu e conseguiu escapar com ajuda de aliados. Desde então, usa peões para tentar nos atingir e consegue — nesse momento Darius olhou para Turner — ele tirou coisas valiosas de todos nós.”

Pelo visto não fui a única a perder.

Tomei para mim a missão de acabar com Valentim, mas ajudarei com isso até o fim. Essas mortes têm que acabar e se esse tal Lorenzo tiver de morrer, que assim seja.

De repente a porta se abriu e um homem entrou. Turner? Mas o Turner está ao meu lado. Olhei de um lado para outro.

Gêmeos.

Esse não era o homem que estava com meu pai?

Dei um pulo do sofá.

— Como está o meu pai? — disparei indo em sua direção.

— Calminha aí — ele disse me segurando com ambas as mãos em cada lado do meu ombro. Olhou para o meu rosto e fez uma pequena inspeção — Você está bem? — perguntou.

Fiquei um pouco confusa com a sua evidente preocupação.

— Eu vou ficar melhor depois que matar Valentim — respondi.

Ele deu um meio sorriso.

— Path mencionou esse seu lado... determinado.

— Ele falou sobre mim? Onde ele está? Me leva até ele, por favor — pedi.

— Ele vai ficar bem. Precisa de cuidados e muito repouso. Nesse momento está desacordado e totalmente dopado por causa das dores — virou-se para Darius — ele perdeu muito sangue e tem muitas feridas. O médico responsável aconselhou mantê-lo sedado para melhores resultados — voltou sua atenção para mim — no meio do caminho para o local de cuidados ele estava consciente e perguntou sobre você e a Kiera. Ele disse para cuidarmos de você e tomar cuidado com sua personalidade. Avisou que você é muito determinada quando quer alguma coisa — piscou para mim.

Ele ia ficar bem. Uma sensação de alívio corria pelo meu corpo. Senti como se um peso saísse de cima de mim. Senti minhas pernas fraquejarem, mas antes de cair, Tyler (lembrei seu nome) me segurou em seus braços. Aproveitei a deixa e lhe abracei. Sim, era disso que estava precisando, de acolhimento, de conforto.

Ele me abraçou de volta. Senti-me segura e protegida.

Um limpar de garganta chamou nossa atenção. Darius a fera. Estava demorando. Quis revirar meus olhos, mas me contive.

— Chamem a Phoebe — disse Darius — peça para ela providenciar roupas e tudo mais que a nossa hóspede necessitar. Não quero ninguém desfilando com as minhas coisas por aí — completou.

Droga. Olhei para Turner. Tantas roupas para me dar e pega justo as da fera?! Que ótimo!

Turner sorriu e se levantou vindo em minha direção.

— Desculpa, Sami. Eram as roupas mais acessíveis e utilizáveis no momento.

— Tudo bem. Eu precisava de algo para vestir e essas roupas são confortáveis. Bem, acho melhor eu voltar ao quarto e esperar as roupas novas para sair novamente — disse indo em direção à saída.

Antes de passar pela porta Tyler me chamou.

— Ei, você está realmente bem? — perguntou.

— Sim, estou. Só estava com um pouco de falta de ar, mas já passou — falei levando uma de minhas mãos até meu pescoço.

Fiz uma massagem de um lado até o outro. Senti falta de algo; meu colar.

Parei de repente.

Eu estava com o meu colar quando nos pegaram. Acordei com ele no

galpão. Valentim o tirou de mim e guardou consigo.

— Meu colar — eu disse baixo.

— O que você disse, garota?

Eu olhei para eles que me olhavam de modo interrogativo.

— Meu colar — disse mais alto — Valentim está com o meu colar. Ele tirou de mim e guardou dizendo que ia usar como recordação.

— Sinto muito, Sami. É pouco provável que consigamos ele de volta — disse Turner.

— Não, não é pelo valor. Aquele colar na verdade é um rastreador!!! Se Valentim está com ele, então temos sua localização!

— É um colar de estrela? — perguntou Darius.

— Sim. Como você sabe? — perguntei.

— Path me pediu há alguns anos atrás. Foi um dos nossos que o projetou — ele pegou o celular.

Alguns instantes depois, falou com alguém.

“Reed, preciso que venha até minha casa o mais rápido possível”.

Capítulo 9

SAMIRA

Enquanto esperávamos o tal Reed, meu estômago resolveu dar sinal de vida e fez um barulho alto o suficiente para que os que estavam ao meu redor escutassem. Meu rosto esquentou de vergonha.

— Vem comigo — chamou Tyler — vamos pegar algo para você comer.

Nem protestei. Fazia algum tempo que não me alimentava. Segui Tyler para fora do escritório em direção à cozinha. Ele se aproximou da geladeira e tirou alguns ingredientes para um lanche.

— Sente-se — ele apontou para uma banqueta próxima ao balcão — vou fazer um lanche leve para você.

Preparou um sanduíche e colocou na minha frente.

— Suco de laranja? — ofereceu.

— Sim, obrigada.

Depois de me servir, ele ocupou o lugar ao meu lado enquanto eu me alimentava. Ficou em silêncio por alguns instantes antes de puxar assunto.

— Me conta um pouco sobre você.

— Ah, não tem muito o que saber — disse — eu fui adotada pelos meus pais aos treze anos.

— E como era sua vida?

— Feliz. Meus pais me ensinaram muita coisa e me deram muito amor. Eu tinha tudo que sempre sonhei, sabe!? Eu só queria ter uma família e pessoas que me amassem de verdade.

— E antes da adoção? — ele perguntou.

— Nada de muito relevante. Fui deixada no orfanato com poucos dias de vida. Com o passar dos anos me acostumei com a solidão e me exclui das outras crianças com medo de me apegar — dei de ombros — até que, como se fosse um milagre, Path e Kiera apareceram. Viu? Nada demais.

— Entendo — disse somente.

— Sua vez. Me fala mais sobre a situação do meu pai.

— Como havia dito na sala. Ele vai ficar bem, só precisa de cuidados e repouso.

— Posso ir vê-lo? — perguntei.

— Não seria adequado no momento e não podemos chamar atenção para o lugar onde ele está.

— Como assim chamar atenção? — confusa perguntei.

— Path ainda está vivo, Samira. A missão não foi concluída e eles não conseguiram o que queriam. Ele continua sendo um alvo. Seu paradeiro é seguro e pessoas de nossa total confiança estão lá. Quanto menos pessoas souberem sua localização, melhor.

— Mas você poderia me levar até ele. Eu sou de confiança. Ele é meu pai, Tyler!!!

— Não é por sua causa. Fui eu quem o levei até lá. Sozinho. Além de Turner, Darius, eu e as pessoas que estão com ele; ninguém mais sabe sua localização. Se eu pegar um carro e sair, quem garante que não nos seguirão?!

Você arriscaria? — perguntou.

Acompanhei seu raciocínio. Entendi o que ele quis dizer. O jogo agora é tudo ou nada. Estamos em conflito e não podemos confiar em nada nem ninguém.

— Não, eu não arriscaria — respondi por fim.

O restante da refeição foi feita em silêncio. Quando terminei levei meu prato e copo até a pia e os lavei. Estava enxugando minhas mãos quando ouvi passos em direção à cozinha. Um homem parou e cumprimentou Tyler e me olhou.

— Ah Reed, esta é Samira — nos apresentou — Samira, Reed. O inteligente da turma — finalizou dando dois tapinhas nas costas do homem.

Reed me olhou com uma expressão confusa.

Apontou para minhas roupas e disse:

— O que ela está fazendo com as roupas do chefe? Ele já viu isso?

— Ele já viu sim. Queria ter visto a cara dele — Tyler riu ao responder.

— Qual o problema? — perguntei olhando de um para outro.

— Nenhum — responderam em uníssono.

Estreitei meus olhos em direção a eles.

— Ok. Chega disso — falei passando por eles — vamos lá Reed, a fera quer falar com você.

— Isso vai ser divertido — disse Reed me seguindo.

— Você não sabe o quanto — finalizou Tyler.

Revirei os olhos. Nós três seguimos rumo ao escritório. Como estava à frente fui a primeira a chegar e como antes entrei sem bater.

— A garota não aprendeu ainda? — soltou Darius.

— Está com medo de ser pego no flagra fazendo o que aqui dentro com o Turner? — perguntei.

— Garota — falou em sinal de alerta.

Escutei risadas atrás de mim.

— Não disse — falou Tyler para Reed.

— Me respeita, Sami — disse Turner.

Dei de ombros e fui em direção ao sofá. Aconcheguei-me ao lado de Turner. Dei um cutucão nele e pisquei. Tyler se sentou em uma das poltronas e Reed na outra.

Darius estava olhando diretamente em minha direção. Parecia que ia me comer viva e não digo isso num bom sentido, que fique claro. Desviou sua atenção para o homem à sua frente.

— Reed, lembra do colar rastreável que você planejou a alguns anos atrás? — perguntou.

— Sim, me lembro. Foi uma obra prima.

— Você consegue rastreá-lo? Ou todo material necessário para isso foi entregue junto a ele?!

— Está subestimando minha inteligência, Dom? Pensei que soubesse que sou o melhor de vocês — disse irônico adorando a provocação.

Pegou seu notebook que até então não percebi que carregava e colocou em cima da mesa. Abriu e começou a digitar algumas coisas nele.

— Tudo que é feito e planejado por mim eu tenho o controle — disse virando a tela para Darius — aqui — apontou para algo — esse ponto indica a localização do colar.

— Você sabe qual o endereço? — perguntou Darius.

Reed virou a tela em sua direção novamente e digitou mais algumas vezes.

— A localização indica um dos esconderijos de Valentim. O que esse colar está fazendo lá? — disse Reed.

Meu corpo inteiro endureceu. Eles sabiam a localização de Valentim e ainda não fizeram nada?!

— Longa história — respondeu Darius — vou te atualizar dos últimos acontecimentos.

— Não entendo — disse me levantando, indo em direção à mesa — Vocês sabem o lugar que Valentim se esconde e não fizeram nada ainda por qual motivo?

— Nós já conversamos sobre isso! — respondeu Darius — não podemos atacar enquanto Lorenzo não aparecer ou voltamos à estaca zero!

Sim, ele disse e eu entendi, mas a raiva borbulhando dentro de mim não me deixa pensar claramente. Frustrante.

— Eu sei. Eu só... — antes de terminar a fera me interrompeu.

— Só não atrapalhe. É um grande favor que me faz.

Procurei lembrar que ele salvou minha vida e de meu pai e está cuidando de sua saúde. Tentei focar nas coisas boas ou pularia no seu pescoço. Cara, que homem insuportável!

Minha resposta foi o meu silêncio.

— A melhor forma de atacar é mexer nos pontos fracos deles — disse Turner — temos que acertar onde mais dói. Nos negócios — completou.

— Sim, eles traficam pessoas. Estamos de olho em todas as suas

movimentações e em breve vamos começar a interferir nos seus planos. Isso vai deixá-los um tanto irritados — disse Tyler — e se ele continuar com o colar, assim como disse que faria; podemos descobrir muitas coisas mais.

Traficam pessoas. Já estudei sobre isso há algum tempo atrás. Pessoas são sequestradas na rua, em saída de escola e até em suas próprias casas. São traficadas e vendidas. Homens, mulheres e crianças. Alguns para trabalho escravo, outros para prostituição e outros ainda são usados para levar e trazer drogas. Espero poder ajudar a livrar pessoas inocentes de doentes mentais como esses. Nojo é o que sinto.

— E enquanto isso o que eu faço? — perguntei.

— Você? — disse Darius — nada! Já ajuda bastante se ficar quieta e não distrair meus homens. Isso é o suficiente nesse momento.

Sustentei seu olhar por alguns instantes. Balancei a cabeça negativamente e dirigi-me para a saída. Mas, não antes de dizer:

— Olha, sinceramente eu não sei como vocês aguentam esse homem — soltei sem filtrar.

Saí às pressas antes que levasse um tiro nas costas. Assim que fechei a porta pude escutar algo bater e despedaçar, provavelmente um copo que estava perto dele. Estressadinho essa fera.

Capítulo 10

SAMIRA

Antes de subir para o quarto passei na cozinha e peguei uma maçã caso sentisse fome mais tarde. Eu não arriscaria encontrar a fera tão cedo para um confronto.

Deitada na cama por horas sem perceber o tempo se alastrar. Estava perdida pensando nos últimos acontecimentos e em como minha vida virou de cabeça para baixo. Gostaria que tudo se resolvesse como em um passe de mágica, mas sei que as coisas não são assim. E tenho quase certeza de que o caminho será longo, muito longo.

Alguém bateu na porta. Dei um pulo. Aproximei-me e abri com cautela.

Uma mulher baixinha e ruiva com seu rosto coberto por sardas me saudou do outro lado.

— Olá, meu nome é Phoebe.

Claro. A mulher que Darius mencionou mais cedo.

— Oi. Prazer, Samira — estendi minha mão em sua direção e ela apertou.

— O Dom solicitou que trouxesse algumas coisas para você — apontou para o chão onde algumas sacolas estavam.

— É, ele não curtiu muito eu com as roupas dele — soltei uma risada e

abri a porta para ela — vem, entra.

Ela pegou algumas sacolas e entrou, eu peguei as que restaram e entrei logo em seguida. Colocamos tudo em cima da cama.

— Bem, comprei de tudo um pouco — ela disse abrindo uma das sacolas — aqui roupas íntimas, shorts, calças e roupas confortáveis. Comprei alguns vestidos também. Ali — apontou para outra sacola — tem algumas maquiagens.

— Não precisava de tudo isso — disse um pouco envergonhada.

— Acho que o Dom quis garantir que não usaria mais suas roupas — ela disse soltando uma risadinha.

— Disso eu tenho certeza — disse me sentando na beirada da cama — Você mora por aqui? — perguntei.

— Sim. Moro em uma das casas que ficam atrás da mansão com meu filho — disse — também sou responsável pela cozinha e coordeno o pessoal da limpeza.

— Eu adoro crianças.

— Ele é pequeno, têm cinco meses — disse isso com um sorriso bobo nos lábios — qualquer dia desses, trago ele para você ver. Ele foi comigo comprar as coisas e o balanço do carro o pegou de jeito e acabou dormindo. Coloquei-o no berço antes de vir aqui.

— Combinado então.

— Precisa de ajuda para arrumar? — perguntou solícita.

— Não, obrigada. Vou usar isso como terapia. Não tenho nada para fazer.

— Tudo bem — disse levantando-se — vou deixar você sozinha com sua terapia. Boa sorte. Prazer em te conhecer, Samira.

— O prazer foi meu. Obrigada pelas roupas — disse sincera.

— Agradeça ao Dom — ela foi em direção à porta.

— Aquela fera?! Nem pensar.

Ela parou dura na porta olhando para fora.

Ah não.

A porta se abriu um pouco mais e pude ver quem estava lá. Darius. Agora que ele me mata. Phoebe saiu às pressas depois de cumprimentá-lo.

— Então tenho um apelido? — ele perguntou de onde estava.

Continuei sentada sem me mover.

— Um apelido carinhoso, vamos combinar — disse tentando quebrar o clima — obrigado pelas coisas que mandou comprar para mim.

— Não era você que não iria me agradecer? — soltou irônico.

— Eu estava brincando.

Ele estreitou os olhos.

— O quê?! Meus pais me deram educação, viu!?

— Estou vendo — disse — Bem, fique à vontade. Eu e os outros vamos sair para resolver alguns assuntos essa noite e chegaremos bem tarde.

— Posso ajudá-los? — perguntei me levantando.

Darius me olhou de um jeito diferente. Seus olhos não eram de deboche. Parecia que estava olhando para mim pela primeira vez. De repente me senti exposta demais, com vergonha da forma que me avaliava.

Depois de sua minuciosa inspeção sobre o meu corpo, disse por fim:

— Não, não pode nos ajudar — e saiu andando.

Fiquei parada sem entender o que se passou aqui. Ele é maluco, só pode.

Acordei sentindo o corpo mais leve. Dormi como uma pedra essa noite e, se os meninos voltaram para casa eu não ouvi. Espreguicei-me ao levantar e fui em direção ao banheiro. Fiz minha higiene matinal antes de entrar no banho. Agora eu tinha os cremes certos para usar e aproveitei para lavar meu cabelo. Saí, me sequei e coloquei uma legging preta com uma camiseta confortável para uma corrida e tênis. Fiz uma trança e estava pronta para descer e tomar um bom café antes de fazer exercícios. Estava me sentindo enferrujada.

Antes de sair dei uma última olhada no quarto. Coloquei as roupas no lugar e a cama estava arrumada. Tudo ok. Minha mãe sempre reclamava da minha organização, ou melhor, a falta dela.

Fui em direção às escadas e logo cheguei à sala. Não tinha ninguém. Ouvi vozes vindas da cozinha e me dirigi para lá. Hora de enfrentar minha nova realidade. Darius, Turner e Tyler estavam sentados à mesa e assim que me viu Turner disse:

— Pensei que não fosse descer.

— Acho que dormi demais — disse passando por eles — Bom dia!

Todos responderam (Darius um pouco a contragosto).

— Senta aqui com a gente. Come alguma coisa — dessa vez foi Tyler quem disse.

Pedi licença e me sentei. Servi-me com algumas torradas e café. Faço dessa refeição a mais importante. Costumo praticar exercícios logo pela manhã, então sempre me alimento bem para estar preparada. Comia devagar e respondia uma coisa ou outra que os meninos perguntavam.

— E o que tem para fazer por aqui? — disse após terminar meu café.

— Você pode nadar — disse Tyler que parou logo em seguida — quer dizer, me desculpa, eu só...

O interrompi — não, tudo bem. Eu amo nadar. Aquela situação no galpão não foi um tipo de trauma. É uma paixão que adquiri logo que fui morar com meus pais. Path me ensinou a nadar nos primeiros meses e depois de alguns anos aprendi algumas técnicas de respiração também. Tenho um fôlego e tanto — pisquei para ele.

Eles riram.

— Ah, tem também o salão de treinos — disse Turner — tem alguns equipamentos de ginástica, além de sacos de pancadas. Enfim... tem de tudo um pouco lá, caso queira treinar.

— Isso seria bom. Estou precisando mesmo extravasar um pouco. Vocês vão treinar?

— Estamos indo para lá. Já terminou? — perguntou Tyler.

— Sim — respondi.

Levantou-se e estendeu a mão para mim — vem, eu te levo e mostro o lugar.

Aceitei sua mão e deixei ele me guiar. Escutei o arrastar de cadeiras e sabia que Turner e fera estavam logo atrás de nós.

Ele me guiou por uma porta lateral que dava para a piscina. Ao fundo um salão de jogos com mesa de sinuca e churrasqueira, na parte oposta uma sala com toda sua lateral em vidro dando visão de quem estava lá dentro. A sala de ginástica.

— As únicas pessoas que usam essas acomodações somos nós e alguns homens de confiança. Pode ficar tranquila para vir aqui quando não estivermos — disse Turner passando por nós.

Darius passou logo em seguida e fez questão de esbarrar em mim. Faz de propósito para me irritar.

Os dois foram rumo ao que parecia ser um ringue. Pegaram luvas que

estavam penduradas nas laterais e as colocaram. Não demorou muito e já estavam atacando-se.

Darius se movimentava como um felino. Viu como o apelido caiu bem a ele?! Não tinha parado e observado ele antes. Ele era alto, tinha ao menos 1,80 de altura. Seu corpo era todo definido e musculoso. Seus cabelos, em um corte baixo; negros como a noite. Seus olhos azuis pareciam dois diamantes.

Por que estou reparando tanto?

— Ei — Tyler chamou minha atenção.

Desviei os olhos do ringue e o encarei.

— Tenha um pouco de paciência com o Darius. Ele não é de confiar em ninguém e sua chegada foi muito repentina. Ele só precisa de um tempo para se acostumar, ok. Outra coisa... essa casa é como um santuário. Ninguém, além de nós e alguns outros podem entrar. Mulheres?! Nem pensar. Darius nunca trouxe ninguém além de Phoebe e as pessoas que eventualmente trabalham na limpeza. Tudo que é necessário fazer, ele faz fora daqui. O lugar é sua paz.

Acenei em concordância. Sim, eu até atendo. Mas a fera às vezes pode exagerar um pouco também.

— Você não vai se juntar a eles?! — perguntei para Tyler.

— Vou. E você?

— Vou correr um pouco na esteira.

Ele acenou antes de seguir em direção aos amigos.

Fiz alguns alongamentos antes de subir na esteira. Perdi completamente a noção do tempo e quando olhei para o cronômetro, já corria a mais de duas horas. Parei para me refrescar e vi que os meninos ainda estavam lutando entre si. Peguei uma garrafinha de água no frigobar e fui em direção a eles para observar o seu treinamento.

Fiquei alguns minutos olhando o entrosamento. Era impressionante como

lutavam. Suas técnicas e movimentos, cronometrados e precisos me deixaram até com vontade de participar.

— Quer participar? — perguntou Tyler, sem parar de se mover de um lado para o outro.

Darius riu.

— Você quer matar a garota, Tyler?!

Estava demorando.

— Com medo, Darius? — respondi — a garota aqui pode te derrubar.

Todos pararam. Darius virou em minha direção com aquela cara que já estou me acostumando. Tyler e Turner se afastaram levantando as mãos em sinal de rendição.

— Você não deveria ter dito isso — alertou Turner rindo.

— Ah, o chefinho não gosta de ser desafiado? Ou a ideia de perder para uma mulher é tão ruim?

Tyler jogou um par de luvas em minha direção e um protetor bucal e disse:

— Boa sorte!

Eu só balancei a cabeça rindo com esse drama todo.

Preparei-me e comecei a me mover. Imitava seus gestos e seguia os seus movimentos. Avancei e tentei um gancho de direita, ele desviou. Mais alguns passos e ele veio com um gancho de esquerda, desviei. Logo em seguida com um de direita e bloqueei.

Ele não está usando força. Tadinho está me subestimando. Melhor acabar com isso de uma vez e mostrar que não sou tão frágil assim.

Recuei uma boa distância e me preparei. Fui de uma vez. Gancho de

direita, ele desviou. Gancho de esquerda, ele bloqueou. Chute de direita, ele segurou minha perna. Aproveitei esse movimento para me impulsionar e levar minha perna esquerda em direção ao seu peito. Ele não esperava o movimento e me soltou, e antes de cair no chão equilibrei-me. Aproveitei a distração para dar uma rasteira, levando-o ao chão.

— A questão não é ser mais forte ou melhor do que você. Isso provavelmente eu não sou. O seu problema foi me subestimar — pisquei para ele e retirando-me do ringue.

Antes de sair da sala tirei o protetor e joguei minhas luvas para os meninos.

— Aprenderam?! — perguntei antes de sair com um sorriso de vitória no rosto.

Samira 1, Fera 0.

DARIUS

Surpreso. Era assim que me encontrava neste momento.

Deveria estar com raiva?! Talvez.

Deveria querer me vingar?! Provavelmente.

Mas, a surpresa em ser levado ao chão por ela foi maior do que qualquer outro sentimento.

Samira me pegou totalmente desprevenido e tem razão ao dizer que subestimei seu potencial. Não esperava que pudesse fazer tal coisa, realmente não imaginava.

Aquela garota que chegou tão repentinamente em nossas vidas mostrou ser uma caixinha de surpresas e confesso estar curioso para desvendá-la.

Ainda caído, observei ela sair do salão de treinos com ar de vitoriosa. Foi quase impossível segurar o sorriso que quis brotar em meus lábios e isso não era um bom sinal, tendo em vista que não sou de muitos sorrisos. Tenho uma leve

impressão de que ela me trará problemas.

— A queda foi tão ruim que não vai se levantar?! — provocou Turner, tirando-me de meus devaneios.

— Por que você não vai se ferrar?! — disse levantando-me.

— Não esperava por essa, não é?! — perguntou Tyler.

— Vocês esperavam?! — rebati.

Os dois negaram com suas cabeças.

— Path e Kiera fizeram um bom trabalho — comentou Tyler.

Tive que concordar. A garota tem habilidade e técnica. Ainda não tinha encontrado uma mulher com tais requisitos. Sua língua afiada em me responder, o apelido que me foi dado. Tudo isso geravam motivos para detestá-la, mas era totalmente o contrário. Isso me atraía como o inferno. E depois de hoje, a garota ganhou também o meu respeito. Claro que ela não precisava ter conhecimento disto.

Nascido e criado para liderar, aprendi com o tempo a não confiar, não me envolver e não sentir. Minhas emoções são estritamente guardadas para mim. Nem os gêmeos com quem fui criado são capazes de saber o que penso ou qual meu próximo passo. Samira mexeu com meus instintos mais primitivos, mas nunca demonstrarei isso a ela, nem a ninguém.

— Vamos voltar ao treino! — falei para os gêmeos a minha frente.

Bati uma mão na outra e os chamei para o combate. Turner e Tyler vieram sem protestar. Sabiam que esse era um dos poucos momentos que tínhamos como distração e sempre tentávamos aproveitar ao máximo.

— Entra! — respondi para alguém que bateu na porta.

Estava no escritório resolvendo alguns assuntos internos. O trabalho era

dobrado. Precisava planejar toda destruição da quadrilha de Lorenzo e cuidar do legado que me foi passado. Exigia um pouco mais de mim e dos meus homens, mas tenho certeza que tudo valeria a pena.

Case pediu licença ao entrar e falou:

— Tudo certo com a limpeza do galpão, Senhor. As famílias dos nossos homens já foram notificadas e estão cuidando de tudo neste exato momento com a nossa supervisão.

— E Kiera?

— Foi enterrada no lugar que foi solicitado.

— Ok. Peça para o motorista preparar o carro; devo sair em breve com a Samira!

— Sim, senhor! — disse e se retirou.

Samira precisará ser forte neste momento. Ver o túmulo da mulher que lhe criou não vai ser fácil, mas ela é forte e sei que vai conseguir manter-se firme.

Hora da despedida.

Capítulo II

SAMIRA

A despedida nunca é fácil. Nós sabemos que um dia vamos morrer, mas a perda de alguém importante para você é um choque. Não nos preparamos para isso, não estamos prontos para perder ninguém. O luto é algo que temos que passar a fim de adaptar à essa nova condição. Talvez nunca pare de doer. Talvez a dor seja eterna e com o tempo somente amenize.

Darius foi me buscar mais tarde e ao contrário da tempestade que achei que viria, ele me trouxe para o lugar em que minha mãe foi enterrada. Estou de joelhos diante seu túmulo há horas, sem forças para levantar e seguir em frente. Juro que tento me apegar às boas lembranças, pois é isso que quero lembrar quando minha mãe vier à memória.

A dor é dilacerante, real, crua. E cada “eu sinto muito” é como se um punhal fosse em direção ao meu peito, lembrando-me que ela não está mais aqui.

Não sei como dizer adeus. Não quando havia ainda tantas coisas para falar e viver com ela. Queria ter tido mais tempo para demonstrar o quanto eu a amava e admirava. O quanto ela foi, e sempre será, meu exemplo de vida.

E por mais que doa, por mais que me destrua, vou usar toda essa dor como energia e motivação para que os culpados paguem por todo mal que nos fizeram.

— A sua morte não foi em vão, mamãe, eu te prometo.

Fiz uma oração em silêncio antes de levantar e erguer a cabeça.

— Pronta? — Darius perguntou.

Ele esteve ao meu lado esse tempo todo. Não falou, não julgou e não me apressou. Somente esperou o meu momento, como se compartilhasse minha dor.

— Pronta.

Quando ia começar a me mover, coloquei meu braço em volta do seu para usar como apoio. Juntos, seguimos para fora.

Um carro nos aguardava. O motorista abriu a porta do carro para nós. Entrei e Darius entrou em seguida.

— Preciso agradecer por isso — disse virando minha cabeça em sua direção.

— Não precisa — respondeu — sei como se sente.

— Quem você perdeu?

— Minha mãe.

Absorvi a informação, surpresa com a revelação.

— Sinto muito — disse.

Ele acenou com a cabeça e fez silêncio. Achei que não iria comentar quando disse:

— O nome dela era Cassandra. Linda. A mulher mais bondosa e generosa que eu conheci em vida — falou olhando para frente perdido em pensamentos — eu tinha vinte e sete anos na época. Meus pais saíram para ir a um evento de uma das empresas aliadas a nós. Fomos em carros separados, o meu estava logo atrás. Quando chegamos ao local, logo na entrada, houve um atentado contra o meu pai, mas minha mãe estava em seu caminho. O atirador foi morto e minha mãe também perdeu a vida nesse dia.

Eu não sabia o que dizer. No estado em que estava nenhuma palavra

adiantaria e sei que nada do que dissesse poderia diminuir essa dor. Então só aproximei minha mão da sua, que descansava no banco do carro, e fiz um leve carinho de conforto.

Ele aceitou.

O restante do caminho foi feito em silêncio. Mas não um silêncio desconfortável, e sim um silêncio acolhedor.

Cada um com seu pequeno mundo de dor e sofrimento.

E assim os dias foram passando. Aprendi o suficiente sobre a máfia para saber que não tinha mais escolha entre ficar ou ir. No momento que fui adotada me tornei tão parte da família, quanto os que nasceram nela. A tentativa de sair poderia acarretar na minha morte e talvez daquele que mais amava.

Criei uma rotina diária. Passava mais tempo me exercitando do que dentro de casa. Os horários em que os meninos estavam eram os melhores, pois treinávamos juntos.

Nunca mais derrubei Darius, já ele...

Tenho certeza que é algum tipo de vingança particular. Depois do dia em que o derrubei, não conversamos mais sobre e também nunca nos falamos por tanto tempo. Ele voltou a me chamar de garota e eu de fera. Tudo no seu devido lugar.

O fato de os dias passarem e não fazer nada em relação a Valentim começou a me incomodar significativamente. Comecei a me sentir impotente, mas conforme o combinado, mantive-me pacífica e aguardei pacientemente o momento certo.

Meu pai continuava melhorando. Não consegui ir vê-lo e nem falar com ele, mas só de saber que ele estava bem me fez ficar melhor ainda. Fiquei sabendo por Tyler que ele está maluco para sair de lá. Darius não permitiu, de acordo com ele, papai ainda não tinha condições físicas para isso.

Com o passar do tempo também acabei ganhando novas amizades. Phoebe e Michael. Ela me deixa brincando com ele enquanto faz seus afazeres, já que não me permite ajudar. Nesse momento estou com ele na sala, enquanto ela termina de arrumar a bagunça do almoço.

Eu o ninava em meus braços. Com o dedinho na boca ele pegou no sono profundamente. Um anjinho. Notei Phoebe se aproximando.

— Dormiu — falei enquanto passava ele para seus braços.

— Você tem sonífero nesses braços, mulher?! — disse em tom de brincadeira — você mal pode pegá-lo antes dele dormir.

— Disse que adoro crianças e elas me adoram — dei de ombros.

— Vou começar a chamar você para fazê-lo dormir todas as noites — disse rindo.

— Estou a postos, capitã — bati continência em sinal de brincadeira.

Ela riu.

— Você não tem jeito — balançou a cabeça rindo — Bom, vou levá-lo para o berço. Já terminei tudo por aqui. Precisa de algo? — perguntou solícita.

— Não, obrigada. Vai cuidar do seu pequeno. Mais tarde nos falamos — soltei um beijo para ela.

Ela soltou outro em minha direção e saiu. Sentei-me no sofá e peguei o controle da televisão. Passava, canal por canal, sem ter ideia do que estava procurando.

— Dedinho nervoso esse — disse Turner atrás de mim.

— De onde tu vieste assombração? — perguntei com a mão no peito.

Estava tão distraída que não notei sua presença.

— Estava com a cabeça aonde? Ah, já sei, não precisa responder.

Joguei uma almofada em sua direção.

— Cala essa boca, Turner — ameacei ir a sua direção.

— Ei, parem vocês dois — Tyler apareceu — não posso deixar os dois sozinhos que já se atacam. Achei que isso era entre você e Darius — provocou ele.

— Vai se ferrar — respondi emburrada.

Turner e Tyler colocaram na cabeça que as provocações entre mim e Darius não passavam de atração acumulada. Desde então, piadas como essas são frequentes em nossos encontros. Eu fico furiosa, mas no fundo me divirto.

Turner veio me cumprimentar e desviei de seu abraço.

— Calma, Sami. Estava só brincando — disse ele, lascando um beijo estalado na minha bochecha.

Jogou-se ao meu lado. Tyler me cumprimentou e fez o mesmo do outro lado.

Fiquei entre os dois.

Quem visse de fora ia imaginar que eu era uma sortuda por ter esses dois colados a mim. Mal sabem que aqui surgiu uma amizade tão sincera que não consigo enxergá-los como nada além de parceiros. Confio neles.

— Novidades?! — perguntei.

— Quentinha — disse Turner.

— Saindo do forno — completou Tyler.

— Não façam suspense. Contem logo!

Eles ficaram calados. Eles sabem como sou curiosa e fazem isso para provocar.

— Ah, qual é. Vamos lá, me falem. Por favorzinho — juntei minhas mãos em final de prece.

Ambos soltaram risos. Estreitei meus olhos mirando os dois de um lado a outro.

— Ok, ok. Não precisa fazer essa cara — disse Turner — a chefia liberou o ataque a uma das cargas de Valentim — soltou de vez.

Dei um pulo do sofá e me coloquei de pé.

— Não acredito!!! Quando? — perguntei.

— Hoje à noite!

Disse uma voz entrando na sala. Darius.

Olhei para ele com a melhor cara de gato de botas que eu consegui.

— Não. Nem pense — ele disse — você não vai.

— Não coloca suas garras de fora hoje, vai — disse indo em sua direção — eu não vou atrapalhar. Deixa-me ir. Por favor...

— Já perdeu o medo, garota? — perguntou me analisando.

— Muitos felinos têm garras. Até os gatinhos fofinhos — disse dando dois passos para trás.

Turner e Tyler explodiram em gargalhadas. Darius balançou a cabeça em negativa e não respondeu minha provocação.

— Esteja pronta às nove. Se atrasar você não vai e se atrapalhar, as minhas... — fez sinal de aspas com as mãos — garras, vão encontrar o seu pescoço.

Ele não sorriu. Isso não era brincadeira e eu sabia. Meneei a cabeça e fui o mais depressa em direção ao quarto para me arrumar.

Hoje começa a sua ruína Valentim, e eu farei parte dela.

Capítulo 12

SAMIRA

Estávamos indo em direção ao esconderijo de Valentim. No carro, eu e Darius no banco de trás, Turner na direção e Tyler ao seu lado.

— Quais as ordens, Dom?! — perguntei para Darius.

É a primeira vez que o chamo assim. Demonstra respeito e comprometimento com a missão. Ele claramente estranhou.

— A localização do alvo é em uma residência afastada da cidade rodeada de mata. Não sabemos a quantidade exata de pessoas que estão guardando a carga, por esse motivo, todo cuidado é pouco.

— São pessoas, não carga — respondi.

— Não somos os mocinhos, Samira. Não estamos indo lá pelas pessoas. Você deveria saber disso — ele disse.

Insensível!

— As ordens são estas: invadir e não morrer. Os guardas são irrelevantes, matem todos. Libertem a carga e voltamos para casa. Fim.

— O que vão fazer com elas? As pessoas...

— As que tiverem famílias, estarão livres para ir, as que não, terão a

oportunidade de trabalhar em alguns de nossos clubes ou casas... se é que me entende — respondeu Darius.

— Mas elas vão ter escolha, certo?

— Veremos — disse colocando um fim nesse assunto.

Em uma conversa antes disso, Turner disse não saber quais ou a quantidade de pessoas presas nessa casa. Falou para eu me preparar, pois posso ver de tudo. Meu único desejo é salvá-las independente de quem estivesse lá.

Isso é só o começo.

— Atenção — disse Tyler — estamos nos aproximando do local.

— Vamos parar o carro um pouco distante e seguir o percurso pela mata a pé. O lugar é silencioso, se nos aproximarmos de carro eles vão ouvir — falou Turner.

Entramos com o carro no matagal e o deixamos em uma área afastada da estrada, caso alguém passe não perceberá. Outros dois carros pararam logo em seguida com Bruce e Case no comando de duas equipes.

Verifiquei minhas armas. Um coldre na cintura com munição, outro na perna com uma pistola, e na outra com diversas facas. Em mãos uma pistola pronta para uso.

Seguimos silenciosamente um caminho guiado por Case. Não demorou muito para avistarmos a casa. De fora parecia abandonada, o lugar estava caindo aos pedaços. Foi decidido invadir pelos fundos e dois atiradores ficariam em lugares estratégicos do lado de fora caso alguém conseguisse escapar.

Avançamos.

Chegamos até a porta. Barulho de televisão se fez ouvir. Estavam distraídos. Perfeito. Um dos homens conferiu a fechadura da porta. Estava trancada. Eles iam arrombar. Eu impedi.

Darius veio em minha direção.

— Eu disse para não atrapalhar, não disse? — falou baixo, porém letal.

— O barulho vai deixá-los em alerta. Se entrarmos em silêncio, teremos mais chance de ninguém se machucar — disse eu.

— E como pretende abrir a porta sem fazer barulho?!

Coloquei minha arma na cintura e levei minhas mãos até a cabeça. Tirei dois grampos que coloquei para deixar o cabelo no lugar. Apontei os grampos para ele e fui em direção à porta. Escutei ele bufar.

Eu só precisava de um minuto. Entortei um dos grampos e o coloquei na fechadura, abri o outro e coloquei por cima. Agora é só descobrir a combinação. São cinco cliques. Concentrei-me. Um, dois, três, quatro... só falta um... cinco.

Consegui. Girei a maçaneta com cuidado para testar e a porta se abriu. Dei alguns passos para trás e dei espaço para outros passarem a frente. Peguei minha arma e com ela em mãos entramos.

O elemento surpresa deu a nós a vantagem. Os homens foram pegos desprevenidos e mal tiveram tempo para reagir. A troca de tiros ficou intensa. Protegi-me como pude, abaixada perto de uma pilastra que dividia um cômodo do outro. Era possível escutar os sons dos corpos caindo ao chão. Levantei-me e me preparei para atirar quando o vi. O homem que estava no galpão, o mesmo homem que bateu na minha mãe.

Eu quero ele para mim!!!

Coloquei a arma de lado e peguei uma faca. Rápida e eficazmente mirei e atirei na sua perna; ele caiu. Um após o outro, caiu junto dele. Todos mortos. Agora, todos eram cadáveres. Case se aproximou do meu alvo e viu que ele ainda estava vivo, mirou em sua cabeça.

— Case!!! Não! — gritei em sua direção — Ele é meu!

Case manteve o homem na mira e olhou para alguém atrás de mim.

— Quem é ele, Samira? — perguntou Darius.

— Ele estava no galpão. O homem que estava batendo na minha mãe. É ele — apertei minha mão em punho — quero ele para mim, Darius! Não me prive disso!

— Leve-o para o salão de extermínio — ordenou Darius.

Case abaixou a arma e deu um chute com força no rosto do desgraçado, o fazendo desmaiar.

Darius colocou uma das mãos em meu ombro e disse:

— Ele é todo seu!

— Obrigada — agradei.

Olhei de um lado para o outro. Cadê as pessoas?! Fui de porta em porta com os outros procurando por algum sinal de vida e foi na última porta que eu encontrei. Quando abri e meus olhos focaram nas pessoas que ali estavam; tive que respirar fundo e me concentrar para não voltar atrás e atirar naqueles que jaziam mortos no chão.

Na minha frente algumas mulheres, todas grávidas em estágio avançado e com elas várias crianças. Crianças de todas as idades. Sujas, com frio e sem comida. Encolhidas em um canto do quarto chorando com medo.

Deus tenha misericórdia de Valentim e seus homens quando eu colocar as mãos neles.

— Calma — disse baixinho — está tudo bem agora. Acabou.

Tyler e Turner apareceram ao meu lado.

— Deus!!!

Foi o que ouvi. Ao que parece nem eles são imunes a mulheres grávidas e crianças inocentes.

Fiz menção de ir até eles, mas me seguraram.

— Vem — disse Turner guiando-me para fora — temos que sair daqui o quanto antes. Deixa que os outros vão cuidar disso.

— Cuidar como, Turner? — perguntei alerta.

— Fica tranquila. Mulheres grávidas e crianças são um limite rígido para nós — respondeu.

Respirei aliviada. Enfim eles teriam paz.

Do lado de fora da casa um carro já nos aguardava. Na frente dele Darius e Tyler conversavam.

— Darius — o chamei.

Quando cheguei mais perto perguntei:

— O objetivo foi completado com sucesso?

— Sim, tudo certo. Apesar de não sermos acostumados a fazer tal serviço, foi finalizado conforme o planejado — respondeu.

Bruce parou ao meu lado nesse momento e falou:

— Ei, você agiu muito bem hoje. Valeu pela ajuda. Até que ter uma mulher nessas situações não é tão ruim.

— Não foi nada. Bom poder ajudar.

Ele deu um meio sorriso antes de se afastar e se juntar aos outros homens. Darius observou nossa interação.

— Ele tem razão. Você fez bem ao evitar o barulho e chamar a atenção dos inimigos. O elemento surpresa foi essencial para obtermos sucesso no trabalho. Parabéns — completou Darius.

Não vou negar que fiquei surpresa com as suas palavras. Eu fiquei. Espero poder ajudar muito mais.

Resolvi quebrar um pouco o clima tenso.

— Fala a verdade, vai. Você estava doido para colocar essas garras em mim se eu fizesse alguma besteira — disse piscando para ele — desculpe decepcionar, chefe — completei rindo antes de entrar no carro.

Escutei Turner dizer “você tá ferrado, cara” e Tyler completou “muito ferrado”.

Não demorou muito para juntarem-se a mim. Turner tomou seu lugar no volante e colocou o carro em movimento.

— Não se esqueça de que eu sou o chefe — Darius falou assim que saímos — eu coloco minhas mãos em você quando eu quiser.

Olhei para ele.

— Isso foi uma ameaça, fera? — perguntei estreitando meus olhos.

— Jamais. Foi só um aviso — deu um meio sorriso e encerrou o assunto.

Darius com senso de humor é novo para mim. Medo.

— Então... o cara que mandou levar para o tal salão de extermínio. Quando vamos para lá?

— Assim que ele estiver pronto para você, serei avisado — respondeu Darius.

— Ok.

No caminho para casa trocamos algumas palavras, mas passei a maior parte do tempo com os pensamentos em outro lugar. O desejo de ter aquele que fez minha mãe gritar de dor e sentir cada soco que lhe deu. A vontade de fazer o mesmo fervilhava. Não esqueci o seu nome. Luka, foi assim que Valetim o chamou.

Ele não perde por esperar. Salão de extermínio. Nunca um nome foi tão

bem representado. As ideias mais mirabolantes passavam por minha cabeça.
Nosso encontro promete grandes emoções.

Nesse momento eu só queria ver a cara de Valentim recebendo a notícia do desfalque nos negócios. Será que ele vai ficar bravo? Talvez fique irado. E eu só queria assistir essa reação de camarote. O começo do fim já teve sua largada. Aguarde que o seu dia no salão de extermínio também vai chegar e eu vou estar lá assistindo os seus últimos suspiros.

Capítulo 13

SAMIRA

Era madrugada quando levantei e desci para buscar um copo d'água. Estava com sede e não conseguia dormir de jeito nenhum. Rolei de um lado para outro e nada de pegar no sono. Assim que chegamos, os meninos tomaram um banho e saíram. Não fizeram nenhuma questão de me chamar. Para que né!? Talvez eu só atrapalhasse na diversão da noite.

Terminei de tomar minha água e lavei o copo. Pensei em algo que pudesse me cansar. Sempre que a insônia atacava, eu ia nadar na piscina de casa. Isso fazia meu corpo e mente relaxar e conseguia ter uma noite tranquila de sono. É isso. Eu ainda não tinha utilizado a piscina daqui, então vou aproveitar para estreá-la.

Fui ao quarto me trocar, afinal nunca se sabe quem pode aparecer. Lembro-me de ter visto um ou dois modelos de biquínis nas coisas que Phoebe me trouxe. Procurei e achei um biquíni de lacinho preto. Era minha cor favorita. Peguei uma toalha no armário do banheiro e desci. Deixei a porta lateral aberta e olhei ao redor, o lugar estava bem iluminado e completamente vazio. Coloquei a toalha em cima da mesa mais próxima e fui em direção à água. Fiz o teste antes de entrar com as pontas do pé. A piscina deve ser aquecida. Preparei-me e pulei. A água quentinha me saudou graciosamente.

Dei braçadas e alguns mergulhos. Aproveitei aquele momento para relaxar. Nadar sempre foi uma terapia. Estava flutuando de olhos fechados quase na beirada da piscina quando percebi uma sombra cobrir a luz. Não estava mais sozinha. Abri meus olhos e vi Turner e Tyler, os dois de pé me olhando de

braços cruzados. Darius apareceu logo em seguida. Os três bem arrumados e de terno. A festa era chique e pela cara deles a noite não terminou muito bem.

— O que a senhorita pensa que está fazendo aqui? — perguntou Tyler.

— Nadando? — respondi.

Ele não aguentou e deu uma risada.

— Estava sem sono — disse me explicando — vocês saem para essas festas e eu fico aqui trancada. Isso é chato, sabia!?

— Da próxima vez você vai com a gente — foi Turner quem disse — não é Darius?!

— Se ela se comportar — deu de ombros.

— Eu sou uma boa garota, fera. Você que não gosta muito de mim — disse piscando os olhos para ele exageradamente.

— Talvez o problema não seja este — respondeu sério.

Questionei-me sobre qual seria o real motivo então. Darius e eu temos nossas diferenças e nos alfinetamos de vez em quando. Não é proposital, não de minha parte pelo menos. Eu só não me controlo às vezes e acabo sendo um pouco irônica. Não posso negar que algo nele me incomoda; ao mesmo tempo em que atrai. Sua pose altiva funciona como um ímã.

Eles continuavam me olhando de fora da piscina. Resolvi chamá-los para aproveitar essa água que estava muito convidativa.

— Pela cara de vocês a noite não foi tão boa, não é mesmo? Porque não aproveitam para relaxar um pouco... a água está maravilhosa.

Tyler e Turner se entreolharam em uma comunicação silenciosa e quando achei que iam negar, eles começaram a tirar a roupa ali mesmo. Olhei meio que em choque, mas logo diversão tomou o lugar. Os dois foram se despiando e jogando tudo pelo chão e quando só a cueca sobrou eles correram e se jogaram quase em cima de mim.

Palhaços.

Esperei eles aparecerem e nada. Foi quando eu senti mãos segurando as minhas pernas que começaram a se erguer.

— Me soltem!!!

Foi a única palavra que consegui dizer antes deles me arremessarem. Caí praticamente de cara engolindo água no processo.

Quando voltei para superfície buscando ar olhei com a cara mais mortal que consegui fazer para eles e em troca só recebi gargalhadas. Engraçadinhos. Joguei água com as mãos em direção a eles.

— Muito engraçado. Isso vai ter volta — eu disse.

— É? E o que você vai fazer? — provocou Tyler.

— Vai afogar a gente com esse pequeno tamanho?! — completou Turner.

— Vou mostrar para vocês o que esse pequeno tamanho é capaz — falei irritada, indo para cima deles.

Agarrei Turner pelo pescoço e enlacei sua cintura com minhas pernas. Fiz pressão para baixo fazendo com que se desequilibrasse. De tanto rir ele acabou cedendo, mas Tyler veio ao seu socorro e me tirou de cima dele com um puxão pela cintura. Debatia-me em seus braços.

— Ogrooo. Me larga, Tyler!!!

— Não sabia que tinha crianças em casa.

A voz de Darius se sobressaltou. Ele se sentou em uma das cadeiras perto da mesinha.

— Ei cara — falou Turner — por que não aproveita e entra também?!

Ele não respondeu, só nos observou por algum tempo antes de começar a

tirar sua roupa. Eu até tentei disfarçar e não sei se tive sucesso, mas segui cada movimento que ele deu para se despir. Ele já tinha tirado seu terno e depositado na mesa ao lado. Ficou em pé e começou a desabotoar a camisa.

Essa visão era demais para mim. Voltei minha atenção para os meninos. Estávamos jogando conversa fora quando Darius mergulhou e apareceu do outro lado.

Seguimos nossa noite. Conversamos sobre diversos assuntos e eles me contaram um pouco mais sobre a vida na máfia. Sobre os negócios. Não com detalhes, mas o suficiente para saber o básico. O assunto ainda era um pouco delicado para mim. Tudo recente demais. Muita coisa nova para me orientar e aprender.

E para falar a verdade eu tinha muito que agradecer a essas pessoas que estavam aqui comigo nesse momento. Eles salvaram não só a mim, mas ao meu pai também e se não fosse por Valentim, minha mãe também estaria viva.

Apesar disso, eu me sentia perdida e desorientada. Tentava parecer forte, mas no fundo estava quebrada, dilacerada. A perda de mamãe foi um golpe muito forte e a única coisa que me mantém em pé é saber que meu pai está bem e vai se recuperar. Ele precisa de mim e eu preciso dele. Preciso mais do que nunca. Eu só quero poder abraçá-lo e que ele me diga que ficará tudo bem.

Eu repito isso todos os dias.

Ficará tudo bem.

DARIUS

Essa noite saiu totalmente fora dos trilhos. Saímos para ir a uma das minhas boates a fim de fiscalizar o andamento e quem sabe nos divertirmos no final.

Não foi isso que aconteceu.

Houve uma briga feia no bar. Dois grupos de amigos decidiram resolver seus problemas, após alguns copos de álcool para dentro do organismo. A coragem aflorou e pronto, problema iniciado. Os seguranças foram tentar

interferir e um dos homens conseguiu pegar sua arma e disparou contra os oponentes; errou. A correria começou e todos foram para fora, atropelando uns aos outros. Sem paciência, mandei os gêmeos acabarem com aquela palhaçada. Depois de tomar ciência de que ninguém da boate se machucou, uma surra bem dada foi o bastante para o primeiro aviso.

Noite encerrada.

Fomos para casa e íamos para o escritório beber alguma coisa e falar sobre problemas, quando escutamos o barulho da água na piscina.

Samira.

Estava retirando minha roupa após o convite de entrar também e fiz o máximo para não demonstrar que tinha notado. Mas eu vi seu olhar atento a cada movimento meu. Será que ela sentia esse desejo tanto quanto eu?!

Depois de muita conversa decidimos sair da piscina. Samira foi a primeira a sair e porra, que visão. Deveria ser crime andar com um pedaço de pano daquele tamanho por ali. O corpo delineado, com tudo no seu devido lugar. Imaginei-me passando as mãos por ele neste momento.

Merda.

Os gêmeos perguntaram se eu não ia sair. Só respondi que não. A verdade era que eu necessitava ficar um pouco mais de tempo dentro da água para que não fosse visível aos olhos dos outros meu estado atual.

Samira, Samira... Esse seu gênio forte e língua afiada e agora essa visão privilegiada de todo seu corpo não está ajudando a manter meus pensamentos longe de você.

Se ela for esperta, vai se manter afastada. Mas se não quiser, a fera vai adorar domar a bela.

Capítulo 14

SAMIRA

Não via ninguém desde a madrugada. Ficamos na piscina por mais algum tempo antes dos gêmeos dizerem que iam sair para descansar. Aproveitei a deixa para me retirar primeiro, pois não queria ficar sozinha com a fera. Fui para meu quarto e depois de rolar na cama por diversas vezes; dormi.

Já era fim de tarde e resolvi descer para encontrá-los. Passei pelo corredor e fui em direção ao escritório. Parei em frente à porta e pensei.

Bater ou entrar?

Entrar sem me anunciar era mais para deixar o Darius irritado, mas agora tenho a consciência de que ele trata de assuntos importantes e em algum momento eu posso atrapalhar ou interromper algo. Não gostaria que fizessem isso comigo.

Dei duas batidas na porta e aguardei. A voz de Darius soou forte.

— Pode entrar!

Abri a porta e entrei. Avistei Darius em sua posição habitual concentrado no notebook a sua frente. Ele desviou os olhos para ver quem havia entrado e me viu. Parou suas tarefas e se recostou em sua cadeira.

— Oi — eu disse cautelosa, aproximando-me de uma das poltronas.

— Aprendeu a bater na porta? — perguntou irônico.

— Aprendi — disse dando um sorriso sem graça.

Ele sustentou meu olhar, antes de dizer:

— Senta — apontou para uma das poltronas — Precisa de alguma coisa?

— Não. Eu só vim saber se tem alguma novidade sobre meu pai e o Valentim...

— Path está se recuperando bem e muito em breve poderá visitá-lo ou vice-versa... — ergueu um dedo antes que eu falasse — eu disse em breve, isso não quer dizer que seja amanhã, ok?!

Eu teria toda paciência do mundo, contanto que pudesse vê-lo novamente. Passei minhas mãos por cima da calça que estava usando para enxugar o suor. Por que eu estava nervosa?

— Ah — chamei sua atenção — e Valentim, alguma novidade? — perguntei.

— Nenhuma movimentação estranha foi detectada. Isso é até fora do comum se tratando dele. Sei que ele não recebeu muito bem a notícia da perda de uma das cargas — respondeu.

— Você acha que ele está planejando algo?

— Provável. Isso não é problema, estamos preparados para qualquer eventualidade — completou.

Espero que estejam realmente preparados. Valentim já me mostrou um pouco do que é capaz. Depois de ver a crueldade com aquelas mulheres e crianças, acredito que sua maldade vá muito além do que provei.

— E as mulheres e crianças que libertamos ontem, Darius. O que aconteceu com elas?

Um dos motivos de minha insônia foi não saber o futuro daquelas mulheres e crianças. Crianças pequenas e indefesas. A crueldade do mundo é

fria. Até onde o ser humano é capaz de ir para seu benefício próprio?!

— Em segurança. Tenho um contato de confiança na polícia. Entreguei o local e deixei que fizessem o restante do trabalho. Os que têm para onde voltar, voltarão; os outros provavelmente vão para abrigos.

— O que te fez mudar de ideia?

— Crianças e mulheres grávidas é um limite para nós, Samira. Odiamos aqueles que lhe fazem mal.

Isso é uma ótima notícia. Saber que todos estão em segurança tirou um peso de cima das minhas costas. Alívio é o que sinto.

Conviver com a máfia e seguir as suas regras não será uma tarefa fácil. Eu preciso me adaptar e saber controlar minhas emoções para que em nenhum momento isso atrapalhe minhas ações em combate.

Ficamos em silêncio. Darius me observando e eu sustentando seu olhar. Pude sentir a energia da atmosfera da sala mudar. Estava ficando quente; muito quente. Minhas mãos suavam. De repente uma vontade de sair correndo dali me assombrou. O que diabos estava acontecendo com a gente!? Eu me preparei para levantar e pedir licença para me retirar quando a porta se abriu.

Graças a Deus.

Case entrou na sala e nos cumprimentou. Parou em pé ao meu lado. Fiz menção de levantar quando Darius me impediu.

— Pode ficar — disse — o assunto te diz respeito — levantou seu olhar para Case — tudo pronto?!

— Sim, chefe — Case respondeu.

— Prepare o carro. Vamos sair em alguns minutos.

Case pediu licença e se retirou para cumprir suas ordens.

Olhei interrogativa para Darius.

— Meu interesse?! — perguntei.

— Sim. O seu prisioneiro aguarda. Esteja pronta em vinte minutos, vamos para o salão de extermínio.

Adrenalina passou pelas minhas terminações nervosas.

Luka, sua hora chegou!

Nossa parada foi em um lugar que mais parecia um campo de treinamento a céu aberto. À medida que avançávamos era possível avistar a quantidade de pessoas treinando, mesmo nesse fim de tarde. Uns lutavam corpo a corpo, outros com bastões e alguns praticavam tiro ao alvo. Observei tudo com atenção, tentando me ambientar.

Darius ia à frente. Turner, Tyler e eu, logo atrás. Aqueles que percebiam a presença de Darius paravam suas atividades para cumprimentá-lo, em sinal de respeito. Era palpável a admiração. A imponência do chefe, o Dom da máfia.

Segui seus passos até uma grande casa. Não pude reparar muito nos detalhes, o lugar estava movimentado e Darius não pretendia fazer apresentações ao que parece.

Chegamos a frente de portas duplas. Ele parou com a mão na maçaneta e perguntou, virando-se a mim:

— Você está pronta?

— Mais do que nunca — respondi.

Estava ansiosa por esse encontro. Definitivamente eu estava.

Darius abriu a porta e me deu passagem. O salão era enorme e todo branco. Mesas eram distribuídas pelo local com alguns equipamentos. Na lateral era possível ver duas pessoas penduradas por correntes, mas nenhum deles era o Luka. Percorri meu olhar procurando meu alvo, e lá mais ao fundo, eu encontrei.

Ao contrário dos outros, ele estava sentado amarrado em uma cadeira. Preparei-me para ir a sua direção, mas antes perguntei:

— Quem são eles? — disse apontando para os homens pendurados.

— Com Path fora de circulação estamos resolvendo a maioria dos casos com as próprias mãos — disse Turner.

— Esses são casos especiais — disse Tyler.

— Especiais? Por quê? — perguntei.

— São estupradores de menores — foi Darius quem respondeu.

Eu olhei para eles sem nenhuma emoção aparente.

— O que vão fazer com eles? — perguntei por curiosidade.

— Matá-los — Darius deu um sorriso sinistro — mas não sem antes de arrancar alguns pedaços e fazê-los gritar para que terminemos logo o serviço.

Não tenho dúvidas que seria um fim muito doloroso e cruel mais do que merecido.

Foquei minha atenção logo à frente. Caminhei a passos firmes em direção a minha presa. Bem perto dele uma mesa com algumas ferramentas.

— O que pretende fazer? — perguntou Darius me analisado.

Talvez ele não me ache capaz de fazer algo bárbaro. Até alguns dias atrás eu também não imaginaria que um dia o faria. Mas eu vi minha mãe apanhar, levar choque e por fim morrer. Eu simplesmente desliguei minhas emoções e prometi que os culpados pagariam e vão pagar! Luka participou disso e vai sofrer as consequências.

— Quero que ele sofra e que sinta a mesma dor que infringiu a minha mãe — respondi.

— Você acha que consegue?

— Pode acreditar que sim — respondi mirando o seu rosto — eu o vi batendo na minha mãe e muito menos hesitou com a arma de choque. Vi minha mãe se contorcer de dor na minha frente, sem poder fazer absolutamente nada. Vou garantir que ele não faça isso com mais ninguém!!!

— Então faça bom proveito.

Fiz um meneio com a cabeça pedindo licença de forma silenciosa e me virei. Cheguei perto da mesa e analisei o que tinha a minha disposição. Algumas facas, acoites, soco inglês e alguns instrumentos que não fazia ideia para o que servia, além de frascos com conteúdos variados. Duas hastes de metal com uma das extremidades pontiaguda me chamou atenção. Eu usaria. Com certeza eu usaria.

— Darius — o chamei — por acaso você teria algum carregador de baterias, aquele de carros? — perguntei.

— Posso providenciar — respondeu.

Logo Darius pediu a um de seus homens para pegar o que havia solicitado. Ele e os meninos ficaram a alguns passos de distância só observando meus movimentos.

Qual seria meu próximo passo? Eu deveria continuar com isso?

Nesse momento a imagem do rosto de mamãe veio em minha mente. Ela sorria. Vivia com um semblante que exalava paz e tranquilidade. Era a responsável pela minha felicidade e dona de todos os meus sorrisos. O homem à minha frente contribuiu para que seu brilho fosse apagado.

A resposta para as minhas indecisões agora estavam claras. Daria o próximo passo.

Peguei o soco inglês e encaixei na minha mão. Fui à sua direção. Ele estava preso em uma cadeira, chumbada ao chão. Mesmo assim me olhava de forma superior e um sorriso zombeteiro estampado no rosto.

Eu iria desmanchar esse sorriso!

— Ei gatinha. Veio fazer parte da festa? — ele perguntou.

— Ah, com certeza. Você não acha que vai ser divertido?!

— Depende. O que vai oferecer para meu entretenimento?

— Você já vai descobrir — respondi.

Capítulo 15

SAMIRA

Eu olhei uma última vez para o seu rosto com aquele sorriso ridículo. Eu iria mostrar para ele a diversão que o aguardava e provar que por ser mulher não sou inferior. Todo treinamento pelo qual passei serviria para alguma coisa agora. Meus pais me prepararam para defender-me caso fosse necessário e hoje eu defenderei a memória da minha mãe.

Eu dei o meu melhor sorriso e foi então que a sua máscara vacilou. O primeiro soco acertou direto a sua boca. Seu sorriso foi desfeito.

Perdi as contas de quantas vezes o acertei. Minha mão estava dolorida e os nós dos dedos machucados pelo impacto do soco inglês com a sua carne. O rosto de Luka estava completamente machucado e coberto de sangue, mas eu não estava satisfeita.

Fui até a mesa e tirei o objeto de minha mão. Olhei para os meninos e perguntei:

— Alguém pode me ajudar a pendurá-lo?!

Vi hesitação em seus olhares, mas logo Turner se afastou e voltou com algumas correntes. Ele e Tyler foram em direção à cadeira e soltaram as amarras que o prendiam. Luka teve seus pulsos amarrados pelas correntes e foi arrastado até um gancho que o sustentaria. Estava exatamente como eu queria.

Luka ainda vestia a mesma roupa do dia da invasão. Estava com roupas demais. Fui até a mesa e peguei uma faca. Segui em sua direção e parei em sua

frente.

— Você não tem vergonha de passar tantos dias com a mesma roupa? — perguntei passando a ponta da faca pela extensão do seu rosto.

Ele tentou desviar e nada disse.

— Não é educado deixar de responder uma pergunta, sabia?

— Vai se ferrar — cuspiu sangue em minha direção.

Eu sorri.

Peguei na parte inferior da sua camiseta e com a outra mão na parte de cima deslizei a faca para cortar o tecido. No caminho acabei esbarrando na sua pele fazendo um corte de uma ponta a outra. Fiz o mesmo processo na parte de trás.

Ele somente soltou grunhidos. Estava tentando ser forte, mas eu queria saber que ele estava sentindo a mesma dor que minha mãe sentiu. A mesma dor que eu senti ao vê-la daquele jeito. Fui quebrada e agora eu o quebraria.

Voltei até a mesa, deixei a faca e peguei o açoite. Esse era diferente. Três tiras, cada uma com pequenos detalhes pontiagudos nas pontas. Isso vai servir. Fui para suas costas e me preparei.

Um, dois, três, quatro, cinco....

Ele não gritou.

Seis, sete, oito...

Ele começou a soltar os primeiros gritos, porém baixos.

Nove, dez, onze, doze... e parei.

Olhei para suas costas em completa carne viva. Sangue escorria e desabava no chão.

Peguei um dos frascos com um líquido e li seu rótulo. Ácido sulfúrico. Perfeito. Procurei na mesa alguma luva para usar e achei. Depois de colocar destampeei o frasco e fui em direção as suas feridas. Coloquei o frasco bem rente a sua pele e derramei aos poucos sobre os machucados.

Luka berrava de dor. E quanto mais ele gritava, mais eu jogava o ácido em suas costas, sob sua pele totalmente ferida.

Um homem voltou com o carregador que pedi. Esses carregadores são funcionais e eficientes e, ao contrário da forma convencional que se usa, não é necessário outro veículo, precisa somente plugar a uma fonte de energia. Se não manuseado corretamente, um choque pode causar grandes danos ao corpo humano.

Pedi para que o ligassem.

Quando estava indo em direção à mesa, a fim de me livrar das luvas e pegar um objeto que utilizaria, Luka gritou:

— Acabe logo com isso!!!

— Está com pressa, Luka?

Fui até a mesa e peguei uma das hastes pontiagudas. Voltei para perto dele.

— Você teve pressa com a minha mãe?

Ele cuspiu uma bola de sangue antes de me responder da forma que conseguiu:

— Nenhuma. Eu adorava ouvir os gritos dela.

Essa resposta elevou o meu ódio. Parecia escutar os gritos de mamãe em meus ouvidos. A cena que presenciei no galpão veio nítida em minha cabeça, as imagens de Luka batendo nela sem parar.

— Não foi uma boa resposta.

Assim que falei isso inseri a haste na lateral esquerda de sua barriga. Ele soltou um grito de dor. Canção para meus ouvidos.

Fui até a mesa e peguei a outra haste.

— Você sabia que fui eu que deixei o seu pai daquele jeito? — perguntou Luka quase sem voz — ele aguentou firme. Quase não gritou... Eu disse quase.

Uma explosão de raiva veio queimando meu peito. Segurava a haste na mão com tanta força que achei que a quebraria ao meio.

— Não se preocupe, Luka. Você vai gritar bem mais do que meus pais!!!

Inseri a outra haste na lateral direita, mas dessa vez bem devagar, cavando a sua carne.

— Grita — eu disse empurrando a haste cada vez mais fundo.

Com as duas hastes inseridas em sua barriga, só com um pedaço para fora, fui até a mesa e a empurrei mais perto do seu corpo. Liguei o botão da bateria. Peguei os plugs, um vermelho e o outro preto.

— Eu mandei... — coloquei um plug na haste da esquerda — você gritar — coloquei o outro plug na direita.

Todo seu corpo começou a se contorcer. Corrente elétrica passava por ele. Luka urrava de dor e se debatia contra as correntes.

Só observei.

Vi o momento em que ele desmaiou. Fui até a mesa para desligar a bateria.

Seu corpo agora estava inerte.

Parei em sua frente e dei batidas nada suaves em seu rosto.

— Acorda machão!

Fui até à mesa, liguei e desliguei a bateria para impulsionar um pequeno choque. Seu corpo balançou e acordou desorientado.

— Não está gostando!? Não é bom!? Você não gosta de infligir dor aos outros!? — gritava com ele.

— Me mata — ele disse baixo, muito baixo — me mata, por favor.

— Por quê? Não está gostando do entretenimento?! — perguntei.

Não seria tão fácil assim.

Fui até a mesa pegar o açoite para repetir todo o processo. No quarto desmaio já sentia o peso de minhas ações.

Era chegada a hora de parar.

Peguei a arma que estava em minha cintura.

Destravei.

Apontei para meu alvo, mas hesitei. Minhas mãos tremiam e a abaixei novamente.

O que vou me tornar quando acabar com sua vida?

Senti uma mão em meus ombros, era Tyler.

— Deixa que eu termino para você.

— Eu preciso fazer isso!

— Não, você não precisa!

Ele estava preocupado. Era evidente.

— Ela tem que lidar com a situação, Tyler. É assim que as coisas funcionam. Se quiser seguir adiante ela tem que passar por isso. Coisas semelhantes vêm a seguir — disse Darius.

— Darius tem razão. Eu pedi para fazer isso e agora vou terminar.

Mirei meu alvo e com um único tiro acabei com a vida daquele que ajudou a fazer mal a minha família.

Uma parte da vingança foi concluída.

Comecei a escutar além dos meus pensamentos; murmúrios. Olhei para frente e vi uma pequena multidão que até então passou batida por mim. Estava tão concentrada em fazê-lo pagar que não notei toda essa gente me olhando. Parece que virei o centro das atenções. Maravilha!

— Ei — me chamou Tyler — você está bem?

— Eu vou ficar, não se preocupe.

Darius deu a ordem para se desfazerem do corpo. Caminhamos em meio aos curiosos que olhavam para mim como se eu fosse de outro mundo. Será que mulheres não fazem isso por aqui!?

— Darius — cochichei — por que essas pessoas me olham tanto?!

— Falta de costume — respondeu — mulheres também trabalham conosco, mas não aqui, não no salão de extermínio.

— Algum problema quanto a mulheres fazendo isso?

— Nenhum. Só não é comum, por isso toda essa curiosidade.

Faz sentido.

Chegamos ao lado de fora e a atividade ainda era intensa mesmo com a noite em seu esplendor. Gravei a imagem daquele lugar em minha mente. Algo me dizia que não seria minha última vez ali.

Eu voltaria muito em breve.

Já no carro, seguimos em silêncio. Darius atendeu a uma chamada em

seu celular e logo desligou.

— Valentim atacou — ele disse.

Vi quando Turner e Tyler trocaram olhares. O carro acelerou.

— O que ele fez? — perguntei.

— Atacou uma de nossas cargas de drogas. Tentaram interceptar, mas não conseguiram. Um dos carros de apoio foi destruído e os ocupantes mortos — Darius respondeu.

— Vamos concordar que o silêncio dele ao nosso ataque estava estranho demais — comentou Turner.

— É assim que funciona? — olhei de um para outro — vocês atacam e ele contra-ataca?!

— Basicamente isso — respondeu Darius — mas eles nem sempre obtém sucesso.

— Eles mataram pessoas!!! Pessoas que trabalhavam para você!

— Você matou uma pessoa que trabalhava para ele — disse olhando nos meus olhos.

Sim, eu matei. Não me sinto feliz com isso, muito menos realizada. É como se uma sujeira tivesse impregnado em mim e não sáísse por mais que eu tentasse limpar.

— Ei, Samira — chamou minha atenção — pessoas morrem todos os dias. Chega um momento da vida em que no nosso mundo é matar ou morrer — completou.

Eu tenho que me preparar para as eventualidades no futuro. O treinamento foi pesado, mas a minha mente é boa e ingênua demais. Tenho que deixar de lado a bondade e a crença nos seres humanos se quiser seguir adiante e viver nessa nova vida, nesse novo mundo.

Capítulo 16

SAMIRA

Alguns dias depois

Meus braços doíam. Estava há horas batendo no saco de pancadas incessantemente. Suor escorria pelo meu corpo devido ao esforço físico. O esgotamento era mental, mas cansar o meu corpo me dava um novo foco. Eu necessitava silenciar meus pensamentos.

Essa virou a minha rotina.

Eu acordava, me alimentava e vinha para cá. Treinar tornou-se um remédio para que, no final do dia, o esforço exercido fosse maior que os pesadelos que me assombravam e assim, talvez, eu conseguisse dormir em paz.

Toda vez que fechava meus olhos para dormir, era vítima de pesadelos tenebrosos. Sonhava com Luka e com tudo que lhe fiz.

Naquele momento eu era pura adrenalina, mas o que sobrou depois?! Nada. Eu o matei. Pela primeira vez eu matei alguém. Pelos motivos que julguei certos, eu o fiz. A culpa me corroía. Não por ele, mas pelo ato em si.

Quanto vale uma vida?

Perdida em pensamentos não notei Darius se aproximando. Foi só quando ele segurou o saco de pancadas, que eu prestei atenção.

— Você, distraída? Quer conversar?! — perguntou.

Dei mais um soco no saco de pancadas e parei para encará-lo.

— Só estava concentrada. Não, obrigada!

Não gostava quando ele me avaliava daquele jeito. Darius tentava me decifrar com um único olhar. Poderia arriscar que talvez ele conseguisse chegar a uma conclusão.

— Você não está nos seus melhores dias, isso é evidente. O que te incomoda tanto?

— Não quero falar sobre isso!

— Eu não sou o tipo de cara que insiste em algo, garota. Você não está bem e eu quero ajudá-la. Ou fala de uma vez ou afunde um pouco mais — despejou em mim — a decisão é sua!

O problema estava exatamente em falar. Minha infância foi solitária (por opção própria de me afastar), não conversava com muita gente e depois veio meus pais. Eu só conversava com os dois, eu só me abria com eles. Ter pessoas diferentes na minha vida era algo novo para mim. Difícil confiar. Como vou mostrar minhas vulnerabilidades a alguém que mal conheço?

Uma coisa é partilhar sobre meus pais ou algo que possa ajudá-los. Outra é falar sobre os meus problemas e sentimentos.

No fim, eu preciso dar créditos a ele. Darius me tem como sua responsabilidade. Como um novo membro da família. E como toda família unida, ele só está tentado manter todos bem.

Respirei fundo antes de dizer:

— Luka.

— Ele está morto.

— Esse é o problema — abaixei minha cabeça mirando o chão — eu o matei!

— Você teve motivo para isso.

— Tive.

— E qual o problema então?!

— Foi a primeira vez... — deixei a frase no ar.

Darius fez silêncio por alguns segundos antes de se aproximar e parar em minha frente.

— Ei — disse, levando a mão em meu queixo fazendo-me encará-lo — isso vai passar.

— Não vejo como — respondi.

— O começo é difícil, Samira. Devo arriscar que todos passam por isso quando o fazem pela primeira vez...

— Você passou?

— Eu era muito jovem quando matei pela primeira vez. Era como um teste final para me tornar apto e me julgarem capaz de seguir com o treinamento. Eu tinha o que... — pensou antes de completar — uns doze anos — deu de ombros.

Arregalei meus olhos. O espanto estava bem refletido em meu rosto.

Doze. Doze anos! Meu bom Deus!

— Sempre tive muitas responsabilidades. Nunca fui uma criança normal, eu não tive infância. Eu não brinquei, não tive amigos, eu não tive nada. Minha vida sempre foi treinar e me tornar o melhor. Com doze anos eu já sabia tudo o que era necessário fazer para avançar cada etapa e quando chegou a hora de fazer, eu fiz. Isso não quer dizer que tenha sido fácil. Não foi. Eu tive muitos pesadelos — falou.

— E como fez para isso parar?! — quis saber.

— Não fiz. Com o tempo você entende que não teve opção. Essa é a minha vida — apontou para si — e agora sua também — apontou para mim.

Esse tipo de coisa é mais fácil falar do que fazer.

— A melhor forma de passar por isso é se desligar. Não pense, não sinta, não se corra. Sempre que seus pensamentos forem para esse lado, tente lembrar dos motivos que te levaram até ali — aconselhou — e para conseguir sobreviver aqui Samira, é bom que se acostume.

— Vou fazer o possível para isso acontecer — respondi firme.

— Bom... — respondeu.

Darius passou as costas de sua mão pela lateral do meu rosto. Um gesto de carinho, de conforto. Fechei meus olhos sentindo o toque. Sensações que não deveriam manifestar-se, deram as caras. Abri os olhos a tempo de vê-lo olhando diretamente para meus lábios. Ele piscou algumas vezes, parecendo sair de um transe.

— Vem... — pegou na minha mão e começou a me puxar para a saída.

— Para onde?!

— Para casa. Faz dias que está aqui dentro e só sai para que? Para comer?! — parou no meio do caminho — Você ao menos está tomando banho?! — perguntou.

Acho que minha boca foi ao chão. O que ele estava insinuando com essa porcaria de pergunta?!

Dei um tapa no seu braço.

— Quer cheirar para testar? — ergui uma de minhas sobrancelhas em desafio.

— Não sou maluco!!!

— Vem cá. Desde quando você tem senso de humor?!

— Desde sempre, garota. Mas esses momentos são raros e para poucos.

— Além de tudo se acha — revirei meus olhos e passei à sua frente, seguindo o caminho de casa.

Escutei uma risada atrás de mim. Sim, ele riu. Eu gostaria de ter presenciado isso.

Nesse momento minha ficha caiu. Ele só estava fazendo isso para me fazer sentir melhor. Podia até ser coisa da minha cabeça, mas algo me dizia que essa mudança repentina era para me ajudar.

Droga!

Pode ir parando, coração.

Não acelere de jeito nenhum.

Passei igual a um furacão pela porta lateral em direção às escadas, mas vozes vindas da sala me fizeram parar. Aproximei-me aos poucos e vi Turner e Tyler, mais para frente identifiquei Joseph e Vicent. Não os via desde o meu primeiro dia aqui.

Tyler foi o primeiro a me ver.

— Olha quem apareceu — disse, atraindo todas as atenções para mim — resolveu sair da toca?!

— Vamos dizer que não tive muitas opções — disse apontando com o polegar para trás.

Darius surgiu ao meu lado.

— O cavaleiro das trevas foi te resgatar?! — perguntou Turner.

— Mais ou menos isso — respondi segurando o riso.

Aproximei-me do sofá para cumprimentá-los de longe.

— Boa noite — acenei para eles.

— Boa noite — responderam em uníssono.

— Que cara é essa, menina?! — perguntou Vicent.

— Cansaço. Só preciso de um banho e descanso — respondi.

— Estão te tratando bem por aqui?

— São todos muito hospitaleiros, senhor.

— Que bom! Fiquei sabendo que ajudou na invasão contra uma das cargas...

— Sim, eu pedi para ir.

— Entendo. Só tome cuidado se tiver uma próxima vez.

— Eu sempre tomo.

Ele deu um pequeno aceno com a cabeça.

— Darius — chamou Joseph — preciso conversar com você — olhou ao redor — em particular.

— Claro. Vamos até o escritório — respondeu Darius.

Joseph se levantou e seguiu em direção ao escritório, Darius foi logo em seguida. Eu não sei, mais tive a impressão que esse homem não gosta de mim. Eu nunca fiz nada, nem troquei ao menos uma palavra com ele. Vai entender.

Notei Tyler e Turner em uma troca de olhares e preferi não comentar.

Será algum novo problema com Valentim?! Em breve descobrirei.

— Se me dão licença — disse para eles — vou me retirar. Eu realmente

preciso de um bom descanso.

— Vai descansar, menina — disse Vicent.

— Qualquer coisa, estaremos por aqui — falou Turner.

— Não vão sair essa noite? — perguntei.

— A próxima você vai junto, lembra?!

— Mas vocês saíram de noite esses últimos dias — lembrei-os.

— Pode ter certeza que era tudo, menos diversão — respondeu Turner.

Ou seja, trabalho.

— Fico contente que sigam com a palavra de vocês. Estou realmente precisando de alguma distração.

Despedi-me deles e segui em direção ao quarto. Entrei e fui direto para o banho. A água morna foi um bálsamo para meu corpo. Fiquei muito tempo embaixo da água desejando que tudo de ruim fosse levado embora. Minhas pálpebras estavam se fechando, o cansaço era evidente. Dias e mais dias nessa rotina esgotaram todas as minhas energias. Saí do banho e mal me sequei. Coloquei uma calcinha de vovó e uma camiseta que ia até meus joelhos e me joguei na cama. Não sei ao certo em que momento adormeci, mas ao invés de pesadelos, eu sonhei com lindos pares de olhos azuis.

Capítulo 17

SAMIRA

O dia amanheceu agradável, muito propício para relaxar na beira da piscina. Aproveitei que Phoebe estava ocupada com seus afazeres e meio que sequestrei Michael para mim. Ele estava dentro de seu carrinho, brincando com alguns brinquedos que pendiam sobre ele e em sua boca um mordedor, todo babado. Eu fazia cócegas em seus pezinhos e ele os mexia.

— Você gosta mesmo de crianças, não é?! — perguntou Phoebe se aproximando.

Olhei para Michael e um sorriso brotou em meus lábios — Sim, eu amo. Mas, olha para ele — disse ainda o encarando — é meio impossível não amar uma coisinha dessas. Ele é lindo!

— Puxou ao pai...

Ela nunca chegou a comentar sobre o pai de Michael em nossas conversas e eu também não perguntei. Quis respeitar o seu tempo. Sabia que quando estivesse pronta para revelar algo sobre isso, ela o faria.

— Papai bonito você tem, hein — disse cheirando seus pezinhos. Ele soltou uns barulhinhos com a boca.

Menino lindo.

Phoebe ficou em silêncio e eu voltei minha atenção para ela. Parecia perdida em pensamentos.

— Tudo bem?! — perguntei.

— Sim, tudo... é só — abanou as mãos — deixa para lá.

Uma imagem se formou em minha mente. Phoebe morava com o filho atrás da casa principal. Além de ser uma das poucas mulheres que têm acesso a casa, também nunca a vi com nenhum homem. Será que o pai do Michael é...?!

Nesse momento tive quase certeza que fiquei vermelha. Mais vermelha que um pimentão.

Ela percebeu.

— O que foi?! — perguntou um pouco preocupada.

— Nada — limpei a garganta — só me passou uma coisa pela cabeça. O pai do Michael por acaso é o... — não terminei a frase, só apontei em direção a casa.

Ela seguiu meus movimentos e explodiu em uma gargalhada. Foi tão alta que até o bebê pulou de seu lugar.

Falei algo engraçado será?!

— Fazia tempos que não ria desse jeito — falou enxugando as lágrimas de tanto rir — como chegou a essa conclusão?!

Dei de ombros.

— Para a sua informação — fez uma pausa e chegou mais perto de mim como se fosse contar algo que ninguém pudesse ouvir — ele não é o pai do Michael...

De vermelha, devo ter ido para roxa. Roxa de vergonha.

— Relaxa. É normal achar isso devido às circunstâncias. Mas, não. O pai do Michael está fora a trabalho. O nome dele é Tobias.

— Meu pai também ficava fora por dias. Ele também é assim?!

— Dessa vez ele vai demorar um pouco mais — ela disse baixo.

— O que ele está fazendo? — perguntei curiosa.

Ela somente me olhou em silêncio. Entendi. Limite rígido.

— Você não pode falar muito sobre isso, certo?!

— Sim, não posso. Desculpa — ela disse.

— Imagina. Eu entendo. Muitas coisas devem permanecer da forma que estão. Vamos mudar de assunto.

— Talvez devêssemos conversar sobre o seu interesse no Dom?!

Arregalei meus olhos.

— Está maluca?! Que interesse?!

— Aquele de saber mais sobre ele...

— Eu não queria saber sobre ele. Queria saber sobre você...

— Aham... sei. Vou fingir que acredito — disse ela balançando a cabeça em sinal de diversão.

A mudança repentina de humor de Darius mexeu muito comigo. Depois da nossa pequena conversa, não trocamos mais que cumprimentos. Não sabia exatamente quem está evitando quem ou se a situação só era dada por conta da correria. Posso dizer que os conselhos que me deu sobre os pesadelos e em como lidar com isso ajudou bastante. Eles não pararam, mas também não me tiraram tanto o sono como antes.

Os últimos dias tem sido intensos. Mais duas cargas de Valentim foram interceptadas por nós. Eu ajudei em uma delas, na outra não me deixaram participar. Fiquei em casa, mais especificamente na sala, plantada, esperando eles voltarem. Naquele momento percebi o quão importante eles haviam se

tornado.

Lorenzo e Valentim com certeza estavam tramando algo para atacar e isso me deixava cada vez mais inquieta. Sem saber o próximo passo que dariam e se isso afetaria alguém ao meu redor. Sinceramente não sei se saberia lidar com mais alguma perda.

— Ei — disse Phoebe estalando os dedos em frente ao meu rosto —
acorda. Está perdida, olhando para o nada sem piscar. A situação já está assim!?

Evitei revirar meus olhos — que situação, Phoebe?!

— Aquela situação... um pouco alto, forte e tem olhos azuis e aquela
barba por fazer?! — disse para me provocar.

— Cala a boca, por favor.

— Ok. Mas só para sua informação, Darius nunca trouxe mulheres aqui.
Suas atividades — fez aspas com os dedos — são fora daqui.

— Não quero saber!!!

— Tem certeza?! Porque posso te dar as poucas informações que tenho.
Como por exemplo: ele está solteiro — disse balançando suas sobrancelhas.

Está vendo o que acontece quando pegamos intimidade com certas
pessoas!? Dá nisso.

— Só para, ok — pedi.

— Ok — respondeu tentando reprimir um sorriso.

Ficamos jogando conversa fora e brincando com o Michael depois disso.
Não demorou muito para ele dormir e Phoebe levá-lo para dentro de casa, para a
segurança de seu bercinho.

Era quase fim de tarde quando escutei a porta da frente se abrir. Estava

na cozinha terminando de lavar as louças que sujei ao fazer um lanche. O primeiro a aparecer foi Tyler, depois Turner. Esperei por Darius, mas não apareceu.

— Oi, Sami — disse Turner, aproximando-se do balcão.

— Oi.

— Ei, Sami — falou Tyler.

Soprei um beijo em sua direção.

— Preparada para hoje?! — perguntou Turner.

— O que temos para hoje?!

— Festa!!! — respondeu ele.

— Vão me tirar do cárcere privado?

— Você merece — respondeu Tyler.

— E para onde vamos?

— Uma festa particular em uma mansão de um conhecido nosso. Perfeita para você.

— Por que exatamente?

— A festa é privada, Sami. A segurança é mais rígida — disse Turner.

— Entendo. Darius não vai? — perguntei só por curiosidade mesmo. Não queria saber onde ele estava. Longe de mim, querer saber disso.

— Ele nos encontrará lá — falou Tyler.

— Bem, então vou subir e começar a me arrumar. Alguma sugestão de look?!

— Nos surpreenda — respondeu Turner.

— Pode deixar — respondi.

Fui a passos largos em direção ao quarto. Depois de semanas dentro dessa casa poderia me distrair um pouco. Estava animada demais.

Tomei um banho bem relaxante e sai de roupão do banheiro. Fiquei algum tempo para escolher o que usar. Por fim, resolvi colocar um vestido verde escuro tomara que caia, justinho na cintura e soltinho na saia. Combinei com saltos altos e uma maquiagem leve com mais destaque nos olhos. O cabelo estava todo ondulado. Passei um pouco de perfume e estava pronta. Olhei-me uma última vez no espelho.

Perfeito.

Desci as escadas com cautela. Tanto tempo sem usar salto, era bem capaz de cair de cara e sair rolando.

O barulho dos saltos deve ter chamado a atenção de Turner e Tyler, pois não demorou muito e apareceram em meu campo de visão.

— Quem é você e o que fez com a Samira ?! — perguntou Tyler.

— Perde a amiga, mas não perde a piada — disse revirando os olhos.

Tyler riu.

— Foi mais forte do que eu — ele disse — você está linda.

— Tenho que concordar. Linda demais — falou Turner — acho que ao invés de diversão, vamos ser seguranças de um certo alguém.

— Olha aqui. Pode ir parando vocês dois — apontei o dedo de um para outro — eu quero me divertir pelo menos um pouco hoje. Me deixa!

— Veremos — disse Tyler.

— Não vou prometer nada — falou Turner.

Bufei.

Homens.

— Vocês não existem — falei balançando a cabeça.

— Vamos indo que já estamos no horário — falou Tyler oferecendo-me seu braço para apoio.

Não demorou muito para Turner vir do outro lado e me oferecer o braço também. Os dois guiaram-me até o carro que já nos aguardava do lado de fora.

Entramos no banco de trás. Na frente Bruce e Case. Que eu saiba, quando os gêmeos não estão com Darius, Case ou Bruce estão.

— Quem está fazendo a segurança de Darius? — perguntei.

— Não se preocupe, ele está bem — respondeu Tyler.

— Como? As pessoas em quem ele mais confia estão aqui nesse carro. E não falo de mim...

— Ele sabe se cuidar, Sami — dessa vez foi Turner — Preocupada com o chefe?

— Da mesma forma que me preocuparia com qualquer um de vocês — respondi encerrando o assunto.

Fomos tagarelando outros assuntos no caminho da festa. Não demorou muito para chegarmos ao nosso destino. Um imenso portão apareceu e se abriu, liberando nossa entrada. Uma mansão nos aguardava. Dois andares de puro luxo. O andar inferior, praticamente todo de vidro, relevando tudo que acontecia em seu interior. Era possível ver algumas pessoas andando de um lado a outro. Para chegar até a entrada, precisávamos passar por uma pequena ponte que ficava em cima de uma espécie de aquário submerso. Lindo demais.

— Vamos — senti uma mão na base da minha coluna. Era Tyler — a festa fica logo abaixo de nós.

Abaixo?!

Atravessamos a ponte e entramos na mansão. Tyler me guiou até uma escada que levava para baixo. A mansão tinha um andar subterrâneo. Incrível. Logo quando descemos, a primeira coisa que avistei foi o aquário. Ainda mais perfeito, quando visto daqui.

O local era escuro e tinha pouca visualização, mas era o bastante para não tropeçar e cair. O lugar dispunha de alguns sofás e poltronas espalhadas e, para complementar, alguns *pole dances* com dançarinas ao seu redor.

Claro que teria mulheres seminuas.

Continuei sendo guiada até parar de frente a um sofá. Sentado nele estava Darius conversando com alguém. Assim que nos viu dispensou o rapaz.

Darius me encarava por cima de sua bebida. Agradei silenciosamente pela pouca iluminação, assim não pude ver o quão intenso era seu olhar direcionado a mim.

Esse olhar que se tornou frequente em meus sonhos mais profanos.

Capítulo 18

SAMIRA

Degustava minha bebida aos poucos. Um drink feito à base de cereja; leve e doce. Perfeito. A festa estava animada, mais pessoas foram chegando e se aglomerando ao nosso redor. Darius era o centro das atenções. Todos queriam ou tentavam cumprimentá-lo, mas sua cara fechada bastava para dispensar os indesejados.

Turner e Tyler estavam sentados em poltronas, enquanto eu me sentava ao lado de Darius. Com certa distância, é claro. As dançarinas iam e vinham por todos os lugares, algumas paravam para fazer uma dança particular para nós (eu também acabava assistindo, já que não tinha para onde correr). Percebi uma coisa muito interessante e ao mesmo tempo estranha. Enquanto elas dançavam, brincavam e passavam as mãos nos gêmeos, em nenhum momento chegavam perto da fera.

Fiz uma nota mental: perguntar para Phoebe o possível motivo. Vou ceder às suas provocações e me render à curiosidade.

Vi o momento em que Turner levantou e veio se sentar ao meu lado. Passou um de seus braços sobre meus ombros e falou no meu ouvido:

— Divertindo-se, Sami?!

— Seria mais divertido se tivesse homens seminus dançando aqui também, não acha!?

— Posso resolver o seu problema.

Turner se levantou e fez menção de tirar sua roupa. Parei-o na hora.

— Para com isso. Credo. Até parece que quero ver você pelado.

Sentou-se rindo.

— Só queria te animar, ué — disse.

— Só de sair um pouco e distrair a cabeça já é uma ajuda e tanto. Obrigada por me trazer.

— Disponha — piscou para mim.

— Turner, onde fica o banheiro? Acho que bebi demais — dei um sorriso sem graça.

— Ali — apontou um corredor mais ao fundo — segue aquele corredor e vai ver a localização dos banheiros. Não demora por ali. Aquele lugar também tem alguns quartos particulares.

— Ok. Obrigada!

— Acho melhor eu ir com você.

— Para que? Vai me secar?! — perguntei.

Ele balançou a cabeça em negativa, mas não segurou o sorriso que apareceu.

— Eu vou rápido e já volto. Não preciso de segurança.

— Tudo bem.

Quando fui me levantar para seguir à direção que me mostrou, uma mão segurou um de meus pulsos. O toque me arrepiou.

Darius.

— Onde pensa que vai? — perguntou ele.

— Ao banheiro!!! Posso!?

Ele olhou na direção do corredor e depois para mim.

— Não demora.

— Quer dar um de segurança também?!

Ele somente soltou meu braço, sem me dar uma resposta.

O que esses homens têm com banheiros femininos? Será algum fetiche!? Eu hein.

Passei pelo corredor e vi a plaquinha indicando o lugar. O banheiro estava vazio. Depois de utilizar o sanitário, aproveitei para conferir o visual.

Quando saí do banheiro, Case estava à minha espera do lado de fora.

— Sério isso? — perguntei para ele.

— Só cumpro ordens, senhora — respondeu.

— Samira. Me chama de Samira, Case.

Ele apenas meneou a cabeça em concordância.

Homens.

Estava voltando para o meu lugar com Case na minha cola, quando notei dançarinas em volta dos meninos.

De novo não.

Acho que vou ter pesadelos com tanta bunda.

— Case — chamei — vou subir um pouco para tomar um ar. Tudo bem?

— Não seria aconselhável. As ordens são de te acompanhar até o seu lugar.

— Meu lugar está ocupado — apontei em direção às mulheres — vai ser rápido. Prometo.

— Tudo bem, vou com você.

— Case — respirei fundo antes de continuar — eu não preciso de babá e sei me cuidar.

— São ordens — respondeu simplesmente.

— Seu trabalho era me escoltar até o meu lugar depois de sair do banheiro. Eu já saí. Trabalho feito! Além disso, queria ficar um tempo sozinha. Por favor!

Fiz a melhor cara de coitada que consegui. Eu não queria ninguém atrás de mim seguindo os meus passos em todo lugar.

— Só não demora — se deu por vencido.

Parece que foi fácil, mas sei bem o motivo de terem cedido tão facilmente. Case e Bruce são homens de confiança de Darius. Se Case saísse, toda responsabilidade ficaria em cima de Bruce. A casa estava lotada e eles não confiam nem nas próprias sombras. Melhor para mim.

— Vai ser rápido. Ninguém nem vai notar minha falta.

Subi as escadas, um pouco mais apressada do que deveria. Vai que ele muda de ideia.

Assim que coloquei os pés no piso superior fui à mesma direção que segui quando chegamos. Cheguei até a pequena fonte e me encostei ali. Respirei fundo e olhei para o céu. Ele estava lindo. Lembrei-me de todas as vezes que observei junto aos meus pais.

Seria errado eu estar aqui me distraindo depois de perder minha mãe e meu pai ainda estar se recuperando!? Senti um aperto no peito de repente. Eu

queria tanto resolver tudo isso de uma vez por todas. Já pensei até em resolver do meu próprio jeito, mas e o receio de só piorar a situação!? Prefiro não arriscar, pelo menos por enquanto. Às vezes, o melhor é esperar para que o resultado seja satisfatório. Tem muita coisa em jogo. Não se trata somente dos meus pais e sim de uma grande família. A máfia.

Tenho certeza que não passaram nem quinze minutos quando retornei para o interior da casa. Quando estava caminhando em direção às escadas, escutei alguém conversando em um cômodo próximo, provavelmente a sala. Ia passar direto e seguir adiante, mas um nome me fez parar.

Darius.

O que será que estão falando?

Já ouviram aquele ditado: A curiosidade matou o gato? Então...

Em passadas silenciosas, me escondi atrás de uma pilastra que ficava mais ao canto. Eu não conseguia ver quem era, pois estavam dentro do cômodo e se eu entrasse seria vista, claro. Porém de onde estava conseguia escutar claramente o conteúdo da conversa. Agora em um tom mais baixo escutei:

— Não me importa como vocês vão fazer. Façam!!! Entenderam?! — disse uma voz masculina.

— Você sabe muito bem que não é fácil sair com ele — disse uma mulher.

— Nenhuma de nós saiu com nenhum deles ainda — disse outra voz feminina.

— Exatamente por isso que serão as escolhidas da noite. Vocês são novidade. Confiem mais em si mesmas, meninas.

— E se não conseguirmos?

— Vão conseguir. O alvo é o Darius, mas os outros também servem. Saiam daqui com um deles e eles as levarão até o nosso alvo. Quero as escutas no carro e em todos os lugares em que eles as levarem. Vocês só têm uma

chance. Não falhem! — disse o homem.

Depois disso, silêncio. Escutei passos e me encolhi no canto para não me verem. Não consegui ver nada nem ninguém.

Droga!

E agora o que eu faço!?

Por que nessas horas não vem nenhuma segurança atrás de mim!?

Esperei mais alguns minutos antes de sair do meu esconderijo. Segui calmamente em direção às escadas, não podia transparecer o pequeno surto que eu queria dar neste momento.

O plano é o seguinte. Vou voltar para o meu lugar e conversar com um dos meninos e tudo resolvido. É, vai dar certo.

Quando cheguei ao piso inferior, notei que não ia ser tão fácil assim. Turner e Tyler estavam em suas poltronas, cada um com uma mulher praticamente subindo neles. Meu lugar também estava ocupado. Aliás, os dois lados possíveis para eu me sentar estavam ocupados. Darius tinha de cada lado uma mulher diferente. Elas conversavam e riam abertamente para tentar chamar sua atenção.

Seriam elas?

Que ódio. Como vou saber se só escutei a voz?!

O mais engraçado é: todos rindo e se divertindo. *Cadê aqueles homens preocupados comigo? Devem ter achado que me entupi no banheiro, não é possível.*

Aff...

Plano B. Case e Bruce.

Não podia ficar plantada ali, então segui até o bar e pedi mais um drink à base de cereja. *Álcool vai me ajudar a pensar nesse momento... ou não.*

Busquei pelo salão os dois homens, os achei. Cada um em um canto, mas adivinha!? Estavam acompanhados de outros homens.

Ah, que perfeito. O que diabos eu vou fazer agora?

Vamos aos fatos:

1- Se eu for até o Turner, ele vai ter que comunicar o Darius e isso pode chamar a atenção e fazer com que recuem. Seria bom? Sim! Mas e se tentarem novamente em uma outra oportunidade e ninguém notar. A fera pode se ferir, ou melhor, todos ao seu redor.

2- A mesma coisa com Tyler. Sem condições.

3 - Bruce e Case estão acompanhados e isso me deixa na mesma situação.

O que me sobra? Darius. Direto ao alvo.

Como eu vou chegar nele com aquelas duas praticamente grudadas, uma de cada lado.

Pensa, Samira. Coloca essa cabeça para funcionar.

Fui ingerindo o líquido e pensando. Cheguei a uma conclusão e confesso ter sido culpa do álcool. *Com certeza é culpa da bebida.*

O único lugar vago é o colo de Darius. Minha próxima parada.

Terminei minha bebida e pedi mais uma. Virei de uma vez. *Coragem, vamos lá.*

Foquei na direção que deveria ir. Assim que entrei no campo de visão da fera eu quase, quase recuei devido àquele olhar de quem queria me matar. Com certeza Case comunicou da minha escapada...

Fofoqueiro!

Fui chegando cada vez mais perto, perto demais. O olhar de Darius não saía dos meus olhos. Ele me viu chegando, mas não previu o que eu faria. Sem diminuir o passo e sem permissão, sentei-me em seu colo. Ele pareceu surpreso. Senti o momento em que suas mãos vieram parar em meus quadris.

Ele ia me afastar!!! Eu senti quando começou a fazer pressão para eu sair, mas eu não ia deixar. Então fiz a última coisa que pensei fazer na vida.

Eu o beijei.

Capítulo 19

SAMIRA

Darius correspondeu ao beijo. Suas mãos que antes tentavam me afastar, agora me apertavam. Eu aproveitei cada segundo daquele momento. Um calor se formando entre minhas pernas e um arrepio que percorreu todo meu corpo. Vontade de passar minhas mãos pelo seu corpo e saborear tudo que ele tinha a me oferecer.

Foco Samira!

Fui interrompendo o beijo aos poucos, meio a contragosto, subindo minhas mãos pelos seus braços, passando minhas unhas por eles. Entrelacei meus braços em torno de seu pescoço. Minha boca fez o caminho até seu ouvido entre mordidas e beijos delicados para manter a fera no controle e disse:

— Preciso falar com você em particular, agora! Não deixe ninguém perceber minha intenção.

Uma das mãos que estavam em minha cintura subiu pela lateral do meu corpo e sem qualquer aviso puxou meu cabelo, fazendo com que minha cabeça pendesse para trás, dando acesso assim ao meu pescoço. Darius deslizou sua barba e distribuiu mordidas, não tão suaves, por toda a extensão de meu pescoço indo em direção à minha boca. Ele me beijou, ou melhor, me devorou. Não tive tempo de reagir, só segui seus movimentos. De repente, parou abruptamente.

— Levanta — disse em tom de comando.

Eu obedeci.

Darius também se levantou e deu um tapa na minha bunda.

Ele está me tratando como trata as mulheres que pega por aí? Fera, fera... você não perde por esperar.

— Já venho — disse para os gêmeos.

Eu não tinha reparado neles, mas antes de seguir caminho notei os olhares confusos de ambos. A fera me guiou até o corredor dos quartos privados. Uma porta foi aberta e eu praticamente arremessada para dentro.

O quarto era relativamente grande. Sua decoração toda em preto e branco. Não reparei muito, só quis ter certeza de estar a sós com ele antes de praticamente gritar:

— Qual o seu problema!? Precisava me empurrar desse jeito?!

Sorrateiramente ele se aproximou e ficou bem perto.

— Primeiro: baixe a voz antes de falar comigo — engoli a seco com seu tom — segundo: eu que te pergunto. Qual o seu problema?!

— Eu não tenho problema nenhum. Só estou tentando ajudar você! — coloquei meu dedo indicador no seu peito.

Darius seguiu meu movimento.

— Me ajudar? Se jogando em mim? — ergueu uma de suas sobrancelhas.

Juro que nesse momento a vontade de bater nele veio forte. Mas respirei fundo.

— Não vou deixar você me estressar. Vou te contar o porquê de tudo isso.

E então relatei detalhe por detalhe desde o momento que subi para o andar superior até o momento em que chegamos aqui. Darius prestou atenção em tudo que eu disse e por fim perguntou:

— Você tem certeza disso?

— Sério!? Você acha que eu passaria por tudo isso só para que; beijar você!? — bufei — se ache menos, querido.

Ele ficou calado. Pensativo.

— O que pensa em fazer?! — perguntei não aguentando o silêncio.

— Vamos voltar para lá. Darei um alerta silencioso para Turner e Tyler. Acate a todos os meus comandos e não retruque de forma alguma. Entendeu?!

— Sim, eu entendi.

Ele abriu a porta e juntos seguimos para o salão. Quando chegamos perto vi que todas as mulheres de antes ainda estavam lá. Isso é bom. Darius chamou a atenção de Tyler que imediatamente se levantou fazendo com que a mulher em seu colo saísse.

— Controle essa garota que vocês trouxeram ou eu mesmo darei um jeito!

E me jogou (literalmente) em cima do Tyler. Ele, surpreso, me amparou como pôde. Só respondeu um “sim, chefe” e se sentou levando-me junto.

— Você — apontou para a mulher que estava no colo do Tyler — senta aqui — disse apontando para o sofá.

E assim seguimos o restante da noite. Em algum momento sussurrei para Tyler que estávamos com problemas e ele em poucas palavras entendeu o porquê de tudo aquilo. Turner seguiu calado e agindo naturalmente.

Na hora de ir embora fomos divididos. Darius foi à frente com duas mulheres e Case. Eu fiquei com os gêmeos e outras duas mulheres, íamos com Bruce. Antes de sairmos, Tyler recebeu uma mensagem pedindo para liberar as meninas. Fiquei confusa. Como assim liberá-las?!

Foi então que me lembrei de um detalhe importante. Chamei Turner para

tirar minha dúvida.

— Me responde uma coisa. Algum de vocês já ficou com essas mulheres? — aponte para elas que estavam logo à frente.

Ele estranhou minha pergunta, mas respondeu.

— Sim. Eu e Tyler já ficamos com elas. Por quê?

— Depois eu explico — respondi.

Esse foi um ponto importante da conversa em que Darius prestou atenção. As mulheres que eu ouvi não tinham saído com nenhum deles ainda. O chefe deve saber com quem seus homens andam. Agora a ordem de liberá-las fazia sentido.

Após dispensá-las seguimos nosso caminho e expliquei resumidamente o que tinha acontecido para os gêmeos e Bruce. Não demorou muito e chegamos ao local. Eu reconheci. Era a mesma casa que tinha o salão de extermínio. *Que horror!!! Será que eles trazem suas transas aqui!?* (segunda nota mental de perguntas para Phoebe).

Os gêmeos seguiram à frente e eu logo atrás. Eles entraram na casa e foram em direção contrária ao salão. Case apareceu um pouco depois.

— Quarto 3 — ele disse, antes de passar por nós.

A porta estava aberta.

Darius estava em pé próximo à cama. As duas mulheres estavam deitadas, acariciando-se para ele ver. Assim que nossa presença foi notada, pude perceber que as coisas iam esquentar a partir de agora.

— Chegou quem estava faltando — disse ele.

— Junte-se a nós, querida — uma delas falou olhando para mim.

— Não, obrigada — respondi em alto e bom som.

Elas não se importaram com a minha resposta e continuaram suas carícias. Estranhei Darius estar quieto, só observando. Parecia um predador observando sua caça. Sério, esse olhar dele me dava calafrios.

Case retornou ao quarto alguns minutos depois e jogou algo sobre a cama. As mulheres se assustaram ao ver do que se tratava. Eram as escutas.

Ferrou para elas.

— Eu vou perguntar só uma vez — a voz de Darius saiu baixa, ameaçadora — quem é o mandante?!

— Nós não temos nada a ver com isso — uma delas garantiu.

— Não brinque comigo. Você acha que pode me enganar?! — ele se aproximou da cama até estar bem perto da mulher que o respondeu — Qual o seu nome?

— Alexia — sua voz saiu trêmula.

Rápido como um felino, Darius a pegou pelo pescoço, arrastou para fora da cama e a prensou contra a parede. O impacto foi tão forte que consegui escutar a batida de sua cabeça. Ele a estava sufocando. Alexia debatia-se, implorando por ar.

— Eu disse que só perguntaria uma única vez; Alexia — Darius afastou-a um pouco da parede, só para repetir seu movimento.

O impacto foi ainda mais forte. Ele a soltou e ela desabou no chão. Darius se virou para a outra mulher que ainda estava sobre a cama, imóvel. Era evidente o seu desespero.

— Você ainda não respondeu. Aconselho pensar muito bem na sua resposta para evitar aborrecimentos — falou calmo. Calmo até demais...

A mulher abriu e fechou a boca diversas vezes.

— Foi Valentim — disse por fim — ele é o mandante.

— Não era ele quem estava na festa. Quem passou o comando?

— Conhecemos ele como Jay.

Ele a encarou sem dizer uma palavra e virou-se em direção à porta. A mulher entrou em pânico. Alexia ainda estava no chão gemendo de dor.

— Por favor, não nos mate — ela implorou com o rosto vermelho, prestes a chorar — não tivemos escolha.

Ele virou-se para ela e disse:

— Não é a primeira vez que as vejo no mesmo lugar que eu. Sou observador. Se conhecem nosso mundo, sabem as consequências de seus atos. Não toleramos traidores, e isso se aplica à qualquer pessoa.

— Nãooooo — ela gritava. Fez menção de sair da cama e ir até ele.

Darius sacou sua arma e atirou. Seu corpo caiu inerte no chão.

Eu ainda olhava para a mulher caída quando o senti pegar em meu braço, levando-me para fora do quarto.

— Finalize o serviço — disse para Case.

Escutei mais dois tiros e após isso, silêncio.

Estávamos em seu escritório debatendo sobre os acontecimentos da noite. Valentim só poderia estar desesperado para tentar fazer tal coisa.

— O cerco está se fechando. Eles estão ficando sem opções e agindo por impulso — falou Turner.

— E o colar? Não obtiveram nenhuma localização satisfatória? — perguntei.

— Ainda sem resultados. O sinal está parado em um dos esconderijos de

Valentim — disse Darius.

— Se ele não nos leva até o Lorenzo, podemos pegar o Valentim.

— Não é o momento. Eles estão ficando sem opções. Valentim vai nos levar até Lorenzo, eu tenho certeza.

Darius percebeu minha inquietação. A cada dia que se passava, mais frustrada ficava. Saber a localização e não poder atacar era horrível. Um sentimento de impotência diante da situação.

— Samira — Darius me chamou — nós estamos lidando com isso há tempo suficiente para saber como proceder. Antes fazíamos da forma errada e agíamos da maneira que você tanto deseja. Derrubávamos um a um e ele sempre se levantava. Mudamos a tática e dessa vez será o fim. Isso requer tempo e paciência.

— Eu confio em você.

A surpresa era evidente após minha declaração. Darius, até agora, não havia dado motivos para não confiar. Ele tem os mesmos objetivos que eu.

Turner e Tyler despediram-se. Estava tarde, era chegada hora de nos retirar. Aproveitei a deixa para ir ao meu quarto, meus pés estavam me matando em cima desses saltos. Esperei os gêmeos saírem e fui logo em seguida, mas antes de passar pela porta Darius disse:

— Você agiu bem essa noite, garota!

— É difícil me chamar pelo nome?

— Talvez eu te chame de outra coisa...

— Como por exemplo?! — me arrependi de fazer a pergunta, assim que ouvi sua resposta.

— Cerejinha!

Devo ter corado da cabeça aos pés. Não dei uma resposta, só sai às

pressas dali.. *Cerejinha, puff*. É claro que o gosto da bebida estava acentuado em minha boca e pelo visto alguém degustou muito bem.

Capítulo 20

DARIUS

Não gostava de ter meu espaço invadido, isso era uma coisa particular minha. Demonstração de afeto em público?! Inexistente. Envolver-me com alguém? *Jamais*. Por esses motivos, minha segunda reação foi afastar Samira. A primeira?! Bem, a primeira foi surpresa. Quando Samira se sentou em meu colo, pegou-me totalmente desprevenido com essa tal atitude. *Lá no fundo, gostei de tê-la em cima de mim, mesmo não sabendo seus motivos*. Voltemos ao ponto principal: não sou afetuoso com absolutamente ninguém em público, o que poderia levar as pessoas ao meu redor a pensar que Samira fosse alguém importante para mim. Isso poderia fazer com que ela se tornasse um alvo em potencial para meus inimigos, já que a todo instante eles tentam atingir-me de alguma forma. Veja bem, não posso me dar ao luxo de ter um alvo nas costas de Samira só por uma atitude impensada da parte dela. E para ajudar, ainda estava puto com ela. Ela não conseguia acatar um simples pedido para que voltasse logo do banheiro. Teve que passar pelas minhas ordens e ir para fora da casa. Case veio me falar sobre isso e preferi deixá-la por alguns instantes e quando volta, me faz isso.

Quando apertei sua cintura para afastá-la, para meu total espanto ela me beijou. Papéis invertidos. *Há tanto tempo que me pego imaginando como seria calar aquela boca respondona*. E ter sua boca na minha me fez beirar o descontrole. A mulher que despertou em meu íntimo a vontade de tê-la prensada na parede todas as vezes em que me provocava com aquela pose de "eu posso tudo". O beijo foi ficando intenso e minha vontade era de arrastá-la para um dos quartos como um homem das cavernas e foder até não querer mais. Meu pau já estava se manifestando, doido para participar da brincadeira. Foi quando ela interrompeu o beijo e disse que precisava falar comigo. Logo percebi que havia

algo de errado, e devido à frustração e ao meu problema de “bolas azuis”, fizeram com que eu desse um belo tapa naquele traseiro, por pura provocação.

Ela não sabe onde está se metendo.

Depois de ter minhas mãos em seu corpo, minha boca na sua , meu tesão por ela só aumentou e nem todo autocontrole que tenho será capaz de me segurar em sua próxima afronta a mim , pois uma coisa é certa: *Eu a quero , eu a desejo e a terei gemendo meu nome em alto e bom som, muito em breve.*

Balanço minha cabeça negativamente ainda olhando para a porta por onde ela passou há alguns instantes em passos apressados, correndo de mim.

Ver seu rosto mudar de cor por pura vergonha de seu mais novo apelido me deixou com um sorriso de satisfação estampado no rosto. Samira é forte, destemida e esperta, mas é boa e ingênua a ponto de sentir constrangimento por uma simples palavra.

Devo confessar que cereja se tornou meu sabor preferido depois dessa noite, ou talvez, Samira tenha se tornado. Um sabor especial e raro que somente ela poderia me dar.

Saí de meus pensamentos relacionados a ela quando meu celular tocou em meu bolso. Peguei-o. Case era o nome que brilhava na tela. Rapidamente atendi.

— Case — cumprimentei.

— Chefe... tudo limpo no quarto 3. Aguardando instruções.

— Identifique o mais rápido possível esse tal de Jay. Quero saber quem ele é, qual a relação dele com o dono da festa e o lugar onde podemos encontrá-lo. Quero ele o quanto antes no salão de extermínio.

— Alguma desconfiança com o organizador da festa, Dom?!

— Creio que não. O conhecemos a tempo suficiente para que saiba as consequências de uma traição, mas investigue. Quero acabar com cada maldito que ouse se rebelar contra nós! Outra coisa... quando Jay for achado, o coloque

sob os cuidados de Bruce. Liguei para ele assim que tiverem posse desse desgraçado e passarei as ordens.

— Sim, senhor — respondeu.

Antes de desligar eu o avisei sobre uma última coisa que não deixaria passar... O fato de ele ter deixado Samira sair sozinha. Uma boa surra o faria pensar duas vezes, antes de ser coagido por ela novamente — E, Case... esteja amanhã bem cedo aqui em minha casa, na sala de treinos. Nós temos coisas a acertar — e logo depois encerrei a chamada.

Valentim foi corajoso ao fazer tal movimento. Sabemos que a cada dia que passa o fim deles está cada vez mais próximo. Seus passos começam a ser impensados e a consequência, vem logo a seguir. Agora vamos contra-atacar com força total e começar a dar os golpes finais. Samira foi corajosa e agiu dentro do que achou cabível para não chamar a atenção. Inteligência movida a álcool, de acordo com ela. Colocar a culpa no álcool foi a saída para explicar suas atitudes, principalmente a parte do beijo. Então, desejo que suas atitudes passem a ser movida batida de cereja para que eu possa degustá-la um pouco mais em momento oportuno.

Após trabalhar um pouco mais em meu escritório, decidi subir e trocar de roupa para gastar um pouco de energia nessa madrugada. O sono não vinha e puxar pesos era uma boa forma de extravasar e deixar a exaustão tomar conta do corpo.

Estava indo em direção às portas laterais que davam para a piscina, quando vi Phoebe sentada com os pés dentro da água.

— Sem sono?! — perguntei ao me aproximar. Muito provável que ela estivesse tão perdida em pensamentos que não me notou chegar e deu um pulo com a minha voz.

— Dom?! — disse, levantando-se rápido com a mão no peito — desculpe, não deveria estar aqui. — respondeu atropelando as palavras.

Interrompi-a — sabe que tem livre acesso e pode andar e ficar onde bem

quiser, não é?

— Sim, senhor. Eu sei.

— Bom... e o que faz aqui a essa hora? Michael está bem?

— Sim. Ele está dormindo. Estava aqui pensando um pouco...

— No Tobias?! — fui logo ao ponto.

— Sim... — respondeu simplesmente.

Phoebe não era de muitas palavras comigo. Ela respeita muito minha posição de chefe. Trazê-la para morar aqui para manter seu bebê e ela em segurança enquanto Tobias cumpria seu trabalho, foi uma decisão minha. Devia isso ao meu fiel segurança, que está arriscando sua vida em uma tarefa de extrema importância.

— Ele vai voltar para casa em breve, Phoebe — garanti.

— Eu sei que vai. Ele é o melhor, não é?!

— Sim, ele é! Agora vá para casa descansar e ficar com seu filho. Está ficando tarde.

— Farei isso. Boa noite, Dom.

— Boa noite! — após minha resposta, fez um leve aceno de cabeça e se foi.

Tobias está entre as poucas pessoas em quem confio. A lista é bem pequena e ainda sim, tem restrições. Nunca se sabe até onde uma pessoa pode ir em meio a toda essa chantagem emocional. Foi isso que aconteceu com diversos de nossos homens que mudaram para o lado do Lorenzo; promessas de tempos melhores e dinheiro em dobro. Mentira descabida.

Tobias também é conhecido por ser um "fantasma". Poucos o conhecem e sabem quem ele realmente é. Perfeito para sua missão. Minha carta na manga. Só torço para que tudo isso dê certo e minha promessa de trazê-lo com vida seja

cumprida. Quero vê-lo com sua esposa e filho novamente.

Estava tão acostumado a treinar com os gêmeos, que sozinho não tinha muita graça. Aqueles projetos de palhaços treinavam muito bem além de me entreterem durante todo o treino. Sabia que faziam isso para espairecer um pouco a cabeça depois de tanto problema e trabalho, e essa liberdade só acontecia entre nós três e sempre quando estávamos sozinhos. Fora daqui éramos terríveis, cruéis e implacáveis. O intocável e inseparável trio devastação.

Pouco mais de uma hora depois já estava no corredor do andar superior a caminho do meu quarto. Quando fui passar pela porta da Samira, parei.

Será que ela estaria acordada uma hora dessas?!

Levei minha mão até a maçaneta e tentei não fazer barulho. Empurrei a porta devagar e olhei com cautela para procurar meu alvo. A visão que tive fez meu coração dar uma leve acelerada.

Samira estava com a calcinha à mostra e uma camiseta que mal a cobria. Deitada de lado com sua bunda redondinha virada em minha direção. Que porcaria eu fui inventar de fazer!? Minha vontade era de ir lá para acordá-la com um belo tapa, seguido de uma mordida bem dada naquela bunda gostosa. Aquilo seria um playground para minhas mãos e boca. Queria trilhar cada pedacinho do seu corpo.

Porcaria de ideia.

Se eu fizer isso, era capaz dela sair correndo achando que sou algum tipo de maníaco. Ou talvez poderia deixar e me dar o aval para continuar...

Droga!

Fechei a porta depressa antes que não me contivesse e segui para o meu quarto. Um banho gelado ajudaria. Talvez devesse sair para me aliviar com alguma das mulheres de uma das boates. *Isso que estou sentindo é a porra de tesão acumulado.* Com tanto trabalho e responsabilidade, mal me sobra tempo para me aliviar nesse quesito.

Isso sou eu tentando me convencer de que minha atração pela cervejinha é completamente movida à falta de sexo. Mas minha mente sabia que o momento em que ela abriu a boca para me responder altivamente, ali ela começou a ganhar um espaço importante. Nenhuma mulher em toda minha vida agiu da mesma forma que ela e eu a respeito por isso. Mulheres em meu ciclo social acham que para tentar me ganhar tem que ser submissa e omissa a tudo que eu faço. *Isso é um saco!* Por isso eu digo que se hoje eu precisasse escolher alguém para estar ao meu lado e comandar esse mundo, sem dúvidas eu a escolheria. *Samira seria perfeita.* Poderíamos colocar nossas vidas em risco devido as nossas diferenças, mas assim como me chama de fera, ela também tem suas garras e sabe muito bem usá-las.

A água gelada lavava todo o suor e tensão do meu corpo. Também me ajudou a refrescar as ideias, tirando os planos de sair para me aliviar essa noite. Em contrapartida a visão daquela bunda deliciosa não saía da minha cabeça. Levei a mão até o meu pau e o massageei imaginando aquela boquinha nervosa em torno dele. A memória de minhas mãos em seu corpo foi minha perdição. Os movimentos foram ganhando seu próprio ritmo e não demorou muito para que jatos quentes fossem despejados ao chão.

Após terminar meu banho, coloquei apenas uma cueca e me joguei na cama. Fechei os olhos para tentar dormir e a imagem de Samira formou-se em minha cabeça. *Amanhã ela terá uma surpresa e sei que gostará. O dia também será corrido. Logo cedo tenho coisas importantes para resolver e poucas horas me separam do amanhecer. Dois novos esconderijos de Lorenzo e Valentim foram delatados, mas como são pequenos e distantes, mandarei dois grupos com poucos homens para fazer a avaliação. Desconfio que sejam algum tipo de depósito ou algo parecido. Independentemente do que seja, cairá. Assim como essa quadrilha que está com os dias contados.*

Capítulo 21

SAMIRA

Estava no quarto arrumando algumas coisas jogadas pelo chão. Já mencionei a minha falta de organização, não é mesmo?! Phoebe estava comigo até alguns instantes atrás. Conversamos sobre roupas, sobre Michael e sobre a fera. Sim, eu me rendi à curiosidade e fiz as benditas perguntas. Depois de muito me provocar ela respondeu. Sobre proximidade, ela explicou que Darius é um homem muito seletivo e escolhe muito bem as pessoas com quem se relaciona. Ele tem limites e todos respeitam. Não gosta de ser tocado, não sem antes dar seu consentimento. Não é algo sobre submissão, mas sim respeito, ele preza muito por isso. Bem, depois de ontem eu até entendo. Como dar abertura para alguém que possa lhe fazer mal?

Sobre a casa de execuções ser o lugar dos encontros. Ela disse não saber muito sobre isso. Mas que provavelmente a situação de ontem foi exceção, já que o lugar sempre está bem movimentado e eles gostam de privacidade. Depois de responder as perguntas, Phoebe foi embora implicando sobre o meu interesse em saber detalhes sobre a vida pessoal de Darius.

Nem foram tantos detalhes assim.

E não vou negar que isso me fez pensar sobre o beijo. Aliás, ultimamente eu tenho pensado muito sobre isso. Suas mãos em meu corpo, sua boca na minha. A vontade de repetir o ato é tentadora. Será que ele repetiria!? O modo como me jogou no quarto logo depois me diz que não.

Depois de tudo organizado, tomei um banho rápido e coloquei roupas confortáveis. Era fim de tarde e estava planejando ir para a sala assistir algum

programa aleatório. Os meninos estavam reunidos no escritório já faz um bom tempo e talvez quando acabassem, pudessem se juntar a mim.

Estava prestes a levantar da cama quando duas batidas se fizeram ouvir da porta.

— Entra.

Darius surgiu em meu campo de visão. Surpreendi-me com sua presença. Será que aconteceu alguma coisa?!

— Está tudo bem? — questionei.

— Sim, está. Queria ver como estava.

— Ah, está tudo bem. Aproveitei a tarde para dar uma geral no quarto. Terminei agora pouco — respondi.

Darius se recostou à parede e colocou suas mãos nos bolsos e me encarou.

— Os pesadelos pararam? — perguntou ele.

— Sim. Não tive mais insônia por causa disso.

Mal sabe ele que no lugar dos pesadelos, são seus olhos que eu vejo. E as coisas só pioraram após o beijo. Agora, além de olhos, vejo imagens de nós dois em momentos bem íntimos, íntimos demais. Quando ele não é dono dos meus sonhos, são momentos com meus pais que eu revejo. Minha mãe aparece de vez em quando. Como se ela quisesse me trazer paz e conforto e dizer que está bem onde está. Nesses dias eu costumo acordar com lágrimas nos olhos e a saudade batendo forte no peito.

— Eu disse que o tempo ajudaria um pouco — ele saiu de seu lugar e se aproximou da cama. Sentou-se ao meu lado e olhou em meus olhos — se algo não estiver bem, se os seus pensamentos forem mais altos que suas atitudes; não hesite em me procurar.

Vi sinceridade em seu olhar.

— Obrigada.

— Não tem que agradecer — ele ergueu a mão e contornou a lateral do meu rosto suavemente — você agora também faz parte da minha família. E eu cuido dos meus.

Sua mão chegou perto dos meus lábios e fez o seu caminho. Darius dividia seu olhar entre meus olhos e boca. Quando pensei que ele iria se aproximar um pouco mais, se afastou lentamente.

— Vim até aqui para saber como estava e para que me acompanhe até o escritório — disse levantando-se.

— Você disse que estava tudo bem. É algum assunto sobre Valentim?

— Não será o assunto do momento. Vem — estendeu sua mão para mim.

Hesitei brevemente antes de pegar sua mão, levantar e segui-lo.

Ao chegarmos em frente à porta do escritório, Darius pediu para que eu entrasse. Olhei para ele interrogativa e não tive resposta. Levei minha mão à maçaneta e girei. A porta foi abrindo aos poucos.

Vi os gêmeos em pé conversando com alguém e segui o olhar em direção ao sofá. Quando prestei atenção em quem estava sentado ali, senti minhas pernas tremerem. Levei minhas mãos ao rosto e lágrimas se formaram instantaneamente. Nem todo treinamento do mundo foi capaz de conter minhas emoções agora. Ele se levantou e veio até mim. Eu não tinha condições de andar, estava paralisada.

Foi então que senti o abraço que tanta falta me fez. O aconchego dos braços do meu pai.

Meu pai!

Ele estava aqui na minha frente e eu só sabia chorar. Segurando-me, me guiou até o sofá e juntos nos sentamos. Ouvi quando Darius chamou os meninos para saírem e deixar-nos a sós.

A porta se fechou.

Eu o abraçava forte como se a qualquer momento ele pudesse fugir. Ele retribuía. Eu chorava.

— Eu sinto muito, pai — disse entre lágrimas — eu não consegui salvá-la.

— Não chore, minha menina. A culpa não foi sua.

Ele me ninava como se fosse uma criança. Sua voz era bálsamo para meus ouvidos.

— Eu senti tanto a sua falta.

— Eu também, filha. Eu também — disse enquanto beijava o topo da minha cabeça.

— Eu queria que a mamãe estivesse aqui.

— E ela está — ele disse se afastando e colocando o dedo em meu coração — aqui dentro. Ela sempre vai estar com você — apontou para minha cabeça — e aqui. Lembre-se de todas as coisas boas que viveram juntas e guarde em suas lembranças.

Ficamos abraçados por muito tempo. Eu chorando e ele me fazendo carinho. Queria aproveitar cada momento ao seu lado. Quando me acalmei e me afastei um pouco, pude notar marcas em seu rosto devidas às agressões. Não consegui ver muito mais que isso, pois papai estava de camisa de mangas compridas. Apesar de tudo, ele parecia bem...

— Como você está? — perguntou quando me viu um pouco mais calma.

— Estou levando um dia de cada vez. Acostumando-me com a minha nova realidade e tentando ser forte sem a mamãe por perto.

— Eu sei o quanto isso é difícil para você, filha. Eu sinto tanto por isso. Se eles não tivessem me pego...

Eu o interrompi.

— A culpa de tudo isso não é sua, pai!

— Eu poderia ter evitado. Poderia ter lutado mais.

— E talvez não estivesse aqui hoje!

— Antes eu do que sua mãe!

— Você sabe que não deixariam mamãe em paz independente disso, não é?!

Ele respirou fundo antes de responder.

— Eu sei. Sei melhor do que ninguém.

Era nítido o sofrimento dele. Meus pais sempre se mostraram muito afetuosos. Eles me contaram a história deles uma vez. São apaixonados desde a adolescência, foram criados praticamente juntos. Foram anos e anos de muito amor e cumplicidade. Meu pai perdeu sua alma gêmea e apesar de ser o executor e tudo o mais, sei que suas emoções estão abaladas neste momento.

— Filha — me chamou — prometo fazer o culpado pagar pelo que fez a sua mãe.

— Eu vou te ajudar, pai.

— Você me ajuda ficando em segurança.

— Vou estar segura ao seu lado. Você vai ficar aqui?

— Não. Eu ainda sou um alvo em potencial. Vou me juntar ao Reed e seguir as novas pistas que aparecerem para encerrar esse assunto de uma vez por todas!

— Tudo bem, pai. Eu vou com você.

Papai me abraçou novamente e disse:

— Eu sinto muito, minha menina, mas não poderá ficar comigo.

— Por que não?! Não vou me separar mais de você, não me peça isso!

— Não posso arriscar a sua vida. Já perdi demais.

— Vou estar segura. E sei me cuidar.

— Não, não sabe. Treinar é de um jeito, as coisas na prática são diferentes, minha menina. Eu não poderei protegê-la o tempo todo e aqui você tem pessoas que se importam com você.

— Não faz isso pai, por favor.

— Eu prometo voltar. Quando tudo isso acabar nós vamos ficar juntos novamente.

— Pai! Não...

— Pare e pense. Verá que tenho razão. Isso terá um fim, é uma promessa!!!

Eu queria brigar mais, queria fazê-lo entender que estava errado e que o meu lugar era ao seu lado. O único problema disso é que ele tem razão e se têm coisas que respeito, são suas decisões. Tinha um medo absurdo de perdê-lo, mas se isso for necessário, que assim seja.

— Eu sei que cumprirá. Tome cuidado, pai. Eles são perigosos.

— Eu sou mais, filha. Não se preocupe comigo. Eles não me pegarão em nenhuma armadilha, não novamente.

— Eu acredito. Mas não deixe de se cuidar — fiz uma breve pausa pensando se seria o momento ou não para tocar nesse assunto, mas me conhecia e sabia que quanto antes soubesse, melhor — Pai, eu queria fazer uma pergunta... — Ele parecia saber do que se tratava — Por que você e mamãe me adotaram?

— Queríamos uma família. E para isso era necessário viver como vivíamos.

— Tudo foi real?

— Ei, nunca duvide do nosso amor por você. Você é nossa filha e sempre será!

— Eu te amo, pai.

— Eu também te amo, filha.

Aproveitei cada segundo ao seu lado. Fiz várias perguntas. Questionei papai por nunca ter me contado a respeito da máfia. Ele disse que era para me proteger. Não queria que eu soubesse das coisas que o cercavam e das maldades que esse mundo traz junto a si. Disse também que era esse o motivo oculto por trás dos meus treinamentos, para que se um dia acontecesse algo, eu pudesse me defender sozinha.

Treinamentos que me ajudaram muito e o maior deles é conseguir manter o equilíbrio mental, o melhor que posso. Tenho certeza que se não fosse por isso eu já teria desabado. O apoio dos gêmeos e de Darius tem sido fundamental para isso também. E agora ter meu pai de volta, fez com que minhas forças fossem renovadas. Sentia-me pronta para aguentar os percalços que viriam pelo caminho.

Conversamos por horas e no momento da despedida ele me convenceu de que tudo daria certo e que manteríamos contato. Estaria longe, mas com o pensamento em mim e que se eu precisasse de qualquer coisa, era só chamá-lo.

Eu acreditei em suas palavras e pedi silenciosamente a Deus que o guiasse e protegesse. Nosso futuro estava em jogo. Mas, logo esse jogo teria um fim e eu sabia qual lado sairia vencedor. Era uma questão de tempo. Seria o fim da quadrilha, o fim das mortes, o fim do sofrimento.

A pergunta é: Até lá, quantas vidas mais seriam perdidas!?

Capítulo 22

SAMIRA

Os dias foram passando devagar, novas missões para derrotar o inimigo estavam sendo planejadas e no mais tudo corria tranquilamente. Os meninos saíam a trabalho, vez ou outra iam badalar. Em nenhum momento me chamaram para ir junto, questionei algumas vezes e a resposta sempre era a mesma.

Não é lugar para você, melhor ficar em casa e segura.

Em meio a toda essa confusão achei melhor não debater sobre isso. Passei os últimos dias me entretendo bastante com Michael e Phoebe, e quando não estavam por perto aproveitava para nadar e treinar.

Minha relação com Darius mudou radicalmente. Nós paramos de nos atacar e posso arriscar que começamos a nos entender. Não houve mais beijos, nem toques. Ele evitava me encontrar sozinha.

Hoje ninguém quis sair e agora estávamos reunidos na mesa de jantar terminando nossa refeição. Notei Tyler quieto demais e só esperei o momento para perguntar o que estava acontecendo.

— Tyler — chamei-o, mas pareceu não escutar — ei — disse batendo meu pé ao seu por baixo da mesa.

— Oi... Desculpa, estava com o pensamento longe.

— Eu sei bem onde estava o seu pensamento — senti certa provocação no tom de Turner.

— Alguém pode me dizer o que está acontecendo? — perguntei.

— Conta para ela, Tyler — incentivou Turner.

— Vai se ferrar — disse para o irmão — não liga para o que ele diz.

— Sami — Turner chamou minha atenção para ele — tem uma moça que está mexendo com a cabeça do nosso amigo ali — apontou para Tyler — a única que foi capaz de dizer não a ele.

Difícil imaginar alguém dizendo não para eles. São exímios exemplares de homens, mas como mulher, entendo que aparência não é tudo e já presenciei os gêmeos em momentos não tão agradáveis.

— Ninguém está mexendo com porra nenhuma. Aquela aprendiz do diabo não perde por esperar.

— Aprendiz do diabo que conseguiu mexer com sua cabeça, não é irmão?!

Tyler mostrou o dedo do meio para seu gêmeo. Eu segurei a risada.

— Tyler, eu já mandei ficar longe da mulher. Ela é boa moça — Darius deu seu parecer.

— Aquele projeto? Boa moça? — bufou Tyler — só se for na casa do

— Olha a boca — falei para ele — quem é ela?

— Se chama Tália, ela trabalha em uma de nossas casas noturnas. Tyler não tira o olho dela desde a primeira vez que a viu, mas ela não dá a mínima. Menina de família. Nos procurou e pediu emprego para ajudar nas despesas dos pais doentes e para financiar a faculdade — informou Darius.

— Se realmente gosta dela por que não a chama para sair? — me direcionei para Tyler.

— Eu não gosto de ninguém!

— Então só queria usá-la e jogar fora? — disse arqueando uma de minhas sobrancelhas — Darius está certo de mandar ficar longe então.

— Até você?!

— Até eu — pisquei para ele.

Para encerrar o assunto ele nos conduziu para outra conversa. Estávamos falando sobre viagens e lugares que conhecemos pelo mundo afora. O clima estava agradável e tudo fluía. Foi quando o celular de Darius tocou e ao atender vi seu semblante mudar instantaneamente.

— Como é? — ele disse de forma fria.

Senti o baque de sua mão contra a mesa e toda louça pulou.

— Tragam ele até mim! AGORA!!! — soltou um berro.

Seu rosto estava vermelho. Era fácil ver a raiva transparecendo. Ele se levantou e foi em direção à sala e lá andou de um lado a outro. Eu queria perguntar o que estava acontecendo, mas nem os gêmeos perguntaram... *Quem seria eu para mudar isso?* Ele parou de repente e virou para nós, apontou um dedo em nossa direção e despejou tudo de uma vez.

— Vocês sabiam que Joseph foi atrás do Valentim? Pois ele foi. Juntou alguns homens e atacaram um de seus esconderijos. Valentim não estava lá, mas homens armados até os dentes esvaziaram suas armas em direção aos nossos homens!!! Tivemos perdas, muitas. E a culpa é toda dele!

Os gêmeos se adiantaram.

— Como? Nosso pai está bem? — perguntou Turner.

— Está — garantiu Darius — só não sei por quanto tempo.

— Você não pode fazer nada contra ele, Darius! — contrapôs Tyler.

— Eu posso e vou! Eu sou o chefe! Ninguém faz nada sem me consultar

e coloca vidas em risco por capricho!

— Ele é nosso pai!

— Ele é meu padrinho! — rebateu Darius — mas antes de tudo ele é da máfia e vocês sabem como as coisas funcionam.

— Esfria a cabeça, cara. Você sabe que ele tem seus motivos — falou Turner querendo apaziguar.

Darius em resposta respirou fundo e voltou a andar de um lado para outro. Eu só assisti tudo calada. Estava assustada demais com essa situação. Ele acabou de fazer menção em machucar, ou fazer coisa pior, com o pai dos seus melhores amigos (além de tudo seu padrinho). O quão longe a máfia te obriga a ir por leis e regras!?

Aproximei-me cautelosamente de Turner que passava as mãos em seus cabelos em sinal de nervosismo.

— Ele seria capaz de machucar seu pai?

— Ele está nervoso. Só precisa se acalmar um pouco.

— Você tem certeza?

— Não. Mas espero que isso aconteça — disse por fim.

Não sabia quanto tempo demoraria a chegar. Não tinha ideia das localidades dos esconderijos de Valentim, poderia demorar horas para chegar até aqui. Estávamos os quatro sentados na sala, em silêncio. Darius aparentava estar mais calmo, porém a raiva ainda era evidente. Agradei, silenciosamente, a distância que separava-o de Joseph. Esse tempo daria uma chance do Dom se acalmar um pouco mais e, quem sabe, evitar uma tragédia dentro desta casa.

Quando ouvimos barulhos de carro do lado de fora, todos se levantaram. Em instantes a porta foi aberta e Joseph entrou seguido por Bruce.

— Pode se retirar, Bruce. Assumo daqui — dispensou-o.

Com um único aceno de cabeça Bruce saiu. Eu olhei para Joseph que estava com o rosto todo machucado. Pareciam pequenos cortes e sangue escorria deles.

— Que merda você fez?! — vociferou Darius.

— Eu precisava fazer alguma coisa!

— Você foi irresponsável, Joseph. Deveria ter me comunicado! Você pegou nossos homens e levou para uma missão suicida!

— Eu tinha que tentar!

— VOCÊ TINHA QUE ESPERAR!!! — ele gritava.

— Droga, Darius! Você sabe meus motivos!

— Eu não me importo com eles! Você é o responsável pela morte de muitos de nossos homens. Isso é considerado traição contra a família. Sabe disso, não sabe?

O tom frio que usava agora me assustava mais do que quando gritava. Eu realmente tinha medo dele assim.

— Eu assumo meus erros! Eu tentei pelo menos. E você, o que está fazendo?!

— Pai, não vai por esse caminho! — interferiu Turner.

— Você está a par de todos os nossos planos. Está tudo dando certo, pai. É questão de tempo para acabar de vez com todos eles — completou Tyler.

— Não temos tempo! — Joseph falou.

— O tempo é necessário — respondeu Turner.

— E nada disso muda o que você fez! — Darius disse — você vai pagar pelos seus erros, Joseph. Vai pagar como qualquer outro membro da máfia pagaria. O julgamento é igual para todos!

— Turner — chamei beirando o desespero — faz alguma coisa!

Ele só balançou a cabeça em negativa. Olhei para Tyler e ele manteve a mesma posição do irmão. Vi Darius avançar em direção a Joseph e meus pés se moveram mecanicamente. Foi como se eu não tivesse controle sobre o meu corpo ele estava no comando. Poucos metros afastavam os dois, quando eu me coloquei no meio de ambos. Darius parecia querer me matar com o olhar.

— Não faz isso, Darius — eu implorei olhando em seus olhos — ele é da família. Todos cometem erros!

— Não permitimos erros dentro da máfia, Samira — avançou dois passos e tentou passar por mim.

Não desistiria tão fácil.

Eu o peguei de surpresa quando o abracei. Enlacei sua cintura com meus braços e o apertei como pude. Minha cabeça encostada em seu ombro.

— Não machuca ele, por favor. Quem nunca fez algo por impulso!? Ele errou e admitiu o erro. Perdeu pessoas. Isso foi fatalidade, mas você mesmo diz que pessoas morrem todos os dias.

Silêncio.

— Por favor! Não mata ele — ergui minha cabeça para encontrar seu rosto me avaliando.

— Eu não ia matá-lo — ele afinou seus olhos.

— Mas você disse...

— Eu sei o que eu disse... o julgamento seria a morte, verdade. Mas não o mataria. Um soco talvez para terminar de estragar essa cara dele por ter feito tanta merda — deu de ombros.

Senti seu corpo relaxar em volta dos meus braços. Olhei para os gêmeos que estavam logo atrás.

— Isso é verdade?

— Ele não mataria seu próprio padrinho — disse Turner.

— Por que não me falou?

— Não achei que faria isso — apontou com o queixo para nós.

De repente a proximidade me deixou envergonhada. Tirei minhas mãos e alguns passos para trás.

— Ok. Então combinamos que não teremos socos também. Tudo bem?

Não esperei a resposta dele e me aproximei do Joseph. Ele me encarava sério sem transmitir uma reação sequer.

— Você está bem?

— Estou — respondeu cauteloso.

— O que aconteceu com seu rosto?

— O vidro do carro estourou e alguns estilhaços atingiram meu rosto.

— Vem — peguei em sua mão e o incentivei a vir comigo — senta-se aqui no sofá. Vou procurar algo para limpar isso.

O acomodei e segui em direção à cozinha. *Lembro-me de ter visto uma caixinha de primeiros socorros em algum lugar daqueles armários.* Antes de sair completamente voltei minha atenção para os quatro homens na sala.

— Comportem-se. Eu já volto.

Vi um sorriso de canto aparecer nos lábios de Darius. Nem queria saber o que aquilo significava.

Capítulo 23

SAMIRA

Estava ao lado de Joseph limpando com cuidado suas feridas. Depois de muito procurar achei gazes e soro fisiológico. Aos poucos fui tirando o sangue seco espalhado pelo seu rosto. Ainda podia ouvir os resmungos de Darius, mas pelo menos não tentou nada contra o padrinho. Vez ou outra, perguntava para Joseph se estava doendo e ele sempre negava. Ele observou cada movimento meu; cautelosamente. *Deve ser difícil ter uma estranha cuidando de si. Acredito que troca de afeto na máfia não é uma situação corriqueira.*

Faltava pouco para terminar quando a porta se abriu novamente. Ouvimos barulho de saltos. Parei meus movimentos para ver quem era, e uma mulher muito bonita apareceu em minha visão.

Tyler e Turner foram até ela.

— Sami, essa é nossa mãe, Violet. Eu liguei para ela avisando que o pai estava aqui — disse Turner.

Ela intercalou seu olhar entre mim e seu marido. Levou suas mãos a boca e ouvi-a dizer:

— Meu Deus!!! — e começou a chorar.

Vi o momento que suas pernas bambearam e se não fossem os meninos, teria caído. Chorava compulsivamente. Senti-me compadecida pela mulher. Ter seu marido em uma situação de risco deve ter mexido muito com ela. Levantei-me do meu lugar e fui até ela. Olhei para os gêmeos, pedindo permissão para me

aproximar. *Eu sei como deve estar se sentindo. Não ter notícias ou perder alguém que se ama é uma dor imensurável.*

— Oi, Violet — falei em um tom baixo — vem comigo, ele está bem. Tudo está bem agora — estendi minhas mãos em sua direção.

Ela levou suas mãos até as minhas. Coloquei-me ao seu lado e abracei-a como pude. Levei-a para perto de seu marido e incentivei-a a sentar. Deixei Violet ainda chorosa ao lado de Joseph e me afastei para dar privacidade a eles. Ela o abraçou e chorou ainda mais. Joseph fazia carinho em suas costas em sinal de conforto e sussurrava em seu ouvido palavras para tentar acalmá-la. Aos poucos foi se acalmando.

Ela se afastou minimamente de Joseph, para encarar seu rosto e analisar seus machucados. Após uma breve inspeção, olhou para Darius. Talvez fazendo uma pergunta silenciosa se ele tinha algo com aquilo.

— Não foi ele — adiantou Joseph — me machuquei com alguns estilhaços.

— Eu tive tanto medo de perder você.

— Eu estou bem agora.

— Está bem graças a Samira, não é pai!? Se não fosse ela parar Darius, talvez seu rosto estivesse um pouco pior — disse Turner.

— Você intercedeu por ele?! — Violet me questionou.

— Sim. Eu senti a necessidade de evitar esse embate entre eles.

Violet me agradeceu silenciosamente. Era possível ver gratidão em seu olhar. Dei um sorriso e pedi licença, aproveitei o momento para ir à cozinha e preparar um copo com água e açúcar. Voltei para sala e fui à direção de Violet e me agachei em sua frente.

— Aqui — ofereci o copo — toma um pouco, vai ajudar.

— Obrigada — disse ao pegar o copo de minha mão — não só por isso,

mas também por cuidar dele.

— Não tem que agradecer — disse colocando minha mão sobre a sua, fazendo um carinho — eu sei bem como é não ter notícias de quem mais amamos e perdê-los também. Nessas horas o importante é manter-se unido. Tenho certeza que esse pesadelo está prestes a ter um fim definitivo!

— Que assim seja, meu bem — respondeu Violet.

Esperiei ela tomar o conteúdo do copo e me ofereci para pegá-lo. Fui até a cozinha e quando voltei reparei que os homens estavam conversando sobre o ocorrido e Violet estava quieta ao lado do marido.

Decidida, fui sentar ao seu lado e entrelacei nossos braços. Ela se encostou-se a mim e chorou baixinho, aquele final da adrenalina, quando a realidade vai batendo e o alívio vem com o choro.

Joseph relatou que Valentim não se encontrava no lugar ou não saiu de seu esconderijo. O local estava cercado por homens rivais e fortemente armados. Eles não tiveram escolha a não ser se defender e recuar e, por fim conseguiram fugir. No caminho, vidas de ambos os lados foram perdidas e o objetivo não foi alcançado. Joseph estava bravo por isso.

Não reparei no horário, muito menos quanto tempo se passou. Joseph olhou para sua esposa ao meu lado e disse:

— Bem, acho melhor irmos embora.

Joseph parecia exausto, quis perguntar por que não ficavam por aqui, mas me contive. A casa não era minha para fazer esse tipo de convite, e talvez evitar o contato com Darius seja melhor nesse momento. Falando nele...

— Nós ainda temos muito que conversar — disse ele.

— Conversaremos... outro dia. Vou levar minha esposa para casa agora. Ela precisa descansar — olhou para mim — Samira, obrigado! Mas você não deveria ter se imposto dessa forma...

— Não poderia deixá-lo te machucar...

— Você é uma boa moça. Cuidado com esse coração grande.

— Pode deixar.

— Foi um prazer te conhecer, Samira — disse Violet se levantando.

— O prazer foi meu. Devemos nos encontrar em circunstâncias diferentes para conhecer-nos melhor.

— Faremos isso com certeza.

Violet se adiantou e me deu um longo abraço. Ao separar-nos, sorri para ela. Joseph abraçou sua esposa e juntos foram em direção à porta. Saíram sem olhar para trás.

— Nós também vamos — disse Tyler referindo-se a ele e seu gêmeo — vamos ter uma conversa com nosso pai e garantir que as coisas ficarão sob controle — garantiu.

— Façam isso! — falou Darius.

— Sami, se cuida — disse olhando entre mim e Darius.

Entendi o que ele quis dizer. Vou ficar sozinha com Darius e talvez, só talvez, ele não esteja muito contente com minha intromissão em seus assuntos.

— Vou me cuidar — disse seguindo-os em direção à saída.

Assim que passaram, acenei para todos em despedida e fechei a porta com cuidado e me virei para encarar a fera. O clima da sala mudou, era perceptível. Seus olhos pareciam brasas e sua cara nada amigável mostrava um pouco de seu humor.

— Garota, garota... o que eu faço com você? — disse ele dando passos lentos em minha direção.

Eu dei alguns passos para trás e não tinha para onde correr. Encostei-me na porta e esperei.

— Sabia que se intrometer em assuntos que não lhe dizem respeito pode trazer consequências? — parou em minha frente. Poucos centímetros nos separavam.

Minha boca secou. Senti meu estômago revirar, mas isso não era medo. Sua proximidade e não saber seu próximo passo me deixava desorientada. Minhas emoções embaralhavam-se.

— Eu não podia deixar você machucá-lo — falei de cabeça erguida — não era o certo!

— Ele colocou muitos homens em perigo por nada!

— Ele disse que teve seus motivos!

Darius mordeu seus lábios em sinal de nervosismo e fez um gesto de negação com a cabeça. Ele estava à beira de perder o controle.

— Você nunca fez nada por impulso?!

— Não — ele acabou com a distância que existia entre nós e colocou um de seus braços ao lado de minha cabeça, apoiando-se na parede. Sua cabeça baixa e sua boca muito próxima da minha.

Passei a língua pelo meu lábio inferior e vi Darius seguir o movimento.

Meu coração acelerou.

— Eu sempre penso muito antes de fazer qualquer coisa — disse isso levando sua outra mão até o meu pescoço me segurando no lugar.

— Vai me punir só porque quis evitar o pior?

— Vou!

— O que pensa.... — antes de completar a minha pergunta Darius me pegou desprevenida ao forçar minha boca de encontro a sua.

No momento eu fiquei sem reação. Surpresa. Era assim que eu estava.

Adrenalina começou a correr pelas minhas veias. Arrepios se espalharam pelo meu corpo. Naquele instante, a atração e o desejo eram inegáveis e, se minha punição seria essa, eu iria aceitá-la de bom grado. Sua boca exigia a minha e eu me entreguei. Nosso beijo se tornou urgente e necessitado. Minhas mãos foram parar em seu corpo. Eu precisava tocá-lo, senti-lo. Ao sentir meu toque, Darius deslizou suas mãos sobre meu corpo, testando-me, conhecendo-me. Ele se inclinou um pouco, colocando suas mãos na parte inferior de minhas pernas, fazendo-me impulsioná-las para tê-las entrelaçadas ao seu redor. Com esse contato íntimo pude sentir sua ereção sobre o tecido de nossas roupas. Meu centro latejava de desejo, eu nunca senti isso antes. Implorava por alívio e foi isso que me fez rebolar em seu corpo. Ele gemeu alto, prensando-me ainda mais sobre a porta. Sua boca me deixou alguns instantes para desferir beijos pelo meu rosto e pescoço, fez o caminho de volta com mordidas até chegar a minha orelha e sussurrar:

— Hoje, você é minha!

Capítulo 24

SAMIRA

E eu não tinha dúvidas disso, estava totalmente entregue. Darius voltou a me beijar e senti seus braços me segurarem com mais força. Ele me desencostou da porta e levou-me até o sofá, me deitou com cuidado e debruçou-se sobre mim. Seu corpo, colado ao meu, sua boca na minha sem me deixar por um segundo sequer. Suas mãos passeavam pelo meu corpo com certa urgência, apertavam-me, apalpavam-me. Eu gemia em sua boca. Então ele se afastou somente para que seus dedos trilhassem até as bordas da minha camiseta a fim de tirá-la. Eu o ajudei e ela foi ao chão. Darius ficou por alguns instantes parado, me olhando. Seus olhos passeavam sobre minha pele exposta. Sua mão subiu até um de meus seios e o apertou levemente, seu olhar encontrou o meu como se não quisesse perder nenhuma de minhas reações. Mordi meus lábios em resposta e tentei fechar as pernas para aliviar o desejo que me consumia. Um sorriso safado surgiu em seu rosto. Darius sabia bem o meu estado e gostava de me ter ali só para ele. Sua boca voltou a exigir a minha com vigor, sua mão agora em meu quadril, segurando-me firme enquanto se movimentava, fazendo-me arfar com o atrito de nossas partes íntimas. Sua boca me deixou para seguir o caminho entre meus seios que, mesmo cobertos pelo sutiã, imploravam por atenção; ele não parou. Desceu intercalando beijos e mordidas por todo meu corpo me fazendo gemer cada vez mais.

A cada movimento que ele fazia, mais eu o desejava. Eu o queria! Eu o necessitava!

Parou quando chegou ao meu short. Darius me olhou para pedir permissão silenciosamente, que obviamente dei. Ele retirou-o devagar, parecia apreciar cada toque. Completa essa etapa, Darius fez seu caminho de volta, só

que agora de baixo para cima. Suas mãos apertavam minhas pernas, enquanto sua boca subia. Ele distribuía mordidas entre minhas coxas, fazendo eu me abrir mais para ele, dando-lhe mais acesso. Quando chegou até minha calcinha, mesmo sem tirá-la, fez seus dedos habilidosos trabalharem. Eu gemia e me contorcia, meu ponto de prazer latejava, meu desejo escorria. Mas ele não parou e continuou sua subida até meus seios. Retirou o sutiã que os cobria, pegou um em suas mãos e o chupou avidamente. Seus olhos se ergueram aos meus no instante que sua mão desceu para minha calcinha. Quando Darius sentiu quão molhada eu estava, gemeu igual um animal feroz. O som vindo dele me deixou alucinada. Ele fez movimentos circulares com a língua em meu seio e fez o mesmo com seus dedos no ponto latejante. Sentia meu corpo no ápice do prazer, nunca senti nada tão intenso. Comecei a sentir espasmos e sabia que o alívio estava próximo. Darius percebeu e acelerou seus movimentos com os dedos e sua boca veio de encontro a minha.

Explodi em um orgasmo tão avassalador que por um momento me senti fora de órbita.

Ele esperou um pouco para que eu me recuperasse e seus dedos ainda trabalhavam lá embaixo... devagar.

— Tão molhada — ele disse espalhando meus sulcos e fez menção de me penetrar com um dedo.

Foi nesse momento que eu travei e o pior, ele percebeu. Darius me analisou por alguns instantes e perguntou:

— Está confortável com isso?

Não hesitei em responder: Sim, estou!

— Então qual o problema?

Fiquei com receio e vergonha de dizer verbalmente, mas acho que minha cara me entregou. Ele é um homem experiente e com certeza ligou os pontos.

Eu ainda era virgem.

Parecia algo impossível, mas era a minha realidade. Não por falta de

oportunidade ou opção. Foi do jeito que eu quis. Tinha prioridades na minha vida e perder minha virgindade não era uma delas. Não até agora, pelo menos.

Ele não agiu como eu esperava. Levantou-se, pegou-me no colo e seguiu em direção as escadas.

— Aonde vamos?! — perguntei.

— Para o meu quarto. Eu disse que você seria minha esta noite, e será! Mas no lugar certo e do jeito que merece.

Fiquei calada com suas palavras.

Adentrou o seu quarto e sem rodeios me depositou na cama. Eu o observei em pé ao lado da cama. Darius tirou sua roupa lentamente e jogou tudo pelo chão. Eu admirei cada detalhe do seu corpo másculo. Vi seu membro ereto e fiquei ansiosa por antecipação. Ele veio até mim e deitou-se sobre mim. Pude sentir sua ereção me cutucar.

— Vou fazer você gritar o meu nome diversas vezes antes de implorar por alívio — e me beijou avidamente.

Em resposta, contorcia-me em seus braços. Eu o queria tanto. Rebolava para sentir o seu pau bem perto de minha boceta. No momento, não estava pensando muito sobre minha virgindade, se doeria... Só queria que esse desejo e essa necessidade fossem aplacados. A mão de Darius me segurou para conter meus movimentos.

— Se continuar assim, vou acabar esquecendo meu lado racional e foder você até o amanhecer, cerejinha, mas ainda não está pronta para isso — disse se afastando, fazendo seu caminho com a boca até minha calcinha e a retirou. Quando colocou sua cabeça entre minhas pernas ele ergueu seu olhar — vou tomar tudo que tem para me dar e fazer com que nunca esqueça sua primeira vez — e mergulhou sua boca em meu ponto latejante.

Sim, eu definitivamente nunca esqueceria...

Darius me levou a lugares inimagináveis e cumpriu com sua promessa. Eu gritei seu nome e implorei por alívio, mas ao contrário do que sua postura

diz, ele foi gentil e carinhoso na minha primeira vez. Doeu um pouco, não vou negar, mas logo o prazer apareceu em seu lugar. Ele teve paciência e tomou o seu tempo me dando prazer para só depois liberar seu gozo por todo meu corpo. Depois de alguns minutos ele se levantou e me chamou para tomar um banho. Ele me lavou da cabeça aos pés. Tocou-me e seduziu-me com suas mãos habilidosas, mas nada fez além disso. Após nos secarmos voltamos para cama, ambos sem roupas. Deitamo-nos um de frente para o outro sem falar nada. Aquele momento não era necessário trocar palavras, nossos olhares diziam muitas coisas. E foi dessa forma que eu adormeci, viajando nas profundezas de seus lindos olhos azuis. Antes de apagar por completo, pude sentir um lençol sendo posto sobre meu corpo e um beijo que foi depositado em meu ombro.

Despertei com um barulho. Abri meus olhos lentamente, acostumando-me com a claridade que entrava pela janela. Depois de piscar algumas vezes, olhei para o lado. Darius não estava. O barulho do chuveiro era perceptível. Flashes da noite passada passaram em minha cabeça. Mordi os lábios com as lembranças. Se eu fechasse meus olhos era possível ver um filme com cada detalhe dos últimos acontecimentos.

Sentei-me lentamente na cama levando o lençol junto a mim e o segurei para cobrir minha nudez. Esse movimento me fez sentir um pequeno incômodo em meu baixo ventre. Estava um pouco dolorida, normal depois da atividade noturna.

Escutei o barulho do chuveiro cessando e esperei, sem saber qual seria o próximo passo. Darius apareceu com uma toalha enrolada no quadril. Parou quando percebeu que estava acordada e observando-lhe.

— Bom dia!

— Bom dia!

— Você estava em um sono tão tranquilo, que não quis te acordar.

— Eu não costumo dormir tanto assim — respondi envergonhada.

— Devem ter sido os exercícios extras...

Eu não costumo ter vergonha de nada. Mas estar praticamente pelada no quarto do homem que até ontem estava prestes a me esganar depois de fazer sexo com ele... isso me fez corar.

— Você está bem?

— Sim. Só um pouco dolorida.

— Eu preciso descer, pois já deu meu horário e tenho coisas importantes para resolver. Por que não aproveita a banheira e relaxa um pouco!? Não conseguimos utilizá-la ontem, mas creio que oportunidades não faltarão. Por hora relaxe na água morna que vai ajudar.

— Farei isso. Obrigada!

Afastei o lençol e me levantei. Darius me olhou da cabeça aos pés e parecia conter-se. Passei por ele rebolando um pouco mais do que o normal. Sabia que não deveria provocar, mas não pude resistir. Passei pela porta do banheiro e só a encostei. Fiz minha higiene matinal e fiquei grata por ter uma escova de dente novinha me esperando. Coloquei a banheira para encher e despejei sais de banho. Quando estava prestes a entrar, o perfume de Darius invadiu o ambiente, fazendo do me virar em sua direção. Sorrateiramente ele veio até mim com aqueles olhos predatórios.

Prendi a respiração.

Ao chegar perto me puxou pela cintura e me beijou. Ele todo vestido em seu terno impecável e eu nua em seus braços. Não ofereci nenhum tipo de resistência. Agarrei-o como pude e devolvi seu beijo voraz. Suas mãos subiam para cada um dos meus seios, massageando-os. Afastou-se minimamente e disse:

— Tão linda... — e chupou meu seio direito e deu uma mordida de leve no bico. Logo depois repetiu o processo no outro lado.

Eu me segurava nele enquanto minha cabeça pendia para trás em puro êxtase. Uma de suas mãos me deixou para seguir seu caminho mais abaixo. Ele circulou meu clitóris indo em direção à minha entrada. Penetrou um dedo lentamente.

— Tão molhada. Você será minha em breve novamente, Samira. Mas dessa vez não serei tão paciente muito menos delicado.

Retirou sua mão e levou até a boca chupando seu próprio dedo. *E, Deus!!! Isso visto de perto pareceu tão devasso.*

Deu-me um último beijo e se afastou por completo.

— Vou deixar você tomar seu banho.

Eu quis pedir para que ele ficasse. Meu corpo implorava por ele. Mas sabia que ele tinha seus afazeres, então só acenei em concordância e me virei para a banheira. Ouvi seus passos se afastando e a porta do quarto sendo fechada.

Agora sim eu pude voltar a respirar normalmente.

Fiquei na banheira até a água esfriar e minha barriga dar sinal de vida. Eu precisava sair e descer para comer alguma coisa, eu estava faminta. Sai enrolada na toalha, já que não tinha nenhuma roupa minha aqui, somente a calcinha que eu levava na mão. Fui até a porta do quarto. Olhei para ambos os lados certificando-me de que não tinha ninguém antes de correr até o meu.

Coloquei minha roupa para treinar e, como de costume, tentei lembrar-me de onde as roupas de ontem estavam.

Merda! Elas ficaram na sala! E se alguém viu?!

Corri em direção as escadas e fui direto para a sala. Procurei em todo lugar e nada. Ia tirar as almofadas para olhar quando uma voz falou atrás de mim:

— Procurando por isso? Não precisa se preocupar, eu que achei.

Phoebe segurava minhas roupas em suas mãos e me olhava de uma forma zombeteira demais. Sabia o que estava por vir.

— Então a fera domou a cerejinha!?

Sim, eu fiz a besteira de contar sobre isso para ela.

Peguei minhas roupas de suas mãos — Não diz nada!

— Mas eu não disse nada. Eu só perguntei...

Interrompi-a — Calada!!! — e subi as escadas ainda escutando sua risada.

Capítulo 25

SAMIRA

Passei praticamente a manhã inteira fugindo dos questionamentos de Phoebe. Não afirmei nem desmenti nada, mas também não queria entrar em detalhes a respeito da noite que tive. Queria guardar cada pedacinho da nossa noite somente em minha memória. Claro que ela não estava disposta a desistir tão facilmente, mas fui salva por Michael, que precisou da atenção de sua mãe.

Vou lembrar-me de mimá-lo bastante em forma de agradecimento.

Aproveitei o dia para me exercitar e manter a mente ocupada. Estava terminando de fazer um quadro de exercícios que montei especialmente para hoje. Foco total nos braços. Estava evitando o movimento excessivo com as pernas... se é que me entendem.

Descansava de uma série quando uma voz preencheu o ambiente.

— Então quer dizer que treina mesmo sem ter o carrasco por perto?!

Meu pai!!!

— Pai! Que surpresa maravilhosa — disse indo até ele para cumprimentá-lo — para sua informação eu treino todos os dias.

— Sabia que minha menina é disciplinada — passando a mão na minha cabeça fazendo um emaranhado de cabelo.

— Para, pai!!! — afastei-me rindo de sua atitude — você está bem?

— Perfeitamente! Pronto para outra.

— Não fala isso, nem de brincadeira — Papai estava agindo de maneira mais leve possível tentando fazer com que me sentisse bem, mas sei que, no fundo, ele estava sofrendo com a perda da mamãe tanto ou pior do que eu. Para tentar mudar de assunto, falei sobre algo que era inevitável — Como anda a destruição da quadrilha do Lorenzo?!

Ele pensou um pouco antes de responder.

— Estamos quase no fim, minha filha. Dias, para falar a verdade. Em breve, eles serão nossos!!!

— É tudo que mais quero! E o senhor... veio só me visitar ou tem mais coisa aí?!

— Senti sua falta e quis te ver. Mas já estou de saída. Preciso encontrar com Darius para resolver alguns detalhes.

— Sabe onde ele está?!

— Sim. No salão de extermínio.

Aquele salão que fez parte da minha vingança e a casa que presenciei a morte daquelas mulheres. Apesar disso, a ideia de ir lá novamente agradava. Gostaria de observar com calma o treinamento daqueles homens e estudar todas as formas de aprimoramento.

— Posso ir junto? — perguntei.

— Não sei se é uma boa ideia, filha.

— Eu já fui lá, pai! O lugar é ótimo para novas experiências. Não acha?!

— Tudo bem! Só que virá embora comigo assim que terminar o que tenho para fazer.

— Combinado. Vou só tomar um banho rápido e já venho.

Saí correndo antes que ele mudasse de ideia. Joguei uma água no corpo e me arrumei rapidamente. Desci para encontrá-lo, esperava-me em frente ao carro.

— Você vai dirigir?!

— Algum problema quanto a isso?

— Não, nenhum — disse entrando no carro — é só que a boa motorista da família era a mamãe — e assim que as palavras saíram de minha boca eu me arrependi. O que começou com uma brincadeira virou uma lembrança de tempos felizes em família.

— Que carinha é essa? — perguntou meu pai logo depois que entrou.

— A mamãe. Essa brincadeira me fez lembrar de tantas coisas. Agora ela não está mais aqui... me desculpa, pai.

— Filha, lembra que te falei sobre sua mãe estar com você em todos os lugares em que você vá?! Ela sempre estará em sua mente e principalmente em seu coração. E tenho absoluta certeza de que ela não gostaria de ver essa carinha triste — falou fazendo um carinho em minha cabeça.

— Obrigada, pai!

— Obrigado nada. — lembro-me de suas palavras... — onde quer chegar com isso, mocinha ?! — afinou os olhos em minha direção.

— Em nenhum lugar, pai. Foi só um comentário — respondi com um sorriso no rosto.

Meu pai é um homem maravilhoso e mesmo em momentos como esse consegue arrancar sorrisos de mim. Ele tem razão em falar que mamãe sempre estará comigo. Ela viverá eternamente em meu coração.

A brincadeira que fiz com ele era algo rotineiro no passado. Eu adorava provocá-lo em algumas situações e essa era uma delas. Sempre defendi mamãe

quando o assunto era carros. Em sua defesa eu dizia que mamãe era a melhor. Falava também que em uma corrida ela seria a vencedora, com certeza, principalmente por dirigir mil vezes melhor.

Mentira.

Papai é um exímio piloto.

Ele balançou a cabeça rindo e feliz por me ver bem novamente e logo deu a partida.

Passamos o caminho todo conversando. Foi bom passar o tempo e relembrar do passado. Tempos bons e felizes. A nostalgia bateu forte ao falar de mamãe, mas logo coloquei o sentimento de lado, lembrando as palavras do papai.

Chegamos ao nosso destino.

Path estacionou o carro e antes de sair falou:

— Comporte-se!

— Sim, senhor — respondi e juntos saímos.

Seguimos em direção a casa.

Os barulhos foram ficando cada vez mais altos. Era possível ouvir com clareza os sons de corpos se chocando. Aquele lugar era incrível de se olhar. Ao longe pude ver dois homens lutando como selvagens. Duro e primitivo. Parecia um ringue de MMA. Sem regras.

E ao perceber quem era um deles eu fiquei chocada.

Tyler

Ele mais parecia uma máquina de demolição. Seu rosto estava totalmente transformado. Não conseguia enxergar aquele homem que convivia comigo. Tyler sempre foi calmo e gentil, sempre se preocupando comigo. O que estava acontecendo ali!?

— Pai —chamei-o sem diminuir o passo — o que está acontecendo ali?!
— apontei discretamente com o queixo.

— Estão treinando.

— Treinando?!

— Sim. O que há de errado?!

— Tyler! Ele parece diferente...

Path parou de andar e eu também. Ele se virou de costas para os homens e sustentou meu olhar.

— Diferente como?

— Eu treino com ele e nunca o vi desse jeito.

— Samira, com você é diferente. Ele não agiria dessa forma ou te machucaria — explicou — e tem mais... não só Tyler, Turner também. Ambos são pessoas cruéis. Não faça uma imagem deles em sua cabeça, para não se decepcionar depois.

— Estamos falando das mesmas pessoas?! Esses gêmeos nunca me trataram mal!

— Isso se limita a você e poucas pessoas do convívio deles. Não se engane pela boa aparência e os galanteios. Os gêmeos só não são piores que Darius, acredite.

Senti a garganta travar. Meu pai não falaria isso da boca para fora. Sei que fala a verdade e isso foi um choque de realidade, afinal estava lidando com mafiosos. *Mas são mafiosos que gostam de mim...*

Olhei por cima dos ombros de papai e assisti um pouco mais de toda aquela brutalidade.

— Se quiser, pode me esperar no carro — levou uma mão até meu ombro

e deu um aperto de leve.

— Não, tudo bem — disse, voltando a caminhar — vamos — o incentivei.

Juntos, seguimos em frente.

A luta parou assim que nos aproximamos. Fui cumprimentada pelo adversário de Tyler, que se retirou logo em seguida.

Olhava para Tyler sem piscar. Ele parecia surpreso por eu estar ali, ou por ter presenciado um pouco desse “treino”. Mas isso durou uma fração de segundos, o que confirmava as palavras do papai. Aqui ele está na frente de outras pessoas, então com certeza sua atitude perante a mim pode mudar.

— Não sabia que viria — disse ele ao se aproximar.

— Peguei carona com meu pai.

Tyler revezou seu olhar entre papai e eu.

— Você não deveria estar aqui! — a voz de Darius se sobrepôs vindo de trás.

Não demorou a aparecer ao lado de Tyler. Sua figura máscula e viril, esbanjando poder por onde passa com esse ar de superioridade. Ainda trajava a mesma roupa de cedo, com exceção do terno. Agora sua camisa estava enrolada até os cotovelos, deixando seus antebraços a mostra.

— Qual o problema de eu estar aqui?! — perguntei baixo para não chamar atenção.

— Aqui não é lugar para você! — respondeu um pouco ríspido.

— Já estive aqui! — rebati no mesmo tom.

— Em momentos excepcionais que não pretendo repetir!

Bufei em discordância.

— Vamos resolver o que vim fazer e já levarei ela embora — interpôs papai.

Darius não vacilou ao se virar e seguir para dentro da casa, mas antes cuspiu ordens para Tyler ficar de olho em mim.

Segurei-me para não revirar os olhos teatralmente. Cadê aquele homem da noite passada!?

Path o seguiu para dentro e sumiram de minha visão.

Como Tyler resolveu se calar eu perguntei:

— Cadê o Turner?!

— Está ali — apontou um ponto ao longe.

— Fazendo algo importante?!

— Está treinando com armas.

— Podemos ir até ele? — perguntei um pouco empolgada demais. Se tinha algo que eu gostava bastante, era atirar e já fazia um bom tempo que não praticava.

Tyler olhou em direção à casa e por um momento achei que fosse negar, mas ao se voltar para mim, fez sinal para segui-lo. Andamos um ao lado do outro e a figura de Turner foi ficando cada vez mais próxima. Ele estava mexendo em algumas armas postas em uma bancada a sua frente. Quando me viu abriu um sorriso.

Esse Turner eu conheço.

— Sami, veio nos visitar?!

— Uma visita não tão bem-vinda, mas aqui estou — sorri sem graça.

Trocou olhares com seu gêmeo.

— O que faz aqui? — resolvi trocar de assunto rápido.

— Atirando. Não podemos errar o alvo...

— Posso tentar?

— Claro — pegou uma pistola que estava na bancada e me entregou — só não atire em nós, por favor.

— Subestimando minha pontaria?!

— Jamais! — ele deu alguns passos à sua direita — Vou te explicar como funciona. Vou acionar um botão e diversos alvos vão surgir aleatoriamente, seu objetivo é acertar cada um deles e assim fazê-los cair. Se um alvo sobrar, você falhou. Entendeu?!

— Entendido!

— Pronta?!

Engatilhei a arma em mãos e fiz positivo com a cabeça.

Os alvos pareciam com um esqueleto humano. Eles começaram a aparecer e eu os derrubei um a um. Dois tiros. Um na cabeça e outro no coração. O problema de fazer isso foi que a munição acabou e ainda tinham alvos a serem derrubados.

— Faltam dois alvos! — avisou Turner — não pode recarregar a arma. E agora?!

Fui até a bancada e vi algumas facas dispostas. Olhei para Turner e ele deu permissão.

— É quase impossível acertar nessa distância... — ele comentou.

— Não existe impossível para mim!

Mirei.

Atirei.

Um caiu. Repeti meus movimentos e o outro teve o mesmo destino.

— Falei que ia conseguir — falei, virando-me para eles e deparando com um Darius carrancudo.

— Turner, leva a Samira para casa — ordenou ele.

— Por que o Turner?! Onde está meu pai? —questionei-o.

— Recebemos novas informações e Path foi checá-las. Não poderia perder tempo. Garanti que ficaria responsável por você.

— Tudo bem. Posso ficar mais um pouco?

— Já está escurecendo e temos trabalho a fazer. Vai para casa!

— Ok — respondi somente. Mas minha vontade era de perguntar o que estava acontecendo e o porquê da mudança em seu comportamento. Decidi me calar. Território mafioso e rodeado por seus homens. Entendo... em partes.

— Vamos — Turner me chamou.

Despedi-me com um único menear de cabeça e fui embora.

No caminho, Turner elogiou minha pontaria. Falou o quanto era boa nisso e que em breve faríamos novamente. Fiquei ansiosa por antecipação.

Ao chegar em casa, ele esperou eu entrar para seguir seu caminho de volta.

Naquela noite esperei Darius voltar, mas vencida pelo cansaço, acabei adormecendo no sofá da sala. Acordei de madrugada envolta por braços firmes e em uma cama que não era minha. Aconcheguei-me em seu abraço e dormi tranquilamente com a certeza que o Darius da noite passada estava de volta.

Capítulo 26

DARIUS

Acompanhei o caminhar de Turner e Samira até o carro e voltei para dentro da casa. Tyler me seguia calado. *Eu não a queria aqui. Path foi irresponsável ao trazê-la sem me consultar ou sequer avisar.* A raiva fervilhou no instante que pousei meus olhos nela conversando com um dos gêmeos.

Cada passo dado agora é meticulosamente orquestrado para não haver falhas. Um simples erro pode pôr tudo a perder e não vou desperdiçar essa chance de finalizar isso de uma vez.

Recebemos informações do nosso informante e mandei Path conferir se era realmente válido. Uma grande carga humana foi localizada e se a pegássemos, estaria tudo acabado para a quadrilha do Lorenzo. Tínhamos conseguido destruir cada plano, cada movimentação. *Aquele verme do Lorenzo nem percebeu o que lhe acertou.* Chegamos como uma avalanche devastando tudo em seu caminho. Com certeza a mudança de estratégia pegou-o desprevenido, mas isso também facilitou sua fuga. Se antes já estava difícil achá-lo, agora havia se tornado um pouco pior.

Tyler chamou-me e parei com a mão na maçaneta da porta do salão de execução.

— Cara, a Samira não tem culpa. No mínimo não aguentava mais ficar dentro de casa.

— Não me interessa de quem é a culpa! Nós sabemos que essa é a melhor forma de mantê-la segura e, vamos combinar — abri a porta do salão —

ela não aguentaria isso.

O lugar fazia jus ao nome que lhe foi dado. Não lembro de já ter presenciado tal cena. O cheiro de sangue impregnado em cada canto. O salão estava repleto de homens inimigos que decidimos não matar, e sim usar força bruta para obter mais informações. Nós queríamos uma única coisa: a localização de Lorenzo.

— Isso aqui está feio — comentou Tyler — fez bem em mandá-la embora. Algum progresso?!

— Nenhum. Eles não falam ou realmente não sabem onde o verme do Lorenzo está. Valentim nem para isso presta! Por mim já teria me livrado dele!

— Sabe que não podemos. Em linha direta, sabemos que ele é o único que tem ligação com o chefe. Bom mantê-lo na mira.

Infelizmente Tyler tem razão e eu também sei disso. De todos os outros aliados de Lorenzo, Valentim foi o que chegou mais longe; o mais esperto. Sabemos que ele tem grande apreço pelo chefe e desconfiamos que tenha algo mais envolvido. Não podemos afirmar com certeza, mas desconfiamos que haja um grau de parentesco entre eles. Até cogitamos a ideia de usar Valentim como isca para atrair o seu chefe, mas desconsideramos. *Com tanta atrocidade que já presenciei do Lorenzo, não seria Valentim capaz de atraí-lo.*

Aproximei-me do homem que eu desejava ver morrer lentamente só pelas coisas que despejou nos últimos dias. Jay o nome dele. O responsável pelas garotas das escutas. Pegamos-lhe há algum tempo atrás e depois de falar muita merda, decidi que seu sofrimento duraria alguns dias, talvez semanas. Bruce estava encarregado dele esta noite.

— Aproveitando a noite, Jay? — perguntei para o homem totalmente ensanguentado deitado e amarrado em uma mesa de ferro.

Ele nada respondeu.

Vê-lo daquele jeito, subjugado me dava satisfação.

— O que preparou para ele esta noite, Bruce?! — perguntou Tyler.

Bruce estava com um facão em mãos, perceptivelmente, recém afiado.

— Vou arrancar algumas partes hoje. Depois cauterizar — apontou com o queixo para a mesa onde um maçarico descansava.

O nosso prisioneiro resolveu abrir o bico e não foi feliz em suas palavras e mesmo com dificuldade ele gritou:

— Todos vocês vão morrer!!! Lorenzo vai acabar com vocês!

— Sinto decepcioná-lo, mas a única pessoa que vai morrer aqui é você e não demorará para o seu chefe cair também — falei calmamente.

O desgraçado riu.

— Eu sei por que essa raiva toda. Tudo isso por causa daquela puta que estava com você na festa. Valentim vai pegá-la e arrebentar cada buraco que aquela vadia tem!

“Filho da puta!”, ouvi Tyler dizer antes de ir para cima do homem. Eu o impedi.

Não daria o que esse imprestável queria. Ele não nos veria perder o controle. Por isso, somente me aproximei da mesa de ferro e fiquei ao seu lado. Olhei diretamente em seus olhos e falei pausadamente com o tom mais frio que poderia usar.

— A única pessoa que terá todos os buracos invadidos aqui é você! Vou me garantir de que cada um deles esteja sangrando no momento da sua morte! E, Jay, pode ter certeza que ela será lenta e dolorosa — terminei com um sorriso sombrio estampado no rosto.

— DESGRAÇADO! — gritou, debatendo-se contra as amarras.

Virei-me para Bruce e disse:

— Pode começar! E, Bruce, quero ouvir os gritos dele do lado de fora desse salão!

— Farei melhor que isso, senhor! — ele respondeu.

— Tyler — chamei sua atenção — dê a ordem para acabar com isso. Limpeza geral. Livrem-se de todos. Se não falam, são inúteis.

Não esperei sua resposta, virei-me e fui para a porta.

Estava atravessando o hall de entrada para sair quando Turner apareceu.

— Vou precisar sair para resolver alguns assuntos. Fique aqui e ajude Tyler com a limpeza e entre em contato se houver qualquer eventualidade — disse passando por ele.

— Darius — chamou Turner — deveria dar mais credibilidade para a Samira. Ela sabe se defender...

— Ela ainda não aprendeu a defender o seu emocional. Isso pode levá-la à ruína.

Turner pareceu pensar sobre as minhas palavras. E disse:

— Você se importa com ela! — acusou.

— Não! Eu só não quero nada nos atrapalhando! — e saí não dando espaço para mais conversa.

Essas foram as palavras que saíram da minha boca, mas na verdade, eu me importava. Importava-me mais do que deveria.

Noite passada foi uma mistura de realização, com surpresa e a porra de um sentimento de posse que nunca tive antes na vida. Posso negar, mas no fundo esperei ansiosamente o dia em que Samira me desafiaria. Fazer o que fez sem pensar nas consequências foi ingênuo de sua parte. Pela afronta deveria ser punida, mas não queria puni-la e sim possuí-la. Desejei ardentemente ter minhas mãos em seu corpo novamente. Por isso fiz o que meus instintos mandaram e agi conforme desejei nos últimos dias. Nunca a forçaria e a minha felicidade foi que ela queria aquilo tanto quanto eu. Aquela boca afiada se calou em meio aos gemidos. Descobrir que Samira era virgem foi o ápice. Eu a tratei como merecia

em sua primeira vez, mas em promessas já feitas, as próximas não serão assim. Ela despertou o pior em mim e terá que aguentar tudo que tenho para lhe dar.

Precisei passar em uma de minhas boates para resolver negócios pendentes. Além de lidar com Lorenzo, ainda tenho as responsabilidades da máfia para resolver. Um projeto de expansão de casas noturnas estava sendo finalizado para que as obras e reformas fossem inicializadas. Ao total, dez novas boates seriam abertas na região. A superlotação em nossas casas já começou a dar prejuízos e matar todos os envolvidos já não era mais a melhor solução. As brigas de gangues rivais se tornaram cada vez mais frequentes devido aos encontros corriqueiros e isso teria um fim. Cada com sua diversão em seu próprio ambiente. Isso me traria um lucro maior e economia de balas em suas cabeças.

Os negócios não param.

Já era madrugada quando Case - o segurança de confiança que me acompanhou essa noite - estacionou o carro em frente à entrada de casa. Desci depois de liberá-lo de suas funções e segui meu caminho para dentro. Estava prestes a subir as escadas quando pelo canto do olho pude ver alguém no sofá. Dei alguns passos para trás e consegui ver melhor. Samira estava deitada e encolhida; presa em um sono profundo. Com cautela para não a acordar, peguei-a no colo e lentamente levei-a até o meu quarto. Depositei-a na cama. Ela se remexeu e resmungou alguma coisa e voltou a dormir. Foi impossível não sorrir com a visão.

A garota que chegou de supetão na vida de todos e ganhou o seu espaço em tão pouco tempo. Língua afiada e atitudes que me tiravam do sério, mas no fundo gostava. Samira era a única pessoa que nunca baixou a cabeça para mim, e ela não fazia ideia do quanto isso mexia comigo.

Segui para o banheiro para lavar não só o corpo, mas a alma também. Cada dia que passa tem sido mais cansativo, mais estressante e mais desgastante. Essa situação toda já está indo longe demais e os efeitos já começam a aparecer. Após o banho, vestido com uma cueca boxer, deitei-me ao seu lado na cama, abraçando-a. *Gosto dela assim, ao meu lado, segura e protegida.*

O pouco que dormi foi o suficiente por uma noite inteira. O sono foi leve e profundo dando ao meu corpo um descanso mais do que merecido. Acostumado a levantar bem cedo, fui fazer minha higiene matinal enquanto Samira ainda dormia. Melhor assim. Deixei a dormindo e desci para tomar café e seguir para os compromissos que me aguardavam. Precisava ter uma conversa com Reed e me atualizar de algumas informações.

Phoebe me serviu como todos os dias de manhã. Antes de se retirar ela pediu permissão para falar.

— Senhor, preciso comprar algumas coisas para o Michael. Precisaré de meus serviços na parte da manhã?!

— Não, pode ir. Precisa de dinheiro ou alguma outra coisa?!

— Não, senhor. Obrigada.

— Disponha.

Uma ideia passou pela minha cabeça e antes que ela se retirasse a chamei.

— Phoebe, você poderia levar a Samira com você?!

— Claro! — respondeu sem hesitar — Michael adora ela e eu também. Será um prazer.

— Não conte a ela que eu pedi.

— Como o senhor quiser.

— Vou pedir para Case ficar e fazer a segurança de vocês. Não saiam sem ele!

— Entendido. Com licença, senhor — disse se afastando.

Samira foi proibida de nos ajudar nas atividades contra a quadrilha de Lorenzo por inúmeros motivos, não por falta de qualidades, mas sim por sua segurança que estava em risco. Mas não fazer parte de nossos planejamentos e ainda ficar trancada sem ter para onde ir, deve estar deixando Samira estressada. A garota é ativa e elétrica. Talvez um passeio com pessoas que ela goste pode ser tudo que está precisando. Além do mais, confio em Case e sei de suas qualidades como soldado. Sei o bom segurança que é e tenho certeza que Samira e seus acompanhantes voltarão em segurança para casa.

Terminei o meu café e fui até o carro que já me aguardava na entrada. Case estava encostado me esperando ao lado.

— Hoje você vai ficar e fazer a segurança de Phoebe, Michael e Samira. Leve-as para os lugares indicados e sempre me mantenha informado de sua localização. E, Case... todo cuidado é pouco. Mantenha-se atento e a qualquer movimentação suspeita e não hesite em buscar reforços. Leve um carro de apoio e os homens que achar necessário — disse para meu soldado.

— Sim, senhor — respondeu prontamente.

Passei por ele e fui em direção à garagem. Não me lembrava de quando foi a última vez que dirigi um de meus carros. *Hoje é um bom dia para inovar.* Entrei em meu Lexus Lx prata e acelerei. Ao meu encalço dois carros de apoio.

Hora de dar início a minha agenda diária.

Próxima parada: Reed.

Capítulo 27

SAMIRA

Naquela manhã acordei sozinha e sem nenhum sinal de Darius pelo quarto. Fui para o meu fazer minha higiene matinal e desci para tomar meu desjejum.

Encontrei Phoebe cantarolando baixinho na cozinha.

— Viu um passarinho verde hoje?

Ela deu um pulo de onde estava e se virou com a mão no coração.

— Quer me matar de susto?!

— Longe de mim fazer isso. Não respondeu a minha pergunta...

— E você também não respondeu às minhas... cerejinha — completou rindo.

Pronto. Lá vamos nós de novo.

— Cadê os meninos?! — optei por mudar de assunto.

— Os meninos ou o Dom?! — balançou suas sobrancelhas sugestivamente.

— Os meninos!

— Sei... Turner e Tyler nem passaram aqui hoje. Dom saiu logo depois de tomar café — respondeu ela.

— Será que aconteceu alguma coisa?!

— Não. As coisas por aqui são assim, uns dias mais corridos que outros. Hoje não deve ser diferente. Algum assunto rotineiro que exige a presença de Dom se fez necessário.

Sentei-me na bancada e me servi de algumas frutas que estavam dispostas ali. Phoebe sabia que quando os meninos não estavam, eu não gostava de tomar café sozinha. Então ela deixava algumas coisas que eu gostava a minha disposição aqui na bancada e eu me alimentava fazendo companhia a ela.

Comia calmamente enquanto Phoebe terminava seus afazeres. Hoje em especial não acordei com vontade de treinar. O dia ameno parecia propício para nadar um pouco talvez.

— Samira — Phoebe chamou minha atenção — eu vou ao shopping comprar algumas coisas para o Michael. Quer ir com a gente?!

Sair um pouco dessa casa. É exatamente isso que estou precisando.

— Claro!

— Perfeito. Eu vou arrumar algumas coisas e nós já vamos.

— Combinado.

Terminei meu café e subi para me arrumar. Coloquei uma calça jeans, uma blusinha de alcinha e sapatilhas. O cabelo foi preso em uma trança simples. Pretendia encher Michael de beijos e o cabelo solto não iria me ajudar muito. Desci as escadas e eles já estavam à minha espera. Michael acordado e a todo vapor começou a balançar seus bracinhos em minha direção.

— Vai perdê-lo para mim. Sabe disso, não é!? — brinquei com Phoebe.

— Estou vendo. Me dando trabalho desde cedo com mulheres. Homens!
— entrou na brincadeira.

Passamos pela porta e um carro estava estacionado logo a frente.

— Não diga que você vai dirigir?!

— Eu sei dirigir muito bem para sua informação. Mas não. Case ficou para nos acompanhar.

Dito isso, Case saiu de dentro do veículo que era totalmente “insufilmado”, impossibilitando que eu o tivesse visto. Cumprimentou-nos brevemente e abriu a porta para que entrássemos. Dentro do carro uma cadeirinha de bebê nos aguardava. Entrei primeiro para colocá-lo já que estava em meu colo e Phoebe deu a volta para se aconchegar ao lado do filho. Não demorou para Case dar partida e seguir para nosso destino. Notei alguns carros saírem junto a nós e me perguntei o porquê de tanta segurança.

Eu sei que Case é um dos poucos homens de confiança de Darius. A pergunta que permeia em minha cabeça era: por que ele estava conosco e não com o chefe?! Quem estava cuidando dele?!

Perguntas tolas, visto que Darius sabe se cuidar muito bem — corrijo-me internamente. Meu excesso de preocupação com as pessoas ainda vai me deixar louca.

Segui o caminho brincando e dando atenção para Michael. Estava pagando minha dívida por ele ter me salvo das garras de sua mãe. Não que isso vá impedi-la de todo modo.

Demoramos um pouco mais do que o normal para chegar. Deu para perceber que a casa de Darius ficava a certa distância da cidade.

Peguei o bebê no colo e junto a Phoebe fomos em direção às lojas. Há quanto tempo eu não fazia isso. Passeamos e compramos diversas roupas e acessórios para Michael, sempre com Case em nosso encalço. No horário do almoço não voltamos para casa. Aproveitamos para almoçar por ali mesmo. De acordo com ela, nem Dom (assim que ela o chama), nem os gêmeos iriam almoçar por lá. O que foi uma ótima notícia para mim, pois pude passar mais tempo longe de casa e aproveitando para me distrair um pouco. As horas passaram voando e quando vimos já estava na hora de voltar. Case estava nos

ajudando a colocar as sacolas no carro. Com Michael em meu colo, abri a porta para colocá-lo em sua cadeirinha. E foi no momento em que me inclinei sobre o banco para arrumá-lo que senti algo estranho. Era como se tivesse alguma coisa estranha nos rondando. Sabe quando temos aquela sensação de estar sendo observada?! Foi assim que eu me senti. Parecia que alguém nos observava. Finalizei o que estava fazendo e olhei a minha volta disfarçadamente. Meus olhos varreram todo o local e nada encontrei. Perguntei-me se os acontecimentos recentes poderiam estar mexendo com a minha imaginação.

Balancei minha cabeça para afastar esses pensamentos. Entrei no carro e seguimos de volta para a segurança da casa de Darius.

Ao chegar, ajudei Phoebe a levar as coisas para sua casa e me despedi logo em seguida. Ela pediu para eu ficar um pouco, mas uma dor de cabeça chata resolveu aparecer. Ofereceu-me um remédio e eu aceitei. Subi para o quarto, tirei a roupa que vestia e coloquei somente uma camiseta e me joguei na cama.

Dormir um pouco ajudaria.

A dor de cabeça passou e estava me sentindo melhor e revigorada. Minha disposição aumentou significativamente. Aproveitei o fim de tarde e fui nadar um pouco. Estava praticando minha respiração, indo de um lado ao outro embaixo da água e quando retornei à superfície dei de cara com Darius sentado em uma das cadeiras que ficavam ali. Ele me olhava atentamente.

Aproximei-me da borda, para que pudéssemos conversar.

— Está tudo bem?! — perguntei mediante seu olhar.

— Ficar! — garantiu.

— Dia ruim?!

— Não foi dos piores...

Olhei em direção à porta que dava acesso a piscina procurando por algum

indício dos gêmeos. Darius percebeu, pois logo falou:

— Eles não vieram... foram para casa deles.

— Você tem algo com isso?! — perguntei a ele que somente deu de ombros. Então resolvi mudar de assunto — Planos para hoje?!

— Talvez. Me diz você... — disse isso inclinando sua cabeça levemente para o lado.

Algo em suas palavras mexeu com meu interior. Senti o clima do ambiente mudar e uma pequena batalha de olhares se fez presente. Seus olhos eram puro magnetismo que tinham minha total atenção. A vontade de ter suas mãos em meu corpo se fez necessária e se tornou evidente que eu o queria, estava pronta para ele novamente.

Fui até as escadas para sair da piscina e ir em sua direção. Ao me ver do lado de fora, senti seu olhar queimar, como brasa, em cada parte do meu corpo; coberto apenas pelo pequeno biquíni.

— Por que não se junta a mim?! — perguntei provocativa.

— Talvez eu esteja com roupas demais — levantou-se e abriu os braços fazendo menção ao seu corpo.

Sim, roupas demais.

Darius estava com sua costumeira calça social e sapatos de grife. Camisa enrolada até os cotovelos. O terno jazia ao lado, em uma das mesas.

— Posso ajudar com isso — disse me aproximando. Levei minhas mãos até sua camisa, pronta para começar a abrir os botões.

Ele me impediu.

— Você pode me ajudar — aproximou nossas bocas — mas não aqui! — mordeu meu lábio inferior.

Soltei um gemido.

Beijamo-nos calmamente, dessa vez. Curtimos o beijo e cada sensação que o ato nos trouxe. Delicioso e provocante. O beijo passou de calmo para urgente.

Era hora de sair dali.

Afastei-me sem avisar e segui para dentro. Fui em direção às escadas. Seus passos eram audíveis, mas calmos e a certa distância.

Estava quase alcançando o topo quando escutei sua voz.

— Está pensando em fugir? — disse a fera de forma controlada, mas a nota em sua voz denunciava que estava gostando do jogo.

— Isso nunca passou pela minha cabeça — soltei a parte de cima do biquíni e joguei para trás. Sua respiração pesada denunciava sua excitação.

— Não provoca o que não vai poder controlar, garota!

— E quem disse que quero controlar?! — abri a porta de seu quarto e antes de entrar ele me alcançou — colocou nossos corpos, eu de costas para ele. Minha bunda foi de encontro com sua ereção que era perceptível. Levou ambas as mãos até meus seios desnudos e os apertou — perca o controle, Darius — disse com o prazer falando mais alto.

— Foi você quem pediu — sussurrou em meu ouvido — se lembre disso quanto gritar implorando para eu parar.

Eu queria rebater sua provocação, mas só consegui gemer em resposta. Darius era fogo e eu definitivamente queria me queimar.

Com nossos corpos ainda colados ele me colocou para dentro do quarto e com o pé fechou a porta. Uma de suas mãos foi parar em meus cabelos, segurando-os com força enquanto a outra mão deixava meu seio para fazer seu caminho até meu pescoço. Darius me manteve assim, presa, em seu total domínio. Sua boca foi de encontro à minha orelha, dando-me uma leve mordida. Desceu trilhando meu pescoço entre lambidas e chupadas e depois subiu

novamente. O aperto em meu cabelo intensificou-se, fazendo-me virar o rosto em sua direção. Encontrei duas esferas azuis que esbanjavam sedução me encarando; fazendo promessas ocultas. Nossas bocas se chocaram com gula, necessidade e urgência. Minha boceta latejava, o prazer ensopando a parte debaixo do meu biquíni. Darius fez minhas pernas se moverem de encontro à cama. Assim que estava exatamente onde ele queria, me incentivou a colocar somente a parte superior do corpo em cima do colchão. Minhas pernas ainda tocavam o chão e minha bunda ficou a sua mercê. A posição não era desconfortável, pois a cama era um pouco mais alta do que o normal. Virei minha cabeça a tempo de ver suas mãos indo até a última peça que cobria minha intimidade. Darius desfez os laços do meu biquíni e o retirou. Eu ainda o observava tentando decifrar o seu próximo passo. A fera então se ajoelhou atrás de mim, suas mãos seguraram os dois lados da minha bunda me abrindo totalmente para si. Meu corpo se arrepiou no momento em que senti sua língua passar na carne sensível e exposta. Darius chupou minha boceta com vigor. Minhas mãos seguravam o lençol com força e os meus gemidos preenchiam o ambiente.

Já não aguentava mais aquela tortura e tentava rebolar em sua boca procurando por alívio, mas ele me segurava no lugar impossibilitando meus movimentos.

— Darius, por favor — eu disse em meio aos gemidos.

Senti ele se afastar — Por favor o que, cerejinha ?! — e me atacou novamente.

— Eu... eu preciso de você dentro de mim. Agora!

Mas sua tortura não teve fim. Ele continuou me chupando, só que agora devagar, provocativo. Eu estava mole e agradecia a cama logo abaixo de mim para me sustentar. A fera se afastou e se pôs de pé. Ele ainda estava vestido. Como estava bem atrás de mim, minha visão não era das melhores. Até tentei me virar, mas em troca recebi um belo tapa na bunda, que me manteve no lugar. Ouvi o barulho de roupas indo ao chão e não demorou para o calor de seu corpo ser sentido por mim. Darius colocou a cabeça do seu pau em minha entrada e pincelou espalhando minha umidade por todos os lados. Rebolei minha bunda para incentivá-lo, mas sabia que ele adorava esse jogo de provocação.

Uma de suas mãos me segurou pela cintura e a outra ajudou seu pau a entrar em meu interior. Darius se enterrou completamente em mim e quando estava pronta para protestar seus movimentos começaram. Forte, duro e incessante. A fera estava no controle. Eu estava no limite, precisava gozar. Levei uma de minhas mãos até o ponto latejante, mas fui parada por Darius. Ele pegou meu braço e puxou o outro, prendendo os dois em minhas costas com suas mãos.

— Não, cerejinha — ele disse retirando seu pau e o enterrando novamente com força — Seu prazer será causado somente por mim — retirou seu membro — irá gozar depois de receber bastante meu pau nessa boceta apertadinha — e o meteu novamente e começou a se movimentar com vigor.

Suas palavras foram minha perdição. Suas mãos seguravam meus braços somente para me manter no lugar e essa dominação me deixou ainda mais excitada. Não demorou muito para minhas paredes se apertarem em torno do seu pau me fazendo gozar loucamente. O gozo foi longo e seu pau dentro de mim sentiu cada sensação da minha libertação.

Meu corpo estava leve, me sentia nas nuvens. Darius soltou meus braços e se retirou de mim. A posição deixou minhas pernas moles e por isso aproveitei para subir na cama e me virar. Darius estava lá em pé, me olhando.

— Cansada? — ele perguntou.

— Estou só me aquecendo... — respondi de forma provocativa.

— Ah, isso é bom — disse, subindo na cama e vindo em minha direção. Seu corpo veio de encontro ao meu — pois ainda nem comecei, cerejinha.

Sua boca agora estava próxima a minha — se bem me lembro, disse para perder o controle, fera. Esqueceu!?

Ele somente deu um meio sorriso e antes de me beijar disse:

— Eu nunca esqueceria!

Capítulo 28

SAMIRA

Eu os observava com muita curiosidade. Pessoas de todas as idades se divertiam e dançavam no balanço da música. *Talvez essas pessoas nem saibam do perigo que os ronda mundo afora.* Seus semblantes amenos e a felicidade estampada em seus rostos; felicidade real ou fruto de alguma droga distribuída neste lugar.

Estava bebericando minha bebida à base de cereja (se tornou a minha preferida por alguns motivos que já devem desconfiar) e meus olhos vagavam pelo amontoado de pessoas a poucos metros de distância. Hoje foi um dia escolhido para relaxar e os meninos me trouxeram para uma das boates de Darius. Nossas cabeças imploravam por um descanso antes do grande dia. *Amanhã, tudo que eu mais almejei irá acontecer, finalmente.*

Meu pai confirmou a informação que eles receberam sobre a última carga. Demoraram exatos cinco dias para planejar e invadir o local.

Xeque-Mate.

Fim da linha para Lorenzo e Valentim. Agora com todos os seus esquemas arruinados e seus homens mortos ou com medo suficiente para não tentar nada contra a família, era chegada a hora de agir. Eles não tinham como se reerguer tão rapidamente e não daríamos tempo para que isso acontecesse. *Amanhã vamos atrás do Valentim. Não vejo a hora de acabar de uma vez por todas com o homem que tirou a vida da minha mãe.*

O esconderijo de Lorenzo ainda é desconhecido, mas fontes seguras

disseram que ele está a ponto de enlouquecer e sem saber qual seu próximo passo. Darius garantiu que é certeza que ele tentará algo inesperado e disse para eu ficar totalmente ligada às coisas ao meu redor. *Por ora, estou me divertindo, recebendo o álcool que meu corpo precisa para relaxar; somente por esta noite.*

Estava no camarote do chefe, um lugar feito especialmente para ele. Ficava um andar acima da pista de dança. Dali tinha a visão de toda a boate e era protegida por vidros que nos separavam. Darius estava sentado junto aos gêmeos em um sofá localizado em um dos cantos. Ao centro, um pole dance. Ficava imaginando o que esses homens já não aprontaram aqui dentro. O garçom foi dispensado, eles queriam conversar a sós e por isso eu também me afastei e aproveitei esse tempo para observar as pessoas dançando.

Sabia que Bruce e Case estavam na entrada do camarote fazendo a segurança e outros homens espalhados pelo local. Estávamos seguros.

Minha bebida acabou e eu definitivamente precisava de mais. Aproximei-me dos rapazes e eles silenciaram.

— Desculpa atrapalhar a conversa de vocês, mas acabou — disse balançando meu copo vazio — vou lá embaixo pegar mais.

— Não é necessário, vou pedir para alguém trazer — falou Darius.

— Não precisa. Vou aproveitar para remexer um pouco — disse mexendo meu corpo lentamente.

Darius balançou a cabeça com um sorriso de canto marcando seu rosto — não acha que já bebeu demais?!

— Eu nem comecei — respondi me afastando. Soltei um beijo para eles.

Desci as escadas e cumprimentei Bruce e Case que mais pareciam estátuas. Balançando meu corpo no ritmo da música, fui trilhando meu caminho até o bar. Encostei-me nele e fiz sinal para o barman. Logo, fui atendida. Enquanto esperava ele preparar minha bebida olhei ao meu redor. Mesas espalhadas em torno da pista compunham o ambiente. Havia várias garçonetes servindo pessoas por todos os lados. Assim que meu drink ficou pronto, decidi degustá-lo ali mesmo. Queria sentir um pouco mais daquela vibração que os

dançarinos passavam. Talvez fosse exatamente disso que eu precisava; dançar. Deixei meu copo inacabado em cima do balcão e fui em direção à pista.

Fechei meus olhos e senti a música me levar.

O peso que eu carregava, a dor no peito da perda, a mudança repentina na vida e todos os últimos acontecimentos. Desejei que eles sumissem por essa noite. Queria sentir somente, por míseras horas, o que era ser uma jovem de vinte e três anos e por esse motivo eu me permiti. Dancei música após música. Sentia-me viva, revigorada. Suor escorria por todo meu corpo.

A cada novo movimento meu, tinha a sensação de ser observada, mas dessa vez eu sabia quem era o dono dos olhos que me seguiam.

Darius.

Ele me observava feito um falcão. Seus olhos acompanhavam cada movimento que eu fazia. Não podia ver a expressão de seu rosto perfeitamente, mas sabia que ali havia uma promessa, uma noite agitada nos aguardava.

Nós éramos assim, sem regras e sem cobrança. Vivíamos momentos e aproveitávamos um dia após o outro. Ainda não conversamos sobre “nós” e nem era necessário. Enquanto tudo isso não se resolvesse, não queria que nada nos atrapalhasse. Mas não vou mentir, Darius ocupa um lugar importante no meu coração.

Cansada, decidi que era hora de voltar para junto dos meninos e descansar um pouco para talvez, quem sabe, fazer uma segunda rodada de dança. Estava fazendo meu caminho até às escadas quando passei por uma mesa, onde dois homens puxavam a garçonete e ela se debatia tentando se soltar.

Comecei um mantra mental.

Não se intrometa.

Não se intrometa.

Não se intrometa.

Adiantou?! Não!

— Algum problema aqui?! — aproximei-me e gritei, a fim de sobrepor o volume da música com minha voz.

Todos olharam para mim. Um deles, o loiro, alto e forte segurava a moça pelo braço impedindo que ela saísse. O outro, moreno e mediano me olhou dos pés à cabeça e disse:

— Nenhum problema, gata. Mas você pode se juntar a nós, o que acha?!

— Eu acho que o seu amigo deveria soltar a moça! — o respondi de forma fria.

— Por quê?! Ela está se divertindo. Não está vendo?! — o moreno respondeu.

O loiro lambeu o pescoço da moça que estremeceu em seu lugar. Puxei a respiração firme para manter o controle e a lucidez. A raiva costumava tomar conta nessas situações onde a mulher não tinha escolha a não ser sucumbir ao que os homens desejam e querem. Mas eles não farão nada com ela, não comigo aqui!

Cheguei perto dela e falei:

— Vou tirar você daqui! — ela só balançou a cabeça em sinal de positivo, parecia com medo.

— Vai?! E como pretende fazer isso?! — perguntou o loiro apertando ainda mais o braço dela.

— Assim — respondi ao partir para cima dele e desferir um soco direto em seu nariz.

Ele a soltou na hora e levou as mãos ao rosto para conferir o estrago. Peguei-o desprevenido. Nunca deve ter passado pela sua cabeça que uma mulher como eu, frágil e indefesa pudesse atacá-lo desse jeito.

Puxei a moça pelo braço e a coloquei atrás de mim.

— Sua vadia! — vociferou o loiro — você quebrou meu nariz.

— Se dê por feliz. Deveria ter quebrado muito mais! — gritei de volta.

— Vai pagar por isso! — disse vindo em minha direção. Tentou me acertar, mas desviei.

Começamos a chamar atenção das pessoas em volta. Um caminho foi aberto para que a cena fosse vista. Sabe o mais interessante?! Ninguém ajudou ou se manifestou. Dois homens atacando duas mulheres, parecia normal por aqui.

O moreno veio também. Dei dois passos para trás e fugi de seu ataque. Ele mirou a garota a poucos passos de mim. *Por que ela não correu?!* Fui tentar impedi-lo quando braços me pegaram de cada lado do corpo e me prenderam. O loiro!

Que distração de merda! Droga!

Não importava se o cara era praticamente duas vezes maior que eu. Mesmo forte metido a machão, em um único movimento estaria livre, porém uma presença em minha frente me fez parar.

A fera!

Reconheci-o pelo porte físico e sua voz fria soou logo depois como um trovão.

— Tire as mãos dela agora, ou garantirei que elas não estarão grudadas ao seu corpo nos próximos minutos!

O corpo atrás de mim tencionou. O cara sabia quem estava à sua frente. Ele o temia. Ele não protestou, nem questionou. Soltou-me bruscamente e caiu nos braços de Darius que me segurou.

— Bruce e Case — chamou ele — faça com que eles entendam seus lugares.

Vi o momento que ambos foram praticamente arrastados para longe de minhas vistas. Procurei a moça que gerou tudo isso e a encontrei chorando meio perdida.

Afastei-me de Darius e fui até ela.

— Ei — falei perto o suficiente para que me ouvisse — você está bem?!

Ela fez que sim com a cabeça.

Notei Turner e Tyler se aproximarem.

— Conhecem?! Ela parece assustada. Seria melhor ir embora...

— Vamos resolver isso — garantiu Turner que foi até a moça e falou algo em seu ouvido. Em seguida seguiram em direção a portas laterais.

— Vem — senti a mão que reconheço muito bem me segurar pelo cotovelo e guiar de volta ao camarote.

Fui procurar Tyler e o vi nos seguindo. Quando fui olhar para frente novamente algo me chamou a atenção. Um homem afastado nos olhava fixamente. Ele não estava dançando, não tinha bebida à vista. Quanto mais perto, mais sua fisionomia era familiar para mim. Eu só não conseguia me lembrar. Ele percebeu que eu estava olhando demais e se deslocou saindo de minha visão.

Darius foi me guiando até o andar de cima e minha cabeça não parava de trabalhar.

De onde eu o conheço? Onde eu o vi? Ele não me é estranho.

— Você está bem? — Darius perguntou ao chegarmos ao camarote.

— Sim, eu só... — meus pensamentos em completa confusão — me desculpa por aquilo. Eu tentei não fazer nada, mas não deu.

— Não seria você se não o fizesse — disse indo até o sofá e se sentando nele.

Sentei-me ao seu lado e Tyler se sentou do outro.

— O que vocês fazem com essas mulheres aqui afinal?! O cara estava forçando a menina! — falei olhando para o Darius.

— Se isso te incomodou, sugiro não voltar aqui tão cedo, Samira. Sabe que as coisas não são flores dentro da máfia. Todas as pessoas que trabalham para nós entram sabendo que tudo pode acontecer. Mas essa menina em questão parecia estar um pouco desnorteada... deve ser novata. Vamos cuidar disso! — respondeu ele.

— Tem algum tipo de seleção para isso ou o que? — perguntei.

— Você realmente quer saber? — disse erguendo uma de suas sobrancelhas.

Pensei um pouco antes de responder e cheguei à conclusão de que não queria estragar essa noite — talvez seja melhor deixar esse assunto para outra ocasião — sua boca inclinou em um meio sorriso perante a minha resposta.

— Gostei do gancho de direita — comentou Tyler chamando minha atenção para si.

— Vocês viram?!

— Nós estávamos olhando as pessoas dançarem... sabe como é — deu de ombros.

Sei. Eles estavam de olhos pregados em mim. Como se eu fosse uma menina indefesa. Até parece que algum dos homens de Valentim ou do Lorenzo iriam aparecer aqui e me raptar.

Homens do Lorenzo. Homens do Valentim.

Minha cabeça começou a trabalhar.

Homens inimigos. Valentim...

Lembrei-me de onde conheço aquele cara que nos olhava.

Virei-me com certa urgência para Darius.

— Um dos homens que estavam no galpão, daquele dia em que você nos salvou... ele está aqui!

— Quem? Do que está falando?! — perguntou Darius um pouco confuso.

— O homem que me colocou dentro daquele tanque no galpão. Ele está aqui! Eu o vi antes de subir as escadas e estava tentando lembrar de onde o conhecia! É ele, Darius! Tenho certeza.

— Mais que merda — Darius soltou antes de escutar tiros e gritaria.

Estávamos prestes a levantar quando três homens apareceram em nossa frente. Um deles eu já conhecia, era o cara do galpão.

— Darius... — disse o que aparentava ser mais velho apontando sua arma em nossa direção. Todos estavam com armas apontadas para nós.

— Lorenzo... — Darius rosnou em resposta.

Capítulo 29

SAMIRA

Então esse é o Lorenzo. Um homem corpulento. Sua barba e cabelo branco denunciavam certa idade e seu rosto marcado mostrava pura maldade.

Darius comentou sobre esperar o inesperado, mas isso?! Ele foi louco o suficiente para vir até nós! Para quem não queria ser achado, o que ele pensa estar fazendo?!

— Sua autoconfiança é admirável. Onde estão seus seguranças?! — Lorenzo perguntou.

— A minha autoconfiança ou a sua?! Sabe, Lorenzo, eu sempre te achei inteligente apesar de tudo, mas vir aqui no meu território — Darius balançou a cabeça em negativa — definitivamente não foi uma boa jogada.

— Essa boate está cercada por homens meus e minha saída daqui está logo à minha frente!

Ele se virou para um de seus homens (o que eu não conhecia) e disse:

— Stephen, vá para a escada e guarde o local. Ninguém passa por você! Entendeu?!

— Sim, senhor — respondeu indo para a saída.

— Não posso perder tempo então vou direto ao assunto! Cadê o Valentim?!

Eu fiquei intrigada com sua pergunta. Nós sabemos onde ele está ou ao menos o meu colar. Mas saber que o seu próprio chefe está atrás dele e não o encontra é um tanto confuso.

— Você é o chefe dele. Você quem deveria saber! — rebateu Darius.

— Não me faça de idiota! — Lorenzo gritou balançando a arma em nossa direção — Vocês o pegaram e eu o quero de volta! Vivo! Você entendeu?!

Nesse exato momento eu me virei totalmente para Darius em completo estado de choque. Ele tinha pegado Valentim e não ia me contar. Meu coração acelerou e senti uma vontade enorme de gritar com ele e o acusar de me trair. O combinado foi que eu acabaria com o Valentim. Eu, somente eu! Mas ele estava tranquilo demais nem na minha direção olhou. Sua cabeça agora pendia para o lado, observando o homem à sua frente com atenção.

Algo estava errado.

— Você cometeu um engano — disse calmamente — Nós não estamos com Valentim!

— Não minta para mim, Darius! Aquele maldito que mal posso chamar de filho me ligou pedindo ajuda dizendo que estava sendo seguido pelos seus homens! Eu escutei o momento que pegaram ele!

Filho?! Pelo visto a genética ruim se transferiu de pai para filho neste caso.

— Sinto muito decepcioná-lo, mas acho que foi enganado, Lorenzo. Não estou com Valentim e pode ter certeza que se ele estivesse em minhas mãos, já não estaria vivo para correr para o colo do papai.

— Acha que estou preocupado com o fato dele ser meu filho?! Por mim já teria morrido! Aquele projeto de merda roubou boa parte do meu dinheiro e o quero de volta. Se não está com ele, vai me ajudar a encontrá-lo!

— Isso também não vai acontecer!

— Veremos!

Era possível escutar a troca de tiros no andar de baixo e muitos gritos das pessoas que ali estavam. O barulho foi ficando cada vez mais longe, o que indicava que a boate estava esvaziando-se.

— Marcel — chamou Lorenzo.

O homem que estava no galpão.

— Se atualize da situação!

Marcel foi até a o vidro que dava acesso ao andar inferior e fez uma rápida inspeção.

— Temos pouco tempo, senhor!

— Vocês — Lorenzo apontou sua arma para nós — tirem suas armas e joguem no chão.

Ninguém se mexeu...

— AGORA! — gritou — ou mato a menina — apontou a arma para mim.

Darius pegou sua arma e jogou no chão em direção a eles, Tyler fez o mesmo.

— Você também! — disse para mim.

— Eu não tenho arma! — rebati.

Lorenzo me olhou, talvez pensando se acreditava ou não. Mas não tinha muito que temer. A roupa que eu usava não dava lugares para esconder uma arma, pois era um vestido justo ao corpo. Só que não era verdade. Eu tinha sim uma arma, uma pequena faca na realidade. Ela estava presa em minha perna de modo imperceptível. Usaria no momento certo.

— Levantem-se — ordenou — hora de ir e vocês três vão comigo.

Depois que pegarmos Valentim, terão o fim que merecem!

E esse falatório todo só me faz pensar na saúde mental desse cara. Os anos que passou tentando destruir a máfia deve ter afetado sua cabeça. Achar que invadir a boate, pegar o chefe e sair ileso seria fácil é muita inocência. Nessa loucura só achei uma explicação: Desespero. Lorenzo teve seu pequeno mundo destruído de forma irreversível. Darius acabou com tudo depois de criar um plano meticulosamente planejado. Depois de tanto tempo com um propósito e agora não sobrou nada e ao que parece foi traído pelo próprio filho. Deve estar beirando a insanidade.

Lorenzo e Marcel nos fizeram descer as escadas e o outro homem nos aguardava com a arma apontada em nossa direção. O local estava deserto, mas o barulho de zumbidos era ouvido. Troca de tiros bem perto. Os seguranças e os homens de Lorenzo devem estar se enfrentando logo à frente. Só precisamos ganhar tempo.

— Você não vai encontrá-lo, Lorenzo — comecei para tentar distraí-lo — ele já deve estar longe.

— Não. Ele pode ter me enganado, mas longe ele não está. Tem algo que ele quer bem na minha frente — disse me olhando.

— E o que ele quer?! — dei corda.

— O que você acha?! Ele quer você! — praticamente cuspiu suas palavras.

Eu? Por que diabos Valentim ia me querer?! Que ele é doente e maníaco isso já sei, mas nada justifica. Curiosidade me corroía. Estava prestes a perguntar quando Lorenzo nos fez começar a andar.

Éramos três contra três. Quais as chances!?

— O que me resta saber é — falou Lorenzo mais para si mesmo — você me serve mais viva ou morta!? Eu poderia usá-la como moeda de troca e matá-los depois, ou matar você agora e deixar ele irritado o suficiente para vir até mim. Acho que vou de segunda opção — disse alto — Stephen, mata a menina — ordenou e se virou para continuar a andar.

Nesse momento tudo aconteceu rápido demais. Stephen apontou a arma em minha direção, eu levei a mão até a faca que estava presa em minha perna, mas não daria tempo. Foi então que Darius me tirou da linha de tiro e com um movimento rápido pegou uma segunda arma (que eu sabia da existência) e atirou contra o homem que caiu. Na mesma linha do tempo, Lorenzo ergueu sua arma e ia atirar contra Darius, mas me coloquei na frente e atirei a faca em sua direção no mesmo instante que efetuou o disparo. Senti uma ardência forte. A faca acertou o braço de Lorenzo que urrou de raiva e devido à dor, deixou sua arma cair. Darius ao vê-lo desarmado, abaixou sua arma e somente o olhou. *O que ele pensa que está fazendo?*

— Acaba com todos esses malditos, Marcel! AGORA!!! — ele gritou.

— Sim, senhor — ele respondeu.

Dois disparos e silêncio.

Nada me preparou para isso. Lorenzo estava caído ao chão e foi Marcel quem atirou nele.

— Seu desgraçado — Lorenzo berrava — o que pensa que está fazendo!?

Marcel se aproximou — cumprindo as ordens de seu verdadeiro chefe — e sem misericórdia atirou em sua cabeça dando fim a sua vida miserável.

— Desculpa, Dom. Não consegui avisar com antecedência sobre a invasão. Ele chegou transtornado no lugar que estávamos latindo ordens — disse Marcel para Darius

Eu estava perdida demais para conseguir raciocinar.

— Nada de desculpas. Você fez bem mais do que deveria. Bem-vindo de volta! — Darius respondeu.

— Alguém pode me explicar o que está acontecendo?! — perguntei mais alto do que deveria.

— Claro — respondeu Darius — Samira, esse é o Tobias. O homem de

confiança que tínhamos infiltrado — apresentou-me seu soldado.

— Tobias?

— Foi mal por aquele dia, Samira. Sabe, no galpão...

— Você é o Tobias, marido da Phoebe?! — nem prestei atenção em suas desculpas, estava surpresa demais com essa revelação. Chocada para não dizer outra coisa.

— Sim, sou eu.

— Meu Deus! De quem foi a ideia?!

— Minha, claro — respondeu Darius.

— Você é um gênio! — falei para ele.

Ele somente esboçou um sorriso de lado e nada disse. A satisfação era visível em seu olhar. Todo trabalho e planejamento foram realizados com sucesso e hoje teve um fim.

Os tiros ao redor também cessaram. Logo Bruce, Case e Turner entraram correndo em nossa direção.

— Tudo sob controle. Todos os homens abatidos, chefe — informou Case.

— Por que demoraram tanto?! — perguntou Darius.

— Eram muitos. Ficamos preocupados com vocês aqui e com a demora de chegar para ajudar — respondeu Bruce.

— O importante é que acabou. Nós vencemos! — comemorou Darius — vamos para casa.

Ele colocou sua mão em minha cintura para me conduzir. Senti uma ardência e ele logo retirou a mão e olhou para ela. A visão não era das melhores, o ambiente estava escuro, mas pude reconhecer... era sangue.

— Mais que merda! Você se feriu, Samira?! — disse ele buscando algum sinal de dor em minhas feições.

Levei minha mão até a lateral do corpo e constatei. Estava ferida, mas de raspão. Por sorte a bala só havia atingido superficialmente.

— Não foi nada. Deve ter sido na hora que Lorenzo atirou, mas pegou de raspão — disse de forma simples para ele saber que eu estava bem.

Darius me pegou desprevenida ao me puxar para si e me aconchegar em seus braços — Essa bala era para mim! — disse ele só para eu escutar.

— Ei, eu estou bem — falei levando uma de minhas mãos até seu pescoço e fazendo ali uma leve carícia — Vamos para casa — incentivei. Queria sair dali o quanto antes.

E assim seguimos para fora. Ao chegar na entrada da boate, o lugar que tinha mais iluminação, Darius olhou meu ferimento e sua cara não era nada agradável. Case e Bruce ficaram para resolver a “limpeza”. Tobias, os gêmeos, eu e Darius fomos para casa. Nenhuma palavra trocada no caminho.

Mal coloquei os pés na sala e a enxurrada de palavras veio.

— Você não deveria ter feito aquilo, Samira! — disparou Darius.

— Feito o que?! Salvo sua vida? Você sabe que não ia dar tempo de revidar!

— Você poderia ter morrido!

— Não morri!

— Poderia ter se machucado! — falar isso fez com que uma expressão de dor passasse em seu rosto.

Aproximei-me calmamente dele, não me importando com a plateia e coloquei seu rosto entre minhas mãos.

— Eu estou bem. É isso que as famílias fazem, elas cuidam umas das outras, não é?!

Ele nada falou.

— Eu prometi que confiaria, seria leal e nunca mentiria. Lembra?! Da mesma forma que fazem comigo!

Nesse momento Darius fechou seus olhos com força e respirou fundo. Aproximei meus lábios dos seus e o beijei. Quando me afastei ele me olhava intensamente.

— Nunca mais se coloque em perigo por mim!

— Não posso prometer...

Ele ia retrucar, mas a chegada de Joseph e Path fizeram ele se calar. Afastei-me por completo para ver meu pai. Path veio em minha direção e me avaliou. Agora, no claro, era possível ver sangue marcando a lateral do meu corpo e isso fez sua expressão mudar de pacífico para preocupado.

— Não precisa se preocupar — já fui falando para não o preocupar — foi só de raspão. Só preciso de um banho para estar nova em folha.

Papai me pegou em seus braços e fez uma breve inspeção — Tem certeza?! — perguntou.

— Sim, eu tenho. Vou deixar vocês conversando enquanto tomo um banho e troco de roupas. Volto em alguns minutos.

Virei e fui em direção às escadas deixando aquele bando de homens para trás. Notei Tobias se esgueirando e saindo pela porta lateral. Foi ver sua mulher e filho, com certeza. Apesar do choque, estou feliz que ele esteja de volta. Phoebe sentia muito sua falta e Michael talvez nem o conhecesse pessoalmente ainda.

Fui até o banheiro do quarto de Darius que agora era nosso. Sim, ele me fez trazer minhas coisas para cá há uns dias. Ficou mais prático, já que não saio daqui. Retirei minhas roupas com cuidado e analisei o estrago feito através do espelho. Droga, isso não está muito bom. Vou precisar fazer um curativo após o

banho. Lembrei-me da caixinha que tem no armário lá embaixo. Resolvi buscar a caixinha antes de tomar meu banho. Coloquei um roupão e segui em direção às escadas novamente.

Já nos primeiros degraus fui capaz de ouvir vozes exaltadas. Joseph estava falando algo para Darius. Ah, esses homens. Não sabem resolver nada pacificamente?!

A cada degrau ficava mais nítido o teor da conversa. Escutei Joseph dizer:

— Eu confiei a vida dela a você! Prometeu que cuidaria dela e o que encontro quando chego aqui?! Ela machucada, sangrando, por levar uma porra de tiro em seu lugar!!!

— Eu não tinha como saber que ela entraria na minha frente, Joseph!

— A única coisa que você tinha que fazer era protegê-la para que todos os esforços não tenham sido em vão!

— A culpa disso não é minha! A escolha foi sua e a culpa é de seus atos!

Eu ia intervir, estava quase chegando em seu campo de visão, mas algo que Joseph disse me fez parar.

— Ela é minha filha! Você não entende por que não é pai!

Meu corpo paralisou por completo.

Filha.

Eu era filha legítima do Joseph!

Capítulo 30

SAMIRA

Parecia que todas as forças foram drenadas do meu corpo. Minhas pernas fraquejaram, meus braços tremeram e eu quis chorar de raiva. Eu desejei que o que tinha escutado fosse algo derivado da minha imaginação. Recusava acreditar naquilo. Não queria acreditar. Desci os últimos degraus com muita dificuldade e o primeiro a me ver foi o Turner que exclamou:

— Samira!

Eu tive a visão de todos os presentes na sala. A expressão de cada um entregava o espanto a me ver, mas não pela informação que Joseph jogou ao vento a poucos segundos atrás. O que me leva a crer que todos sabiam. Todos! Mas eu tiraria a dúvida, com certeza.

— Todos vocês sabiam! — acusei olhando no rosto de cada um — e mesmo assim não pensaram em me contar?!

— Samira... — disse Turner tentando se aproximar.

Ergui minha mão fazendo sinal para que não chegasse mais perto. Ele parou.

— Cadê a lealdade? Cadê aquele papo de não mentir para a família?! — nesse momento eu gritava. Raiva tomando posse das minhas ações.

— Filha, eu posso explicar — falou Joseph.

— NÃO ME CHAMA ASSIM!!! — gritei em resposta.

— Samira, não faz assim... — disse Path.

— Não faz assim como, pai?! O que eu fui para você?! Uma mentira?! Um fardo que teve que carregar?!

— Nunca mais repita uma coisa dessas!!! — disse enérgico — Kiera e eu amamos você mais do que tudo!

— Mentindo para mim? Esse é o amor que sentem?! Baseado em mentiras?!

— Nós só queríamos proteger você! — disse Path.

— Proteger de quem?! De si mesmos?! — eu ri sem nenhum humor balançando minha cabeça em negativa.

A expressão no rosto do meu pai foi de dor. Como se eu tivesse ferido seus sentimentos. *Mas e os meus sentimentos?! Ninguém pensou!*

De repente me senti fraca demais. Toda confusão dessa noite, as revelações e eu ainda estava machucada. Meu peito doía. Sentia como se meu coração tivesse partido tão profundamente que nada seria capaz de repará-lo.

Virei-me para subir.

— Samira, espera! — disse Darius.

Ainda de costas eu respondi:

— Por favor, eu quero ficar sozinha. Respeitem isso pelo menos.

E sem mais uma palavra segui para o quarto. Entrei no banheiro e tranquei a porta. Tirei o roupão que usava e entrei debaixo do chuveiro. Deixei que a água lavasse minha ferida e ali fiquei desejando que ela também pudesse levar toda tristeza que eu sentia naquele momento embora.

Fechei meus olhos. Prometi ser forte e não chorar. Prometi ser capaz de

aguentar o mundo em minhas costas, de ser boa em tudo que faço. Bem, eu não me sinto boa agora. *Sinto-me perdida, confusa. Não sei quem eu sou. Nada faz mais sentido.*

Eu gritei, gritei bem alto para aplacar um pouco a dor que estava sentindo e depois cai de joelhos ainda com a água caindo sobre minha cabeça. Neste momento não foi possível conter as lágrimas. Eu chorei, chorei por tudo que descobri, chorei pela morte da mamãe, chorei pela minha vida.

DARIUS

Segui Samira com o olhar até sair de vista. Seu semblante entregava o cansaço de tudo que aconteceu no dia de hoje. Não a culpo por estar assim. Descobrir a verdade dessa forma doeu no mais profundo do seu ser. *Ela tenta ser forte, mas por dentro é frágil como uma flor.* Vê-la dessa forma me deixou com receio de como ela lidaria com isso.

Virei-me para olhar nos olhos de Joseph, sua expressão de derrota era clara. Também me sentiria culpado em seu lugar. Tanto esforço para proteger a filha, só para talvez perdê-la por omissões e segredos.

— Eu só queria protegê-la... — murmurou Joseph — todos os meus atos foram pensados em seu bem-estar. Isso me torna uma má pessoa?!

— Você agiu conforme seu coração mandou, Joseph! Eu entendo seus motivos, isso não quer dizer que concorde com eles. Sabe qual foi o seu erro?!

Ele somente esperou eu prosseguir.

— Seu erro foi subestimar a sua filha. Não acreditar em seu potencial e a tratar como uma criança indefesa. Talvez se tivesse lhe contado a verdade no dia em que a viu aqui, o estrago não seria tão grande...

— Eu a tirei desse mundo para mantê-la segura, Darius. Ter ela em minha frente, envolvida em algo desse porte não foi o que imaginei. Senti-me impotente, como se todos os meus esforços tivessem sido em vão. Anos perdidos longe da minha filha para nada.

— Você cuidou dela mesmo de longe e fez o que pode. Só te desejo sorte para que consiga abrir caminho para dentro do coração de Samira.

Neste momento ouvimos um grito. Um grito cheio de mágoa e dor. O sentimento transmitido por ele era cru e nítido aos ouvidos de quem ali estava. Como instinto, todos da sala fizeram menção de subir.

— Nem pensem nisso!!! — os repreendi — Esse não é o momento! Deixem-na sozinha para digerir um pouco do que está sentindo.

— Preciso conversar com ela — falou Path.

— Você a criou e a conhece melhor do que todos aqui presentes. Ela escutaria vocês agora?! — perguntei a ele.

Cabisbaixo ele respondeu — Não.

— O melhor agora é cada um ir descansar. A noite não foi propícia para nenhum de nós.

— Mas e ela?! — perguntou Joseph.

— Eu cuidarei dela, pode deixar. Amanhã com mais calma vocês conversam.

Eles não gostaram muito da ideia, mas sabiam que era o melhor a se fazer. Os gêmeos foram os primeiros a se mover e chamar seu pai para segui-los. Precisavam atualizar Violet dos últimos acontecimentos.

Path foi logo em seguida dizendo que estaria aqui cedo para tentar convencê-la a ouvir o que tinha a dizer.

Assim que todos tinham ido embora subi para o quarto e o encontrei vazio. Fui até a porta do banheiro e tentei abrir. Nada, estava trancada.

— Samira... — chamei batendo de leve na porta.

Não obtive resposta.

O fato de ter o conhecimento desse segredo recém-descoberto não me ajudará com ela. Com certeza sua mágoa se estende a mim também.

Respirei fundo antes de tentar a minha defesa para que ao menos abrisse a porta. Apoiado com as duas mãos de cada lado do batente eu comecei a falar:

— Eu não sabia da sua existência até o dia em que te conheci. Você era uma estranha e totalmente desconhecida até aquele momento. Sabia que tinha algo de errado, Path e Kiera não adotariam alguém dessa forma sem contar a ninguém. Não precisei pesquisar ou ir a fundo sobre isso, pois alguns dias depois Joseph disse que precisava conversar comigo em uma das visitas que ele nos fez. Estávamos na sala, lembra?! Eu o chamei até o escritório e lá ele me contou toda a história, despejou de vez. Escutei tudo e absorvi toda informação. Quando ele terminou a única coisa que eu disse foi que deveria contar para você. Foi então que ele me pediu um tempo, queria que tudo se resolvesse para tentar consertar as coisas. Eu sinto muito por ter escondido tal coisa de você, Samira, mas o segredo não era meu para contar...

Silêncio.

— Você não precisa passar por isso sozinha. Deixe-me cuidar de você...

Eu esperei pacientemente por ela e mais alguns minutos, escutei o click da porta sendo destrancada.

Samira surgiu com o rosto inchado pelo choro, seu cabelo molhado gotejava água e uma toalha enrolava seu corpo. Não conseguia ver minha garota ali, era como se tivesse desligado suas emoções e estava agindo de modo automático.

— Vem — fui até ela e aconcheguei seu corpo ao meu.

Levei Samira até a ponta da cama e fiz com que se sentasse. Voltei para o banheiro em busca de uma toalha para secar seu cabelo e uma escova para penteá-los. Coloquei-me atrás dela e com movimentos leves fui passando a toalha para que a umidade fosse absorvida. Após fazer isso peguei a escova e passei mecha por mecha, desfazendo o emaranhado de cabelo. Fiz tudo em silêncio. Em momento algum ela me olhou ou esboçou reações.

Após terminar, peguei uma de minhas camisetas e coloquei nela, livrando-me da toalha que a cobria. Conferi seu ferimento. A bala passou de raspão e apesar do sangue que se fez presente, o machucado não foi grande. Deixei-a sozinha por alguns instantes até ir ao andar debaixo para pegar os materiais necessários para fazer um pequeno curativo.

Fiz com que se deitasse na cama e ficasse ali enquanto eu tomava um banho para me livrar de toda sujeira adquirida no dia. Não demorei. Voltei para seu lado, minutos depois e apertei seu corpo ao meu.

Esse momento íntimo e de cuidado, eu nunca tive ou pratiquei com ninguém, mas com ela era diferente. Vê-la assim não me deixava bem. Eu estava acostumado com aquela Samira; enérgica e cheia de vida. A garota que me respondia de maneira firme e nunca abaixava a cabeça.

Com ela em meus braços eu podia sentir, que se possível, lhe daria o mundo. Isso também me deu a certeza de que faria o possível para ver seus olhos voltarem a brilhar.

Tirei uma mecha de cabelo que caía em seu rosto e o coloquei atrás de sua orelha. Dei um beijo de leve na lateral de sua cabeça e sussurrei:

— Você quer conversar?!

Ela somente balançou a cabeça com um gesto negativo.

Meus braços envoltos de seu corpo, apertaram-na em sinal de conforto.

— Vai ficar tudo bem. Estarei ao seu lado amanhã quando acordar e vamos resolver tudo isso. Eu prometo!

Ela nada falou em resposta.

Não demorou para começar a ouvir seu choro baixinho e sentir seu corpo sacudindo lentamente. Samira me apertou com suas mãos trêmulas e ali ficou chorando, até ser vencida pelo cansaço e se entregar ao sono.

Minha pequena e frágil garota. Dona de um coração gigante. Teve uma

reviravolta na sua vida que a deixou sem rumo, sem direção. *Imagino que perguntas e ideias devem estar passando em sua cabeça. Só desejo que amanhã ela acorde lúcida e calma para dar oportunidade aos envolvidos que se expliquem. Mas se não quiser, que eles respeitem seu tempo e espaço.*

Amanhã também está marcado para pegarmos Valentim. Não podemos esperar muito menos adiar. Sei o quanto isso é importante e o que representa para ela.

Será que ela estará pronta para mais isso?!

Capítulo 31

SAMIRA

Estava apoiada com a cabeça na porta do banheiro enquanto Darius tentava se explicar. Eu estava muito magoadada com ele, mas uma coisa que ele disse me chamou atenção: o segredo não era dele para que pudesse contar. Apesar de sentir minha cabeça em parafusos, tentei ao máximo me colocar em seu lugar e cheguei à conclusão de que faria a mesma coisa.

Em contrapartida nada disso diminuiu a dor que estava sentindo. Aquela sensação de que minha vida não passou de uma mentira, sentindo como se eu fosse uma mera marionete. Imagens felizes que passei nos últimos anos com meus pais, momentos que passamos juntos. O que tudo aquilo significou!? Se eu tivesse sido criada aqui, como teria sido!? Passei treze anos da minha vida em um orfanato, presa e isolada, enquanto tinha uma família aqui. Fui privada de viver com meus irmãos!

Irmãos...

Turner e Tyler também sabiam.

Apertei minhas mãos em punhos. Mágoa consumindo o pouco que restava de bom em mim. Sentia meu corpo em estado de letargia. Tudo parou ao meu redor e comecei a agir em modo automático. Abri a porta para Darius entrar. Ele cuidou de mim e me colocou em seus braços e naquele momento as lágrimas voltaram com tanta força que não consegui contê-las.

Adormeci de exaustão.

O dia amanheceu e a vontade era de não acordar. Eu não queria lidar com as novas descobertas, nem ouvir explicações de ninguém. Queria ficar aqui, sozinha, quieta com meus próprios pensamentos. Infelizmente sabia que não era isso que aconteceria.

A dor de cabeça era intensa. Latejava e doía tanto que mal consegui abrir meus olhos. Os braços de Darius ainda envoltos em mim me davam a sensação de paz, mas não era o que eu precisava neste momento. Precisava pensar e colocar a cabeça em ordem e só veio um lugar que seria possível eu fazer isso. Minha mãe. Eu precisava visitar o túmulo dela.

Remexi-me para tentar sair do aperto de Darius, mas não consegui. O movimento deve tê-lo despertado, pois logo sussurrou:

— Bom dia...

— Bom dia... — respondi no mesmo tom.

— Como se sente?

Não respondi. Só balancei minha cabeça indicando que não queria falar sobre isso. Ele entendeu.

— Quero te pedir uma coisa — comecei a falar.

— O que você quiser...

— Preciso visitar o túmulo da minha mãe.

— Claro, eu te levo.

Imediatamente eu respondi:

— Não! Eu quero ir sozinha.

— Não seria certo você sair sozinha, Samira.

— Eu preciso disso, Darius. Você precisa resolver as coisas sobre o Valentim, e prometo voltar antes de saírem. Quero participar.

— Samira... — ele começou, mas o interrompi.

— Manda um dos seguranças comigo — virei-me para ficar de frente a ele — por favor — levei uma de minhas mãos até o seu rosto — eu preciso desse momento com ela.

Darius fechou seus olhos ao meu toque e ficou em silêncio por alguns instantes.

Estava pensando.

Abriu seus olhos e me encarou.

— Promete não demorar?! Não é seguro...

— Prometo ficar somente o tempo necessário para que a dor ao menos diminua.

— Tudo bem — disse e se aproximou selando nossos lábios.

Ao se afastar, encarei-o. Sinto como se a única coisa verdadeira neste momento é o que sinto por ele.

Mas e ele!? Isso tudo também foi real ou foi um modo de me manter no controle!?

Minha vontade agora era questioná-lo e tirar minhas dúvidas, mas me contive. Dependendo da resposta, não estaria pronta. Tiraria isso a limpo outra hora.

Desvencilhei-me de seus braços e fui ao banheiro. Fiz minha higiene matinal e joguei uma água no corpo. Saí do chuveiro com uma toalha enrolada e fui até o espelho. Meu reflexo denunciava a noite mal dormida e o choro excessivo. Respirei fundo antes de seguir para o quarto. Darius estava sentado na cama e levantou-se quando me viu.

— Sua vez de usar o banheiro.

Coloquei um vestido simples preto, sapatilhas e nada de maquiagem. Meu cabelo preso em um rabo de cavalo alto. Darius não se demorou e logo também já estava pronto para descermos. Lado a lado seguimos rumo às escadas sem trocar nenhuma palavra. Sabia que estava respeitando meu silêncio e agradeci-o internamente por isso.

Eu nunca torci tanto para não encontrar alguém. Chegar à sala e encontrá-la vazia foi um grande alívio para mim. Não estava pronta. Ainda não, pelo menos.

— Vamos tomar café — chamou Darius indo em direção à cozinha.

— Estou sem fome... — disse negando seu convite — posso ir? — falei, referindo-me a ir ver mamãe.

— Você precisa se alimentar, Samira.

— Por favor...

Darius travou uma luta interna. Era evidente a preocupação e o cuidado que queria ter comigo, mas ele estava focado em não magoar e por isso pegou seu celular e ligou para Bruce pedindo sua presença o quanto antes.

Poucos minutos se passaram quando Bruce apareceu. Darius deu o comando.

— Bruce, cuide dela com a sua vida. Leve até o local indicado e a traga de volta quando for solicitado. Fique com o celular a postos caso precise entrar em contato.

— Sim, senhor — e saiu para pegar o carro.

— E você — Darius disse ao se aproximar — te esperarei. Qualquer coisa que precise diga ao Bruce.

— Obrigada, Darius. Não só por agora, mas por cuidar de mim ontem.

— Eu me preocupo com você...

Ao ouvir suas palavras senti meus olhos arderem. *Que essa preocupação seja real, não por respeito ao Joseph ou os gêmeos. Que seja algo partido dele, e só por ele.*

Darius deu um beijo de leve na minha testa antes de me colocar no carro. Acompanhei com os olhos ele ao longe enquanto o carro em movimento me levava dali. Senti uma sensação ruim, como se fosse a última vez que o veria.

Ao chegarmos à frente do cemitério, pedi para que Bruce ficasse do lado de fora. Com certa relutância ele aceitou. Seguia em passos lentos em direção ao túmulo de mamãe quando senti aquela sensação de estar sendo vigiada. Passei meus olhos ao redor e não tinha ninguém, estava sozinha. Tudo isso tem mexido demais com a minha cabeça.

Aproximei-me da lápide de mamãe e ali fiquei. A imagem de quando os vi pela primeira vez e aquela conexão que eu senti, vieram com tudo, fazendo-me voltar ao passado. Lembro-me de chorar aquela noite, por talvez, não os ver novamente. Eles voltaram, me deram uma casa, família e muito amor.

Tudo foi real?

— Mãe — comecei a falar — queria tanto que a senhora estivesse aqui. Preciso tanto do seu abraço, do seu colo. Queria sentir o conforto dos seus braços e você me dizendo que tudo ficará bem. Eu tenho tantas perguntas, mãe. Por que fizeram isso comigo?! Por que mentir?! O que eu fui para vocês?! — as primeiras lágrimas começaram a cair — Está doendo tanto.

— Sinto como se minha vida inteira fosse mentira. Como se tivessem roubado ela de mim. Não me deram escolhas, nem a oportunidade de opinar sobre qual caminho seguir. E sabe o que mais dói?! Saber que estive cara a cara com a minha família biológica e ninguém teve a coragem de me contar a verdade.

— Preciso dos seus conselhos. Eu não sei o que fazer. Sou tão forte e determinada, mas agora só me sinto perdida, como se não me encaixasse em

lugar nenhum. Minha vida nesse vendaval e eu com esse vazio que cresce no peito. Fraca, com medo. Medo de descobrir toda a verdade e me machucar ainda mais, medo de ficar no escuro e me ver sozinha novamente, sem ter para onde ir.

Minhas pernas tremiam. Abraçava-me com meus próprios braços.

Talvez esse seja o meu maior medo: ficar sozinha. Depois de anos na solidão eu tive meu sonho realizado e por dez anos eu vivi a vida que tanto idealizei. Não era perfeita, mas era minha. Meu sonho realizado. E agora tudo teve fim. Meu pai conhece Joseph, meu pai biológico. O que eles planejavam para mim?!

— Quem sou eu, mãe?! Onde é o meu lugar?!

Perguntei chorando e presa nesse limbo que estava cada vez mais presente em mim.

De repente me vi presa e encostada a alguém. Um braço envolveu meu corpo e apertou firme, enquanto a mão veio em direção ao meu rosto com um pano encharcado de alguma substância que me fez sentir uma leve tontura e comecei a perder os sentidos.

Estava quase me entregando quando escutei a pessoa dizer:

— Seu lugar é ao meu lado, gatinha.

Eu conhecia essa voz. Nunca a esqueceria.

Valentim.

Tentei me debater, tentei lutar, mas já era tarde. Meu corpo fraco já não tinha forças neste momento e no final o que eu tanto queria estava diante de mim. Não sabia o que Valentim queria comigo e agora pouco importava. Juntaria meus cacos e o enfrentaria nessa vingança final.

Entreguei-me a escuridão.

VALENTIM

Acelerava para ganhar velocidade. Uma corrida contra o tempo se iniciou. Tinha certeza que não demoraria muito para darem conta do seu desaparecimento.

Quando a vi saindo sem os seus guardiões, nem acreditei. Observava-a de perto a tempo suficiente para saber que pegá-la não seria fácil, mas cá estamos. No banco de trás a recompensa por tudo que foi tomado de mim. Finalmente a tinha em meus braços. Cada dia de espera valeu a pena. Minha gatinha selvagem agora tem uma nova casa, um novo lar.

Seu lugar é ao meu lado.

Juntos vamos nos reerguer e eu a ensinarei bons modos. Mostrarei a ela o quanto gosto de um bom desafio. E domar gatinhas selvagens definitivamente é um dos meus passatempos favoritos.

Capítulo 32

DARIUS

Não estava bem em deixá-la ir. Mas o que fazer depois de tudo que aconteceu!? Deveria ter negado e magoado ela ainda mais!? Ou pior, ela poderia agir por impulso e fazer algo impensado. Esperei o carro sair do meu campo de visão e retornei para dentro de casa. A fome que sentia, passou. Deu lugar a apreensão. Já contava os minutos para tê-la novamente ao meu lado.

Forcei-me a tomar ao menos uma xícara de café que me foi servida por Phoebe. Meu momento sozinho acabou poucos instantes depois. A casa foi praticamente invadida pelas pessoas que aqui estavam ontem à noite. Joseph, Path, Tyler e Turner me encaravam em busca de respostas silenciosas. O bombardeio de perguntas veio logo em seguida.

“Como ela está?!”

“Você conversou com ela?!”

“Ela está brava com a gente?!”

“Ela está dormindo?!”

Todos falavam ao mesmo tempo. Por fim Path disse:

— Vou subir para conversar com ela — virando-se para seguir em direção ao seu destino.

— Ela não está aqui — disse fazendo com que ele cessasse seus passos e se virasse em minha direção novamente.

— Como assim não está aqui?! Onde ela está, Darius?!

— Ela pediu para visitar o túmulo de Kiera.

— E você deixou?!

— Sim, deixei. Ela está com Bruce!

— Você não poderia ter permitido, Darius! — foi Joseph quem falou.

— E em sua opinião o que eu deveria ter feito!? Negado seu pedido!? Deveria ter impedido ela de ter suas próprias escolhas e vontades!? Eu não sou vocês! — falei rispidamente — deveriam ter visto o estado da filha de vocês ontem à noite. Duvido que estivessem agora questionando sobre isso!

Silêncio.

Eles sabiam que eu tinha razão.

— Ela está brava com a gente?! — disse Turner balançando sua mão entre ele e o irmão.

— Eu só acho que ela precisa de tempo para digerir tudo isso e no momento certo vocês conversarão.

— Darius... obrigado por cuidar dela — agradeceu Tyler.

— Não tem que agradecer. Eu fiz isso único e exclusivamente por ela.

— Você gosta dela, não é?!

Parei e pensei em sua pergunta.

Eu gostava da Samira?! A resposta é sim! A mulher capaz de me fazer cuidar, zelar e me preocupar é digna de bem mais do que um gostar. A verdade é que ela mudou completamente meu mundo quando entrou nele. Não demonstro, mas sinto. Sinto bem aqui dentro do peito. E ontem vê-la daquele jeito me deixou mal, impotente. Minha vontade era que sua dor se transferisse para mim. Eu

suportaria tudo só para não olhar em seus olhos e vê-los apagados outra vez.

Estava prestes a responder à pergunta de Tyler quando alguém nos interrompeu.

— Reunião de família?! — falou Reed ao chegar.

— Antes fosse — Tyler respondeu.

— Não é hora para explicações — interfeiri — vamos ao escritório para me atualizar, Reed. Precisamos colocar nosso último alvo na mira e pegá-lo o quanto antes — terminei minha xícara de café em um só gole e me levantei seguindo rumo ao escritório.

— Darius... — chamou Path — deveríamos ir encontrar Samira.

— Dê um tempo a ela, Path. Ela precisa — falei alto para que me escutasse. Não ouvi sua resposta.

Entramos, Reed e eu. Os gêmeos chegaram logo em seguida. Hora de colocar o último plano em prática. Valentim já deveria estar morto há muito tempo. Sua hora chegou. Quando pegamos Jay, ele nos revelou algumas coisas que não nos agradaram em nada. Ao que parece o verme do Valentim está obcecado pela Samira. Não sabemos o motivo, nem o que ele pretende fazer. Agora com o término da quadrilha ele sumiu e não deu as caras nos últimos dias. Sorte que ele é doente suficiente para estar com o colar da Samira, o que confirma as palavras de Jay.

— Alguma novidade?! — logo perguntei para Reed.

— Houve uma movimentação do colar na última semana e desde então nada de diferente.

— Localização?

— Um barco atracado em um cais da região. Fica a mais ou menos duas horas daqui.

— Ele não seria burro o suficiente para ficar atracado em um barco —

refleti comigo mesmo — bem, independente disso já temos por onde começar. Partimos em uma hora para verificar o local. Vou ligar para Bruce e chamá-los de volta. Samira vai querer participar disso.

Peguei meu celular e disquei o número do celular de Bruce. Neste momento me recriminei por Samira não ter um também. Ela sempre esteve por perto que nunca senti falta de ter um meio de comunicação entre nós. *Vou providenciar isso o mais rápido possível.*

O celular chamou, chamou, chamou e caiu na caixa postal. Meu semblante deve ter mudado tão bruscamente que Turner e Tyler se aproximaram da mesa.

— Algo de errado?! — perguntou Turner.

— Bruce não atendeu!

Ouvi seus xingamentos antes de discar e tentar novamente.

Nada.

Merda! Mil vezes merda! Porque raios ele não atende esse celular. Milhões de teorias já começaram a passar em minha cabeça. Levantei-me em um rompante que a cadeira foi ao chão. Segui em passos largos para fora do escritório já indo em direção à saída de casa para pegar um dos carros e ir atrás deles. Passei como um furacão pela sala, local onde Path e Joseph estavam sentados conversando. Senti todos atrás de mim, uns gritando com os outros em forma de comunicação.

Entrei no primeiro carro que vi e liguei o motor. Portas se abrindo e fechando denunciaram companhia. Os gêmeos e Reed estavam comigo.

Acelerei.

Ansioso.

Preocupado...

Tentava formar desculpas plausíveis para Bruce não atender ao telefone.

O pensamento positivo em chegar lá e ele somente ter deixado seu celular de lado para fazer a segurança da Samira.

O caminho pareceu demorar uma eternidade. Logo que chegamos à rua que levava ao cemitério, conseguimos avistar o carro ao longe, mas a visão ao chegar mais perto não foi a que imaginei. Bruce estava caído ao chão banhado em sua própria poça de sangue. Um dos meus melhores homens foi abatido e morto. Corri para dentro só para encontrar tudo vazio. Mirei de um lado a outro e nada. Nenhum sinal de Samira, nem de seu sequestrador. Andei até a lápide de Kiera e vi os rastros de uma possível luta.

Minha garota se debatendo para ver-se livre de quem a pegou.

Dei um grito de ódio.

Vou matar quem fez isso com ela. Vou despedaçar com as minhas próprias mãos.

— Cadê ela, Darius?! — gritou Turner.

— Cadê nossa irmã?! — gritou Tyler.

— Eu não sei!!! — berrei — vamos trazê-la de volta!

E saí em direção à saída. Reed estava com seu notebook apoiado em cima do capô do carro e digitava incessantemente. Não precisei perguntar, pois logo informou:

— Aqui — apontou para a entrada do cemitério — tem uma câmera de segurança. Estou tentando acesso para ver o que aconteceu de fato.

— Rápido, Reed. Não temos tempo!!!

Freadas bruscas e batidas de portas. Joseph, Path e Case chegaram. Ao avistar o corpo de Bruce, Joseph veio para cima de mim.

— Cadê a minha filha?!

— Tudo indica que alguém a levou — respondi.

— A culpa é sua! — gritou apontando o dedo na minha cara.

— Primeiro, abaixa esse dedo. Segundo, que a culpa dessa merda toda é sua! Eu não tive escolha! Se não tivesse deixado-a vir com Bruce, com certeza teria dado um jeito e vindo por conta própria. Você não conhece a filha que tem! — rosnei em resposta.

Ele aceitou minhas palavras e foi se afastando, meio a contragosto. Joseph estava à beira de perder o controle. Não faço ideia do que se passava em sua cabeça, mas de uma coisa eu tinha certeza; ele amava a Samira. Teve seus motivos para mantê-la longe, mas o amor estava ali, evidente, claro e transparente.

— Nós vamos trazê-la de volta! — garanti para quem estava presente naquele momento — nem que seja a última coisa que eu faça!

— Consegui! — exclamou Reed.

Aproximamo-nos do vídeo que passava na tela. Bruce estava parado em frente ao carro olhando diretamente para a entrada do cemitério quando de repente um carro em alta velocidade avançou em sua direção e subiu a calçada. Não deu tempo de reagir. O motorista atirou duas vezes em sua direção.

Dois tiros certos.

Como a Samira não escutou?!

O motorista saiu do veículo e sua fisionomia ficou evidente. Valentim. Ele ainda estava com a arma em mãos e foi possível enxergar um pequeno alongamento. Um silenciador provavelmente, isso explicaria ela não ter ouvido. Valentim pegou algo dentro do carro que não consegui identificar e entrou. Em menos de cinco minutos ele voltou com Samira em seus braços, a depositou no banco de trás e a beijou. Tomou seu lugar no banco da frente e partiu cantando pneu.

Dei um soco na lataria do carro fazendo o notebook pular e quase cair.

— Eu vou matar esse maldito!!! — gritei alto.

Começou a corrida contra o tempo. Cada segundo era de extrema importância para trazer Samira de volta.

— Quais as ordens, Dom?! — perguntou Case.

— Achar Samira e resgatá-la. Valentim já está morto, só não sabe ainda. E Deus permita que ele não a toque, ou sua passagem para o inferno vai ser aos pedaços. Case, providencie a remoção do corpo de Bruce daqui.

— Sim, senhor — respondeu já pegando seu celular para seguir meu comando.

— E nós vamos até o cais — disse me referindo a todos que ali estavam — Ele não estava lá, mas com certeza é sua rota de fuga. Deve estar a caminho. Temos uma vantagem. Temos sua localização através do colar!

Cada um seguiu para seu carro e juntos partimos o mais rápido possível rumo ao destino traçado. Samira estava correndo perigo com aquele maníaco, mas seu resgate estava a caminho.

Minha garota, aguente firme. Sua família está indo te buscar.

Apertei minhas mãos ao volante e pisei fundo no acelerador.

Capítulo 33

SAMIRA

Estava um pouco desnorteada. Senti o momento que meu corpo foi depositado em um lugar macio. Meu pulso foi envolto por algo que não consegui identificar. Assim que notei seus passos afastarem, forcei meus olhos a se abrirem e fiz uma breve inspeção para saber onde estava.

Um barco.

Passei os olhos sobre meu corpo e estava tudo ok. Pelo menos ele não se aproveitou da minha fragilidade para fazer algo. Um de meus pulsos foi amarrado com uma faixa preta de cetim, sua outra extremidade em uma peça de metal presa a lateral de onde estava. Levei minha mão livre até o nó atado e estava apertado. Com uma única mão seria um pouco difícil me soltar.

O que Valentim pretende com isso?!

Fiz um pequeno esforço para me sentar e consegui. Arrumei meu vestido e pensei no que fazer. *O certo é esperar para ver quais são seus planos.* Nem terminei meu raciocínio, quando ouvi seus passos voltando para dentro de onde estava. Ele parou, a me ver acordada.

— Bom que acordou — falou se aproximando — gostaria de ser mais hospitaleiro, mas precisamos sair o quanto antes. Trouxe uma coisa para você... — colocou meu colar sobre uma mesinha que ficava ao meu alcance — disse que o guardaria como lembrança. Não preciso mais, pois agora tenho você, gatinha. Tem lembrança maior que essa?! — fez uma pequena pausa esperando por uma resposta minha que não veio — Não quer conversar?! Tudo bem...

teremos muito tempo. Agora se comporte que já venho te buscar.

Virou-se e com poucos passos sumiu. Os motores foram ligados e o barco começou a se movimentar. Voltei minha atenção ao colar em minha frente e estiquei minha mão até pegá-lo. Eu o balancei rente ao meu rosto e olhei para a estrela. O rastreador ficava dentro do pingente e isso significava que logo a ajuda chegaria. Eles me tratariam como uma mulher indefesa, me resgatariam e provavelmente matariam Valentim sem hesitar pela sua audácia. Mais uma vez eu não teria voz, não teria escolha. E foi exatamente com esse pensamento que coloquei o colar no chão e pisei diversas vezes até o pingente ficar completamente amassado. O peguei de volta e constatee a destruição. A estrela ainda estava ali, porém danificada. O rastreador não resistiria a isso.

Sem rastreador, sem nossa localização. Agora éramos só nós dois. Estava pronta para qualquer coisa que Valentim tenha preparado. Havia tomado as rédeas da minha vida e de minhas próprias ações. *Vou encarar tudo de cabeça erguida e seguir firme no meu propósito.*

DARIUS

Apertava o volante do carro com toda minha força imaginando o pescoço de Valentim em seu lugar. O ódio transbordava de mim. Sentia-me culpado, não por ter deixado Samira ir, mas por ter deixado ele vivo tempo suficiente para que fizesse tal coisa. Agora Samira está em suas mãos e não faço ideia do que passa naquela mente doentia. A imagem dele carregando-a até o carro passou repetidas vezes na minha cabeça. Samira desacordada e mesmo assim ele a beijou. Esse desgraçado pode estar tocando nela neste exato momento.

Dei um soco no volante demonstrando minha frustração.

— Calma, Darius — pediu Turner.

— Não me peça calma quando você está igual ou pior que eu!

Turner não respondeu, sabe que tenho razão. Só respirou fundo e olhou para a estrada à nossa frente. Estrada essa que parecia não ter fim. Quanto mais se percorria, mais longe nosso destino parecia estar.

A todo o momento era audível os dedos de Reed trabalhando em seu notebook. De minuto em minuto ele nos atualizava de quaisquer eventualidades. Nesse instante resolveu falar.

— Acelera, Dom! O rastreador começou a se movimentar, o que nos leva a crer que o barco está indo mar adentro!

— Droga! — falei pisando fundo no acelerador.

Tinha que me manter centrado em dirigir rápido e ao mesmo tempo com cautela. Estava tentando chegar e resgatar minha garota, mas precisava estar vivo para fazer isso.

— Mais o que..... — as palavras de Reed morreram no ar. Seus dedos batiam com certa força no teclado.

— O que aconteceu? — Tyler perguntou antes que eu.

Reed fechou o notebook com força.

— O sinal... o sinal sumiu...

— Como assim o sinal sumiu?! — perguntei baixo prestes a explodir.

— Ele estava se movendo e de repente desapareceu. Eu sinto muito.

Valentim deve ter descoberto e se desfez do colar. Maníaco de merda. Nossos esforços terão que ser redobrados, mas independente disso o resultado será o mesmo. Terei Samira ao meu lado sã e salva.

— Turner, ligue para o Tobias e mande organizar duas equipes. Quero o máximo de empenho nisso e todos no mar o mais breve possível — pegou seu celular e fez o que mandei.

Estamos chegando, Samira, aguenta firme.

Assim que parei o carro, Path e Joseph chegaram logo em seguida. Juntos, fomos em direção ao lugar exato onde o barco estava atracado. Como já sabíamos, nada foi encontrado. Olhei no horizonte e nenhum sinal deles. Uma ilha cobria nossa visão, impossibilitando-nos de saber para onde estavam indo. *Se ainda estivessem visíveis...*

Uma mão pousou em meu ombro.

— Vamos achá-la — Path disse.

— Tenho certeza disso.

— Darius, não sabemos em qual direção eles foram — comentou Reed — a busca pode demorar dias.

— Por isso quero todos os homens disponíveis dentro de barcos, lanchas, seja o que for, à procura deles. Quero visualização de cima. Coloca alguém para sobrevoar a área. Converse com contatos da costa, quero a localização desse barco o mais depressa possível!

— Farei isso! — e se afastou.

Cada minuto que passava era uma distância a mais entre nós. Isso me preocupava na mesma medida que minha raiva crescia. *Maldita hora que resolvi deixar esse homem vivo!*

VALENTIM

Aquele desgraçado achou que um dia poderia me ter em suas rédeas curtas. Que conseguiria me controlar e moldar conforme seu desejo. Lorenzo nunca esteve mais errado em toda sua vida. Eu sempre o odiei e esperei o dia que poderia me vingar. Eu tomaria tudo que lutou tanto para conquistar, eu o destruiria aos poucos e silenciosamente.

Foi isso que eu fiz.

Lorenzo me teve com uma prostituta qualquer e me deixou aos seus

cuidados. Para ela eu não passava de um estorvo, um peso que não queria carregar. O homem que ajudou a me fazer obrigou-a a cuidar e me manter ao menos alimentando. Isso ela fez, fome nunca passei, mas nunca tive amor, carinho, nem nada relacionado a isso. Com o tempo cresci amargurado, sendo torturado por diversos homens que por ali passavam.

Até aquele dia.

O dia em que um homem entrou sem ser convidado. Eu tinha doze anos. Escondi-me para que ele não me encontrasse e consegui passar despercebido. Já minha “mãe” não teve a mesma sorte. Ele a encontrou e estuprou por horas sem parar, eu ouvia seus gritos de onde estava e não aguentava mais. Parecia mais um animal sendo abatido. Sai de meu esconderijo, fui até o lugar onde sabia que tinha uma arma. Peguei-a.

Lorenzo vez ou outra vinha me visitar e quando isso acontecia, ele me ensinava algumas coisas. Atirar era uma delas. Ele sempre fazia questão de pontuar os meus erros e dizer o quanto eu era inútil e insignificante.

Cheguei até a porta do quarto onde os gritos eram mais audíveis e empurrei a porta com leveza extrema para não chamar atenção. O homem estava de costas e metia sem parar entre as pernas daquela prostituta. Tinha minhas dúvidas se os gritos eram causados pelo estupro ou ela sentia prazer com aquele ato. Vadia do jeito que era, não duvidaria.

Levantei minha mão com a arma em punho e descarreguei a munição em cima dele para ter certeza que tinha morrido. O corpo, todo perfurado, caiu em cima do animal gritante. Ela se debatia, tentando sair, mas o peso dificultava as coisas. Olhei para o chão e vi algo refletir. Aproximei-me e vi que era um pequeno canivete. Peguei-o.

— Me ajuda a sair daqui seu moleque inútil!!! — ela berrou.

Segurei com força o objeto em minhas mãos e fui até ela. Fiz menção em ajudá-la, mas no último momento, perfurei sua garganta repetidas vezes enquanto falava para ela:

— A inútil aqui é você, vadia!

Eu a vi engasgar com o próprio sangue e seus olhos perderem a vida, pouco a pouco. Um sorriso apareceu em meu rosto... nem lembrava se um dia eu sorri de verdade.

Não demorou muito para descobrirem o que tinha acontecido e Lorenzo foi chamado. Ao contrário do que achei, ele me parabenizou e disse que seu sêmen não havia sido desperdiçado. Levou-me para sua casa e cuidou de mim.

E assim minha jornada teve início.

Peguei gosto pela morte e a sensação que ela me trazia. Era puro êxtase. Meu passatempo favorito era trepar com prostitutas e matá-las logo em seguida. Um jogo viciante, delicioso e perturbador.

Lorenzo me ensinou a ser quem eu sou. Tornou-me o pior homem que alguém poderia ser. Eu me dediquei e aprendi. Fui seu braço direito quando mais precisou, quando todos os inúteis que ele achava bons o suficiente, falharam. Tive minha oportunidade de mostrar meu valor. Levei os negócios às alturas, mas quando ele nem imaginava eu o destruí com a ajuda do chefe da máfia. Devia meus agradecimentos a ele por isso. Poupe-me muito esforço.

E então no meio de todo esse caminho eu a encontrei, Samira. A gatinha que logo de início chamou minha atenção. Eu queria dominá-la e fazer com que gritasse igual a um animal enquanto a fodia com força. Mas uma coisa fez com que meus pensamentos mudassem. De posse do notebook do Path, eu encontrei diversas fotos e vídeos dela em treinamento. Percebi nossa semelhança. Fomos feitos um para o outro.

Meu reinado está só começando e nada melhor do que ter alguém como ela ao meu lado. Juntos ninguém poderá nos deter. Sei que essa gatinha é arisca, caso se negue, eu adorarei ensiná-la a ser uma boa menina.

Temos todo tempo do mundo.

Capítulo 34

SAMIRA

O ronco do motor e o balanço do barco eram constantes, o que significa que cada vez ficávamos mais longe de terra firme. Não me mexi, nem tentei me soltar, eu só esperei o tempo passar.

Era possível escutar Valentim cantar uma música qualquer alegremente como se estivesse feliz e realizado. Perguntava-me o que uma mente doentia como a dele estaria tramando neste momento. E, apesar de saber o quão maligno ele pode ser, não estava com medo. Para falar a verdade, não sentia nada. Meu único desejo estava prestes a se realizar e só estava focada nisso.

Tenho certeza que ele sabe jogar. Mas mostrarei que o jogo tem dois lados e ambos podem participar de suas jogadas.

Pendi minha cabeça para trás até achar o encosto do sofá e fechei meus olhos. Em completo silêncio dentro de mim mesma, tentei lembrar-me de todas as coisas que me trouxeram até aqui, mas minha mente me traiu e levou diretamente a Darius.

Será que o veria novamente!?

O barulho cessou.

Passadas firme do lado de fora eram audíveis. Sua aproximação indicava que a hora do embate estava cada vez mais próxima. Logo ele apareceu na

entrada de onde estava e parou como se contemplasse a visão.

Vesti minha máscara mais pacífica e aguardei suas palavras, que não demoraram a chegar.

— Não queria te fazer esperar tanto tempo, gatinha. Infelizmente foi necessário — disse se aproximando — agora estamos seguros e bem longe da costa — levou uma de suas mãos até um fio de cabelo que desprendia do restante e o arrumou atrás da minha orelha.

Não me mexi. Somente retribui seu olhar.

Ele prosseguiu — e o mais importante... sozinhos.

— O que você quer de mim? — perguntei para tentar descobrir seus planos. *Preciso de tempo para saber quando poderei agir.*

— Você! — respondeu sem hesitar — você e eu juntos. O que acha? Seremos invencíveis!

— Você não me conhece...

— Conheço o suficiente, gatinha.

— Como? — perguntei um tanto curiosa.

— Ávida por respostas?! — perguntou e sentou-se ao meu lado — essa é fácil. Estava com o notebook do Path, sabia?! Não consegui olhar mais a fundo antes de te conhecer, pois o aparelho estava em outras mãos. Lá encontrei muitas coisas sobre você. Praticamente uma ficha técnica com todas suas informações, junto com fotos e vídeos.

Fotos e vídeos eu sabia. Meus pais sempre falaram que deveríamos registrar cada momento de nossas vidas. Hoje, receio saber o real motivo disso. Talvez todo esse conteúdo tenha sido enviado para Joseph e Violet, os meus pais biológicos. Como eu fui ingênuu...

— Mudaria de atitude se soubesse quem eu era antes de me colocar naquele tanque com água para me ver morrer afogada?

— Aquilo foi necessário, gatinha, e depois de assistir aos vídeos, tive a certeza de que Path nem Kiera deixariam você morrer. Mas caso acontecesse, eu só lamentaria por perder um exemplar como você, raro e único.

A menção do nome da minha mãe me fez tremer internamente. *Como esse pedaço de lixo era capaz de falar o nome dela?! Aquele ódio que venho fomentando nos últimos dias, quase explodiu em um grito. Segurei-o em minha garganta para não atrapalhar minha atuação. Mas não vou negar... a máscara ameaçou cair. Nojo.*

— Você sabia que somos muitos parecidos? — perguntou, chamando minha atenção.

Como não respondi ele prosseguiu.

— Tivemos o mesmo ensinamento, treinamento. Vi todos os seus vídeos e vi nitidamente o quão forte você é. Por isso decidi ficar com você. Juntos, seremos invencíveis!

— Em que exatamente? — dei corda a sua loucura.

— Teremos nossa própria quadrilha, ou acha que tudo foi realmente destruído?! — disse isso e soltou um sorriso de deboche — não... nós temos por onde começar e se reerguer, gatinha. Com o passar dos anos juntei meu próprio pessoal, a maioria inútil que se deixou abater pelos inimigos. Mas isso não será problema, sabe por quê?! Tenho dinheiro, muito dinheiro. Limpei todas as contas daquele inútil do Lorenzo.

Em menção ao nome do próprio pai, um questionamento surgiu.

— Você sabe o que aconteceu com ele?

— Claro. Morto! Eu o enviei até os inimigos. Planejei tudo com destreza e joguei as cartas e aquele idiota caiu. Você quer saber como fiz isso?

— Se quiser me contar. Como disse... temos todo tempo do mundo.

Valentim deu um sorriso de satisfação.

— Viu? Já estamos começando a nos entender... Aquele verme se escondeu no inferno quando as coisas começaram a desmoronar. Desapareceu no mapa e nem eu sabia sua localização. Então coloquei meu plano em prática e limpei todas as contas, peguei cada centavo. Tirei tudo o que ele tinha. Ele foi idiota o suficiente para confiar em mim. O filho prodígio — riu balançando a cabeça de um lado a outro — quando percebeu o que estava acontecendo, entrou em desespero. Tentou me caçar, mas não conseguiu. Criei todo um cenário de perseguição e liguei para ele pedindo ajuda, mas o velho se negou. Então eu disse que se eu morresse, nunca veria seu dinheiro novamente. Pronto, o babaca surtou e foi correndo para o território inimigo, sem ao menos raciocinar.

Ele prosseguiu — não pretendia acabar com ele tão cedo. Queria que sua queda fosse mais lenta, mas ele descobriu o quanto eu te queria e decidiu que a mataria para manter meu foco nas coisas importantes. Acredita nisso!?

Não estava surpresa com as revelações. Nada que viesse dele me surpreenderia, mas era evidente o nível de crueldade.

— Não o deixaria colocar as mãos em você. A única pessoa que pode tocá-la sou eu! — falou isso levantando sua mão e passando sobre meu braço que descansava ao lado do corpo.

Seu toque me causou repulsa. Minha vontade era de partir para cima dele, de esganá-lo com minhas próprias mãos. *Mas quais as minhas chances?! Se ele viu todos os meus vídeos de treinamento, sabe do que sou capaz e não baixaria sua guarda tão facilmente. Valentim não é ingênuo, muito menos bobo. Agir por impulso só me prejudicaria...*

Valentim se pôs de pé e foi até meu pulso para desatar o nó que me prendia.

O cara é confiante, seguro de si, e isso só prova que ele acha que tem tudo sobre seu total controle. Mais um motivo para aguardar o momento certo.

— Está na hora de mostrar onde estamos — falou ao me soltar — acho que vai gostar. Pode seguir na frente — disse fazendo um gesto com a mão para que eu saísse na sua frente.

Demorou poucos segundos para que eu me colocasse de pé e seguir o caminho que me foi dado. Não hesitei. Não poderia demonstrar fraqueza ou hesitação em momento algum. Pelo que entendi, foi exatamente por ser forte e disciplinada que chamei a atenção dele. Se eu mostrasse diferença em meu comportamento, ele poderia notar o que estava planejando e isso me prejudicaria.

Estava pensando sobre isso quando percebi se aproximou demais, quase colando nossos corpos. Meu corpo tensionou com o contato e parei de andar.

Neste momento meus questionamentos foram respondidos com uma única pergunta.

— Porque está me obedecendo sem questionar, gatinha selvagem?

Droga. Preciso pensar em uma saída rapidamente...

— Só estou querendo evitar a fadiga — respondi com certa ironia — as últimas horas foram bem exaustivas.

— Não tente fazer nada impensado ou vou adorar corrigi-la — disse isso sussurrando em meu ouvido. Colocou sua mão em minha coluna e incentivou que meus pés se movessem.

Ao chegar do lado de fora tive uma das visões que mais admirava. O mar em todo seu esplendor. Nenhuma terra firme era visível ao nosso redor. Estávamos envoltos por água e mais água. Sempre achei essa visão divina. O mar me transmitia paz, calma. Meu refúgio.

— Em muitos vídeos você aparecia em alto mar, ou em piscinas, nadando. Cheguei à conclusão que gosta bastante. Estou certo? — perguntou ele se colocando ao meu lado.

Sem virar meu rosto para encará-lo — Sim — respondi.

— Só não aconselho nadar nessas águas... tem muitos tubarões por aqui. Preveni-me. Se você pensa em fugir a nado, não irá muito longe — e aquele sorriso que identifiquei ser maligno estava ali novamente.

E de todas as palavras que ele disse, somente uma ficou girando e girando em minha cabeça.

Tubarões.

Eu não tenho para onde correr.

Eu não tenho como fugir.

Mal sabe ele que minha intenção nunca foi fugir. Ter me poupado o trabalho de brigar para tê-lo somente para minha vingança, foi um favor que me fez. Ainda tinha minhas dúvidas se Darius o entregaria tão fácil em minhas mãos.

Temia pelo meu futuro.

Valentim tem se mostrado mais doente do que eu imaginava. Cada passo dado a partir de agora é importante para me manter segura. Viva eu sei que vou ficar. Desde que cheguei, ele não fez menção em morte e sim ensinamentos. Se eu der um passo errado, ele irá me punir. A questão é: quais seriam suas punições?!

Uma coisa é certa... não daria espaço para que isso ocorra. Só preciso de uma brecha, uma única chance e não irei desperdiçá-la. Agora o meu único foco é descobrir qual o seu ponto fraco, se é que ele tem um... — indagava-me.

Nesse momento tive um clarão em minha cabeça:

Eu! Posso não ser um ponto fraco, mas com certeza sou uma distração. Uma perigosa distração.

Capítulo 35

SAMIRA

Valentim estava calmo demais, pacífico demais e isso já estava começando a me incomodar. Sabia que ele não era assim e seus motivos ocultos eram desconhecidos por mim. *Seria um teste?!*

Ainda olhava para a paisagem à minha frente quando não demorou muito para minhas perguntas serem respondidas. Valentim estava ao meu lado e de repente me pegou de surpresa ao levar uma de suas mãos ao meu pescoço e apertar com força. Não tive como reagir, foi rápido e inesperado demais. Até segundos atrás ele estava controlado.

Seu aperto era firme e me tirava o ar. Minhas mãos foram até seu braço para tentar aliviar a pressão. Sem sucesso. Ele aproximou seu rosto ao meu.

— Samira, Samira... não tente me manipular. Toda essa calma e tranquilidade transbordando de você, e acha que vou cair nessa!? Não sei o que está passando nessa cabecinha, mas não tente nenhuma gracinha ou as consequências não serão das melhores.

A pressão exercida no meu pescoço cedeu um pouco, mas não me soltou. Sua outra mão foi em direção ao meu cabelo e ele segurou firme para me manter no lugar.

— Estava desejando fazer isso com você consciente desde que a peguei em meus braços.

Sem mais delongas colocou sua boca na minha. Pensei em agir da mesma

forma que na primeira vez, mas ele voltou a apertar meu pescoço com força, fazendo com que abrisse a boca em busca de ar e assim facilitando sua entrada. O aperto se intensificou e meu couro cabeludo já formigava. Ele estava preso em seu próprio mundo doentio e esqueceu que eu conseguia controlar minha respiração. Por esse motivo ainda estava bem e lúcida.

Levantei uma de minhas pernas com agilidade e rapidez e o acertei com força entre suas pernas. Valentim mordeu minha boca, arrancando sangue e me largou dando alguns passos para trás para tentar recompor-se. Vi quando respirou fundo tentando manter-se no controle, seu lado doentio estava louco para assumir.

— A gatinha selvagem resolveu mostrar as garras!? — soltou a pergunta com um tom de voz que se pudesse me atingir, teria me machucado — ótimo! Então já que resolveu chutar minhas bolas, vou enterrar meu pau em você para sentir essa sua boceta massageando até me sentir satisfeito. Vou socar em você a noite toda, sua vadia, só para deixar de ser burra!

Tremi com suas promessas. Não tenho dúvida que ele as cumpriria. Tinha que pensar em uma rota de fuga o mais rápido possível. Um combate corpo a corpo não era uma opção. Eu tinha habilidades e ele as conhecia. Não seria igual a quando derrubei Darius. Naquele momento ele me subestimou, e por isso consegui o feito. O que seria diferente neste caso. Valentim tem força e treinamento, assim como eu.

Olhei de um lado para o outro procurando algo que pudesse me ajudar.

— Não adianta procurar uma saída. Aqui só somos eu e você. Não tem para onde ir, gatinha — falou já vindo em minha direção.

Fiz a única coisa que podia nesse momento, virei-me e corri para o fundo do barco. Minha tentativa de fuga não foi bem-sucedida, pois uma dor dilacerante atingiu minha perna esquerda. Valentim arremessou uma faca e me acertou, cravando-a na parte inferior de minha coxa. O choque me fez desabar no chão. Rastejei do jeito que pude até minhas coisas encontrarem o fundo do barco. A ferida foi profunda e sangrava muito.

Com seu sorriso maligno, Valentim estava chegando perto. Levei minha mão até a faca cravada em mim e a retirei com um grito. Minha visão ficou

turva, mesmo assim tentei atirar contra meu algoz. Errei. Isso só fez com que sua fúria aumentasse. Mais dois passos e já o tinha em cima do meu corpo, puxando-me para baixo de encontro ao chão. Pegou meu rosto com uma de suas mãos me fazendo encará-lo.

— Viu o que me fez fazer, vadia!? Depois de te foder, vamos cuidar dessa merda de ferimento — e bateu minha cabeça com força no chão sem me soltar.

Minha cabeça estava em completa confusão. Não conseguia organizar meus pensamentos. A perda de sangue, a batida na cabeça, o cansaço e a fraqueza não me ajudaram neste momento.

Valentim subiu a outra mão livre pela minha perna direita, apertando-me até chegar à minha calcinha. A rasgou com um só puxão. Ainda reuni forças para me debater entre seus braços, mas em vão.

— Tenho que agradecer a escolha do vestido para usar no dia de hoje — disse enquanto seus dedos exploravam minha boceta — tão frígida... vou mudar isso — e tirou sua mão de mim, apenas para abrir suas calças.

Tentei lutar um pouco mais. Debatia minha cabeça de um lado a outro começando a entrar em desespero. Não podia terminar assim. Não aceitaria isso sem lutar e dar tudo de mim. Em um dos momentos que minha cabeça girava, avistei uma corda bem próxima de onde estávamos. Valentim ainda lutava com suas calças, quando ergui minha mão em busca de conseguir alcançá-la. Apalpei o lugar procurando por ela e quando achei que tudo estaria perdido; a alcancei. Foi tudo rápido demais. Senti a cabeça do seu pau tentar me invadir e nesse mesmo momento eu envolvi seu pescoço com a corda e dei duas voltas rápidas. Peguei-o de surpresa. Valentim me soltou e se ajoelhou para tentar retirar, mas eu fui mais rápida e apesar da dor e tontura me joguei contra ele fazendo com que caísse de costas no chão. Sentei-me sobre ele prendendo seus braços e com toda força que consegui fazer eu segurei uma ponta em cada mão da corda; enforcando-o. Sentia a pele dos dedos começarem a rasgar com a força exercida. Ele se debatia embaixo de mim, mas meu aperto era firme. Eu gritava de dor, sentia minha perna jorrar sangue e minhas mãos... já não as sentia, estavam dormentes. Observava seu rosto e vi quando seus olhos reviraram e ele começou a perder os sentidos. Alguns últimos movimentos e seu corpo parou inerte. Ele desmaiou.

Caí ao seu lado tentando recuperar o fôlego. Precisava prendê-lo antes que retomasse a consciência. Com grande esforço, consegui me levantar. Mancando fui procurar por mais cordas que pudesse usar. Achei um amontoado não tão distante dali. Amarrei todo seu corpo de um jeito que não se soltaria, deixei-o assim, no fundo do barco. Alguns passos atrás e... despenquei no chão. Estava fraca, muito fraca. Precisava dar um jeito de parar o sangramento, e a forma mais prática seria usar algo ao meu alcance. Rasguei um pedaço do meu próprio vestido e usei como torniquete. Não ficou bom, mas foi o melhor que consegui fazer...

O sol estava se pondo e aproveitei para admirar aquela visão nem que fosse pela última vez; sol que, seguindo seu caminho, me deixou envolta pela escuridão...

Não preguei meus olhos um segundo sequer durante a noite. Em algum momento Valentim despertou e era possível escutar ele se debatendo igual um peixe fora d'água, fora os gritos e xingamentos direcionados a mim.

Assim que amanheceu, com muita dificuldade coloquei-me de pé. Os insultos vindos de Valentim, já não eram audíveis por mim. Eu parecia estar em outra dimensão, não sabia como meu corpo me obedecia. Fui me arrastando como pude a procura da faca que atirei nele e achei. Voltei para o fundo do barco só para confirmar. Lá bem perto de onde o deixei, tinha uma pequena portinha que dava acesso ao lugar que as pessoas costumam usar para entrar no mar. *Porta de popa, acho que é esse o nome.* Era como uma prancha pequena e cheia de furinhos. Depois de muito esforço consegui passar seu corpo por ali e o deitei naquele espaço.

Não tinha forças para falar, eu só fiz. Valentim se debatia quando me ajoelhei ao seu lado. Seu corpo envolto por cordas, não permitia que me acertasse, mal conseguia sair do lugar. Segurei a faca como pude e comecei a perfurar suas pernas diversas vezes, fazendo com que o sangue escorresse e caísse na água por aqueles pequenos buracos. Quando o sangue parava de escorrer, fazia mais furos e mais furos por todo seu corpo. Valentim era forte, estava acordado o tempo todo mas a perda de sangue o deixou fraco e seus movimentos cessaram. Depois de conseguir derrubar uma quantidade de sangue

considerável dentro da água, voltei para dentro do barco e esperei, era a única coisa a se fazer. Apoei-me na lateral do barco para olhar bem para a água e lá eu pude ver o meu objetivo. Tubarões. Meu algoz fez questão de pontuar a existência desses animais por aqui e vou usá-los para dar fim a isso.

Fui até a portinha que dava acesso ao Valentim e me ajoelhei. Olhei para seu rosto inerte e sem expressão. Ele estava branco como papel. Sabia que estava fraco demais, porém vivo. Não por muito tempo. Coloquei minhas mãos nele e antes de empurrá-lo eu disse:

— Isso é por ter matado minha mãe, seu pedaço de lixo! Você nunca mais fará mal a nada, nem ninguém. Acabou!

E sem mais delongas, joguei-o dentro do mar. Seu corpo coberto por sangue atraiu os tubarões que ali estavam. Antes dele sumir água abaixo, pude ter a visão de seu corpo ser despedaçado em uma briga entre aqueles animais famintos.

Foi o fim para ele... *Será que também seria o meu?*

Fechei a portinha depois de colocar um fim a esse pesadelo. Fiquei ali sentada no chão. Não tinha condições de andar nem mais um passo. Todo lugar estava sujo com meu próprio sangue que não parava de escorrer pela perna devido ao esforço feito. Sem o colar, sem rastreamento.

Talvez nunca me achem e se acharem talvez possa ser tarde demais... Se isso acontecer, pelo menos minha vingança foi concluída e esse inferno teve um fim!

Meus olhos pesavam. Lutei para mantê-los abertos, mas o cansaço me venceu e quando me encontrei no breu de meus olhos fechados, vi novamente aqueles lindos olhos azuis que talvez nunca mais visse...

Tinha que sobreviver para contar uma coisa a ele.

Eu o amava.

E de todas as coisas ruins que passei e presenciei, ele foi o meu maior presente, minha maior descoberta.

A descoberta do amor.

Capítulo 36

DARIUS

A calma que eu deveria ter neste momento não é mais visível. Estou irritado, estressado e preocupado com o estado de Samira. A razão e o foco já estavam tomando outra forma: o medo. Medo por ela. Medo pelo seu estado. Medo de perdê-la.

Inferno.

Nunca senti esse sentimento na vida. Não sabia o real significado do medo até conhecê-la.

Simplesmente não consigo imaginar um mundo sem ter Samira ao meu lado, sorrindo e me respondendo... abusada!

Nesses últimos anos observei Valentim de perto o suficiente para saber do que é capaz — Imagens do que ele poderia estar fazendo com ela permeiavam em minha mente. Não gosto nada do que vejo. Doente! Sádico!

Quem sou eu para falar dele, não é mesmo?! Mas ao contrário de Valentim que mata por prazer, eu mato pelo dever. Meu dever para com a máfia. Sou ruim, sou sanguinário, mas com aqueles que me desafiam e traem.

Dois fodidos dias procurando por eles...

Conseguimos a localização de cada barco que estava navegando nesse mar em tempo real. Infelizmente não tínhamos como saber qual era o nosso alvo.

Com a ajuda de contatos, fomos riscando da lista e reduzindo os números, e os barcos que sobraram estavam sendo revistados um a um. Dividimos-nos. Várias equipes estavam espalhadas a procura de Samira. Comigo, os gêmeos e um piloto.

Estávamos indo em direção a mais um barco para fazer a averiguação. Encostado na lateral de nossa lancha, imerso estava na imensidão azul que perdia pouco a pouco seu brilho com a chegada do anoitecer.

— Darius — chamou Turner.

Virei minha cabeça para trás só para avistá-lo se aproximando e voltei minha atenção para frente novamente.

— A equipe do meu pai acabou de revistar mais um barco... e nada. Não eram eles — disse cabisbaixo.

Passei uma de minhas mãos no rosto em forma de nervosismo e respirei fundo buscando ar como se fosse o necessário para manter a calma em cada negativa.

— Nós vamos encontrá-la, Turner. Samira voltará para casa em segurança — respondi com firmeza. Por dentro meu sentimento era outro. Queria acreditar em minhas palavras, mas a demora estava me deixando agoniado. Algo me dizia que Samira não ficaria quieta, que tentaria algo e assim colocaria sua vida em perigo.

Turner ficou em silêncio ao meu lado olhando para o horizonte assim como eu. Tyler não demorou a se juntar a nós.

A solidão da noite nos saudou tão rapidamente que não percebemos o tempo passar. Nosso caminho era iluminado pelas luzes do barco e pelo brilho do luar. Avistamos ao longe um barco totalmente coberto pela escuridão. Nenhuma luz acesa, nem sinal de ocupantes. Algo me dizia que era ali que minha garota estava.

— Procedimento padrão, Darius? — perguntou Tyler.

— Vamos encostar e depois tomaremos uma decisão — olhei para os gêmeos — mas algo me diz que é aqui!

Eles acenaram. Nós três olhamos para o barco cada vez mais próximo. Fui até o holofote e iluminei logo à frente. Fiz uma pequena averiguação de longe para ver se tinha algum ocupante; nada.

— Dá a volta no barco — falei para o comandante.

Conforme foi contornando, fui olhando atentamente de uma ponta a outra. O barco parecia abandonado. *Nenhum barulho, ninguém apareceu. Tem alguma coisa errada, eu sei disso.*

— Vamos subir a bordo! Pode emparelhar que vamos embarcar.

Peguei uma das lanternas e pulei para o outro barco assim que ficamos lado a lado. Iluminei o caminho e vi pequenos respingos que pareciam sangue. Como se algo tivesse sido jogado nessa direção e estivesse sujo de sangue. O objeto bateu e fez com que respingasse. A direção indica que foi lançado por alguém que estava no fundo. Não demorou dois segundos para assimilar. Praticamente corri até lá para verificar minha teoria que foi confirmada no momento que a lanterna focou no corpo de Samira. Ela estava com o tronco no chão e as pernas esticadas. Como se estivesse sentada e assim que desmaio seu corpo caiu.

Praticamente me joguei ao seu lado de joelhos e peguei sua cabeça em minhas mãos. Turner e Tyler chegaram logo em seguida e suas lanternas iluminaram o corpo dela para mim. Pude ver o machucado em sua perna e a poça de sangue ao seu redor.

— Samira, acorda — chamei, mas sabia que não ia adiantar. Conferi seu pulso. Estava fraco demais. Peguei-a no colo com urgência e segui de volta para o nosso barco.

— Turner, vai na frente para segurá-la! Tyler, liga para a emergência e manda esperar no cais com tudo pronto! — eles correram e pularam em minha frente. Passei Samira para os braços do irmão e pulei logo em seguida — vá o mais rápido que conseguir para o cais! — ordenei ao piloto, que disparou logo

em seguida.

Turner levou-a até um acolchoado e a colocou ali com cuidado. Verificando seu pulso a todo o momento.

— Está fraco demais — ele disse.

— Ela é forte, Turner.

Escutei Tyler exaltado no celular gritando ordens. Depois de finalizar a chamada, veio até nós, ajoelhando-se ao lado da irmã. Turner e Tyler eram pequenos demais quando Sariah se foi, mas tenho certeza que isso os marcou profundamente e ver sua irmã nesse estado deve deixá-los desesperados.

Eu estava desesperado e tinha certeza de que essa imagem ficaria gravada em minha cabeça para o resto da vida. O dia em que eu quase a perdi. Sim, quase. *Minha garota é forte e vai passar por essa. Só temos que chegar rápido por causa da perda de sangue em excesso.* Cada segundo era muito valioso...

Procurei por toalhas limpas e achei. Ajoelhei-me ao seu lado, tirei aquele pedaço de pano que cobria seu ferimento e substituí pelas toalhas. Peguei seu pulso e verifiquei novamente seus batimentos. Estava concentrado quando escutei Turner perguntar:

— Você gosta dela, não é?

— Eu tenho medo de perdê-la, Turner.

— Todos temos... — ele respondeu.

Não quis responder a sua pergunta diretamente, mas a resposta era clara.

Eu a amo.

Como eu descobri que a amo?! No momento em que a vi cheia de sangue e a ideia de perdê-la doeu mais do que qualquer ferimento que já tive.

Se me perguntassem como isso começou eu não saberia responder.

Quando vi Samira pela primeira vez, sabia que iria me causar problemas. Só não imaginava que os problemas seriam de ordem sentimental. Depois do primeiro beijo, não fui capaz de me manter longe, e depois do primeiro contato íntimo, tornou-se impossível. Mas o que me cativou mesmo foi o fato dela nunca baixar a cabeça para mim. Ela sempre me enfrentou e esse seu jeito me fisgou por completo.

Fiz um carinho em seu rosto.

A ajuda já está nos esperando, minha garota. Aguenta só mais um pouco.

A chegada ao cais foi um tumulto. A emergência já estava a postos esperando e assim que atracamos vieram ao nosso encontro levando Samira para longe de nós. Não deixei ninguém ir junto, a fim de deixá-los fazer seu trabalho. Esse momento era crucial...

— O barco — disse me referindo ao de Valentim — preciso dele.

— Uma equipe já está com ele a caminho — respondeu Tyler.

— Joseph e Path?

— Também já estão chegando.

— Então não temos mais nada para fazer aqui. Vamos — e segui para o carro com eles logo atrás e partimos em direção ao hospital em que Samira havia sido levada.

Deveriam mudar o nome de "sala de espera" para "sala de tortura". Apesar de ter domínio sobre esse hospital, optei por aguardar mesmo que isso me deixasse à beira da loucura. Path e Joseph chegaram atropelando um ao outro para saber da filha e então, inquietos, aguardavam assim como todos nós. Violet também chegou junto ao meu pai; família reunida...

Meu celular tocou. Olhei o visor, era Case.

— Novidades?!

— O barco estava vazio, Dom, com sinais aparentes de luta. Encontramos uma mala com algumas roupas e dinheiro, armas, tudo intocado. Achamos também o colar e do lado de fora somente uma faca perto de onde Samira foi encontrada e — hesitou por um breve momento — uma calcinha rasgada. O restante do local estava limpo.

Apertei o celular com força. Mais um pouco, quebraria-o ao meio.

Se aquele desgraçado ousou tocar nela, vou até o inferno só para matá-lo se for preciso.

— Traga o colar! — não esperei resposta e desliguei.

Senti uma necessidade absurda de bater em algo, de espantar essa adrenalina. Cheguei a me levantar para ir a algum lugar, quando o médico apareceu. Todos foram em sua direção ávidos por informações.

As palavras que vieram a seguir foram as necessárias para que a adrenalina cessasse.

— Ela está bem, família. Perdeu muito sangue, está desidratada e fraca, mas já está no soro e fazendo uma transfusão. O corte foi profundo, já foi suturado e agora a paciente só precisa descansar. Um pequeno sedativo foi aplicado para que não acorde e também para ajudá-la a descansar. O quarto está aberto para visitas. Sem barulho e sem superlotação!

Tudo ficaria bem. Agora era esperar Samira acordar para saber o que aconteceu naquele barco.

Tomara que possa nos contar onde Valentim está. Se estiver vivo, ele vai desejar ter morrido antes mesmo de ter me conhecido. E se estiver morto, vontade a minha de ir ao inferno só para matá-lo novamente. Verme!

Agora a briga era saber quem iria primeiro até seu quarto. Não fiquei para discussão e marchei até o lugar que ela estava. Ao abrir a porta, deparei-me com seu corpo vestido com a camisola do hospital e coberta até a cintura.

Aproximei-me.

Dormia profundamente. Fiz carinho em seu cabelo que estava solto e caía pelo travesseiro. Sua boca machucada e a pele do pescoço toda marcada.

Você nunca mais irá passar por algo assim. Deus tenha piedade da pessoa que sonhar em te fazer mal novamente.

Capítulo 37

SAMIRA

Lembro-me de ter ficado um bom tempo envolta pela escuridão. Meus olhos pesavam demais e não conseguia mantê-los abertos por muito tempo. Ouvia o barulho do mar e nada além disso. Nenhum sinal de que o socorro estivesse próximo. Não sei se foi a exaustão ou o balanço do barco, mas em determinado momento, apaguei.

Agora estava deitada em uma cama macia e escutava um bip que começava a me irritar. Lutei para abrir meus olhos, mas não queriam colaborar. Era possível escutar vozes ao meu redor, só não consegui identificá-las. Senti um toque em minha mão e o reconheci. Tinha certeza de que era Darius. Precisava acordar e dizer tanta coisa, mas logo fui vencida pelo cansaço e perdi os sentidos novamente.

Minha boca estava seca, passei a língua para tentar diminuir essa sensação. Lentamente abri as pálpebras e fui me acostumando com a iluminação do quarto. O bip irritante ainda estava ali. Uma leve dor de cabeça me acompanhava. Fiz menção de levantar a mão para massagear as têmporas, mas senti uma leve ardência. Estava com acesso venoso em ambos os braços. Um com soro e outro com sangue.

Que maravilha...

Olhei de um lado para outro, procurando por algo ou alguém e vi uma sombra em pé de frente para a janela do quarto. Pisquei algumas vezes para focar a figura à minha frente. Então eu o vi. Darius estava de costas para mim, com uma mão em seu bolso e outra em frente ao corpo. Abri minha boca para

chamá-lo, mas sua voz tomou conta do ambiente antes disso.

— Como está se sentindo? — ele perguntou sem se virar.

Seu tom era calmo e controlado, mas tinha algo ali que não soube identificar.

— Um pouco com dor de cabeça e muita sede... — respondi.

Darius então levou a mão, que estava em frente ao corpo, guardando algo em seu bolso e se virou. Quando seus olhos se chocaram com os meus, senti uma eletricidade, uma incrível conexão, porém, mesmo assim tinha algo que me incomodava. Seus olhos eram duas labaredas e enviavam faíscas em minha direção.

Ele foi até uma mesinha que ficava logo ao lado e pegou um copo d'água. Sem dizer uma palavra, aproximou-se e me ajudou a beber em poucos goles todo o conteúdo. Eu nada disse, muito menos ele. Depois de terminar, ele se virou para deixar o copo na mesa e perguntou baixo:

— Ele tocou em você?

Entendi sua pergunta. Darius queria saber se fui abusada por Valentim. Lembro-me, vagamente, dele ter rasgado minha calcinha e quando me acharam notaram esse detalhe. Logo tratei de acabar com suas dúvidas.

— Não por falta de tentativa. Mas não, ele não conseguiu.

Vi suas mãos fechando ao lado do corpo. Darius estava nervoso. Abri a boca para falar, dizer algo que fizesse ele se acalmar e dizer que agora estava tudo bem, mas ele se adiantou.

— Onde ele está agora?!

— Morto — respondi simplesmente.

Ele pareceu não absorver minha resposta. Talvez tentasse saber o que aconteceu, mas também não queria perguntar. Darius estava nitidamente tentando me poupar das lembranças nada agradáveis.

— Vou chamar o médico para examiná-la — falou enquanto retirava-se do quarto.

— Ei — chamei-o — o que há de errado?!

Darius parou com a porta entreaberta, vi o movimento de seu peito. Respirando fundo e sem me responder; saiu.

Dois minutos se passaram e um furacão chamado Path entrou em meu quarto. Papai estava pálido e abatido. Seu semblante demonstrava cansaço e denunciava noites sem dormir.

— Minha, menina — ele pegou em uma de minhas mãos e fez um carinho leve como se eu pudesse quebrar a qualquer momento — você quase mata seu velho do coração!

— Sei que esse coração é forte — brinquei para tentar descontrair.

— Está se sentindo bem?

— Sim, pai. Só uma leve dor de cabeça que já está passando.

— Não suportaria perdê-la também, minha menina. Eu tive medo...

Puxei-lhe para um abraço meio desengonçado — está tudo bem agora, pai. Tudo acabou. Valentim pagou pelo que fez a mamãe.

— E em troca quase levou você também!

— Não deixaria ele fazer isso. Eu sou forte!

— Eu sei, filha. Eu sei. Só não faça mais isso. Não nos dê esses sustos nunca mais. Ouviu, mocinha?!

— Sim, senhor — respondi com um sorriso.

Nesse momento a porta se abriu e somente o médico passou por ela. Após me examinar, o doutor disse para manter repouso e que em breve trariam

algo para que eu comesse. Se eu quisesse receber alta logo era necessário alimentação e repouso. Minha perna estava dolorida o que afirmou estar dentro da normalidade. Os pontos secavam rapidamente, o que era um bom sinal. Em breve para casa estaria pronta para receber alta. Se tudo corresse bem, em dois dias estaria liberada.

Papai ficou ao meu lado o restante da tarde vigiando-me. Darius não voltou. Depois de comer e tomar remédios para dor, um sono horrível tomou conta de mim. Até forcei para não dormir, mas não consegui lutar por muito tempo. Quando estava pegando no sono, dois vultos entraram no quarto.

— Não façam barulho — disse papai.

— Nós só queríamos vê-la — respondeu Tyler.

Não queria encará-los agora e por isso me rendi ao sono sem ficar para saber o conteúdo de suas conversas. Eu aprendi a amá-los ao longo dos dias que passamos juntos. Nossa ligação era estranha demais, até para mim. Sentia-me tão bem, tão segura ao lado deles. A explicação veio há alguns dias atrás. Irmãos. Turner e Tyler eram meus irmãos, sabiam disso e agiam normalmente. Não tinha raiva ou mágoa deles, só não queria ter essa conversa agora, talvez em outro momento.

Acho que coloquei todo o sono atrasado em dia. O que pensei ser uma soneca durou até o dia seguinte. Era possível ver o sol nascendo através da persiana e logo no sofá ao lado meu pai, esparramado, dormia tranquilamente. Pelo visto, alguém também aproveitou para colocar o sono em ordem. Ele estava precisando, coitado.

Tentei fazer menos barulho possível para não o acordar, mas foi difícil. Na primeira virada que dei, meu pai deu um pulo do sofá e veio até mim perguntando se estava tudo bem e se precisava de algo. Garanti que estava bem o suficiente e o despachei para se cuidar um pouco. Ele precisava descansar direito e comer. A muito custo ele aceitou. Saiu dizendo que voltava logo e que não era para eu aprontar nada em sua ausência.

Só pude rir de suas palavras.

Depois de tomar o café da manhã, a presença que tanto esperei, voltou. Darius apareceu em sua roupa casual, blusa de manga comprida, calça social e sapatos combinando. Sua pose de poderoso chefão causava calafrios em mim. Adorava quando ele fazia essa cara de malvado.

— Bom dia — disse eu.

— Bom dia — ele disse, dando a volta na cama para ficar ao meu lado — o médico disse que amanhã você terá alta. Conversei com ele agora cedo.

— Bom, não aguento mais ficar nessa cama.

— Em casa não será diferente. Repouso absoluto! E nada de retrucar, garota!

— Voltamos às origens, fera!?

— Não brinca comigo, Samira.

— Por que não me diz de uma vez o que está aborrecendo você?!

Soltei logo a pergunta que permeava minha cabeça desde ontem. Darius estava estranho e inquieto. Para que ficar remoendo algo, se poderia falar de uma vez!?

Ele ainda relutou um pouco, quando por fim levou a mão até o bolso e de lá retirou o meu colar de estrela todo amassado.

Porcaria. Por que não joguei isso no mar?!

Vamos lá, Samira. Toda ação, tem sua reação.

— Tenho uma pergunta para você, Samira. O que aconteceu com esse colar?! — disse, indo direto ao ponto.

Eu não fazia o tipo de pessoa que mentia então já me preparei de antemão para sua reação à minha resposta.

— Eu o quebrei!

Darius me olhou com toda aquela intensidade. Se um olhar pudesse matar... então. Era esse tipo de olhar.

— Por que será que não estou surpreso!?

— Você me conhece... — dei de ombros.

— Não trate desse assunto como se fosse normal, Samira! Você colocou sua vida em perigo por pura infantilidade!

Abri minha boca em choque — Infantilidade!? Eu tive os meus motivos!

— Quais?! — ele não gritava, sua voz era controlada, mas seu timbre era forte, estrondoso — sei que as descobertas recentes não foram as melhores, mas colocar sua vida em risco foi o que?

— Foi escolha minha! Eu quis assim!

— Você foi egoísta! Pensou em si mesma e nada, além disso!

— Eu pensei em você!

— Em qual momento?! Antes ou depois de quebrar essa merda de colar?!

Calei-me.

— Você tem ideia do inferno que foi cada segundo sem ter notícias suas?! Da angústia de não saber se você estava bem ou se ao menos estava viva?! Não era só eu... tinha o Path, o Turner, o Tyler e outros que se importavam com você!

Eu não podia revidar, pois ele estava certo. Não me arrependia de nenhuma decisão minha, mas entendia seus pensamentos.

— Já está feito, Darius. Não podemos mudar o passado.

— Você faria de outra forma se tivesse oportunidade?!

— Não! Fiz o que tinha que ser feito.

Darius balançou a cabeça. Debruçou sobre mim chegando bem perto do meu rosto. Seus olhos grudados aos meus. Sua boca perto da minha.

— O que eu faço com você, cerejinha!? — o apelido provava que a fera estava mais controlada.

— Nessa cama de hospital fica difícil ter muitas opções, fera. Mas um beijo pode ser um grande começo...

E então ele me beijou. Um beijo lento, que provava a saudade que estávamos sentindo. Sua língua em uma dança sensual com a minha. Cada um tirando proveito do outro o máximo que podia. E da mesma forma que começou, parou. Afastou-se minimamente dando-me a visão completa de seus olhos, completamente presos aos meus. Meu coração acelerado dizia que aquele era o momento de dizer o que sentia, mas antes precisava lhe fazer uma pergunta.

— Por que tinha tanto medo de me perder?!

— Porque não consigo enxergar um mundo sem você...

— Por quê?!

Darius abriu a boca para me responder. Ele ia dizer as palavras, eu tinha certeza. Mas a porta abriu-se, tirando-nos de nossa pequena bolha. A pessoa que agora estava parada nos olhando, indicou que a conversa a seguir não seria minha predileta, mas a hora tinha chegado e não tinha para onde correr.

Capítulo 38

SAMIRA

Parecia ter entrado em um pequeno transe, meus olhos sequer piscavam. Joseph ainda parado ao lado da porta, esperando permissão para entrar. Talvez fosse pelo fato de ter nos atrapalhado. Darius ainda estava perto o suficiente para sentir sua respiração. Antes de se afastar, ele disse:

— Dê uma chance, ao menos para se explicarem. Eles estão aqui desde que chegou e não saíram para fazer nada até você acordar... —deu-me um beijo na testa e um leve aperto na mão — vou deixá-los a sós — e se foi.

Ao passar pela porta deu um leve aperto no ombro do padrinho e conversou com alguém que estava logo à frente.

— Podemos entrar? — perguntou Joseph.

Fiz somente um aceno com a cabeça e eles entraram. Joseph, Violet, Turner e Tyler; a família que fui privada de ter. Seus passos eram cautelosos, como se um movimento em falso pudesse causar algum problema. A verdade é que eles não sabiam a melhor forma de lidar comigo e nem qual seria minha reação diante das revelações que vinham a seguir. E para ser sincera, nem eu sabia como seria.

Violet travou uma batalha interna entre vir até mim ou sentar-se. Acho que minha cara denunciou que não queria muita aproximação, pois ela se acomodou no sofá e Joseph juntou-se à ela. Os gêmeos ficaram parados em minha frente, próximos aos meus pés. O silêncio desconfortável se instalou por

todo o quarto. E eu só esperei que alguém se pronunciasse. O primeiro a falar foi Joseph.

— Me perdoa, Samira. Eu nem sei por onde começar...

— Pelo início seria bom — respondi firme sem esconder a ironia em minhas palavras.

— Tudo que fizemos foi pensando em você... — disse Violet, em um tom baixo e cauteloso. Lágrimas ameaçavam cair de seus olhos, mas isso não me comoveu.

Nada respondi. Mantive minhas emoções escondidas e neutras. Joseph respirou profundamente como se tomando coragem para começar a narrar a história que envolvia meu passado.

— Vou contar tudo que você precisa saber e tenho certeza que vai nos entender. Viver na máfia nunca foi fácil. Eu sempre fui o braço direito do chefe que na época era o Vicent. Ele governou durante anos e sempre foi implacável. Não era conhecido por sua benevolência, muito menos por atos de bondade. Uma era de poder e muitas conquistas despertaram a fúria de muitos inimigos. Eles sempre tentavam nos atacar, por todos os lados. Quando o chefe se tornava inacessível demais, era à mim que eles recorriam. Na época os meninos estavam com doze anos de idade, e Violet, grávida de você. Mas uma coisa que você não sabe, eu tinha uma irmã também. O nome dela era Sariah. Nossa menina estava com 6 anos. Faltando poucas semanas para você nascer, chegou o aniversário da nossa menina. Ela pediu, na verdade, implorou que a levássemos na loja para escolher o seu presente. O problema era que Violet estava passando por algumas complicações no final da gravidez e não podia sair. Combinamos que uma das babás iria com ela e alguns seguranças para escolher o tal presente. Sua animação não deixou espaço para uma negativa. Ela foi e nunca mais voltou.

Naquele dia, depois de pegar um ursinho gigante que demorou muito para ser escolhido, estavam voltando para o carro para retornar para casa quando um outro veículo entrou em alta velocidade e foi em direção a eles. Homens armados descarregaram suas armas em todos que viram pela frente. No estacionamento do lugar, todos morreram. Sariah, as babás, os seguranças e outras pessoas que lá estavam. Pude assistir tudo por uma maldita câmera de segurança...

Joseph fez uma pequena pausa para olhar sua esposa, que já não segurava mais suas lágrimas e as deixava cair livremente. Logo depois prosseguiu.

— Fui o primeiro a ficar sabendo e o encarregado de contar sobre a morte de nossa menina para Violet. Fiquei arrasado, desconsolado e com sede de vingança. Somos mafiosos, cruéis, mas somos seres humanos. Eu amo a minha família e perdê-la foi como tirar um pedaço de mim... de nós.

Violet passou muito mal com a notícia e precisou ser hospitalizada. As complicações na gravidez se agravaram, ela desenvolveu um quadro de pré-eclâmpsia e por esse motivo, precisou ficar internada em observação. Achávamos que o inferno tinha acabado e seguiríamos nossas vidas com mais proteção e cautela, mas estávamos enganados. As ameaças começaram a chegar. Primeiro os meninos sofreram um atentado que por pouco não conseguiram pegá-los e depois as mensagens vinham uma atrás da outra: "Pegaremos sua filha! Vamos criá-la e faremos com que mate vocês!", "Ela será criada para servir todos os velhos nojentos que vocês podem imaginar. Sabem que tem doentes que amam crianças, né!?" ou "mataremos ela e entregaremos o corpo em pedaços em sua porta". Uma ameaça pior do que a outra. O desespero só crescia e o medo começou a tomar conta de todos nós. Eu temia pela minha família. Os amava mais que a mim mesmo.

Você veio ao mundo algumas semanas antes da data prevista. — continuava Joseph — Linda, saudável, mesmo assim precisou ficar em observação por alguns dias. Quando vimos seu rostinho pela primeira vez foi mágico e o momento em que olhamos em seus olhos vimos que eles eram exatamente iguais aos de Sariah. Naquele momento sabíamos que, ter você conosco só traria risco a sua vida e não cometeríamos esse erro novamente. Ainda conversamos sobre as possibilidades e alternativas, mas uma invasão ao hospital em que estávamos foi o ponto de ruptura. Tentaram matar Violet e só não pegaram você pois não estava no quarto com ela naquele momento. O hospital era impenetrável, o que apontava nitidamente para traidores em nosso meio. Até onde conseguiria proteger vocês!?

Sua voz denunciava a dor de reviver e contar esse pedaço do passado. Eu convivi com a perda e sei o quanto ela é dilacerante. Ia recebendo cada informação com uma pontada de dor no peito. Senti pela morte da minha irmãzinha. Mas nada disso foi o suficiente para aplacar a mágoa que sentia deles

e por isso as palavras saíram de minha boca antes mesmo que pudesse impedi-las.

— E então para me proteger vocês me abandonaram em um orfanato à milhas de distância... — completei.

— Não abandonamos você, Samira — Violet se pronunciou — Imagina o que é para uma mãe, que acabou de perder uma filha, ter a cabeça da outra a prêmio pelos seus inimigos? Se eles conseguissem pegar você, o que faríamos!? Qual seria o seu fim!? Eu não podia perder mais uma filha, não aguentaria! — completou chorando.

Joseph vendo que eu não ia me pronunciar, resolveu continuar.

— Nosso intuito sempre foi fazer de tudo para que você pudesse voltar em algum momento. Estávamos em guerra! Os meninos eram mais velhos e espertos, já sabiam se defender. E você!? Não aguentaríamos mais nenhuma perda.

— E a guerra não acabou em nenhum momento nesses últimos vinte e três anos?! — perguntei rudemente.

— Um inimigo caía e outro se levantava. Levamos alguns anos para descobrir que a maioria dos ataques era proveniente de Lorenzo e seu grupo. Eu mesmo descobri tudo e delatei para Vicent, o que me tornou o principal alvo. Sempre que eu pensava em trazê-la de volta, algo acontecia para me impedir. E assim os anos foram passando.

— E o que mudou aos meus treze anos?!

— Todos os meses eu ia até você pessoalmente. Mesmo de longe, te observava. Você não faz ideia do quanto isso me machucava, mas era uma forma de estar perto de você. Aproveitava para passar notícias concretas para Violet. Ela foi quem mais sofreu com tudo isso por não poder estar tão perto, como eu. Nossos inimigos voltaram-se todos para ela e ela se via sem saídas. Quando você estava prestes a completar treze anos, decidi que era hora de começar uma aproximação. Levei um ursinho que daria a você, mas naquele dia fui perseguido e quando percebi, já era tarde demais pois eu já estava no orfanato. Minha única saída foi dar o urso para a primeira criança que eu vi pela frente e ir embora, o

mais rápido possível. Não esperei que eles fizessem algo e já fui conversar com Vicent sobre uma solução para isso. Concordamos que o certo a fazer era tirar você de lá o quanto antes. Estávamos esperando Path e Kiera chegarem para termos uma conversa quando a notícia, que a quadrilha de Lorenzo estava aterrorizando a cidade, chegou até nós. E o que mais me abalou foi saber que a criança que havia recebido meu presente havia sido sequestrada naquele mesmo dia e encontrada morta, poucos dias depois. A brutalidade que fizeram com aquela criança ainda vem em minha memória... Vicent e eu conversamos com Path e Kiera, contamos toda a história e o nosso objetivo com tudo isso. Eles aceitaram de bom grado e o restante você já sabe...

— Vicent sabia? Quem mais sabia sobre mim?!

— Somente eu, Violet e Vicent.

— Não entendo. Ela estava grávida e ninguém notou o meu sumiço?

Foi então que Joseph e Violet, como em sincronia, olharam para os gêmeos. Segui seus olhares. Turner e Tyler os encaravam não com raiva, parecia mais com mágoa. A resposta não demorou a chegar.

— Nós falamos para todos que você não tinha sobrevivido ao parto. Os envolvidos no seu nascimento foram coagidos a mentir, e os que foram contra, morreram.

— Deixa-me ver se entendi. Vocês fizeram as pessoas chorarem duas mortes?! Duas mortes de duas crianças?!

— Foi necessário, Samira.

— Foi desumano. Vocês foram egoístas!!!

— Só queríamos você em segurança!

— Em segurança?! Olha onde eu estou!!! De que adiantou todo o esforço que fizeram? Privaram-me de ter uma família, depois me deram uma, só para depois tomá-la de mim!? O que imaginaram!? Que em um belo dia, iriam chegar e falar: oi, somos seus pais biológicos e viemos te buscar?! — soltei tudo de uma vez, atropelando minhas próprias palavras. Eu estava com raiva, frustrada, me

sentido enganada e negligenciada.

— Você não é mais uma criança, Samira. Tente entender o nosso lado! Tínhamos acabado de perder uma filha, não podíamos arriscar perder outra! Foi a decisão mais difícil que tomamos em nossas vidas!

E eu entendia!

— Entendo vocês e seus motivos — comecei a falar. Vi a expressão no rosto deles passar de apreensão para alívio, mas foi então que decretei minhas últimas palavras, ao menos naquele momento. Minha cabeça estava confusa. Foram anos e anos vivendo uma vida em que outros decidiram por mim. Não me deram escolhas de absolutamente nada e isso é o que mais me magoava naquele instante — entendo mesmo. Mas isso não quer dizer que vou perdoá-los. Vocês me negaram o direito de escolha!

Joseph levantou-se e veio em minha direção, parou ao lado da cama.

— Não faça isso conosco, Samira.

— Não sou eu que fiz isso. Foram vocês...

Violet escolheu esse momento para se juntar ao lado do marido — Nos dê uma chance, filha — ao dizer isso tentou tocar em minha mão, mas recusei seu toque.

— Não me chame assim. A única mãe que eu tenho não está mais entre nós e vocês poderiam ter evitado isso. Como tem coragem de me chamar por tal nome!? Eu te consolei no momento em que precisou, estive ao seu lado e me prontifiquei a ajudar. Podia ter me dito a verdade, mas escolheu fingir que nem me conhecia!

— acredite, quando digo que naquele dia tudo o que mais queria era ter te abraçado e contado toda a verdade, mas algo nos impediu. Lorenzo ainda estava à solta, Valentim atrás de você. Se eles soubessem que você era nossa filha, tudo poderia ser diferente. Se desconhecida já se tornou um alvo, se revelássemos a verdade talvez você nem estivesse aqui.

— Esse é o problema de vocês... me subestimar. Esqueceram o tipo de

treinamento pelo qual passei?! Me acham uma inútil?!

— Claro que não, Samira. Sabemos muito bem de suas qualidades, mesmo assim temíamos por você. Nós te amamos — disse Violet.

— Não conheço essa forma de amor e nem quero conhecer — virei-me para os gêmeos — queria conversar com vocês um pouco — voltei minha atenção para o casal ao meu lado — a sós.

— Nós ainda temos muito que conversar — interpôs Joseph.

— Não, não temos. Eu escutei tudo o que tinham para me dizer e acabou. Preciso de um tempo e o melhor a fazer é me deixarem sozinha agora. Eu disse que entendo seus motivos, mas não perdorei. Não hoje...

— Samira, por favor... — disse Violet.

Somente olhei para frente encarando meus irmãos que até agora estavam calados e ao que parece esse gesto foi suficiente para mostrar que a conversa tinha acabado. Escutei quando Joseph disse à esposa, que chorava em seus braços: “Vamos embora, querida. Tudo é questão de tempo”. Passados alguns instantes, se foram.

Respirei fundo para retomar o controle de minhas emoções. Seria mentira dizer que não me abalei ao saber de todas essas. Descobrir sobre uma irmã que perdeu a vida de forma tão brutal, mexeu muito comigo. A dor que eles sentiram, eu pude sentir, mas o perdão... ele não seria tão fácil de conquistar.

Capítulo 39

SAMIRA

Faz poucos minutos que os gêmeos me deixaram sozinha. Foi bom conversar e ver que nossa conexão ainda continua intacta. Depois dos últimos acontecimentos, achei que algo poderia mudar entre nós, principalmente pelo fato de não ter perdoado os pais deles. Para minha felicidade, tudo continua bem. Aproveitei a ocasião para descobrir em qual momento eles descobriram sobre esse segredo e com toda paciência eles me contaram. Tyler me contou que no dia em que levou meu pai para se tratar, no caminho eles tiveram uma conversa e em meio ao delírio de dor, meu pai contou sobre mim. Tyler achou estranho e não levou o assunto adiante, mas quando me viu em sua frente algo em seu íntimo dizia que as palavras de Path estavam certas. Turner não sabia de nada até então. Tenho uma vaga lembrança dele me encarar de forma estranha na noite em que nos conhecemos, mas isso também foi explicado. Meus olhos eram exatamente iguais aos de Sariah e isso chamou sua atenção. Apesar de pequenos, eles se lembram perfeitamente da irmã. Naquele mesmo dia os gêmeos conversaram e na primeira oportunidade foram confrontar seus pais. Tudo foi explicado e esclarecido, houve uma pequena discussão entre eles e no final Joseph e Violet os convenceram a manter segredo até as coisas se acertarem. Não culpo os gêmeos. Se eu estivesse em seus lugares, acataria qualquer pedido feito pelos meus pais.

Algo que sempre tive curiosidade também foi esclarecido. A invasão de Joseph que resultou em mortes foi por minha causa. Jay, o homem que estava na festa e conspirou contra Darius, foi pego e em meio as surras ele contou sobre a obsessão de Valentim por mim e os seus planos sobre me sequestrar. Joseph ficou com medo dele conseguir seu objetivo e foi confrontá-lo, sem querer esperar mais um segundo, independente se os planos de Darius dariam certo ou

não. Bem, o restante já sabemos. E querendo ou não acabei colocando em meus ombros todas as mortes dos envolvidos nessa missão suicida.

Era noite quando a enfermeira entrou no quarto para conferir se estava tudo bem comigo. O acesso venoso da bolsa de sangue já havia sido retirado e agora o do soro também se foi. Ela me ajudou a levantar e ir até o banheiro para tomar um banho. Ao sair, meu jantar já me esperava ao lado da cama com um pequeno bilhete escrito “Coma”. Nem precisava conhecer a letra para saber de quem se tratava. Darius estava cuidando de alguns problemas e disse que voltaria assim que fosse possível, porém deixou Case encarregado de minha segurança e alimentação. Após me alimentar, tentei distrair-me com a televisão. Fiquei com dó do controle pelas incontáveis vezes que troquei de canal, sem nem ao menos prestar atenção.

Uma batida na porta e meu cão de guarda colocou a cabeça para dentro.

— Precisa de alguma coisa? — perguntou Case solícito.

— Preciso sim... ir embora daqui!

Case deu um sorriso contido — Pelo que disse o chefe, talvez saia amanhã. Aguenta só mais um pouco.

— Diz isso porque não é você que está nessa cama parecendo uma inválida ...

— Não dê muita conversa para ela, Case, ou já já ela te convence a tirá-la daqui — a voz de papai se fez ouvir antes de sua figura aparecer ao lado de Case na porta.

Abri minha boca, surpresa — quanta mentira. Nunca que eu faria uma coisa dessas. Case sabe disso, não é?!

— Não tenho tanta certeza disso... — disse em resposta segurando o riso.

— Case!

— Ele te conhece melhor do que eu ... não tenho como ir contra — falou em tom de brincadeira — vou deixá-los a sós. Samira, qualquer coisa estarei aqui ao lado de fora, é só me chamar — e sai para nos dar privacidade.

— Boa noite, filha.

— Boa noite, pai. Como estão as coisas?

— Tudo entrando nos eixos — falou se sentando ao lado dos meus pés — fiquei sabendo que conversou com Joseph. Você está bem?! Quer conversar sobre isso?

— Eu quero te fazer uma pergunta ...

— Todas que quiser, filha.

— Você me ama?!

— Que tipo de pergunta é essa?

— Só responde, por favor.

Papai respirou fundo e então disse as palavras que eu necessitava ouvir — Eu te amo mais que a mim mesmo, filha. Não sei o que se passa nessa sua cabeça depois de tantas revelações, mas tenha a certeza de que tanto o meu amor, quanto o de Kiera, eram reais. Você foi a melhor coisa que nos aconteceu e criá-la foi uma dádiva concedida a nós. Se me perguntassem se eu faria tudo outra vez, eu repetiria que sim, sem hesitar. Não sei como ficarão as coisas à partir de agora, mas espero e desejo que nunca se esqueça desse velho aqui, que te ama muito.

Com essas palavras, foi difícil segurar as lágrimas que teimavam em cair. Eu o amava demais para ter qualquer sentimento como raiva ou mágoa. Meu pai sempre foi meu porto seguro e de forma alguma iria afastá-lo por conta dos percalços da vida.

Papai veio para mais perto e me abraçou forte — me perdoa por ter guardado esse segredo de você, minha menina. Eu não podia quebrar o

juramento que fiz um dia para pessoas que confiavam em mim suas próprias vidas. Somos mais do que uma máfia, somos família.

— Eu não o culpo, pai — afastei-me um pouco para olhar em seus olhos — eu escutei tudo que tinham para me contar, mas não consegui perdoá-los. A história é triste, horrível, sinto a dor da perda mas não consigo entender suas atitudes por piores que tenham sido os motivos por trás disso — baixei minha cabeça e olhei para minhas mãos que agora estavam entrelaçadas em meu colo — Isso me torna uma pessoa ruim?! — perguntei, por fim.

— Ei — disse meu pai levando sua mão ao meu queixo, fazendo com que eu erguesse a cabeça — isso não te torna uma pessoa ruim e sim humana. Foi muita informação para digerir em tão pouco tempo. Verá que as coisas vão melhorar. Nada como um dia após o outro.

— Obrigada, pai.

— Nunca me agradeça, não por isso. Eu só quero o seu bem, minha menina. Saiba que pode contar comigo para qualquer coisa.

Eu o abracei em resposta e assim ficamos por um longo tempo.

Talvez meu pai tenha razão. O tempo é o melhor remédio para tudo e torço para que me ajude ao menos a superar tanta mágoa e ressentimento de pessoas que mal acabei de conhecer. Saber que sempre tive uma família, aos meus vinte e três anos, me abalou demais. Amei os últimos anos que tive ao lado de meus pais, mas quando me lembro dos treze anos que passei naquele orfanato e o que poderia ter sido diferente...

Não posso me apegar a isso. Tudo tem sua razão de ser. Minha vida agora é essa, a realidade a qual tenho que conviver.

— Nunca te vi tão animada assim para ir a algum lugar — comentou Darius.

Estava me arrumando para enfim, poder ir embora. O médico passou mais cedo para me dar alta e não via a hora de sair daqui. Ajustava o vestido

confortável ao corpo quando algo passou pela minha cabeça. Uma coisa que ainda não tinha pensado. Para onde eu vou? Qual é o meu lar agora? Todos os problemas que me envolviam, acabaram. Seria o momento de voltar para o lugar em que vivi nos últimos dez anos?!

— Samira?! — Darius estalou seus dedos em frente ao meu rosto para chamar minha atenção — está perdida em pensamentos. Algo está errado?

Cogitei desconversar, mas tinha que ser sincera. Eu aprendi a amar o Darius, mas até agora não demos nome ao que estamos vivendo. Não sei ao certo o que esperar dele.

— Estava pensando em voltar para minha antiga cidade — comecei com cautela — agora que não tem ninguém para me ameaçar, talvez seja hora de retomar minha vida de onde parou.

Aquela fera imponente somente me observou com aqueles olhos atentos. Aproximou-se como o felino, o qual sempre achei que era, e parou em minha frente.

— Você acha que depois de tudo que passei, vou deixá-la ir?

— Eu não... — tentei falar, mas ele me interrompeu.

— Você tem um lar, cerejinha, e ele é ao meu lado. Nossa casa, o lugar que passou as últimas semanas, é e sempre vai ser o seu lar.

— E quando você decidiu isso?!

— No momento em que te peguei em meus braços e tive medo por sua vida. Foi naquele milésimo de segundo que achei que te perderia e não teria mais essa boquinha afiada para me responder — falou colocando ambas as mãos em meu rosto.

— O que eu serei para você, Darius?! Sua sombra!? Alguém para viver escondida, com medo de tudo ao redor!?

— Você não nasceu para viver nas sombras, cerejinha. Nasceu para liderar ao meu lado e ser minha rainha. Você será minha mulher, e governará

esse mundo comigo. O que acha?!

— Eu acho que deveria tentar me convencer melhor, minha fera — disse dando um meio sorriso que ele retribuiu.

— Assim!? — perguntou e atacou minha boca em um beijo avassalador.

Ah, com certeza essa é uma excelente forma de barganhar. Quem sou eu para dizer não a ele depois disso?!

A viagem para casa durou algumas horas. Era final de tarde quando Case estacionou o carro em frente à porta principal. Phoebe, a passos largos, mal esperou eu sair do carro para se jogar em cima de mim. Pediu mil desculpas por não ter ido me visitar, mas por causa do Michael decidiu ficar e aguardar minha chegada. Por falar nele, logo surgiu nos braços do papai e quando me viu, balançou as mãozinhas pedindo para vir em meu colo. Infelizmente não pude pegá-lo por causa da perna que impossibilitava um pouco meus movimentos. Juntos seguimos para dentro e conversamos até a noite chegar. Phoebe seguiu para sua casa com sua família e eu subi junto ao Darius para nosso quarto.

Tomei um banho relaxante de banheira para tirar aquele cheiro de hospital que parecia impregnado em mim. Após me secar, fui até a cama e me sentei para Darius me ajudar a fazer um pequeno curativo em minha perna. Os pontos estavam em perfeito estado e em poucos dias poderia retirá-los. Enquanto ele foi guardar as coisas que usou, deitei-me de lado sobre minha perna machucada, para mantê-la imóvel. Logo, Darius se juntou a mim colando nossos corpos.

— Estou feliz que esteja aqui ao meu lado — disse baixinho em meu ouvido.

— Estou feliz por estar aqui, minha fera.

Ele aproximou sua boca de meu pescoço e me deu uma pequena mordida ali. Isso fez todos os pelos do meu corpo se arrepiarem. Estava somente com uma camiseta e calcinha. Darius de cueca. Minha bunda estava colada ao seu membro, que começou a dar sinal de vida. Fiz o que meu corpo mandou e mexi

minha bunda para provocá-lo.

— Se comporta, Samira — falou em meu ouvido enquanto sua outra mão foi de encontro a minha cintura para segurá-la no lugar.

— Você sabia que a única coisa que está ruim é a minha perna, certo!? — rebolei mais uma vez e ele soltou um gemido baixo — e ela está bem imobilizada aqui...

— Ah, é!? E o que minha cerejinha quer!? — perguntou já passando sua barba pelo meu pescoço, enquanto sua mão que estava em minha cintura, descia em direção à minha calcinha.

— Eu quero você!

— Tudo o que você quiser, você terá!

Sua mão colocou minha calcinha de lado. Darius rosnou em meu ouvido quando constatou o quão molhada eu já estava. Ele ainda permitiu-se ganhar um pouco mais de tempo enquanto me beijava e brincava com minha boceta.

— Preciso de você dentro de mim agora — falei entre gemidos.

Ele acatou minhas palavras e após retirar seu pau para fora da cueca, que deslizou lentamente para dentro de mim. Perdida em luxúria e em completo êxtase eu soltei as palavras que estavam pedindo para serem libertas.

— Eu te amo, Darius! — e fechei meus olhos com a força dessas palavras. Senti seu pau se afundar ainda mais em mim. Suas mãos se apertaram ao meu redor. Quando achei que nada diria, a resposta veio.

— Eu te amo mais, minha Samira — e começou a se mover com estocadas profundas e fortes me fazendo delirar de prazer.

Capítulo 40

SAMIRA

O dia amanheceu nublado e as nuvens carregadas anunciavam que a chuva estava prestes a chegar. Queria aproveitar os últimos minutos que ainda tinha aqui ao ar livre. Estava esparramada em uma das espreguiçadeiras que ficam em torno da piscina. Olhava para o céu sem pensar realmente em algo concreto. Repassava algumas cenas dos dias que se sucederam em minha mente procurando algo que não sabia explicar. *Talvez o fato de não perdoar esteja me fazendo questionar se estou realmente certa com essa atitude. O problema é o não sentir. Sabe quando você entende que ainda não está pronta para dar determinado passo!? É assim que eu me sinto.*

Vou dar tempo ao tempo. Mas a verdade é que nem sempre o tempo é a melhor solução. Ele pode sim ajudar em algumas situações, mas depende muito de cada ocasião. Feridas podem ser curadas ou abertas mais ainda, ou pior, elas podem somente cicatrizar por fora, mas por dentro continua frágil e vulnerável.

Independentemente do que aconteça, espero sentir quando algo mudar dentro de mim.

Darius saiu bem cedo com meus irmãos para resolverem alguns problemas. Apesar de saber que posso estar entre eles e ajudar, minha fera me colocou de molho pelos próximos dias. Até tentei contestar, dizendo que poderia ajudar em algo, mas ele foi bem convincente em seus argumentos logo pela manhã. Ao lembrar da nossa noite juntos, um sorriso apareceu em meus lábios. Declaramo-nos um para o outro de forma tão inesperada, mas muito significativa. O jeito que me tomou, seu toque e seus beijos foram suficientes

para me transmitirem a verdade em suas palavras. Ele me amava. Tentei buscar em minhas memórias o início disso e cheguei à conclusão que foi uma daquelas histórias que envolvem conexão instantânea. As nossas brigas e embates no começo, eram formas de tirar a atenção de algo que já nos incomodava. Ele sempre me atraiu muito antes do nosso primeiro beijo e os problemas que vieram a seguir, só fizeram que esse processo de identificar o que sentíamos fosse adulterado, trazendo à tona o real sentimento.

Estou bem curiosa e ansiosa por essa minha nova realidade e cheia de vontade para começar a vivê-la.

Phoebe apareceu em meu campo de visão trazendo consigo um copo de suco. *Estou aqui fora já faz tanto tempo que deve estar na hora de tomar os remédios que o médico receitou.*

— Vai acabar ficando doente, Sami. Aqui fora está um vento gelado e você com esse vestido fininho — disse ao se aproximar e me entregar o copo de suco e os remédios. Esperou que eu tomasse para pegar o copo e se sentar ao meu lado.

— Não me culpe. O vestido é prático enquanto estiver com essa perna desse jeito — de fato é verdade. Me ajuda na locomoção, fora a praticidade de ir ao banheiro. Esse negócio de tira e põe shorts não daria certo — e eu já vou entrar. Só queria aproveitar um pouco mais essa calmaria.

— Você está bem? — perguntou com uma nota de preocupação em sua voz.

— Sim, estou. Onde está Michael? — perguntei, pois senti falta daquela coisa linda.

— Acabou de pegar no sono. Deixei-o com uma das meninas que vieram hoje ajudar na limpeza e organização da casa para vir aqui, mas já vou voltar.

— Não consegue ficar muito tempo longe, não é!?

— Michael é minha jóia rara — ao dizer isso vi seus olhos brilharem.

— Posso te perguntar uma coisa?!

— Claro!

— O que você faria pelo Michael? Até onde iria por ele?

Phoebe pareceu refletir sobre minhas perguntas antes de me responder. Mais cedo ela foi até meu quarto e contei a ela de modo resumido sobre as coisas que aconteceram e também sobre Joseph e Violet. Ela nada perguntou. Manteve-se calada e ouvinte a todo momento, como uma boa amiga faria. No final, abraçou-me forte e disse que eu poderia contar com ela para tudo que precisasse. Eu agradeci por me escutar e depois ela se foi. Agora estávamos aqui e esperava sua resposta.

— A descoberta da gravidez foi um choque para mim. Eu e Tobias não queríamos um bebê naquele momento, pois tínhamos acabado de nos casar e a vontade de curtir isso juntos era maior. E ainda tem todo esse mundo envolvido. Mesmo me cuidando, engravidei. Quando escutei o coração dele batendo forte pela primeira vez, eu o amei tanto, mas tanto que chegava a doer. A vontade de tê-lo em meus braços era muito grande. No dia em que ele nasceu e o tive no conforto de meus braços, soube que faria qualquer coisa por ele. Isso inclui matar ou morrer — respondeu ela sem hesitar em momento algum.

Digere sua resposta e fiz outra pergunta, da qual já sabia a resposta — Você teria feito o mesmo que meus pais biológicos?

— Sim, minha amiga. Eu teria feito sem pensar duas vezes.

Baixei minha cabeça e fiquei olhando para minhas mãos. O pensamento foi longe e a culpa veio com toda força possível. As palavras de Phoebe eram sinceras, eu sentia. *Por que eu não conseguia enxergar isso!? Por que eu não conseguia sentir também!?*

— Samira — chamou ela — não se cobre tanto. Talvez não entenda isso agora, mas um dia entenderá — levantou-se e veio até mim — vem, vamos entrar — pegou em meu braço e me ajudou a levantar. Juntas, seguimos para dentro de casa.

Não demorou muito para a chuva começar a cair. Michael acordou algum tempo depois e aproveitei para mimá-lo um pouquinho. Estava sentada na sala

com ele em meus braços quando a porta se abriu e os homens que agora faziam parte da minha vida entraram.

Turner olhou para mim e um sorriso apareceu em seu rosto, ele parecia realmente feliz em me ver. Tyler também não estava diferente. Darius chegou de mansinho e se sentou ao meu lado para brincar com Michael. Esse afeto por bebês era até então desconhecido por mim, mas lembrei que foi ele que deu total apoio a Phoebe na ausência de Tobias.

Turner e Tyler olharam para mim e o homem ao meu lado. Sabia que uma gracinha estava prestes a chegar e por isso eu fechei minha cara de modo ameaçador. Nem preciso dizer que foi uma tentativa falha, não é mesmo!?

— Cadê o beijo?! Nem unzinho!? — soltou Turner.

— Que forma fria de cumprimentar nossa irmã, Darius. Um beijo pelo menos né!? — falou Tyler em seguida.

Com a mesma cara fechada que tentei sustentar, mirei-os com olhos de água. Eles começaram a rir e eu acabei rindo junto, não muito tempo depois.

— E eu posso saber por que ele deveria fazer isso na frente de vocês?! — perguntei aos meus irmãos.

— Ué ... que eu saiba casais fazem isso — respondeu Tyler.

Virei-me para Darius de modo interrogativo, tentando saber o que ou até onde ele contou aos gêmeos sobre nós. Ainda não tinha pensado sobre isso. Os meninos não eram mais só meus amigos e sim irmãos. Também os melhores amigos da fera e seus conselheiros. Não sabia muito bem como as coisas funcionavam entre eles em relação a isso e o receio que não recebessem bem, passou pela minha cabeça. Mas, vendo essa brincadeira bem explícita, tive certeza que estavam bem com essa situação.

Em resposta à minha pergunta silenciosa, Darius somente deu de ombros e voltou a brincar com o bebê em meu colo.

— Ou vocês não são um casal ainda?! — perguntou Turner chamando minha atenção.

— Nem sei do que vocês estão falando... — respondi, fazendo-me de desentendida.

— Ah você sabe sim... — falou Tyler.

— E eu posso saber como vocês chegaram a essa conclusão?!

— Essa é fácil — começou Turner — quando você respondeu ele pela segunda vez e não foi morta...

— Como? — perguntei confusa.

— Ninguém responde Dom Darius e sai ileso, Sami. Ele pode até ser bom com você, mas isso se limita aí. Nosso amigo não é bom e nem benevolente, nunca dá algo sem ganhar em troca. Não posso negar que ele é justo, mas isso são casos e casos. Quando você chegou aqui, ele não sabia quem você era e mesmo assim não te maltratou. Se fosse outra pessoa não estaria falando neste momento... — fez um gesto como se estivesse cortando a língua com a mão — Depois disso não foi difícil de saber no que daria. E tem outra coisa ... ele nos deu bom dia hoje, o que sugere uma noite bem aproveitada. Muita coincidência o humor estar tão bom justo no dia em que você voltou para casa, não é irmãzinha?!

— Turner! — não sei se fiquei em choque pela primeira revelação ou com vergonha pela conclusão que ele chegou.

Darius levantou-se e com um sorriso que mal conseguia esconder, me deu um beijo rápido seguindo em direção ao seu escritório.

— Não disse? — provocou Tyler.

— Vocês são duas crianças, sabiam!? — falei rindo.

— A gente só gosta de ver você assim... sorrindo — disse Tyler.

— E só para ficar ciente, nós já conversamos sobre o caszinho do momento e deixamos claro que se ele te magoar, vai se ver com a gente — Turner disse.

— Sabem que sei me cuidar muito bem, certo!?

— Não temos dúvidas disso. Mas avisar não custa nada.

— Vocês são terríveis!

— E agora somos seus irmãos. Se acostume, querida, pois irá nos aturar para o resto de sua vida.

— Tenho certeza que vai ser um prazer ter vocês me perturbando pelos próximos anos...

Conversamos mais algumas coisas até Michael exigir um pouco mais de minha atenção. Os meninos perceberam que o baixinho aqui era territorialista e me queria todinha para ele, então ambos me deram um beijo estalado no rosto e seguiram para o escritório junto ao chefe. Agora eu tinha todo tempo do mundo para mimar o pequeno em meus braços. *Amo crianças.* A conversa com Phoebe mais cedo me veio na cabeça e uma coisa que ela disse me deixou em alerta. *Ela, mesmo se cuidando, engravidou. E eu que nem me cuidando estava?! Por sorte minha menstruação deu sinal hoje, o que descarta uma possível gravidez. Vou conversar com Darius sobre isso e providenciar o uso de algum método contraceptivo o mais breve possível ou logo teremos um membro novo na família.*

Passei o restante da tarde ali na sala e só notei o horário quando Phoebe apareceu para alimentar o bebê. Logo os meninos também se foram. Os gêmeos tinham o costume de ficar sempre por aqui, mas de acordo com eles, não queriam nos atrapalhar e a noite os aguardava. Tyler parecia bem ansioso ao sair daqui o que me fez lembrar da moça que mencionamos a um tempo atrás. *Será que ele ainda está atrás dela ou tomou jeito e a deixou em paz?! Vou descobrir isso em uma outra oportunidade.*

Darius me ajudou a subir as escadas e fez questão de me dar banho. De acordo com ele, todos os banhos nos próximos dias serão assim. Quando o questionei sua resposta foi simples ... eu estava no “vermelho”. Resolvi nem contestar já que esses banhos se tornaram bem mais prazerosos em sua companhia.

Capítulo 41

DARIUS

Dois meses depois...

Com o passar dos dias tudo foi se normalizando. Havia muito tempo que não presenciava tanta calma no mundo da máfia. A questão principal que acovardou temporariamente nossos inimigos foi termos conseguido derrubar Lorenzo depois de tantas tentativas falhas, inclusive de meu pai. Assumir o posto foi uma ideia minha, tendo em vista que meu pai e Joseph tinham em suas costas alvos que os perseguiam para todos os lugares. Isso começou a complicar os negócios e até mesmo sua liderança. Todas as vezes que algum assunto exigia sua presença, algo acontecia. Quase sempre alguém saía ferido ou pior, morto. Como sabíamos que tinha muita questão pessoal envolvida, eu resolvi propor que se afastassem e nós, os filhos, assumissem. No começo a ideia não foi muito bem aceita por nenhum deles, mas alguns dias depois e de muito pensar chegaram à conclusão de que eu estava pronto para assumir essa responsabilidade, afinal fui criado para isso.

Estava em meu escritório resolvendo algumas pendências, coisas rotineiras. Nenhum assunto exigia minha presença. Tyler estava na sala de treinos junto com Samira. Ele estava fiscalizando seus movimentos e verificando se não ia pegar pesado, logo agora que o médico havia liberado-a para voltar às atividades físicas. Minha cerejinha estava empolgada com a nova fase de sua recuperação e afirmava estar bem e saudável e que não precisava de guarda costas. Em vão. Os gêmeos não a deixavam em paz. Não somente eles, na realidade. Joseph arrumou um jeito de manter-se presente na vida da filha, e suas visitas, antes inexistentes se tornaram frequentes. Toda vez, com uma desculpa

diferente, ele aparecia pelo menos três vezes na semana. Samira sempre dava um jeito de não o encontrar, mas vez ou outra não tinha escapatória e acabava encontrando-o. Ela nunca mencionou sobre isso ou disse que a incomodava, mas se tinha uma coisa que não sabia fazer bem, era esconder suas emoções de mim. Esses últimos meses junto à ela me serviu de aprendizado para compreendê-la melhor e saber quando não gosta de algo, com um simples gesto ou até mesmo um olhar. Samira se faz de forte, como se nada a ferisse ou machucasse, mas eu sei que as coisas não são bem assim. Sei que a situação entre ela e seus pais biológicos não foi resolvida e isso a incomoda. Optei por não me envolver nesse assunto, pois sei o quão delicado ele pode ser. Mas tenho notado que apesar da sua pose altiva, Samira não estava bem com essa situação. Pensei em confrontá-lo, porém não levei adiante. Sei de toda história e colocando-me em seu lugar, talvez fizesse pior.

Turner entrou em meu escritório rindo de algo mas parou assim que olhou para mim. Acho que minha cara não era das melhores. sentou-se na poltrona em minha frente.

— O que se passa? — perguntou ele.

Se tem uma coisa que existe entre mim e esses gêmeos é respeito. Eles sabem até onde devem ir e onde devem parar. Respeitamos o espaço de cada um e só nos envolvemos, se for algo extremamente importante. Não guardamos segredos e nem mentimos ou omitimos nada e, por esse motivo, fui direto ao ponto.

— As atitudes de seu pai nada me agradam.

— Você sabe bem como seu padrinho é, Darius.

— Sim, eu sei. Mas vejo Samira cada vez mais acuada por causa disso. Ela não diz, mas sente e isso está me incomodando de certa forma.

— O que pensa me fazer?

— Estava pensando sobre isso. Por que não conversa com ele?!

— Acha que já não tentei?! Tanto eu quanto Tyler já tentamos conversar, mas de nada adianta. Ele não aceita que nossa irmã não os tenha perdoado. O seu lado paterno está de luto ainda por Sariah e ser rejeitado pela outra, está

magoando-o demais.

— É questão de tempo. Se ele se colocasse no lugar da Samira, entenderia seus motivos. Ela basicamente viveu uma mentira por vinte e três anos. Não esquecerá da noite para o dia.

— Eu entendo isso, Darius. Infelizmente Joseph não pensa da mesma forma. Acho que o seu maior sonho agora que a calmaria chegou, é ter sua filha, que tanto lutou para proteger, em seus braços.

Ninguém poderia julgá-lo. O homem passou vinte e três anos longe de sua filha fazendo de tudo para protegê-la, só que tudo saiu fora do planejado... A guerra em que a família estava envolvida finalmente acabou mas ele não a tinha...

Nem consigo imaginar como Joseph e Violet estão. Também, não culpo Samira de forma alguma. Conheço seus sentimentos e entendo. Que cabo de guerra! Não posso tomar partido....

— Por que não a tira daqui ?! — falou Turner um tempo depois.

— E levar para onde exatamente?!

— Não sei. Vocês poderiam fazer uma viagem...

— Sabe que mesmo com toda essa calmaria não podemos nos expor, certo?! Sem contar que eu sou o chefe e não posso me ausentar por muito tempo.

— Você tem aquela casa nas montanhas, lembra?! Poderiam passar uma semana lá, não precisam sair. As coisas por aqui estão sob controle, Darius, nós damos conta. Se algo surgir te contataremos e vocês voltam. Samira vai relaxar e você também. Quantos foram os anos de planejamento e noites sem dormir para acabar com aqueles malditos?! Se dê esse descanso também, cara!

Não precisei pensar muito para tomar minha decisão. A casa das montanhas foi um presente dos meus pais para mim. Meu pai sempre disse que o lugar era um refúgio necessário para os dias ruins e que as boas vibrações do lugar restaurariam todas minhas energias. Fazia um bom tempo que não ia até lá e era ideal para esse objetivo. Longe de tudo, protegido e ótimo para passarmos

alguns dias reclusos.

— Não precisa agradecer — falou Turner piscando para mim.

Estava indo em direção ao salão de treinos para encontrar com Tyler e Samira. A risada da minha cerejinha era audível do lado de fora. Saber que estava se divertindo me deixou momentaneamente aliviado, mas a cena a seguir me fez parar.

Samira estava caída sobre Case. Os dois colados e juntos na porcaria do chão. O que diabos eles pensam que estão fazendo?! Ela rolou para o lado e ficou olhando para o teto ainda rindo. Case se levantou e ofereceu sua mão para ajudá-la a se levantar. Antes disso eu me pronunciei.

— Atrapalho!? — falei enquanto ia em direção a eles. Case pareceu tremer todo diante da minha voz. Samira, por sua vez, levantou sozinha e veio em minha direção, toda sorridente.

Podia ver a sombra de sua silhueta vindo, mas meus olhos estavam focados no homem à minha frente. *Ah, Case, você não sabe a merda que fez tocando na minha mulher.*

— Que olhar macabro é esse, fera?! — perguntou Samira. Ela seguiu meu olhar e voltou sua atenção para mim — Ei — colocou a mão em meu rosto me fazendo olhá-la — Case e eu estávamos treinando, desequilibrei e caí em cima dele.

— Cadê o Tyler?! — perguntei, um pouco seco demais.

— Ele saiu para atender um telefonema — disse quase no mesmo tom e ainda afinou os olhos para mim.

Só dei um aceno para avisar que ouvi sua resposta e comecei a ir em direção a Case. Samira segurou em um dos meus braços e se colocou em minha frente novamente.

— O que pensa que vai fazer?! — perguntou ríspida.

— Ter uma conversa com meu soldado, posso?!

— Bravo assim?! De jeito nenhum! Ele não fez nada, Darius!

— Já avisei sobre se intrometer em meus assuntos, Samira!

A diaba sorriu — foi você quem me deu abertura para isso, minha fera — falou chegando bem perto e entrelaçando suas mãos em meu pescoço. Minha atenção estava totalmente voltada à ela neste momento — sabia que fica irresistível com essa cara de bravo!?

Antes de respondê-la, busquei mais à frente um Case que já não estava mais em seu lugar. *Covarde. Aproveitou do momento para fugir, mas o que é dele está guardado.*

— Não brinca comigo, Samira.

— Não estou brincando, fera. Falei a verdade e fico chateada por pensar algo ao contrário disso!

— E o que passou pela minha cabeça, Samira?!

— Que eu e ele pudéssemos estar traindo você? — perguntou, testando as palavras.

— Não pensaria isso de você. Só mostraria a ele que ninguém toca no que é meu! — disse colocando meus braços ao seu redor e acabando de vez com a pouca distância de nossos corpos — você sabe que vai pagar por isso, não sabe!? Por ter deixado ele chegar tão perto...

— Ah, sim. Estou ansiosa para receber minha punição — deu um sorriso vitorioso e me beijou.

Essa mulher ainda vai me enlouquecer.

Depois de cumprir com minha palavra, a de que Samira pagaria,

tomamos um banho na banheira para tirar todo o suor que nos cobria. Aproveitei o momento para fazer com que implorasse por mais, só que a deixaria de castigo. Nada feito. Minha cerejinha aprendeu muito bem como me enlouquecer e não aguentei suas provocações. Depois de foder gostoso na banheira, terminamos nosso banho no chuveiro e deitamo-nos. Samira estava nua em meus braços e seu corpo colado ao meu. Meu peito era o suporte para suas costas e minhas mãos faziam leves carícias em seus cabelos.

— Então, o que achou da ideia?! — tinha acabado de lhe contar sobre a casa e os planos para os próximos dias.

— Vai ser bom passar uns dias longes... — disse com certa cautela.

— Você está feliz, cerejinha?! — perguntei, com receio de sua resposta.

Samira virou seu rosto para trás e assim teve acesso aos meus olhos — como nunca estive, fera. Eu só... — fez uma pausa, virando-se para frente novamente. Senti quando puxou uma respiração e logo continuou — essa situação com Joseph e o que ele anda fazendo para tentar se aproximar... não estou confortável com isso. Ele quer forçar algo que não vai acontecer de uma hora para outra. E para ser sincera, nem sei se irá acontecer. Não sei se serei capaz de perdoar....

Eu a apertei em meus braços e sussurrei em seu ouvido — tome o seu tempo. Se necessário, mudamos para a casa nas montanhas... — disse em tom de brincadeira.

Ela se aconchegou mais em meus braços — Obrigada, Darius. Por tudo.

— Não me agradeça, não por isso — dei um beijo em sua cabeça e em pouco tempo ela adormeceu.

Eu deveria levantar minhas mãos aos céus por ter me enviado uma mulher forte e destemida igual a Samira, pois assim, ela sempre poderá se defender.

A cada dia que passa, mais tenho certeza de que ela é o meu único ponto vulnerável. Sim, vulnerável. Fraco seria se isso me tornasse um homem mole, mas essa constatação só me faz querer liderar com punhos de aço e ser forte o

suficiente para mantê-la segura. Não que ela precise, claro. Tenho pena de quem cruzar seu caminho. Samira é tão forte quanto eu. E o melhor, ela é minha.

Esse pensamento de posse me levou a pensar em Case.

Ele que pense que irá escapar das minhas mãos. Na primeira oportunidade outra surra será encomendada para aprender a manter suas garras, mesmo que acidentalmente, longe da minha mulher.

Capítulo 42

SAMIRA

Encarava o lugar à minha frente, literalmente de boca aberta. Quando Darius falou da casa nas montanhas, nem em meus melhores sonhos imaginaria isso. A construção era feita quase toda de madeira em um único andar com alguns detalhes em pedra. Era enorme. A sensação que tenho era de estar flutuando. A casa parecia se encaixar perfeitamente nas montanhas. E o melhor... a paisagem lá de cima era deslumbrante.

Estava tão perdida sem saber para onde olhar que dei um pulo ao escutar a voz de Darius, tão próxima à mim.

— Gostou?!

— Se eu gostei?! Darius, olha para isso — fiz um gesto com as mãos — Quando me falou em casa nas montanhas não foi bem isso que me veio na cabeça.

— E como imaginou?

— Não sei. Um chalé modesto, talvez... — disse mordendo meus lábios, sem jeito.

Darius deu um sorriso contido pelos meus pensamentos — Vem, vou te mostrar a casa — colocou a mão na base da minha coluna e me guiou para dentro.

E se antes eu estava encantada, agora esse lugar havia me ganhado de vez. O interior era moderno, espaçoso e muito bonito. Tudo organizado e bem decorado. Depois de me mostrar as acomodações de dentro, Darius me guiou até uma porta que ficava mais aos fundos e ao passar por ela, uma linda piscina em formato L nos saudou. E não era só isso, bem ao lado a natureza nos recebia com toda sua glória. *Que paisagem incrível.* A paz que se infiltrou em mim, era sem explicação. Nossos dias aqui seriam inesquecíveis e a ideia de ir embora em uma semana já não era tão bem-vinda assim.

— Pela sua cara essa foi uma ótima ideia ... — falou ele ao meu lado.

Virei para olhá-lo — Sim, esse lugar é magnífico!

— Então fique à vontade. Vou conversar sobre alguns detalhes com o Tobias e já te encontro — deu-me um beijo e se foi.

Tobias foi o escolhido para nos acompanhar na viagem. Ainda quis debater sobre isso, não queria ficar longe da família, mas não teve sucesso. Darius não queria Case por perto. Ao que parece ele ainda estava meio bravo pela cena que presenciou e não queria estragar nossas férias surrando seu soldado em minha frente. Homens... vai entender.

A noite chegou e junto à ela veio um frio que há muito tempo não sentia. Devia ser pela elevação da casa e pelo fato de ter somente árvores e natureza a nossa volta. Ajudei Darius a acender a lareira e sentamo-nos próximos à ela, em um tapete felpudo. Enquanto esperávamos a lenha queimar para nos aquecer, bebíamos um bom vinho para ajudar. Minha fera estava de frente a mim. Raramente seus olhos deixavam os meus e tomei esse momento para observá-lo. Se há alguns meses me dissessem que eu estaria aqui hoje, eu chamaria a pessoa de louca. Que reviravolta minha vida sofreu, e apesar das perdas, que serão irreparáveis, eu ganhei esse homem que hoje tem um grande valor para mim, além de irmãos e uma grande família.

— Gosta do que vê?!

— Só um pouquinho — disse levando a taça até minha boca e tomando um pequeno gole.

— Você ainda não aprendeu a ser uma boa mentirosa

— E você se acha, querido.

— Só trabalho com verdades, cerejinha.

Sorri ante sua provocação. Darius era um homem lindo e másculo. Exalava masculinidade por onde passava. Seu corpo era uma perdição e sua boca fazia loucuras. Só de imaginar suas mãos e em como elas se encaixavam perfeitamente em cada uma de minhas curvas, um leve formigamento começava a se formar entre minhas coxas. De repente um calor começou a se construir. Não sei se pelo fogo da lareira, ou pela bebida, ou até mesmo pelo desejo que tinha por esse homem.

Em sua presença não me sentia mais envergonhada ou nada parecido. Darius tinha o poder de provar o meu lado mais devasso. Sua perversidade acabou, de certa forma, atingindo e me mostrando o quão delicioso é esse mundo libidinoso. Agora mesmo, estou aqui me perguntando se o gosto que ele mais gosta em mim é cereja, ou se vinho irá servir para o que eu tenho em mente nesse momento.

Bebi o restante do conteúdo que estava em minha taça, deixando-a de lado. Nós estávamos bem perto um do outro, então somente me levantei, apoiei minhas mãos em seus ombros e sentei-me em seu colo. Darius me ofereceu seu melhor sorriso devasso, enquanto seu olhar feroz, me devorava.

— O quanto gosta de vinho?

— Muito, porém não mais que você...

— E se fizéssemos uma combinação dos dois?!

— Seria uma combinação perfeita.

Sem tirar meus olhos dos seus, estiquei uma de minhas mãos até sua taça e deposei um pouco de vinho em minha boca. Coloquei a taça no lugar e sem demora eu o beijei, despejando um pouco do líquido por entre seus lábios. Meus braços envolveram seu pescoço e minhas mãos se emaranharam em seus

cabelos. Transmitia naquele beijo a necessidade que eu tinha por ele. As mãos de Darius passeavam por todo meu corpo, apertando cada pedacinho dele. Puxei seus cabelos para trás e fiz meu trajeto da boca para seu maxilar distribuindo mordidas. Voltei a beijá-lo. Minhas mãos desceram pelos seus braços fortes e tateando procurei a barra de seu casaco para retirá-lo. Seu peito exposto, coberto por uma fina camada de pelos, me fazia delirar. Sem interromper o beijo, desci minhas unhas por seu abdômen do jeito que eu gostava. Seu pau já estava duro e se mexia com nossos movimentos, bem embaixo da minha boceta. Somente nossas calças de moletom nos separava. Darius repetiu meus movimentos e retirou meu casaco, fazendo-me arrepiar com o contato pele a pele. Suas mãos apertaram meus seios e sua boca maltratava a minha com mordidas e chupadas nada generosas.

Minha fera foi se afastando lentamente e me tirou de seu colo. Colocou-se de pé e eu já salivei por antecipação, sabendo o que estava por vir. Nossos olhares conectados sempre. Darius abaixou sua calça juntamente com sua cueca, colocando seu membro avantajado para fora. Sua mão o envolveu e seus movimentos começaram lentamente. Ainda no chão, retirei minha calça e a joguei longe. Somente de calcinha e sutiã me coloquei de joelhos em sua frente, empinando minha bunda para que ele tivesse uma boa visão. Tomei o meu lugar, pegando seu pau com uma de minhas mãos. Minha língua fez o caminho da base até a cabeça do seu membro.

Darius gemeu.

Meus olhos observando suas reações e minha boca chupando a cabeça do seu pau enquanto uma mão massageava seu comprimento e a outra massageava suas bolas. O autocontrole da minha fera não durou por muito tempo. Sua mão foi parar em meus cabelos, fazendo-me recebê-lo em todo seu vigor, até onde eu conseguia. Fiz o que desejava e segui a velocidade que impôs. Era delicioso vê-lo tão entregue e rendido a mim. Sentia tesão com os sons que saíam de sua boca. Levei uma de minhas mãos por dentro de minha calcinha até meu ponto latejante. Eu precisava de alívio. Necessitava. Mas Darius tinha outros planos. Puxou-me pelos cabelos sem me machucar, porém de forma primitiva, bruta, colocando-me de pé. Seus lábios colidiram com os meus em um beijo avassalador ele começou a conduzir nossos corpos lentamente. Só paramos quando senti a beirada do sofá.

Darius virou-me com brusquidão e me incentivou a subir no sofá. Fiquei de joelhos, de costas para ele, que se colocou atrás de mim. Senti sua mão

subindo pelas minhas panturrilhas, um belo tapa foi dado em minha bunda. Sua mão seguiu o caminho da minha coluna e quando chegou em meu pescoço, agarrou-o pela frente e fez com que eu virasse meu rosto para beijá-lo. Cessou nosso contato com uma mordida em meus lábios e após isso, fez eu me deitar, deixando somente minha bunda arrebitada para seu total deleite.

Mais um tapa veio sem aviso e logo sua mão voltou em um leve carinho. Darius estava com uma de suas pernas apoiada no sofá e outra no chão. Sua calça já não estava mais em seu corpo. A mesma mão que me acariciava, foi de encontro à minha calcinha, que a essa hora já estava imprestável. Senti o momento em que se inclinou e sua boca tocou a carne exposta da minha bunda. Darius começou a distribuir mordidas e beijos até chegar ao ponto em que minha calcinha estava. Retirou-a, tomando tempo e me torturando, lentamente. Ele adorava me provocar, sentia prazer. Assim que ela foi descartada, sua boca foi de encontro a minha boceta, chupando-a com devassidão. Dois dedos me penetravam em um movimento de vai e vem, enquanto sua língua me inebriava de prazer. Minhas paredes internas começavam a se contrair avisando que todo meu tesão estava para ser liberado, mas então... Darius parou.

— Você vai gozar gostoso, mas comigo metendo fundo em você!!!

Não consegui respondê-lo. Nesse momento só conseguia emitir gemidos e algumas palavras incoerentes. Posicionou seu pau em minha entrada e foi me invadindo lentamente, fundindo-se a mim completamente. Quando seu pau estava todo enterrado em mim, Darius me puxou para cima, virou meu rosto para ele e me deu um beijo casto, ainda sem se movimentar. Com nossas bocas coladas umas às outras ele se retirou lentamente.

— De quem você é?! — ele perguntou sussurrando entre meus lábios.

— Sua — eu respondi em um fio de voz. Em resposta ele meteu bem fundo me fazendo arfar.

— Repete. De quem você é?! — um tom mais parecido com um rosnado saiu de sua boca.

— Sou sua. Completamente sua, minha fera...

Foi o ápice para que seus movimentos se tornassem constantes. Rápido,

bruto e insaciável. Darius tomou tudo de mim. Fez-me gemer e contorcer em seus braços até o momento em que explodi em um orgasmo tão forte que durou mais tempo que o habitual. O movimento da minha boceta em seu membro foi sua perdição e logo depois despejou dentro de mim, urrando de prazer.

Estava deitada em seus braços com minha cabeça apoiada em seu peito enquanto minha mão o acariciava. Depois de fazermos amor mais de uma vez, nossos corpos necessitam de descanso. A sala, totalmente aquecida pelo fogo da lareira, tornou-se convidativa e encontrei-me sonolenta, rapidamente. Ambos nos entregamos ao cansaço e dormimos nos braços um do outro.

Nosso primeiro dia nesse paraíso e já começamos bem. Já ganhei uma pequena prévia do que está por vir. E se antes a vontade de não ir embora já era grande, agora é inexistente. Algo me diz que esses dias servirão para conectar-nos ainda mais e garantir uma vida longa e duradoura a nós. Também não podemos esquecer do descanso de nossas mentes. Esse lugar tem uma energia incrível e transmite uma paz que nunca senti. Talvez seja a calma depois de tantos acontecimentos ruins e negativos. O que sei dizer, com certeza, é que tudo isso está me fazendo um grande bem, não só ao corpo, mas a alma também. Era tudo que eu precisava ... estar e me sentir em paz.

Capítulo 43

SAMIRA

Eu não queria voltar, não queria sair do nosso conforto e principalmente de toda aquela paz. Os dias que se passaram foram incríveis. Nenhum problema, nenhuma dor de cabeça. Só tranquilidade, bebida e muito sexo. *Essa sem dúvidas foi a melhor parte. Se antes já estava viciada nele, agora me tornei uma dependente. Uso diário, por favor.* Mas o mundo real nos chamava. Ou melhor, chamava seu Dom. Tobias que mais parecia um fantasma nesses últimos dias, apareceu logo pela manhã e passou um recado para Darius. Ao questioná-lo, a resposta foi que Tyler se envolveu em alguma encrenca e por questões de segurança não podia mais estar à frente, junto ao seu irmão, na ausência do chefe. Darius não disse o motivo, pois ainda era desconhecido até mesmo por ele.

Que maravilha. Homem barbudo arrumando confusão.

Por esse motivo, meus planos de convencê-lo a ficar, foram por água abaixo. Arrumamos nossas coisas e logo pegamos a estrada para retornar. O balanço do carro me fez dormir quase o trajeto inteiro. Adormeci com a cabeça encostada no ombro de Darius e despertei da mesma forma; com ele me chamando, avisando que tínhamos chegado. Passamos pela grande porta de entrada e já nos deparamos com um furacão chamado Turner. Meu irmão veio em minha direção e meu deu um abraço de urso.

— Estava com saudades, Sami — ele disse.

Retribuí seu abraço e respondi — também senti a sua. Como estão as coisas por aqui?! Cadê nosso encrenqueiro?! — perguntei, afastando-me.

A resposta não veio de Turner, e sim de Tyler que surgiu em nosso campo de visão. Ao vê-lo, um sorriso começou a despontar em meus lábios, mas logo se desfez quando olhei em seu rosto. Ele estava com a boca machucada e uma mancha roxa já era evidente ao redor de um de seus olhos. Precipitei-me em sua direção, preocupada.

— O que fizeram com você?! — perguntei ao chegar perto dele. Passei meus olhos por todo seu corpo procurando indícios de mais algum ferimento. Não encontrei nada aparente.

— Não se preocupe — disse ele me dando um abraço — estou bem.

— E espero que a pessoa que fez isso esteja bem pior que você, meu amigo — a voz de Darius retumbou atrás de nós.

Tyler olhou por cima do meu ombro em direção ao seu amigo — ele não está mais nesse plano, pode ter certeza — disse de forma fria.

Fiquei um pouco surpresa com sua declaração, principalmente por ter sido feita em minha frente. Os gêmeos fazem de tudo para manter essa pose de boa gente comigo, mas sei que eles não são assim. Meu próprio pai me alertou sobre não criar ilusões falsas e achar que eles são os mocinhos. Isso seria algo ilusório e eu poderia me decepcionar em algum momento no futuro. Independente disso aceitei meus irmãos exatamente como são.

— Vamos conversar em meu escritório — falou Darius já indo em direção ao corredor de acesso. Tyler foi logo em seguida.

Virei-me para Turner de forma interrogativa, ele riu, sabendo que não poderia fugir de meus questionamentos.

— O que aconteceu? — perguntei a ele.

— Nada que precise se preocupar, Sami. Tyler só perdeu a cabeça por alguns instantes e quando fomos ver, a merda já estava feita.

— Algum inimigo?

— Não até esse determinado episódio. Não sei como as coisas vão ficar à partir daqui.

— Mas é algo que possa nos afetar de maneira geral? — perguntei preocupada. Afinal uma reação em cadeia era o que eu menos esperava agora. Sei que foram anos de dor de cabeça e agora, o mundo mafioso estava em modo de descanso. Todos temiam Dom Darius o suficiente para não atacar.

— Não nós em um termo geral. No caso seria só o Tyler mesmo. E talvez eu por ser idêntico — deu de ombros.

— Não trate isso como brincadeira, Turner. Com quem ele se envolveu e por quê?!

— Olha ela, já agindo como a manda chuva — falou em tom de brincadeira. Mas ao ver minha cara séria tratou logo de falar — tudo bem, não precisa me olhar assim. Aconteceu uma situação envolvendo a Talia. Lembra dela?

— Sim, me lembro. Era a moça que o Tyler estava caidinho, mas não queria admitir. O que tem ela?

— Parece que mexeu com gente da pesada em busca de dinheiro e eles foram até a saída da boate para pegar a moça. Estávamos por perto e vimos o momento que pegaram a garota. Tyler nem sequer pensou e foi dar uma de super-herói para cima dos caras e o final você já sabe.

— O quão encrencado ele pode estar?

— O cara que ele matou era o irmão mais novo do manda-chuva. Sei que ele não irá atacar diretamente por causa do Darius, mas parado não vai ficar.

Depois de responder mais algumas perguntas, Turner pediu licença e foi ao auxílio do irmão. Disse conhecer bem Darius e que talvez ele não gostasse das coisas que motivaram Tyler a fazer tal coisa. Seria perigoso ele terminar de arruinar a cara do amigo e, conhecendo minha fera, seria bem capaz de fazer exatamente isso.

Aproveitei para dar uma passada na cozinha e ver se Phoebe estava por

ali, mas não a encontrei. Contive-me em ir até sua casa, pois Tobias poderia estar lá e não queria atrapalhar o momento do casal. Também não quis me intrometer nos assuntos do trio, por isso decidi subir para o quarto e descansar um pouco mais. O sono ainda rondava e estava se apoderando de todo meu corpo novamente. Tenho certas desconfianças que, apesar da semana relaxante, os exercícios foram intensos e meu corpo agora cobrava o seu preço.

Tirei apenas um cochilo e acordei com uma baita dor de cabeça e uma azia das boas. *Pode ser fome, não comi nada desde que chegamos.* Optei por tomar um banho antes de descer, para acordar de vez. Ao levantar, senti uma leve tontura e precisei me apoiar até que a vertigem passasse. *Eu realmente preciso comer.* Segui a passos lentos até o banheiro e joguei uma água no corpo. Depois de me secar e colocar roupas confortáveis, desci para encontrar os meninos e procurar algo para saciar minha fome.

A sala estava vazia e o único barulho era da torneira da cozinha. Fui até lá para ver quem eu encontraria. Phoebe estava de costas lavando alguns pratos.

— Oi! — eu disse bem alto fazendo com que ela se assustasse, quase derrubando o que tinha em mãos.

— Quer me matar do coração, Samira!? — falou, virando-se em minha direção e me olhando de cara feia. O que não durou muito, já que um sorriso tomou o seu lugar — estava com saudades, sabia!? Pensei que não iam mais voltar.

— Não vive mais sem sua amiga aqui, não é? — falei indo até ela para abraçá-la.

— Nem é por você, sabe?! Michael gosta de ser paparicado por certa pessoa... então preciso te aturar — falou tentando segurar o riso.

— Aham... sei — falei, afastando-me e seguindo para o balcão para me sentar em uma das banquetas — da próxima vez farei questão de ficar mais alguns dias por lá e o soldado a nos acompanhar será o Tobias novamente. O que acha?! — disse isso somente para provocá-la.

— Acho isso chantagem emocional com a minha pessoa. O que posso fazer para que vossa senhoria mude de ideia? — falou de modo brincalhão.

— Pode me alimentar, isso seria um ótimo começo — apoiei-me no balcão, levando minhas mãos até a cabeça, massageando de leve minhas têmporas.

— Dor de cabeça? — perguntou Phoebe.

— Sim, um pouco. É meu estomago protestando a falta de comida.

— Então vamos te alimentar. Quer comer algo em especial? Fiz massa com molho branco para o chefe e os gêmeos.

— Pode ser o mesmo, por favor — pedi a ela que logo se virou para preparar — Por falar neles ... onde estão?

— Após o jantar eles voltaram para o escritório.

Só espero que esteja tudo bem e que a confusão que meu irmão se meteu não seja tão grave assim. Torço para que tudo se resolva da melhor forma possível e que suas ações não afetem pessoas inocentes.

Após alguns minutos Phoebe colocou à minha frente um prato com massa e molho branco bem caprichado. Junto a ele, um pouco de queijo e salsa para enfeitar. Só de olhar me deu água na boca e o cheiro estava divino. Agradei minha amiga por preparar a refeição e peguei os talheres para começar a me saciar. A cada garfada uma explosão de sabores. Tudo no ponto certo, bem preparado e com um sabor fenomenal. Phoebe tinha um dom excepcional para cozinhar. Mãos de fada.

— Isso está muito bom — falei enchendo meu talher com mais uma porção.

— Feliz que tenha gostado.

Mastigava a comida com tanto gosto que não conseguia falar muita coisa entre uma garfada e outra. Estava quase terminado quando algo mudou. Olhei para o meu prato quase vazio e comecei a sentir um leve enjoo. Larguei os

talheres e os apoiei no prato. Levei uma de minhas mãos a boca e respirei fundo.

Phoebe viu a mudança em meu comportamento e se aproximou — o que foi? — perguntou preocupada.

— Nada, eu só... — não consegui terminar minha frase. O enjoo voltou com força total e precisei correr até o banheiro mais próximo. Foi o tempo certo para conseguir abrir a tampa do vaso.

Senti minha amiga entrar logo depois e se ajoelhar ao meu lado segurando meu cabelo e fazendo carinho em minhas costas. Ainda fiquei naquela posição por mais algum tempo só para garantir que tinha acabado. Ao me levantar, fui até a pia para lavar minha boca. Usei enxaguante bucal, já que lá embaixo não tinha escova de dentes.

— Obrigada — disse a Phoebe.

— Não agradeça. Está se sentindo melhor?

— Sim. Devo ter comido algo que não me fez bem...

— Você está sentindo mais alguma coisa? — perguntou ela.

— Fora a dor de cabeça um pouco de azia, mas achei que era fome. Pode ser intoxicação alimentar? — perguntei a ela.

— Não acho que seja bem isso ... — falou me analisando.

— E o que seria então?!

— Um bebê talvez?!

— Claro que não. Está maluca!?

— Ué, por que maluca!? Você e o chefe por acaso não estão juntos? Pensa que essa cara de santinha me engana?

— Isso não quer dizer que eu esteja grávida! Não estou! Minha menstruação está regulada e não tem nada nessa barriguinha aqui — falei

passando a mão em minha barriga.

— Se você diz... — falou dando de ombros.

Naquela noite eu não tive um bom sono. Minha cabeça só girava em torno das palavras de Phoebe. Ao contrário do que disse a ela sobre estar com as minhas regras em dia, não tinha certeza sobre isso e foi só depois de me deitar e fazer as contas que descobri estar atrasada, bem atrasada. Isso me assustou. Não tinha planos de engravidar, não agora. Fiquei de conversar com Darius sobre os métodos contraceptivos, mas com a minha mente sobrecarregada eu simplesmente deixei para lá.

Fazer sexo quase que diariamente e achar que não engravidaria... só na minha cabeça.

Até hoje não tinha pensado nas consequências.

E agora?!

Capítulo 44

SAMIRA

Dois dias tinham se passado e minha cabeça continuava a mil por hora. Tentei disfarçar ao máximo para não chamar a atenção de Darius e nem dos gêmeos e aparentemente consegui. Isso não se aplicou a Phoebe, claro. Seus olhares para mim se tornaram cada vez mais inquisidores. Ela prestava atenção em todos os meus movimentos, mas me ajudou muito com minhas refeições, sempre leves e com muito suco de laranja. De alguma forma, diminuíram os enjoos, até então, bem frequentes. É como se uma chavinha tivesse sido ligada da noite para o dia.

Agora estava aqui em frente ao espelho do banheiro com a blusa levantada e olhando diretamente para minha barriga lisa. Não tinha um volume sequer. Nada.

Será que esses enjoos não podem significar outra coisa?! Mas e a menstruação atrasada?! Estou pensando em ir à farmácia para comprar um teste, mas não consigo ir sozinha e não queria chamar atenção para algo que nem sei se é real.

Pensei em contar minhas suspeitas para Darius, mas fiquei com receio dele não receber muito bem a notícia. Claro que ele não faz o tipo que surta, até porque foi o meu primeiro homem, e até hoje o único. Sabe que provavelmente não estou me cuidando e que um bebê poderia acontecer. A questão aqui era eu.

Não estou pronta para isso. Foram tantas reviravoltas que eu só gostaria de viver um pouco mais minha realidade atual antes de ter a responsabilidade de ser mãe. Mas voltava ao ponto principal: estou colhendo os frutos que eu

mesma plantei. Antes tivesse me cuidado, me protegido. Darius também tem sua parcela de culpa nessa situação, afinal essa responsabilidade não é só da mulher e sim do casal.

Uma batida na porta do quarto chamou minha atenção. Baixei minha blusa e saí do banheiro. Soltei um “entra” para a pessoa do lado de fora. Phoebe colocou somente a cabeça para dentro.

— Posso entrar?! — perguntou ela.

— Claro.

Minha amiga entrou no quarto segurando uma sacola em suas mãos e ao se aproximar de mim, fez com que eu a pegasse. Olhei de modo interrogativo, mas nada disse. Olhei o interior para verificar seu conteúdo e me deparei com um teste de gravidez.

Levantei meus olhos para falar — Phoebe, não.... — porém ela não me deixou terminar a minha frase.

— Não diga nada, Samira. Te conheço bem o suficiente para saber como sua cabeça deve estar. Eu vou sair e te deixar sozinha. Não precisa se preocupar com os homens da casa, eles ainda não chegaram. E ninguém me viu comprando isso... então pode ficar tranquila. Tome o seu tempo e tire suas dúvidas. Sou sua amiga e só quero o seu bem, e se realmente estiver grávida, já está na hora de procurar um médico e cuidar da sua saúde.

Phoebe foi um grande presente que ganhei. Sei que sua amizade é sincera e pura e sou grata por isso. Não duvido de suas palavras, sei que ela só quer me ajudar. Por isso eu agradei o seu gesto e me comprometi a fazer o teste. Ela se despediu e saiu indo cuidar do Michael que já a aguardava.

Voltei para o banheiro e tranquei a porta. Coloquei o teste em cima da bancada e abri-o para ler as instruções.

A melhor urina é a primeira do dia, mas com o tanto de atraso que eu já estou, se realmente estiver grávida vai acusar.

Sentei-me no vaso e fiz o que tinha que fazer... esperei. Coloquei o teste

em cima da caixinha e... esperei. Andava de um lado para o outro, nervosa e no fundo, já sabendo o resultado. Marquei mentalmente os minutos necessários e parei meus passos para ver o resultado. Não sabia o que sentir quando vi ali o meu POSITIVO.

Estava sentada no meio da cama com as pernas cruzadas e o teste no meio delas. Depois de muito pensar achei melhor contar de uma vez para Darius e ver o que faríamos a partir daqui.

Parece que só por estar ansiosa para nossa conversa, o tempo parece não passar.

Ele nunca demorou tanto para chegar como hoje e isso só me deixava mais nervosa. Alguns minutos se passaram, os quais mais se assemelhavam a horas, já que tudo parecia em câmera lenta, até que enfim... ele chegou. Minha fera adentrou o quarto com sua cara fechada de sempre. Ao me ver, deu um leve sorriso.

— O que faz tão quieta aí?! — perguntou, aproximando-se.

— Estava esperando você... precisamos conversar.

— Algo importante?! — disse, avaliando-me. Sentou-se na beirada da cama.

— Creio que sim, Darius.

— Então diga.

Puxei uma longa respiração buscando um pouco de calma. Não faria rodeios, pois não sou assim. Talvez se fosse algo planejado, teria preparado uma surpresa para contar, mas não era o caso.

Peguei o teste em minhas mãos e coloquei próximo a ele — Faz dois dias que comecei a me sentir mal e achei que pudesse ser algum problema de saúde, mas tinham indícios que poderia ser algo a mais. Fiz as contas e percebi que estava atrasada a mais tempo do que o normal — ao falar isso, Darius pegou o

teste e o analisou — hoje Phoebe me trouxe esse teste para tirar minhas dúvidas. Não contei nada à ela, mas no primeiro dia em que passei mal, ela presenciou e logo deduziu. E, bem, ela estava certa. O teste deu positivo, Darius. Eu estou grávida.

Darius só me observou por segundos, sem dizer uma única palavra. Confesso que minha vontade de bater nele. Estava ansiosa e essa reação não estava me ajudando.

— Fala alguma coisa, por favor...

Ele deixou o teste de lado e estendeu seus braços me chamando para o seu colo. Fui ao seu encontro e me aconcheguei em seus braços.

— Estava me perguntando quando me contaria, cerejinha — disse ele.

— Como assim?! — perguntei um tanto confusa.

— Você está dormindo mais do que o normal ultimamente e seu apetite sexual aumentou drasticamente. Fora que nos últimos dois dias, você estava distante, pensativa... Vez ou outra, via você passar a mão na barriga. Só liguei uma coisa à outra e não foi difícil chegar em uma conclusão.

Ao dizer isso, senti meu rosto esquentar de vergonha — Por que não veio conversar comigo?!

— Preferi esperar o seu tempo, Samira. Nós dois não nos protegemos desde a primeira vez e se tornou tão comum que eu fui deixando passar. Sempre foi maravilhoso não ter nada nos atrapalhando. Sentir o seu calor, sentir você por inteira é tudo que eu sempre quis.

— Eu poderia ter tomado remédio, me cuidado de alguma forma, Darius. Fomos irresponsáveis! — saí de seus braços para ficar em pé e comecei a andar de um lado a outro, em sinal de nervosismo.

— Não da minha parte, cerejinha. Formar uma família nunca passou pela minha cabeça, até conhecer você... Nunca algo fez tanto sentido na minha vida, como agora.

— Isso é loucura! — parei de andar para observá-lo.

Darius então se levantou e veio em minha direção. Ao parar em minha frente, ele segurou meu rosto entre suas mãos e olhou em meus olhos — A melhor loucura que a vida poderia nos dar, Samira.

Senti a verdade em suas palavras e seu olhar aquecido fez eu sentir por um breve momento que tudo daria certo — nós seremos pais! Eu estou com medo... — e não era mentira. Estava com medo por não saber se seria capaz, por não me sentir pronta e ainda tem a nossa realidade e o mundo em que vivemos.

— Você será uma mãe maravilhosa, minha cerejinha, tenho certeza disso — disse tocando meus lábios com os seus em um breve beijo.

— Como pode ter tanta certeza?

— Você é uma mulher incrível, forte e determinada além de ser bondosa, cuidadosa e fiel. Já observei diversas vezes você com Michael e todo o cuidado que direciona a ele. Seus olhos brilham sempre que fala daquela criança e vejo o amor que tem por ele em cada palavra que sai da sua boca para contar sobre os seus momentos juntos. E apesar de ter sido adotada por Path e Kiera aos treze anos, você viveu e vivenciou muita coisa na sua infância. Agora terá sua própria família e tenho certeza que dará o seu melhor para que nosso filho ou filha tenha tudo que você desejou para si. Estou mentido?

Avaliei suas palavras com muito cuidado.

Sobre Michael, ele tem toda razão. O meu amor por aquele bebê veio quando pousei meus olhos nele. Sinto uma paz enorme nos rondar todas as vezes que estamos juntos, é algo inexplicável. Sobre meu passado ele também falou a verdade. Sempre sonhava em ter uma família e a ganhei de fato, mas os dias solitários que passei naquele orfanato jamais me fariam dar menos do que uma criança merece.

Pesando esses pensamentos em uma balança eu não saberia dizer se seria uma boa mãe, mas sabia que daria o meu melhor para ver um sorriso em seu rosto todos os dias da minha vida.

— E agora o que faremos?! — perguntei por fim, ainda com seu rosto

próximo ao meu.

— Agora nós vamos cuidar, amar e proteger o nosso bem mais precioso. Vou ligar para um dos médicos responsáveis e começar a cuidar da saúde de vocês.

— Podemos não contar a ninguém até termos absoluta certeza de que tem um habitante aqui na minha barriga?!

Darius se afastou um pouco e desceu suas mãos até minha barriga — Sinto-lhe informar, cerejinha, mas esse lugar já está preenchido.

Um pequeno sorriso apareceu em meus lábios com suas palavras — Obrigada por tudo que fez e faz por mim, Darius. Sabe... às vezes me pergunto onde está aquela fera que conheci a meses atrás... — falei para brincar e descontraír um pouco esse momento. Claro que seu lado mafioso sempre estava à espreita, mas nunca o usava comigo. Sua fúria era voltada somente para os negócios e coisas que ele resolvia bem longe de casa. A fera que habitava nesse homem só se fazia presente em algo relacionado a mim quando o assunto era sexo. Ah, isso eu não podia negar. Minha fera era fogo puro!

— Por que, garota?! Está com saudades do meu lado feroz? — disse colando nossos corpos.

— Sim, talvez eu esteja!

— Isso pode ser o primeiro desejo de grávida e não podemos fazer a futura mamãe passar vontade! — falou, pegando-me de surpresa no colo e seguindo em direção ao banheiro — Preciso de um banho e você será uma boa garota e me ajudará.

Ele me colocou no chão e seguiu até a banheira para abrir a torneira. Logo o vapor da água quente começou a preencher o lugar. Quando retornou para mim seus olhos em pura brasa já me davam indícios do que estava por vir.

— Acho que estamos com roupas demais — disse ele.

— Vou ajudar minha fera com esse pequeno empecilho ...

Capítulo 45

SAMIRA

Se dependesse de Darius, um dos quartos teria se transformado em um consultório exclusivo para mim, mas depois de muito custo consegui fazê-lo mudar de opinião. Não queria chamar a atenção de ninguém para isto agora, queria ter certeza primeiro e depois pensaria em como contar para as pessoas ao meu redor.

Não sei qual será a reação dos meus irmãos e ainda tem o assunto inacabado com Joseph e Violet que com certeza vão querer fazer parte da vida do neto ou neta. Minha cabeça está em parafusos com tantas coisas para pensar e minha, talvez, nova realidade. A maternidade. Digo talvez, pois o teste pode estar errado e isso tudo seja coisa da minha cabeça. Besteira. No meu coração eu já sinto a verdade e estou bem com ela depois de todo apoio da minha fera.

Darius fez algumas ligações e uma enfermeira, muito gentil por sinal, foi até em casa para colher meu sangue para que o teste fosse feito, evitando assim a espera no consultório. Esperamos aproximadamente uma hora e arrumamo-nos para sair. Darius, Case e eu seguimos para minha primeira consulta. Durante o caminho poucas palavras foram trocadas. Eu não conseguia esconder a minha ansiedade, minhas pernas balançavam a todo instante e Darius levava uma de suas mãos até elas contendo meus movimentos e dizia “Tudo vai ficar bem, minha cerejinha”. Suas palavras tinham um certo peso sobre mim, ele transmitia a verdade e isso ajudava a me acalmar.

O carro parou em frente a um prédio todo espelhado. A fachada denunciava a riqueza e elegância do lugar. Com certeza algo de boa qualidade voltada a classe alta da sociedade. A porta foi aberta por Case e logo descemos e

Darius nos guiou até o local de nosso destino. Na porta do consultório a placa indicava Dra. Diana Bortolini. Ao entrar, fomos instruídos a aguardar alguns instantes que logo seríamos atendidos. Sentamo-nos em um sofá perto a uma porta que, creio que da sala da Dra.

— E se eu não estiver grávida? — perguntei baixinho ao homem ao meu lado.

— Você sabe que está, cerejinha. E mesmo se não estivesse eu faria questão de colocar um filho meu em seu ventre o quanto antes.

— Como você, às vezes, consegue ser tão fofo?! — o questionei.

— Eu não sou fofo, só sou apaixonado pela minha mulher.

Não disse?! Fofo.

Estava preparando uma resposta para lhe dar, quando a secretária nos anunciou.

— Podem entrar. A Dra. os espera — ela disse.

Darius segurou em minha mão e me ajudou a levantar. Sem perder tempo seguimos para dentro da sala da Dra. Vi uma linda mulher sentada atrás da mesa e no instante que nos viu, pôs-se em pé.

— É um prazer tê-los em meu consultório — virou-se para meu companheiro — Dom Darius — e fez uma breve reverência — Sentem-se, por favor.

Nos acomodamos em nossas cadeiras e ela fez o mesmo. Sua mão foi até uma pilha de papéis que estava logo ao lado retirando de lá um envelope.

— Aqui está o resultado do exame — disse, entregando-nos. Eu o peguei, sem hesitar.

Olhei para o envelope e depois para Darius.

— Vá em frente, abra! — ele incentivou.

Respirei fundo para manter a calma e minhas mãos trêmulas começaram a abrir o papel. Assim que o desdobrei, meus olhos percorreram sobre ele procurando uma única palavra que não foi difícil de achar. O grande POSITIVO escrito em letras maiúsculas e negrito não deixava dúvidas. Eu seria mãe e com essa certeza veio junto a insegurança.

Busquei minha voz para dar continuidade na consulta — deu positivo — eu disse. Senti um toque em minha perna e sabia que era a mão de Darius me dando conforto.

— Parabéns, papais! — a Dra. disse — poderia me passar a data da sua última menstruação, por favor?

— Claro. A última vez faz mais ou menos dois meses — respondi-a, que logo em seguida, digitou algo em seu computador.

— Como está se sentindo esses dias? Algum mal-estar?

— Um pouco de enjoo, tonturas e sono, muito sono.

— Isso é completamente normal no início da gravidez, podendo seguir nos meses seguintes ou não. Vou passar vitaminas que devem ser tomadas e um remédio para ajudar nos enjoos. Importante manter uma alimentação saudável e fazer exercícios leves, sempre que possível para continuar com sua qualidade de vida. Também passarei alguns exames que devem ser feitos para que me entregue na próxima consulta, tudo bem?!

— Sim, Dra — respondi.

— Pode me chamar de Diana — respondeu com um sorriso — você já está com sua gravidez um pouco adiantada, Samira. Vamos fazer uma ultrassonografia para identificar se está tudo bem com o bebê, seus batimentos e desenvolvimento, tudo bem?!

— Tudo bem — respondi.

— Pode se deitar ali naquela cama — apontou para o lugar indicado.

Levantei-me e segui até lá, deitando-me e esperando. A Dra. Darius veio ao meu encontro e ficou ao meu lado. Olhei para ele e dei um sorriso. Eu estava feliz com isso. Assustada, com medo, porém feliz. Uma coisa que Darius disse sobre eu dar para esse bebê tudo que não tive até meus treze anos, era verdade. Iria dar amor, proteção e faria de tudo para ser a melhor mãe possível.

Dra. Diana não demorou e logo se sentou em uma cadeira próxima ao monitor. Uma enfermeira entrou na sala para ajudá-la. Ela me auxiliou a levantar a blusa e a baixar um pouco a calça que eu estava usando naquele dia. Assim o fiz. Um gel foi espalhado em minha barriga e logo imagens não nítidas começaram a aparecer na tela. O aparelho foi de um lado ao outro a procura do mais novo membro da família.

— Aqui — a Dra. apontou para a tela — olha como ele já está formadinho — ela foi olhando e mexendo.

Eu já não conseguia ver nada, meus olhos estavam embaçados por causa do choro contido. Tentava controlar, mas não era possível. Meu bebê que hoje se torna a minha vida.

— Espera só um momento — disse a Dra.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei preocupada que algo estivesse errado.

— Não, mamãe. Eu só quero confirmar uma coisa — mais algumas mexidas e um sorriso apareceu em seu rosto — tenho uma novidade para vocês. Temos aqui dois bebês!

— Como assim dois, Dra.?! Estou grávida de gêmeos?! — virei meu rosto rapidamente para olhar o homem ao meu lado. Darius estava sério, mas eu o conhecia e sabia que estava emocionado. Seus olhos não saiam da tela e quando percebeu meu olhar, abaixou e me deu um leve beijo na testa.

— Parabéns, mamãe — ele disse.

— Os dois estão separados, cada um em um saco gestacional, ou seja, são bivitelinos — informou a Dra. — vamos ouvir os corações desses bebês?! — e ligou o som.

Ainda estava me recuperando da última notícia. Seria mãe de dois. *Dois!* Mas não tive tempo de pensar muito sobre isso, pois o barulho do coração forte dos meus bebês preencheria todo o ambiente.

Tum, Tum, Tum...

Tudo, absolutamente tudo que eu conhecia sobre o amor mudou neste momento. Senti meu peito apertar e alegria transbordar. A cada batida, meu amor crescia. Achei que conhecia várias formas de amar, e até minutos atrás eu pensava que conhecia todos. Estava enganada, pois no momento que escutei o ritmo acelerado dos meus bebês o amor mais forte e puro que jamais senti até esse instante, floresceu.

A melhor sensação de toda minha vida.

Foi amor às primeiras batidas dos seus coraçõezinhos..

A Dra. finalizou o exame e saiu da sala por alguns instantes, deixando-nos a sós. Darius colocou sua mão em minha barriga e logo seus lábios tomaram seu lugar. Um beijo carinhoso demonstrava o quanto ele estava feliz com isso. Fiquei ali ao lado do pai dos meus filhos curtindo todas essas novas sensações. Tirei esse momento e me envolvi em uma pequena bolha e chorei de alegria, chorei de emoção, chorei por amor. Eu seria capaz de fazer qualquer coisa para mantê-los a salvo. Meus bebês agora eram minha vida e eu daria tudo por eles e para eles.

Após alguns minutos a Dra. voltou para passar novas orientações, tudo o que eu deveria fazer e os cuidados na gravidez gemelar. Escutei tudo com total atenção com a certeza de que seguiria tudo à risca para manter meus bebês em segurança até o dia em que veria seus rostinhos em minha frente. Antes de irmos embora, foi-nos entregue um dvd com a gravação do ultrassom e algumas fotos também. No caminho para casa me aconcheguei nos braços de Darius e juntos olhamos para as imagens dos nossos bebês. Já imaginava como seria tê-los em meus braços... Darius não ficou muito atrás, porém mais contido em suas reações.

— Darius — o chamei. Suas esferas azuis encontram meus olhos — sabe me dizer se meu pai está muito ocupado? — perguntei.

— Na realidade eu tenho quase certeza que ele está em casa, me esperando. Temos alguns assuntos para tratar — ele respondeu.

— Eu não queria atrapalhar os seus compromissos poderia ter vindo sozinha.

— Tudo que for relacionado aos meus filhos eu devo saber e fazer o possível para participar, Samira. E tudo que for relacionado a você jamais irá me atrapalhar. Os assuntos que tenho a tratar com ele são coisas corriqueiras que poderiam esperar, não se preocupe.

Minha fera sempre colocava a família em primeiro lugar e apesar do seu posto na máfia, sei que não poderia ter escolhido alguém melhor para ser pai dos meus filhos e meu companheiro para o resto da vida ou até enquanto ela durar.

Chegamos em casa e como Darius havia previsto meu pai esperava pelo chefe. Não contei nada por aquele momento, era mais propício esperar sua conversa com Dom Darius, para só depois contar as novidades. Enquanto isso despejei tudo de uma vez em cima de uma Phoebe que mal me deixou respirar. Aquele espaço que ela prometeu me dar não durou por muito tempo, mas se fosse diferente não seria a Phoebe. Minha amiga pulou em meus braços e disse que me ajudaria em tudo que eu precisasse. Também fiquei sabendo que em uma conversa com Tobias, foi decidido que eles continuariam a morar aqui. *Isso foi a segunda melhor notícia que recebi hoje.* Como Phoebe tinha vindo morar sobre a proteção de Dom por causa da ausência de seu marido, tudo indicava que com sua volta isso poderia mudar, mas como eu “aconteci”, o próprio Tobias achou prudente mantê-la por perto, já que nos tornamos grandes amigas. Em meio às nossas conversas, Michael precisou de uma atenção maior de sua mãe, então ambos foram para o conforto de sua casa e eu segui para a sala esperar o momento certo para conversar com meu pai.

A porta principal foi aberta e Turner e Tyler passaram por ela.

— Oi, Sami! — falou Turner ao se aproximar.

— Ei, irmãzinha — falou Tyler ao lado do irmão.

— Olha quem chegou, meus irmãos favoritos — disse brincando.

— Sabe que em algum momento terá que escolher entre os dois, certo ?!
— perguntou Tyler.

— Esquece, cara. O irmão favorito dela sou eu — rebateu Turner.

— É impossível escolher entre vocês, meninos. Amo os dois — disse piscando para eles. Respirei fundo antes de dizer minhas próximas palavras e deixando a brincadeira de lado — tenho um pedido para fazer aos dois, mas antes preciso conversar com meu pai que está no escritório com o Darius.

— Aconteceu algo? — perguntou Turner com uma nota de preocupação.

— Nada que devam se preocupar. Falamos disso mais tarde, pode ser?

— Tudo bem. Acho que o tempo da sua conversa será mais ou menos a nossa reunião com o chefe. Nos vemos em breve, irmã — disse Tyler.

— Em breve, meus irmãos favoritos.

— Aproveita o tempo sozinha para pensar sobre o favorito, Sami. Não quero resolver essa questão em uma briga de braço com esse cara aqui do lado — disse Turner se afastando.

— Sabe que a briga vai ser dureza para o seu lado, caro irmão — respondeu Tyler.

— Sem chance. Parem com isso! — exclamei segurando o riso e observando os dois sumindo corredor a frente.

Não demorou muito e Path apareceu pelo mesmo corredor que os gêmeos passaram. Algo me diz que isso tenha a ver com meus irmãos e sua curiosidade. Comentei com Darius para que não contasse nada a eles por enquanto. Queria dar a notícia pessoalmente.

— O que minha filha precisava tanto falar comigo? — perguntou papai ao se aproximar. Deu-me um beijo no topo da cabeça e sentou-se ao meu lado.

— Tenho uma surpresa — disse a ele. Busquei em minha bolsa o papel do ultrassom e peguei uma única foto e dei um suas mãos — olha...

— O que é isso? — disse ele com seu cenho franzido — não me diga que — levantou seus olhos para mim — você está grávida? — perguntou em voz baixa.

— Sim, pai — respondi emocionada.

— Minha menina vai ser mãe. Eu vou ser avô! — sua alegria era perceptível. Meu pai me puxou para seus braços e me deu um longo abraço.

— Queria que a mamãe estivesse aqui — falei com a voz embargada por lembrar dela e pensar em sua reação.

— Tenho certeza que ela estaria muito feliz assim como estou e muito orgulhosa pela mulher que você se tornou, minha menina. Esse bebê terá muita sorte, você será uma mãe incrível.

— Bebês... — falei o corrigindo.

— Bebês?! — ele questionou.

— Sim, pai. São gêmeos — disse me afastando para ver sua reação a isso.

— Preciso ter uma séria conversa com Darius!

— Pai!

— Estou brincando, filha. Saiba que sempre estarei aqui para tudo que precisar. Vou ensinar em dobro para esses pirralhos tudo que lhe ensinei.

— Coitados desses bebês que nem nasceram e já estão na mira do carrasco — brinquei com seu antigo apelido.

— Carrasco que você ama — ele rebateu.

— Sim, pai. Amo mais do que tudo. Tem outra coisa que preciso te dizer

...

— Fale, minha menina.

— Estou pronta para dar o próximo passo.

— Sabia que esse momento iria chegar, minha menina, e fico feliz pela sua maturidade e extremamente orgulhoso de você.

— Obrigada, pai.

Não precisei dizer qual seria o próximo passo. Meu pai me conhecia bem o suficiente para saber do que se tratava.

Eu não vou negar que estou ansiosa, pois estou, mas tudo seria resolvido de uma vez por todas!

Capítulo 46

SAMIRA

Meu pai precisou sair para resolver algumas pendências do seu trabalho e fiquei sozinha esperando a volta dos meus irmãos. Não demorou muito para o barulho de pessoas andando, serem ouvidos vindos do corredor. Isso indicava que minha espera logo teria fim e o próximo passo estava cada vez mais perto de acontecer.

— Desculpa a demora — Turner foi o primeiro a aparecer e falar.

— Imagina. Para falar a verdade mal notei o tempo passar — respondi.

Logo depois Tyler e Darius também apareceram. A expressão pacífica dos gêmeos indicava que eles não sabiam de nada ainda. Olhei para o rosto da minha fera só para ter certeza e com um único menear de cabeça dele, entendi que nada tinha dito aos seus amigos.

— Agora que estamos aqui nos diga qual o seu desejo, querida irmã — disse Tyler.

— Muito solícito, querido irmão. O que se passa?! — perguntei para ele já sabendo sua resposta.

— O gêmeo favorito... lembra?! — respondeu com seu sorriso costumeiro no rosto.

— Vocês não têm jeito, não é?! — brinquei com eles.

— Isso tudo é porque ele sabe que perderá para mim, Sami — disse Turner entrando na brincadeira.

— Deixaremos esse assunto para um momento mais oportuno. Já sei quem ganha, mas enfim... — falou Tyler — Nos diga no que podemos ajudar, irmã.

Eu disse a mim mesma que estaria pronta e agora não podia andar para trás. Depois de puxar uma respiração profunda, disse de uma vez:

— Preciso que me leve até a casa dos seus pais — ainda não conseguia falar “nossos”, mas só de ir lá já é um grande começo.

Notei a fisionomia dos dois mudar instantaneamente. Eles nunca tentaram entrar nesse assunto comigo, mas eu sei que o maior desejo deles era ver sua família reunida e para isso eu precisava me acertar com Joseph e Violet.

— Está tudo bem?! — Turner foi o primeiro a perguntar.

— Sim, está. Só quero conversar com eles e com vocês também.

— Vamos então — disse Tyler e completou baixinho, mas eu escutei — antes que ela mude de ideia.

Quis rir com suas últimas palavras, mas me contive.

Darius veio até mim e me deu um beijo no topo da cabeça.

— Vou deixar que tenham esse momento a sós, cerejinha — disse próximo a mim e baixo só para nós escutarmos.

— Obrigada, Darius — respondi.

— Levem Case com vocês! — Darius disse em tom de comando para meus irmãos.

— Nós dois somos a guarda suficiente de que nossa irmã precisa — respondeu Turner.

— Isso não é um pedido. É uma ordem! — rebateu Darius.

— Cara, você apaixonado é uma merda — comentou Tyler.

— Cuidado — alertou Darius — sou apaixonado por ela, e não por vocês. Na próxima resposta afiada, sabem qual será o destino.

— Vixi — escapou da boca do Turner.

Tyler ficou em silêncio e só levantou as mãos em sinal de rendição.

Segurei o riso.

Só eles para tirarem um sorriso meu nessa tensão toda.

E conforme o combinado, partimos junto a Case para o nosso destino. No caminho, os gêmeos tentaram tirar qualquer pista do que eu estava planejando, mas nada falei. Só queria ter uma breve conversa com Joseph e Violet, para só depois contar da minha gravidez. Estava levando comigo uma bolsa e em seu interior o dvd com as imagens e gravação do ultrassom.

Descobrir minha gravidez foi uma surpresa muito grande, mas ao escutar os corações dos meus bebês batendo eu pude sentir um amor tão grande, que consegui ter um pequeno vislumbre do que Joseph e Violet sentiram. Não conseguia apagar ou esquecer tudo o que eles me negaram e toda mentira envolvida, mas se eu relevei as pessoas que esconderam isso de mim pelos motivos que acharam cabíveis, porque não poderia perdoar as pessoas que me deram a vida e só quiseram me proteger. Talvez não da melhor forma possível, mesmo assim protegeram.

Fiz uma pergunta a Phoebe alguns dias atrás e com a mesma convicção que ela me respondeu eu agora também poderia responder. Eu seria capaz de fazer qualquer coisa para ver meus filhos em segurança. Daria minha vida se fosse possível e, se necessário, abriria mão de tê-los comigo para sobreviverem. E foi no momento que cheguei a essa conclusão que percebi estar pronta para dar um pequeno passo dentro dessa minha relação com meus pais biológicos.

Estava tão perdida em meus pensamentos que não notei quando passamos pelos portões da mansão que eu via logo a minha frente. O carro foi

estacionado em frente as portas duplas da entrada principal e sem demora os gêmeos saltaram para fora. Turner que estava ao meu lado me estendeu a mão para me ajudar a sair.

Em passos calmos seguimos em direção as portas que foram abertas antes mesmo de alcançá-las. Uma senhora, que aparentava ter uma certa idade, abriu um lindo sorriso ao ver meus irmãos, mas quando seus olhos pousaram em mim, pude ver uma emoção se refletir por eles.

— Marrie, pode chamar nossos pais, por favor — pediu Turner.

— Claro, menino, agora mesmo. Entrem — e abriu espaço para nossa passagem.

— Marrie trabalha para nossa família há bastante tempo. Ela conheceu Sariah e ficou sabendo de você pouco tempo atrás. Acredito que esteja ansiosa para conhecê-la melhor — falou Tyler, talvez para explicar a reação da senhora.

Fui guiada até o sofá da sala e sentei-me. Marrie passou apressada e seguiu casa adentro para chamar seus patrões. O nervosismo começou a tomar conta de todo meu corpo. Estava com um pouco de medo e receio. Não encontrei com Violet nenhuma vez depois da nossa conversa no hospital e Joseph, bem, ele tentou se aproximar indo até a casa de Darius, mas eu fazia de tudo para não o encontrar.

O primeiro a aparecer foi Joseph, com seus passos mais apressados do que o normal. Marrie deve ter comentado que eu estava aqui. Ela então passou por nós e foi em outra direção. Ao que tudo indica, agora ela foi chamar Violet que deve estar em algum outro cômodo da casa.

Joseph parecia um pouco desconcertado, como se não soubesse o que fazer. Eu abri a boca para dizer alguma coisa, mas Violet apareceu em meu campo de visão e preferi aguardar sua chegada. Seus olhos já denunciavam o choro que estava prestes a cair. Ela se colocou ao lado do marido que a abraçou.

— Pai, mãe, Samira nos pediu que a trouxesse até vocês para poderem conversar — falou Turner.

Peguei o DVD em minhas mãos e deixei a bolsa de lado. Fixei meu olhar

no casal a minha frente.

— Eu não sei bem por onde começar — comecei a falar — talvez seja melhor verem esse vídeo para começarmos nossa conversa — e mostrei o DVD para eles.

Turner foi quem chegou perto de mim, tirando o objeto de minhas mãos e indo até o aparelho à nossa frente. Joseph e Violet não falaram nada. Eles se aproximaram do outro sofá vago e sentaram-se seguindo os movimentos do filho, que trabalhava para rodar o conteúdo do DVD. Tyler por sua vez se sentou ao meu lado.

Antes do vídeo começar a rodar, Violet virou-se em minha direção.

— Você está bem? — perguntou com cautela.

Olhei em seus olhos que só agora percebi que lembravam muito os meus e os sentimentos que eles transmitiam. Sua preocupação comigo era evidente, por isso eu dei um pequeno sorriso em resposta e acrescentei:

— Sim, estou bem. Não se preocupe.

Turner pegou um controle em suas mãos e sentou-se ao meu outro lado vago. Logo as primeiras imagens começaram a aparecer. Violet como já foi mãe percebeu logo no início do que se tratava e levou suas duas mãos ao rosto e começou a chorar. Joseph mirava a tela da televisão sem piscar. Os gêmeos se mantiveram calados até o momento que as batidas ritmadas dos meus filhos se fizeram ouvir.

— Não me diz que é o que estou pensando... — falou Turner.

— É sim. Vocês vão ser titios! — respondi com um sorriso. Virei meu rosto para encarar meus pais biológicos — e vocês vão ser avós... avós de gêmeos. Eu não sei como serão as coisas daqui por diante, mas gostaria que fizessem parte da vida dos meus filhos. Quando escutei os corações batendo, trabalhando intensamente, eu soube que seria capaz de fazer qualquer coisa ao meu alcance para mantê-los em segurança. Isso fez eu sentir uma pequena centelha do que vocês sentiram e por isso estou aqui. Não quero falar mais sobre o passado e as coisas que antecederam até hoje. Minha proposta é apagar tudo o

que aconteceu e reconstruir nossos laços do zero, como se estivéssemos acabado de nos conhecer. É um bom jeito de recomeçar, não acham!?

Violet chorava e balançava sua cabeça em sinal de afirmação. Sua emoção era tanta que as palavras não saiam de sua boca. Joseph me olhava com os olhos cheios de lágrimas, e logo se pôs de pé trazendo sua mulher junto a si.

Senti uma mão em um dos meus ombros e olhei para o lado. Turner me olhava com aqueles seus lindos olhos castanhos e com um menear de cabeça me incentivou a ficar de pé. Sabia o que tinha que ser feito.

Levantei-me e a pequenos passos alcancei o casal a minha frente. Um pouco sem jeito fui chegando perto e sem prever, vi-me prensada em um abraço coletivo. Joseph havia me pego em seus braços e me puxou de encontro ao seu corpo e logo sua esposa me abraçou também.

— Você não sabe o quanto esperei por esse momento, minha filha — disse Violet chorosa — obrigada por nos perdoar e dar uma nova chance.

— Não precisa me agradecer. Só prometam que serão os melhores avós do mundo e darão a eles o que não me foi dado — respondi baixo.

— Filha... — começou Joseph.

— Só prometam, por favor.

— Nós prometemos — disseram em uníssono.

— Vamos ser avós! — meio que gritou Joseph.

— Nossa família agora está completa — falou Violet.

Senti o abraço ficar mais apertado e notei que Turner e Tyler também se juntaram a nós.

— Bem-vinda a nossa família, irmãzinha — disse Tyler.

Eu aproveitei aquele momento e me permiti relaxar.

Um novo começo, um novo futuro e agora uma família gigante.

Minha família.

Passei o restante da tarde com Joseph e Violet. Ainda conversamos por mais algum tempo, eles me mostraram as fotos da Sariah, dos gêmeos quando pequenos e muitas outras recordações. Fora isso, o assunto “meu passado” não foi citado conforme pedi. Apesar de não conseguir chamá-los de pais, tenho certeza que nossa relação se tornaria mais estreita com o passar do tempo.

Tinha acabado de tomar meu banho e já estava deitada à espera de Darius para irmos dormir. Assim que cheguei contei a ele como foi meu encontro e de como estava confiante em relação a isso. Ele ficou contente por eu finalmente ter me acertado com seus padrinhos. Depois se enclausurou em seu escritório e não nos falamos mais.

Estava com uma das fotos do ultrassom em mãos olhando para aquelas imagens que não mostravam muita coisa, mas só de saber que meus filhos estavam ali, deixava meu coração quentinho.

A porta do quarto foi aberta e Darius apareceu logo em seguida. Meus olhos passaram por todo seu corpo em uma breve inspeção.

Se meus filhos vierem parecidos com o pai, me darão um trabalho danado.

Ri com esse pensamento.

— O que é tão engraçado — perguntou ele sentando-se na beirada da cama.

— Estava pensando com quem nossos filhos vão se parecer. Se puxar a você vamos ter sérios problemas.

— Problemas? Por quê?

— Você é muito bonito, Darius. Além de ser uma fera às vezes.

— E você não fica longe, não é, cerejinha — disse com seu costumeiro sorriso de canto.

— De fato, não — respondi devolvendo seu sorriso.

Olhei para suas mãos e vi que segurava algo.

— O que é isso? — perguntei com certa curiosidade.

Darius seguiu meu olhar e colocou os papéis que estavam até então em suas mãos, sobre a cama.

— Isso é um documento para você assinar — respondeu simplesmente.

— Como assim?!

— São os papéis para oficializar o nosso casamento — disse de forma casual, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Eu o encarei surpresa e por breves momentos sem fala. Nunca conversamos sobre isso e agora ele me vem com essa. O mínimo é me espantar.

— Darius, nós nunca conversamos sobre isso.. — disse a ele.

— Não. Mas nós já vivemos como marido e mulher, já tem dois filhos meus em sua barriga e nada melhor do que tornar isso oficial. Assim todos saberão que você tem um marido e não colocarão as mãos em você com medo de morrer.

— Você é sempre prático assim?

— Sempre que possível, cerejinha.

— Nada de festa? Nem convidados?! E o pedido?

— Não vou colocar a mulher que amo e meus filhos na mira de invejosos e covardes que poderiam tentar algo contra mim. Fazer uma festa oficial me faria ter a obrigação de chamar muitas pessoas da máfia. Não vou expor você a isso. E

sobre o pedido: Quer se casar comigo?!

Fiz cara de pensativa mediante suas palavras.

— Qual o problema? Você não quer que isso se torne oficial? — perguntou com a testa franzida.

— Não sei. Talvez. Quem sabe o meu desejo não seja somente te usar?! — perguntei esticando minha perna e passando a ponta do pé em sua coxa.

Sua mão pegou meu pé e o segurou com força, fazendo-me soltar um pequeno gemido.

— Eu posso te mostrar o quão convincente eu posso ser, minha cerejinha.

— Então me mostre do que é capaz, minha fera.

E com um único movimento rápido e veloz, assim como um felino, estava presa em seus braços.

A verdade é que na primeira vez que nossos olhares se cruzaram, de certa forma eu soube que minha vida não seria a mesma. Darius é o dono de tudo o que há de melhor em mim e ele sabe disso. Eu assinaria aquele documento sem a necessidade de um pedido, mas passaria as próximas horas sendo convencida por ele, só para ter a certeza que fiz a escolha certa.

FIM

Epílogo

SAMIRA

Ouvia uma voz ao longe me chamar, mas meu corpo estava tão relaxado que se negava a despertar. Todos os dias a luta era grande para levantar da cama, a não ser que o enjoo chegasse primeiro. Nesse caso eu saía correndo para o banheiro. Parece que meus bebês resolveram judiar da mamãe logo nos primeiros meses de gestação. O sono parece que triplicou, a fome nem se fala...

— Samira — o tom de voz baixa e insistente pertinho do meu ouvido — você precisa acordar. Logo nossos pais estarão aqui com Joseph e Violet para almoçar e você sequer tomou café.

— Humm — ronronei em resposta.

— Você está ficando muito preguiçosa, cerejinha. Esse cachinho de cereja que plantei em você está te derrubando mais a cada dia — falou Darius.

Foi impossível não sorrir com suas palavras. Era assim que Darius, minha fera, chamava nossos bebês. Cachinho de cereja. Quando que nos meus melhores sonhos pensaria que ele seria assim. Claro que não posso falar por todos, já que até seus melhores homens de confiança sentem sua ira quando algo não sai como deveria. Principalmente nos últimos dias que se passaram, seus berros são ouvidos por toda casa, vindos de seu escritório. Sempre que eu o questiono sobre o que está acontecendo, ele desconversa e diz que preciso me manter o mais pacífica possível para não prejudicar nossos filhos. Depois de muito questionar, ele somente cedeu o necessário. Ao que parece, a confusão em que Tyler se meteu, tomou grandes proporções e está gerando muita dor de cabeça. Apesar disso, me garantiu que estava tudo sob controle.

Virei para o outro lado da cama em direção à sua voz.

— Deixa eu dormir só mais um pouquinho — disse ainda de olhos fechados.

— Você já me pediu isso pelo menos umas quatro vezes só hoje — respondeu.

— Aceita este meu pedido só mais uma vez então.

— Os convidados vão chegar a qualquer momento e vou dizer que você não quis recebê-los.

— Isso é golpe baixo, Darius — abri meus olhos lentamente para me acostumar com a claridade — você venceu. Vou levantar.

Recebi um beijo pela minha atitude e só fui deixada sozinha quando entrei embaixo do chuveiro para tentar despertar um pouco mais ou ia acabar voltando para a cama.

Quando cheguei à cozinha, meu café já me esperava em cima da bancada. Pelo horário todos já tinham tomado café, fiquei para trás por culpa do meu sono que parecia cada vez mais infinito.

Acomodei-me em uma das banquetas e observei Phoebe trabalhar.

— As coisas estão agitadas hoje por aqui — comentei para minha amiga que andava de um lado para outro.

— Bom dia para você também, bela adormecida — disse em tom de brincadeira.

— Bom dia — respondi no mesmo tom.

— Claro que estou nessa correria por sua causa. Sabe disso, não é!? — disse ela, virando-se em minha direção e colocando suas mãos na cintura.

— Não culpe a mim, e sim ao seu chefe, querida amiga.

Em resposta, ela só me olhou com seus olhos estreitos.

Após Darius me convencer a assinar os papéis do casamento, seguimos nossas vidas normalmente, ou seja, não falamos para ninguém sobre o ocorrido. Claro que ele precisou contar para seus homens e a notícia foi se espalhando. Há dois dias meu pai Path veio me visitar e saber se estava cuidando bem da minha saúde e de seus netinhos. Percebi que ele estava um pouco agitado e ao perguntar o que estava acontecendo, ele meio que despejou em mim que eu era uma filha desnaturada, pois casei e não contei a ele. Um pequeno drama foi feito e por fim, tive que aceitar um almoço aqui em casa. Ainda precisei convidar Vicent, Joseph, Violet e meus irmãos. Por isso essa acusação da Phoebe. Minha amiga não quis receber ajuda na preparação do almoço e está igual barata tonta, de um lado para o outro.

Assim que terminei meu café, fui sentar na sala e esperar meus convidados que já estavam prestes a chegar. Candidatei-me a ajudar Phoebe, mas fui expulsa da cozinha. Darius estava em seu escritório resolvendo algumas pendências para ficar livre no horário do almoço.

Pouco havia se passado, quando a porta principal foi aberta e meu pai, Vicent, Joseph e Violet passaram por ela.

Levantei-me e fui recepcioná-los.

— Que bom que chegaram — disse chegando perto de Violet para cumprimentá-la primeiro.

— Oi, filha — disse abrindo seus braços para mim.

Aceitei o seu abraço e retribuí. Ao me afastar, cumprimentei Joseph, Vicent e meu pai.

— Venham sentar — convidei-os para o sofá, mas antes de caminhar, olhei para a porta na espera dos meus irmãos — onde estão os meninos — resolvi perguntar com a demora.

— Eles não puderam vir — respondeu Joseph de forma simples.

Apesar de sua resposta, pude notar uma breve hesitação em sua fala e confesso que não gostei nada disso. Resolvi não debater ou questionar para não estragar nossa breve comemoração, mas esse assunto seria debatido mais tarde com o meu querido marido que me garantiu que tudo estava bem.

— Como estão esses bebês? — perguntou Violet assim que sentou-se.

— Estão bem. Só ando com uma fome fora do comum e o meu sono parece nunca ter fim — respondi com um sorriso no rosto.

— Acostume-se, minha filha. Isso pode piorar — disse brincando.

Nosso relacionamento estava progredindo aos poucos. Apesar dela me chamar de filha, eu não consigo chamá-la de mãe. Aliás, nem a ela, nem Joseph de pai. O bom é que ambos já perceberam isso e nunca comentaram. Realmente estão cumprindo com o combinado e indo devagar com tudo isso.

Sou realmente grata por isso.

— Lembro como hoje quando Violet esteve grávida dos gêmeos. Tenho pena do Darius se a sua gravidez for ao menos parecida. Em compensação, ela ficou uma grávida linda — falou olhando para sua esposa com carinho.

— É isso que digo a ela todos os dias — a voz de Darius preencheu o ambiente — o quanto está linda.

Darius foi cumprimentar todos os presentes e depois se sentou ao meu lado.

— Diga-me, criança — começou a falar Vicent — seu coração de mãe já tem um palpite do sexo dos meus netos?

— Algo me diz que será um casal — respondi.

— Já pensaram em algum nome? — perguntou Violet.

— Nós ainda não conversamos sobre isso — falei, virando-me para

Darius e dando um breve sorriso antes de voltar minha atenção aos convidados — mas a menina gostaria que se chamasse Kiara.

Escutei meu pai respirar fundo e vi em seus olhos que se emocionou com o nome escolhido.

— E o menino poderia se chamar Kalebe — disse Darius.

— Kiara e Kalebe — testei os nomes — amei.

Ficamos mais algum tempo por ali conversando e falando sobre coisas aleatórias. O assunto mais falado foi a minha gravidez e em como todos estavam ansiosos para ver o rostinho dos nossos bebês.

O almoço foi servido por Phoebe e não soube dizer o que estava melhor. Tudo foi preparado com muito carinho e o resultado ficou maravilhoso. Tenho certeza que meus filhos pularam de alegria. Todos degustaram sua refeição com calma, parando somente para comentar uma coisa ou outra. Após terminarmos nossa sobremesa, reunimo-nos em torno da piscina, onde passamos o restante da tarde. Nosso dia foi bem aproveitado e tudo correu muito bem. Ao pôr do sol, nossos convidados foram embora para que eu pudesse descansar um pouco.

Apesar do sono que insistia em fazer companhia a mim, esperei acordada até Darius deitar ao meu lado. Hoje em especial, ele escolheu se atrasar. Ele me conhece e sabe que tenho questionamentos e que não poderá fugir.

A porta do quarto foi aberta e minha fera entrou.

— Ainda acordada? — perguntou ele.

— Você sabe que sim. Precisamos conversar — disse a ele.

— O que deseja saber, cerejinha — disse sentando ao meu lado.

— Meus irmãos... o que está acontecendo? — fui direto ao ponto.

— É tudo por causa da confusão que Tyler se meteu. Você sabe do que se trata.

— O quão ruim é a situação? — o questionei.

— Você confia em mim?

— Com a minha vida! — respondi convicta.

— Então acredite quando eu falo que tudo ficará bem.

— Tudo bem — respondi com um suspiro.

— O que acha de me acompanhar no banho — perguntou ele com um pequeno sorriso nos lábios.

— Isso é para me distrair? — perguntei arqueando uma de minhas sobrancelhas.

— Não sei. Está funcionando?!

— Sim, está — respondi ao me sentar e deixar meu rosto próximo ao seu — obrigada por tudo, Darius. Obrigada por não deixar a sombra do meu passado afetar minha vida e me ajudar a passar por tudo isso.

— Eu amo você, minha cerejinha!

— E eu amo você, minha fera!

E nos beijamos.

Dez anos depois

— Tem certeza que não tem problema em ficar com eles?! — perguntei para Phoebe.

Hoje não era dia de sair para fazer o meu trabalho, mas surgiu um imprevisto e queria muito participar. As crianças pegavam fogo a essa hora da noite e recorri à ajuda da minha amiga, que aceitou na hora.

— Sabe que fico com meus sobrinhos a qualquer momento. Pode ir tranquila, chefia — respondeu com seu tom costumeiro.

— Engraçadinha... se precisar de alguma coisa não hesite em me ligar.

— Sim, senhora — revirei meus olhos para sua formalidade. Chamava-me assim quando queria me provocar.

— Então já vou indo para não me atrasar — disse indo em direção a porta.

— Mãe — chamou Kalebe.

Virei-me em sua direção. Meu pequeno crescia mais a cada dia. Era uma cópia fiel de seu pai, tanto em aparência, quanto em personalidade.

— Oi, filho.

— Posso ir com a senhora? — perguntou ele.

— Sabe que ainda não pode ir até lá, não é!? Ainda não é o momento, meu pequeno.

— Já sou grande e estou treinando com o papai, mãe!

— Eu sei. Mas treinar é diferente de ir ao salão de treinos — falei, referindo-me ao salão de extermínio — seu trabalho aqui também é muito importante. Tem que cuidar da sua irmã.

— Como se ela precisasse. Michael não desgruda dela um minuto. Deixa só o papai ver isso!

— Então o trabalho é redobrado. Cuide dos dois e da tia Phoebe para mim, sim?

— Tudo bem, mamãe — e saiu correndo em direção às escadas, sumindo de minha visão.

Cheguei ao lado de fora e o carro já me aguardava com meu segurança de

prontidão.

— Boa noite, senhora — disse Arlan ao abrir a porta para eu entrar.

— Boa noite!

E assim seguimos para o nosso destino. Ao chegar ao local tudo estava deserto do lado de fora. Todos os homens estavam lá dentro prestando atenção nos movimentos do seu líder. Quando Darius parava para ensinar, todos olhavam com admiração.

Disse que queria participar do dia de hoje em especial, pois o assunto era do meu interesse. Uma das facções rivais resolveu em um ato de coragem, tentar se rebelar contra nós. Eles tentaram derrubar alguns pontos de drogas e até algumas de nossas boates. Sem sucesso. Quando viram que não conseguiriam nada com isso, tentaram nos atacar em nossos pontos fracos: nossos filhos. Atacaram um de nossos carros que deveria estar ocupado por Kalebe e Kiara. Porém eles erraram. Darius deu a ordem para pegar todos os membros da facção e agora o salão está cheio deles.

Lição de hoje: não mexa com a nossa família.

Fui a passos calmos até a entrada do salão, com Arlan em meu encalço. A porta estava fechada. Meu acompanhante passou à minha frente, para abrir passagem.

Fui notada assim que adentrei ao lugar e as pessoas começaram a me cumprimentar.

— Dama da noite — disse um em sinal de respeito fazendo uma breve mensura.

Acenava com a cabeça em resposta.

Dama da noite ou dama da destruição. Foi assim que fiquei conhecida com o passar dos anos. Eu entrei de cabeça nesse mundo para me fortalecer e ser a fortaleza que meus filhos necessitavam.

Abri espaço até chegar ao meu marido que nesse momento olhava para

ferramentas dispostas em uma mesa, estava escolhendo qual utilizar. Logo à frente, mais ou menos dez pessoas. Não parei para contar, pois teria meu tempo com cada uma delas. Todos estavam amarrados e pendurados pelos braços.

— Boa noite, meu marido — o cumprimentei.

— Não sabia que viria — ele respondeu.

— Não perderia isso por nada.

Ele me olhou intensamente e pegou uma faca que estava disposta na mesa e me entregou.

— Faça bom proveito, dama da noite.

Virei-me para meus alvos a minha frente.

— Vamos começar, mas antes deixa eu me apresentar para quem não me conhece. Eu sou a dama da noite. Para simplificar, sou a executora. Bem-vindos ao meu inferno particular!

Agradecimentos

À minha família pelo apoio.

À Anne Marck pela amizade, apoio e incentivo.

À Feh Seixas que me aguentou em todos os momentos de ansiedade e me apoiou em tudo, desde o começo.

À Anderson Seixas pela ajuda na escolha do nome desse livro.

À Erica Macedo pela força e incentivo.

À Wilka Andrade por ser minha beta e um anjo na minha vida que ajudou e me guiou demais nessa jornada e aguentou todos os meus pequenos surtos.

Foram tantas outras pessoas que entraram nessa aventura comigo, me apoiaram e seguiram até o fim que tenho medo de citar nomes e esquecer de mencionar alguém. Mas todas elas sabem da minha gratidão. Obrigada, meninas!

Aos meus leitores do wattpad que me aceitaram de braços abertos.

Aos profissionais que trabalharam junto a mim nesse projeto.

Gratidão!

Para mais informações

Wattpad: @JheniferBarroca

Intagran: Jhenifer_barroca

Grupo no Facebook: Jhenifer Barroca - Romances

Página no Facebook: Jhenifer Barroca

Table of Contents

<u>Capítulo 1</u>
<u>Capítulo 2</u>
<u>Capítulo 3</u>
<u>Capítulo 4</u>
<u>Capítulo 5</u>
<u>Capítulo 6</u>
<u>Capítulo 7</u>
<u>Capítulo 8</u>
<u>Capítulo 9</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>
<u>Capítulo 20</u>
<u>Capítulo 21</u>
<u>Capítulo 22</u>
<u>Capítulo 23</u>
<u>Capítulo 24</u>
<u>Capítulo 25</u>
<u>Capítulo 26</u>
<u>Capítulo 27</u>
<u>Capítulo 28</u>
<u>Capítulo 29</u>
<u>Capítulo 30</u>
<u>Capítulo 31</u>
<u>Capítulo 32</u>
<u>Capítulo 33</u>
<u>Capítulo 34</u>
<u>Capítulo 35</u>

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)